

PASSAGEIRO
PARA FRANKFURT

AGATHA CHRISTIE



Título do original em inglês PASSENGER TO FRANKFURT

Copyright (c) Agatha Christie, 1970

Tradução de CARMEN BALLOT

Revisão A. TAVARES

2.^a edição
EDITORIA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos adquiridos com exclusividade, para o Brasil, pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Capitão Salomão, 50 - Botafogo ZC - 02 - Tel.: 266-7474
Endereço telegráfico - NEOFRONT Rio de Janeiro - Guanabara

INTRODUÇÃO

Fala a Autora:

A primeira pergunta que se faz a um escritor, pessoalmente ou pelo correio, é:

— Aonde o senhor vai buscar suas idéias?

É muito grande a tentação de responder assim: — "Sempre vou à Sears," ou "A maior parte eu consigo nos Supermercados da Marinha e do Exército", ou, energicamente — "Por que não tenta as Casas da Banha?"

A opinião universal parece acreditar firmemente na existência de uma fonte mágica de idéias que os escritores aprenderam a utilizar.

Na pior das hipóteses, podemos enviar os perguntadores de volta aos tempos elizabetanos, com esta saída de Shakespeare:

*Diga-me, onde nasce a fantasia,
Se é no coração ou na cabeça,
Como se origina, como se alimenta?
Responda, responda.*

A pessoa só pode dizer com firmeza:

— Na minha própria cabeça.

Isto, é claro, não vai ajudar ninguém. Se você gostou da cara de quem lhe está fazendo a pergunta, vai um pouco mais longe.

— Se você se sentiu atraído por alguma idéia em particular e acha que pode fazer alguma coisa a partir dali, você a vira pelo avesso, faz travessuras com ela, abrandá-la e, gradualmente, lhe dá uma forma. Então, é lógico, precisa começar a escrevê-la. Não é tão fácil quanto você está pensando: — torna-se um trabalho duro. Outra alternativa é arquivá-la cuidadosamente numa gaveta, para talvez usá-la dentro de um ano ou dois.

Uma segunda pergunta — ou quase uma afirmação — é então a mais provável:

— Eu creio que a senhora tira suas personagens da vida real.

A resposta é uma negativa indignada para tão monstruosa sugestão.

— Não, é claro que não! Eu as invento. Eles são *meus*. Têm de ser as *minhas* personagens — fazendo o que eu quero que eles façam, sendo o que eu quero que eles sejam — tornando-se vivos para mim, tendo às vezes as suas próprias idéias, apenas porque eu as tornei *reais*.

Em resumo, o autor produz as suas idéias e as suas personagens. Mas aparece agora uma terceira

necessidade — o ambiente. As duas primeiras vêm de fontes internas mas a terceira vem de fora, precisa estar lá, à espera, existindo realmente. Você não o inventa — ele está ali — é real.

Talvez você tenha chegado de um passeio pelo Nilo, lembra-se de tudo — exatamente o cenário de que necessita para esta história particular. Fez uma refeição num café em Chelsea. Havia uma briga por perto — uma garota puxou o cabelo de uma outra. Excelente princípio para o próximo livro que vai começar. Você viajou pelo Orient Express. Que divertido fazer dele o cenário para a próxima trama que está imaginando! Você vai tomar chá com uma amiga. Quando chega lá, o irmão dela fecha um livro que está lendo, joga-o de lado e diz: — "Não é mau, mas por que diabos não perguntaram ao Evans?"

Imediatamente você decide que vai escrever um livro com este título — "*Por que não perguntaram ao Evans?*"

Você ainda não sabe quem vai ser o Evans. Não tem importância. Evans aparecerá quando chegar a hora — é o título que está pronto.

Logo, você não inventa os ambientes. Eles estão à sua volta, em torno de você, existem — você tem apenas de estender a mão, apanhá-los e escolher.

Um trem de ferro, um hospital, um hotel de Londres, uma praia do Caribe, uma cidadezinha do interior, uma festa, uma escola de meninas.

Apenas uma coisa conta — eles precisam estar ali — na realidade. Pessoas verdadeiras, lugares verdadeiros. Um local bem definido no tempo e no espaço. E preciso ser aqui e ser agora — senão como você vai conseguir saber de tudo? A não ser pela própria evidência de seus olhos e seus ouvidos? A resposta é assustadoramente simples.

É o que a Imprensa lhe dá todos os dias, em seu jornal matutino sob o nome geral de "Notícias". Pegue as da primeira página. Que está acontecendo no mundo de hoje? Que é que cada um está dizendo, pensando, fazendo? Levante um espelho e veja a Inglaterra em 1970.

Olhe para as manchetes todos os dias durante um mês, tome notas, considere-as e classifique-as.

Todos os dias há um crime.

Uma moça estrangulada.

Uma mulher idosa atacada e roubada em suas magras economias.

Rapazes e meninos — atacando ou sendo atacados.

Edifícios e cabinas telefônicas arreventadas e estripadas.

Contrabando de drogas.

Crianças desaparecidas e corpos de crianças assassinadas encontrados perto das casas onde moravam.

Isto pode ser a Inglaterra? A Inglaterra é *realmente* assim? A gente sente — não — ainda não, *mas pode ser assim*.

O terror está despertando — o terror do que pode vir a acontecer. Não somente por causa dos acontecimentos atuais, mas também pelas possíveis causas que estão por detrás deles. Algumas você conhece, outras não, mas *sente*. E não apenas em nosso próprio país. Há pequenos parágrafos em outras páginas — trazendo notícias da Europa, da Ásia, das Américas — notícias de todo o mundo.

Seqüestro de aviões.

Raptos.

Violência.

Desordens.

Ódio.

Anarquia — cada vez maior.

Tudo parece levar-nos a adorar a destruição, a ter prazer na crueldade,.

Que significa tudo isso? Uma frase do passado ecoa, falando da Vida:

.....é uma lenda

*Contada por um idiota, cheia de sons e de fúria,
Que não significa nada.*

E, no entanto, você sabe — por seus próprios conhecimentos — quanta bondade existe ainda no mundo de hoje: as generosidades feitas, a bondade de um coração, os atos de compaixão, a ajuda entre vizinhos, as boas ações de meninos e meninas.

Então, por que esta fantástica atmosfera dos fatos cotidianos — das coisas que acontecem — e que são os *fatos* verdadeiros?

Para se escrever uma história neste ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1970, você precisa estar enfronhada em seu ambiente. Se o ambiente é fantástico, então a história precisa aceitar o seu cenário. Precisa, igualmente, ser uma fantasia — uma extravagância. A montagem precisa incluir os fatos fantásticos da vida de hoje.

Consideremos uma causa extravagante? Uma campanha secreta .para tomar o Poder? Poderia um desejo maníaco de destruição criar um mundo novo? Alguém poderia dar um passo à frente e sugerir uma libertação por meios absurdos?

Nada é impossível, a ciência já nos ensinou isso.

Esta história, em sua essência, é uma fantasia. Não pretende ser nada mais do que isto.

Mas a maior parte das coisas que acontecem nela

estão acontecendo ou prometendo que irão acontecer no mundo de hoje.

Não é uma história impossível — é apenas uma história fantástica

"A liderança, além de unia grande força criativa, pode ser diabólica..."
JAN SMUTS

ÍNDICE

LIVRO I: A VIAGEM INTERROMPIDA.....	12
Capítulo 1 Passageiro para Frankfurt	12
Capítulo 2 Londres.....	29
Capítulo 3 O homem da tinturaria	41
Capítulo 4 Um jantar com Eric	57
Capítulo 5 Um tema wagneriano	77
Capítulo 6 O retrato de uma senhora	87
Capítulo 7 Um aviso da Tia-Avó Matilda.....	101
Capítulo 8 Um jantar na Embaixada	111
Capítulo 9 A casa perto de Godalming	131
LIVRO II: EM BUSCA DE SIEGFRIED.....	157
Capítulo 10 A mulher do Schloss.....	157
Capítulo 11 A juventude e a beleza	185
Capítulo 12 O Bobo da Corte.....	197
LIVRO III: EM CASA E LA FORA.....	206
Capítulo 13 Conferência em Paris.....	206
Capítulo 14 Conferência em Londres	216
Capítulo 15 Tia Matilda vai se tratar	235
Capítulo 16 Pikeaway fala	256
Capítulo 17 Herr Heinrich Spiess	263
Capítulo 18 O <i>Post-Scriptum</i> de Pikeaway	286
Capítulo 19 Sir Stafford Nye recebe visitas	290
Capítulo 20 O Almirante visita uma velha amiga	302
Capítulo 21 Projeto Benvo.....	318
Capítulo 22 Juanita.....	321
Capítulo 23 Viagem à Escócia	328
EPÍLOGO	355

LIVRO I: A VIAGEM INTERROMPIDA.

Capítulo 1 **Passageiro para Frankfurt**

— Queiram colocar seus cintos, por favor.

Os diversos passageiros do avião obedeceram com lentidão. Sentiam que não poderiam ainda estar chegando a Genebra. Os mais sonolentos resmungaram e bocejaram. Os mais que sonolentos tiveram de acordar com a chamada gentil de uma aeromoça autoritária.

— Seus cintos, por favor.

A voz seca veio através do microfone, autoritária. Explicou em alemão, em francês e em inglês que iriam passar por um pequeno trecho de turbulência. Sir Stafford Nye abriu muito a boca, bocejou e sentou-se mais espigado na cadeira. Ele estivera sonhando que pescava muito feliz em um rio inglês.

Era um homem de quarenta e cinco anos, de boa altura, com um rosto suave, moreno e bem barbeado. Ao vestir-se, gostava de parecer extravagante. Homem de família excelente, só se sentia bem satisfazendo certos caprichos indumentares. Fazendo com que seus

colegas mais convencionais piscassem os olhos ao vê-lo. Para ele, essa reação era uma fonte de prazer malicioso. Havia nele algo assim do século XVIII. Gostava que olhassem para ele.

Seu meio de chamar atenção quando estava viajando era uma espécie de capa de bandoleiro que comprara na Córsega. De um azul muito escuro, quase púrpura, forrada de vermelho, tinha uma espécie de capuz pendurado nas costas que ele podia por sobre a cabeça quando queria abrigar-se do vento.

Sir Stafford Nye tinha sido um desapontamento para os círculos diplomáticos. Dotado desde a juventude para grandes empreendimentos, falhava singularmente na realização de suas promessas anteriores. Um senso de humor estranho e diabólico costumava atingi-lo no que deveriam ser os seus momentos mais sérios. Quando chegava aos momentos cruciais preferia satisfazer sua malícia travessa a chatear-se com seriedade. Era uma figura bastante conhecida na vida pública, apesar de nunca ter atingido uma certa eminência. Sentia-se que Stafford Nye, embora extraordinariamente brilhante, não era — e provavelmente nunca seria — um homem digno de confiança. Nestes dias de políticas emaranhadas e relações exteriores complicadas, a segurança — especialmente para alguém que estava à altura de ser embaixador — era preferível ao brilho.

Sir Stafford Nye ficou relegado à prateleira, apesar de às vezes ser designado para certas missões que exigiam a arte da intriga, mas que nem eram tão importantes nem de natureza pública. Os jornalistas referiam-se a ele como a ovelha negra da diplomacia.

Se o próprio Sir Stafford estava desapontado com sua carreira, ninguém jamais chegou a saber. Provavelmente nem ele mesmo. Era um homem um tanto vaidoso mas também um homem que gostava de saborear suas tendências de criança travessa.

Estava voltando agora de uma comissão de inquérito na Malaia. Achara-a tremendamente maçante. Seus colegas, em sua opinião, já tinham idéias predeterminadas antes mesmo de saber o que iriam descobrir. Viam e ouviam, mas seus pontos de vista preconcebidos não seriam modificados. Sir Stafford tentara lançar um pouco de água na fervura, mais para ver no que daria do que por convicções positivas. De qualquer forma, pensava ele, avivara um pouquinho as coisas. Desejara que tivesse havido mais possibilidades de fazer este tipo de coisas. Seus companheiros na comissão eram pessoas muito sérias, dignas de confiança e horivelmente chatas. Mesmo a muito conhecida Sra. Nathaniel Edge, a única mulher presente, conhecida por ter alguns parafusos frouxos, não era nenhuma tola quando se tratava de fatos comuns. Via, ouvia e tirava o corpo fora.

Ele já a encontrara antes, quando de um problema a ser resolvido numa capital dos Bálcãs. Lá, Sir Stafford não fora capaz de se conter e se envolvera em diversos problemas interessantes. Num semanário escandaloso, o *Notícias por Dentro*, insinuara-se que a presença de Sir Stafford Nye na capital báltica estava intimamente ligada aos problemas dos bálcãs e que a sua missão ali era secreta e muito delicada. Um amigo atencioso lhe enviara um exemplar da revista, onde a tal passagem estava marcada. Sir Stafford não se aborreceu. Leu tudo com um sorriso deliciado. Divertia-o bastante saber como os jornalistas estavam ridiculamente longe da verdade nesta ocasião. Sua presença em Sofia devia-se inteiramente a um inocente interesse em flores silvestres raras e aos apelos de uma amiga idosa, Lady Lucy Cleghorn, incansável na procura destas tímidas raridades florais e sempre pronta a escalar um rochedo ou a saltar alegremente dentro de um brejo à vista de uma florzinha minúscula, cujo tamanho do nome em latim era inversamente proporcional ao seu tamanho real.

Um pequeno grupo de entusiastas andava nesta procura botânica pelas encostas das montanhas já há uns dez dias, quando ocorreu a Sir Stafford que era uma pena que a notícia não fosse verdadeira. Estava um pouquinho — só um pouquinho — cansado de flores silvestres e, mesmo querendo muito bem a Lady

Lucy, a habilidade dela em escalar montanhas correndo, apesar de seus sessenta anos — e sempre à sua frente — às vezes aborrecia-o. Sempre à sua frente, via o traseiro azul real das calças de Lucy. Apesar de ossuda em outras partes, só Deus sabe o quanto era larga ali para entrar em calças de veludo azul real... Uma intriguinha internacional, pensou ele, onde pudesse divertir-se um pouquinho...

No avião a voz metálica falou outra vez pelo microfone. Avisava aos passageiros que, devido ao pesado nevoeiro sobre Genebra, o avião se desviaria para o Aeroporto de Frankfurt e de lá seguiria para Londres. Os passageiros com destino a Genebra sairiam de Frankfurt o mais cedo possível. Para Sir Stafford Nye não fazia diferença. Se houvesse nevoeiro em Londres ele calculou que desviariam o avião para Prestwick. Esperava que isto não acontecesse, já estivera em Prestwick uma ou duas vezes. A vida, pensou ele, e as viagens aéreas eram na realidade terrivelmente chatas. Se ao menos — ele não sabia o quê — se ao menos... *o quê?*

Fazia calor na sala de trânsito em Frankfurt e Sir Stafford Nye abaixou o capuz, deixando aparecer o forro encarnado que caía espetacularmente sobre seus ombros. Estava tomando um copo de cerveja, enquanto ouvia, desatento, os vários chamados que eram feitos.

"Vôo 4387. Destino a Moscou. Vôo 2381. Destino ao Egito e Calcutá.

Viagens aos quatro cantos do mundo. Como poderia ser romântico. Mas havia algo na atmosfera de uma sala de trânsito de aeroporto que destruía o romance. Eram cheias demais de gente, cheias demais de coisas para comprar, cheias demais de assentos coloridos, cheias demais de plástico, cheias demais de seres humanos, cheias demais de crianças chorando. Tentou lembrar-se de quem dissera:

*"Eu gostaria de gostar da Raça Humana;
Eu gostaria de gostar desses rostos tolos."*

Chesterton talvez? Sem dúvida alguma isto era verdade. Ponha muita gente junta e eles parecem todos dolorosamente iguais e dificilmente alguém pode tolerá-los. Se houvesse um rosto interessante, pensou Sir Stafford. Que diferença faria. Olhou depreciativamente para duas moças, esplendidamente pintadas, vestidas com o uniforme de seu país — Inglaterra, calculou ele — com mini-saias cada vez mais curtas, e para uma outra moça, ainda mais bem pintada e, de fato, muito bonita, usando o que pensou ser o que chamavam de saia-calça. Esta estava mesmo avançada em matéria de moda.

Não estava interessado em moças bonitas parecidas com todas as outras moças bonitas do mundo.

Gostaria de ver alguém diferente. Uma pessoa sentou-se a seu lado no sofá coberto de couro-plástico em que estava. O rosto desta moça chamou-lhe imediatamente a atenção. Não exatamente por ser diferente mas por lhe parecer com alguém que conhecia. Eis alguém que eleja vira antes. Não podia lembrar-se onde nem quando, mas era-lhe certamente familiar. Vinte e cinco ou vinte e seis anos, pensou ele, era a idade provável. Um delicado nariz aquilino. cabelos pretos e pesados caindo sobre os ombros. Estava com uma revista aberta, mas não prestava muita atenção a ela. De fato, a moça o olhava com um jeito ansioso. De repente, ela falou. Era uma voz grave e profunda, quase tão grave como a de um homem. Tinha um leve sotaque estrangeiro. Ela disse:

— Posso falar com o senhor?

Estudou-a por um instante antes de responder. Não — não era o que ele estava pensando — isto não era uma cantada. Era outra coisa.

— Não vejo razão — disse ele — por que você não possa falar. Nós temos tempo a perder, ao que parece.

— Nevoeiro — disse a mulher. — Nevoeiro em Genebra, nevoeiro em Londres, talvez. Nevoeiro por todos os lados. Não sei o que fazer.

— Oh, não precisa preocupar-se — disse ele, tranqüilizador. — Eles a deixarão tranqüilamente nalgum lugar. São muito eficientes, você sabe. Para

onde vai?

— Eu estava indo para Genebra.

— Bem, eu espero que no fim você chegue lá.

— Eu preciso chegar lá *agora*. Se conseguir chegar a Genebra, tudo correrá bem. Lá, há alguém à minha espera. Estarei salva.

— Salva? — ele sorriu. Ela disse:

— Salva é uma palavra de cinco letras mas não é um tipo de palavra em que as pessoas estejam muito interessadas nos dias de hoje. Entretanto, significa tanto... Para mim significa muito...

— Sabe, se não conseguir chegar a Genebra, se tiver de deixar este avião aqui, ou ir com ele para Londres sem ter feito outros planos, serei assassinada — olhou-o vivamente. — Creio que o senhor não acredita no que eu digo.

— Eu temo que não.

— É a pura verdade. As pessoas são assassinadas. São mortas, todos os dias.

— Quem quer matar você?

— Faz diferença?

— Para mim não.

— Pode acreditar em mim, se quiser mesmo acreditar. Eu estou dizendo a verdade. Preciso de ajuda. Ajuda para chegar sã e salva a Londres.

— E por que foi que me escolheu para ajudá-la?

— Porque acho que o senhor sabe alguma coisa

sobre a morte. Já conheceu a morte, talvez já tenha visto a morte acontecer.

Ele olhou rapidamente para ela e desviou a vista outra vez.

— Alguma outra razão? — perguntou.

— Sim. Isto — ela estendeu a mão fina e bronzeada e tocou as pregas de sua enorme capa. — Isto.

Pela primeira vez ele demonstrou interesse.

— Que é que você quer dizer com isto?

— É estranho, característico. Não é o que qualquer um usaria.

— É verdade. É um de meus esnobismos, eu diria.

— E um esnobismo que pode ser útil para mim.

— Que quer dizer?

— Vou pedir-lhe uma coisa. Provavelmente o senhor vai recusar mas talvez não recuse porque penso que é um homem sempre pronto a correr riscos. Assim como sou uma mulher que corre riscos.

— Ouvirei sua proposta — disse ele com um leve sorriso.

— Quero usar sua capa. Quero o seu passaporte. Quero o seu bilhete de passagem. Dentro de mais ou menos vinte minutos. O vôo para Londres será chamado. Estarei então com o seu passaporte, estarei usando a sua capa. E viajarei para Londres e chegarei lá sã e salva.

— Você quer dizer que irá passar por mim? Minha

cara menina...

Ela abriu a bolsa. De dentro tirou um pequeno espelho quadrado.

— Olhe. Olhe para mim e depois olhe para si mesmo — disse ela.

Ele, então, viu o que estava vagamente em sua cabeça. Sua irmã, Pamela, que morrera uns vinte anos atrás. Sempre foram muito parecidos, ele e Pamela. Uma forte semelhança familiar. Ela tivera uma acentuada aparência masculina e o rosto dele talvez tenha sido, na juventude, ligeiramente feminino. Ambos tinham o mesmo nariz aquilino, a mesma inclinação nas sobrancelhas, o mesmo sorriso meio de lado. Pamela fora alta, mais de um metro e setenta, ele também era alto, um metro e oitenta. Olhou para a mulher que lhe oferecera o espelho.

— Há uma certa semelhança facial entre nós. é isto que você quer dizer, não é? Mas, minha cara menina, não enganaria ninguém que me conhecesse ou que conhecesse você.

— E claro que não. Mas, não compreendeu? Não é necessário. Eu estou viajando de calças compridas. O senhor está viajando com o capuz levantado e caído sobre o rosto. Tudo o que eu preciso fazer é cortar o cabelo, enrolá-lo em uma folha de jornal e jogá-lo em uma das cestas de papel usado aqui. Então, porei o seu capote, tenho o seu talão de embarque, sua passagem e

seu passaporte. A menos que alguém o conheça bem neste avião, e eu presumo que não há ninguém ou já teriam falado com o senhor, eu poderei tranqüilamente viajar em seu lugar. Mostrando o seu passaporte quando for necessário, usando a capa e o capuz para deixar apenas o meu nariz, os olhos e a boca de fora. Poderei sair calmamente quando o avião chegar a Londres e desaparecer no meio do sem-número das pessoas da cidade.

— E o que é que eu faço? — perguntou Sir Stafford, com um sorriso ligeiro.

— Posso fazer-lhe uma sugestão, se o senhor tiver a coragem de aceitá-la.

— Faça a sugestão — disse ele — eu sempre gostei de ouvir sugestões.

— O senhor vai se levantar daqui, vai embora e compra uma revista ou um jornal, ou um presente no balcão de lembranças. Deixa a capa pendurada aqui na poltrona. Quando voltar com seja lá o que for, senta-se em outro lugar — digamos, no banco ali oposto. Haverá um copo à sua frente, este mesmo copo. Nele haverá algo que o fará dormir. Vá dormir num canto tranqüilo.

— Que acontece depois?

— O senhor será a presumível vítima de um assalto — disse ela. — Alguém terá posto algumas gotas de um soporífero em sua bebida e terá roubado sua

carteira. Algo no gênero. Irá declarar a sua identidade, dizer que seu passaporte foi roubado e também suas coisas. Poderá facilmente estabelecer sua identidade.

— Você sabe quem eu sou? Meu nome, quero dizer?

— Ainda não — disse ela. — Ainda não vi seu passaporte. Não tenho idéia de quem seja.

— Entretanto você diz que eu posso facilmente estabelecer a minha identidade.

— Eu sou boa julgadora das pessoas. Sei quem é importante e quem não é. O senhor é uma pessoa importante.

— E por que eu faria tudo isto?

— Talvez para salvar a vida de um ser humano.

— Não acha esta história muito forçada?

— Oh, sim! Difícil de se acreditar... O senhor acredita? Ele olhou para ela, pensativo.

— Sabe com quem você se parece?... Com uma linda espiã de um filme.

— Talvez. Mas eu não sou linda.

— E nem é espiã?

— Talvez eu possa ser classificada assim. Tenho certas informações... informações que preciso guardar. Precisa aceitar a minha palavra para isto, são informações que serão valiosas para o seu país.

— Não acha que está sendo meio absurda?

— É claro que estou. Se se escrevesse tudo isto

pareceria absurdo. Mas tantas coisas absurdas são verdadeiras, não são?

Olhou novamente para ela. Parecia-se muito com Pamela. A voz, embora estrangeira na entonação, era igual à de Pamela. O que estava propondo era ridículo, absurdo, quase impossível e, provavelmente, perigoso. Perigoso para ele. Infelizmente, no entanto, foi isto que o atraiu. Ter a coragem de sugerir uma coisa destas! O que aconteceria? Seria interessante descobrir, certamente...

— Que ganho com isto? — perguntou ele. — Gostaria de saber.

Ela o olhou, considerando a pergunta.

— Diversão — disse ela. — Algo fora dos acontecimentos de todo dia. Um antídoto para a chateação, talvez. Nós não temos muito tempo. Está em suas mãos.

— E o que é que vai acontecer ao *seu* passaporte? Terei de comprar uma peruca, se é que eles vendem isso aqui no aeroporto? Terei de passar por mulher?

— Não. Não se trata de uma troca de identidade. O senhor foi dopado e roubado, mas não deixou de ser a mesma pessoa. Resolva. Não há tempo. O tempo está passando muito depressa. E eu tenho de fazer a minha transformação.

— Você venceu — disse ele. — Ninguém deve recusar o extraordinário, se ele lhe for oferecido.

— Eu esperava que o senhor pensasse assim mas foi um cara ou coroa.

De seu bolso, Stafford Nye tirou o passaporte. Colocou-o no bolso de fora da capa que estava usando. Pôs-se de pé, deu um bocejo, olhou em torno, deu uma espiada no relógio e caminhou para um dos balcões onde havia várias coisas à venda. Comprou um livro e examinou uns bichinhos de pelúcia, presentes para alguma criança. Finalmente escolheu um ursinho panda. Olhou em torno no salão e voltou para onde estivera sentado. A capa se fora e a moça também. Um copo meio vazio de cerveja ainda estava sobre a mesa. "E aqui" pensou ele "que eu vou correr o risco". Pegou o copo, revirou-o e bebeu. Não bebeu depressa — bebeu muito devagar. O gosto era o mesmo de antes.

— E agora — disse Sir Stafford. — E agora?... Atravessou a sala até o canto oposto. Havia uma família barulhenta sentada ali, rindo e falando muito. Sentou-se perto deles, deu outro bocejo e deixou a cabeça reclinar-se sobre a almofada. Estava sendo anunciado um vôo para Teerã. Um número grande de passageiros levantou-se e foi formar uma fila em frente ao portão indicado. A sala ainda continuou cheia pela metade. Abriu o seu caderninho de notas. Abriu a boca outra vez.

Estava com muito sono agora... sim, ele estava com muito sono... Precisava pensar onde seria o melhor

lugar para dormir. Algum lugar onde pudesse ficar...

A Companhia Trans-Européia anunciou a partida de seu avião, vôo 309 para Londres.

Um bom número de passageiros levantou-se e obedeceu às instruções. Neste meio tempo, no entanto, mais passageiros já haviam entrado no salão esperando outros aviões. Seguiram-se informações sobre o nevoeiro em Genebra e outras deficiências nas viagens. Um homem magro de altura média, usando um casaco azul escuro, mostrando um forro encarnado e um capuz cobrindo uma cabeça de cabelos curtos, que chamava menos atenção que as outras cabeças dos jovens de hoje em dia, atravessou o salão para tomar seu lugar na fila para o seu avião. Mostrando o talão de embarque, atravessou o portão n.º 9.

Seguiram-se outros avisos. Swissair com destino a Zurique BEA para Atenas e Chipre. E depois um aviso diferente.

— Srta. Daphne Theodofanus, passageira para Genebra, favor encaminhar-se ao balcão da companhia. O avião para Genebra está atrasado devido ao nevoeiro. Os passageiros seguirão via Atenas. O aparelho está pronto para decolar.

Outros avisos foram dados, com respeito a passageiros para o Japão, o Egito, a África do Sul, linhas aéreas do mundo todo. O Sr. Sidney Cook,

passageiro para a África do Sul, foi chamado ao balcão onde havia um recado para ele. Daphne Theodofanus foi chamada outra vez.

— Esta é a última chamada antes da partida do vôo 309. Num canto do salão, uma menininha espiava um homem de terno escuro, profundamente adormecido, a cabeça encostada no assento de uma poltrona vermelha. Em suas mãos estava um ursinho de pelúcia.

A mão da menina estendeu-se para o ursinho. Sua mãe falou:

— Vamos, Joan, não mexa nisto. O coitado está dormindo.

— Para onde ele vai?

— Talvez também esteja indo para a Austrália — disse a mãe, — como nós.

— Será que ele tem uma menina como eu?

— Eu creio que deve ter — disse a mãe.

A menina deu um suspiro e olhou outra vez para o ursinho. Sir Stafford Nye continuou dormindo. Sonhava que estava caçando um leopardo. Um animal muito perigoso, dizia ele para o guia do safári que o acompanhava. — Um animal muito perigoso, eu sempre ouvi dizer. Não se pode confiar num leopardo.

O sonho mudou naquele instante, como os sonhos gostam de fazer e ele agora tomava chá com sua tia-avó Matilda, tentando fazê-la escutar. Ela estava mais

surda do que nunca! Sir Stafford não ouvira nenhum dos avisos, a não ser o primeiro, para a Srta. Daphne Theodofanus. A mãe da menininha falou:

— Sempre fico imaginando coisas sobre um passageiro que falta. Quase sempre, cada vez que você viaja de avião, escuta isto. Alguém que não conseguem encontrar. Alguém que não ouviu a chamada, ou que não está no avião, ou outra coisa qualquer. Sempre imaginei quem pode ser e o que está fazendo e *porque* não vem. Creio que esta senhorita Não-sei-o-quê acabou de perder seu avião. Que será que vão fazer com ela?

Ninguém foi capaz de responder a esta pergunta porque ninguém sabia de nenhuma informação.

Capítulo 2

Londres

O apartamento de Sir Stafford Nye era muito agradável. Tinha vista para o Parque Grenn. Ele ligou o coador de café automático e foi ver o que o correio lhe trouxera naquela manhã. Não parecia ter deixado nada de interessante. Deu uma espiada entre as cartas, uma ou duas contas, um recibo e cartas de remetentes desinteressantes. Juntou-as e deixou tudo sobre uma mesa onde já havia um bocado de correspondência, acumulada nos últimos dois dias. Precisava por as coisas em dia de uma vez. Seu secretário deveria vir hoje, lá pela parte da tarde.

Voltou à cozinha, pôs o café numa xícara e trouxe-a para a mesa. Apanhou as duas ou três cartas que abrira ao chegar na noite anterior. Releu uma delas e sorriu ligeiramente.

— Onze e meia —disse ele. — Uma hora bem apropriada. Será quê?... Eu acho melhor pensar um bocadinho e me preparar para Chetwynd.

Alguém empurrou alguma coisa pela caixa do correio. Foi até a entrada e pegou o jornal da manhã. Uma crise política, um parágrafo sobre notícias do exterior que podiam ser inquietantes, mas que ele não pensava que fossem. Apenas um jornalista pondo fogo

em palha e tentando fazer as coisas parecerem mais importantes do que eram na realidade. Precisavam dar ao público algo para ler. Uma moça fora estrangulada no parque. Moças são sempre estranguladas. Uma por dia, pensou ele sem ter pena. Nenhuma criança tinha sido raptada ou violentada esta manhã. Era uma surpresa agradável. Preparou uma torrada e tomou o café.

Um pouco mais tarde saiu de casa, desceu à rua e atravessou o parque na direção de Whitehall. Estava sorrindo consigo mesmo. A vida, pensou ele, estava ótima esta manhã. Começou a pensar em Chetwynd. Chetwynd era uma besta quadrada, se é que existia alguma. Uma boa fachada, um ar de importância e uma mente lindamente desconfiada. Ele sempre se divertia quando falava com Chetwynd.

Chegou tranqüilo a Whitehall, com sete minutos de atraso. Afinal, ele era mais importante do que Chetwynd, pensou. *Entrou* na sala. Chetwynd estava sentado atrás de uma escrivaninha. À sua frente um monte de papéis e uma secretária. Tinha um ar de ser muito importante, que ele sempre aparentava quando podia.

— Alô, Nye — disse Chetwynd. um sorriso espalhado em todo o rosto simpático. — Contente por estar de volta? Como foi na Malaia?

— Quente — disse Stafford Nye.

— Sim. Bem. suponho que é sempre assim. Você quis dizer atmosféricamente. eu creio, e não politicamente?

— Oh. puramente atmosférico! —disse Stafford Nye. Aceitou um cigarro e sentou-se.

— Tem resultados para relatar?

— Oh, muito poucos. Nada do que você possa chamar de resultado. Eu já mandei meu relatório. Um bocado de falatório como sempre. Como está Lazenby?

— Chato como sempre. Não muda nunca —disse Chetwynd.

— Não. acho que não há esperança de que ele mude. Eu nunca trabalhara com Bascombe antes. Quando ele quer. é muito engraçado.

— Ah, é? Não o conheço muito bem. É, talvez seja mesmo.

— Ora! Ora! Mais alguma novidade?

— Não. nada. Nada que lhe possa interessar.

— Você não disse na carta exatamente porque me queria ver.

— Oh, apenas para discutirmos umas coisinhas. Sabe como é, no caso de você ter trazido alguma informação interessante para nós. Qualquer coisa que interessasse. Problemas da Camar... qualquer coisa.

— Ah, sim...

— Você veio de avião, não foi? Teve uns

probleminhas, eu ouvi dizer.

Stafford Nye fez a cara que já havia ensaiado antes. Era um pouquinho pesarosa, com um leve toque de aborrecimento.

— Oh, então você também já soube disto? — disse ele. — Um negócio desagradável.

— Sim. sim. deve ter sido.

— É. Extraordinário — disse Stafford Nye, — como a imprensa sabe de coisas. Havia uma nota nas notícias de última hora hoje de manhã.

— Você preferia que não tivessem dito nada, não é?

— Bem, o que houve me faz parecer um bobalhão, não é? — disse Stafford Nye. — Eu tenho de reconhecer... E na minha idade!

— O que foi que houve exatamente? Imaginei que a notícia do jornal estivesse exagerando.

— Bem, acho que eles contaram mais ou menos tudo o que houve. Você sabe como são essas viagens. Chatíssimas. Havia um nevoeiro em Genebra e tiveram de desviar o avião. Então ficamos duas horas relidos em Frankfurt.

— Foi lá que aconteceu?

— Foi. A gente se aborrece até a morte nestes aeroportos. Aviões chegando, aviões saindo. Microfone berrando o tempo todo. Vôo 302 para Hong-Kong. Vôo 109 para a Irlanda. Isso e aquilo... Gente se levantando, gente saindo. E você fica sentado

ali. bocejando.

— Que foi que aconteceu exatamente? — perguntou Chetwynd.

— Bem, eu estava ali com uma cerveja na minha frente, uma Pilsner para ser exato. Então me lembrei de arranjar alguma coisa para ler. Já lera tudo o que trazia comigo e fui até o balcão e comprei um livro qualquer. Um romance policial, eu acho que era, e comprei um bichinho de pelúcia para uma de minhas sobrinhas. Quando voltei, acabei de tomar a cerveja, abri o livro e logo caí no sono.

— Hum, estou vendo... Você pegou no sono.

— Bem, é uma coisa natural, não é? Calculo que eles tenham chamado o meu vôo, mas se chamaram eu não ouvi nada. E aparentemente não ouvi nada pela melhor das razões. Sou capaz de ferrar no sono num aeroporto, a qualquer hora, mas também sou capaz de acordar ao ouvir um aviso que me diz respeito. Desta vez eu não ouvi. Quando acordei, ou quando voltei a mim, como você quiser, eu estava sendo alvo de atenção dos médicos. Evidentemente alguém pusera um narcótico na minha cerveja. Só pode ter feito isto quando eu estava comprando o livro.

— Que coisa estranha para acontecer, não é? — disse Chetwynd.

— Bem, pelo menos nunca acontecera antes comigo

— disse Stafford Nye. — E eu espero que não aconteça

nunca mais. Faz você sentir-se meio estúpido. Além de ter uma ressaca. Havia um médico e uma enfermeira... algo assim. Felizmente não houve maiores conseqüências. Minha carteira desaparecera com um pouco de dinheiro e meu passaporte. Foi muito embaraçoso, é lógico. Felizmente eu não estava com muito dinheiro no bolso. Meus cheques de viagem estavam num bolso interno. Há sempre uma certa burocracia quando você perde o passaporte, mas de qualquer jeito eu tinha umas cartas e outras coisas comigo e a identificação não foi difícil. Tudo se arranjou muito bem e pude continuar minha viagem.

— No entanto, foi aborrecido para você — disse Chetwynd. — Uma pessoa da sua importância, quero dizer — seu tom era de censura.

— Sim — disse Stafford Nye. — Não me favorece em nada, não é? Isto é. não ajuda muito a um sujeito... ahn... da minha importância, não é?

A idéia pareceu diverti-lo.

— Você procurou saber se isto acontece muito?

— Não creio que seja coisa corriqueira. Mas podia ser. Creio que qualquer pessoa com tendência para batedor de carteira pode perceber quando um sujeito pega no sono e enfia a mão dentro de um bolso... e se for bem sucedido em sua profissão, consegue agarrar uma carteira, um livro de bolso ou qualquer outra coisa, sobretudo se tiver sorte.

— Muito desagradável perder um passaporte.

— É, eu vou precisar de um outro. Pedem uma série de explicações, suponho. Como eu lhe disse, o negócio todo foi muito chato. E, analisando bem, Chetwynd, não me deixa em muito boa situação, não é?

— Ora, a culpa não é sua. meu caro, a culpa não é sua. Podia ter acontecido com qualquer um, com qualquer um...

— Muito gentil de sua parte dizer isto — disse Stafford Nye, sorrindo amavelmente para ele. — Foi uma lição e tanto para mim, hein?

— Você não imagina se alguém queria o *seu* passaporte especialmente?

— Creio que não. Por que haviam de querer o meu passaporte? A não ser que alguém quisesse aborrecer-me e, acho que dificilmente seria o caso. Ou alguém que gostou da minha fotografia do passaporte... e isto é ainda menos provável!

— Você se lembra de ter visto alguém conhecido... onde foi mesmo que você falou... em Frankfurt?

— Não, não. Absolutamente ninguém.

— Falou com alguém?

— Ninguém cm especial. Disse algo para uma senhora gorda e simpática que estava com uma criancinha que tentava distrair. Vinham de Wigan, eu acho... e iam para a Austrália. Não me lembro de ninguém mais.

— Tem certeza?

— Havia uma outra moça que queria saber o que fazer se quisesse estudar arqueologia no Egito! Eu disse que não sabia de nada. Falei que o melhor era informar-se no Museu Britânico. E troquei uma ou duas palavras com um homem que era antiviviseccionista. Inteiramente apaixonado pelo assunto.

— A gente fica pensando — ponderou Chetwynd

— que talvez haja algo *por detrás* de coisas como esta.

— Que tipo de coisas?

— Bem, de coisas como esta que aconteceram com você.

— Eu não posso imaginar o que possa haver por trás disto — disse Sir Stafford. — É lógico que os jornalistas logo inventam outras histórias, eles são muito espertos para inventar histórias. Mas para mim, é desagradável. Pelo amor de Deus, vamos esquecer isto! Creio que agora que foi mencionado pela imprensa, todos os meus amigos vão começar a me fazer perguntas. Como vai o velho Leyland? Que anda ele fazendo estes dias? Leyland sempre fala demais.

Os dois homens bateram papo por mais uns dez minutos e depois Sir Stafford levantou-se e saiu.

— Ainda tenho uma porção de coisas para fazer hoje de manhã — disse ele. — Comprar uns presentes para meus parentes. O problema é que quando alguém

vai para a Malaia, todos os parentes esperam que traga presentes exóticos. Vou dar uma volta lá no Liberty's. Eles têm um bom estoque de coisas do Oriente.

Saiu alegremente, cumprimentando com a cabeça duas pessoas que conhecia e que estavam no corredor. Depois que foi embora, Chetwynd falou pelo telefone com sua secretária.

— Peça ao Coronel Munro para vir aqui.

O Coronel Munro chegou, trazendo com ele um outro senhor alto, de meia-idade.

— Não sei se você conhece Horsham — disse ele. — Da Segurança.

— Creio que já fomos apresentados — disse Chetwynd.

— Nye acabou de sair, não foi? — perguntou o Coronel Munro. — Soube algo sobre o caso de Frankfurt? Qualquer coisa importante, eu quis dizer?

— Acho que não — disse Chetwynd. — Ele está meio por fora do assunto. Acha que faz com que pareça um tolo. E tem razão, é claro...

O homem chamado Horsham balançou a cabeça.

— É assim que ele aceita a história?

— Bem, ele tentou salvar a cara — disse Chetwynd.

— De qualquer jeito — disse Horsham. — não é mesmo um imbecil, será?

Chetwynd deu de ombros.

— Estas coisas acontecem — disse ele.

— Eu sei — falou o Coronel Munro, — sim, sim, eu sei. De qualquer forma, sempre achei que Nye, de uma certa maneira, é uma criatura imprevisível. Eu diria, você sabe, que talvez ele não seja *muito bom* da cabeça.

O homem chamado Horsham falou:

— Não há nada contra ele. Pelo menos não há nada que *a gente* saiba.

— Oh, eu sei, não quis dizer isto. Absolutamente não quis dizer isto — disse Chetwynd. — É somente... como poderia dizer?... geralmente, ele não leva as coisas muito a sério.

O Sr. Horsham usava bigode. Era útil ter um bigode que o protegesse em certos momentos, quando achasse difícil evitar um sorriso.

— Ele não é um imbecil — disse Munro. — É inteligente, você sabe. Não acha que... bem, vocês não acham que pode haver algum problema duvidoso em tudo isto?

— Da parte dele? Não creio que haja.

— Você já investigou tudo, Horsham?

— Bem, nós ainda não tivemos muito tempo. Mas até aonde fomos está tudo certo. O passaporte dele porém, *foi usado*.

— Usado? Em que sentido?

— Passou pelo aeroporto de Heathrow.

— Você quer dizer que alguém se apresentou como sendo Sir Stafford Nye?

— Não, não — disse Horsham, — não chegou a tanto. Nós não podíamos esperar tanto. Passou junto com os outros passaportes. Não havia nenhum alarme, você sabe. Ele ainda nem tinha acordado do *doping* ou sei lá o que foi que lhe deram. Ainda estava em Frankfurt.

— Mas alguém podia ter roubado o passaporte e vindo no mesmo avião para entrar na Inglaterra?

— Sim — disse Munro — é a suposição que fizemos. Ou alguém pegou a carteira com o dinheiro e o passaporte, ou então alguém queria um passaporte e escolheu Sir Stafford Nye como a pessoa que lhe convinha. Havia uma bebida na mesa, era só por alguma coisa dentro, esperar até o homem pegar no sono, apanhar o passaporte e correr o risco.

— Mas, apesar de tudo, eles devem ter olhado para o passaporte. Devem ter visto que não era o mesmo homem — disse Chetwynd.

— Bem, pode haver uma certa semelhança, certamente — disse Horsham. — Mas não havia nenhum aviso de que ele estivesse desaparecido, nenhuma atenção especial para este passaporte em particular. Uma multidão enorme que chega num avião que está com atraso. Um homem se parece razoavelmente com a fotografia do passaporte. Basta... um olhar breve, passaporte devolvido, siga em frente. De qualquer forma o que eles estão olhando mesmo

são os *estrangeiros* que estão chegando, não os ingleses. Cabelos escuros, olhos azuis escuros, barbeado, um metro e oitenta ou qualquer coisa assim. É tudo o que eles querem ver. Ora, ele não está na lista de forasteiros indesejáveis nem em nada no gênero.

— Eu sei, eu sei. Entretanto, você acha que se alguém quisesse apenas bater uma carteira com algum dinheiro, não iria usar o passaporte, não é? Arriscado demais.

— Sim — disse Horsham. — A parte interessante está aí. É claro — continuou ele — que estamos fazendo investigações, fazendo perguntas aqui e ali.

— E qual a sua opinião?

— Não gostaria de dá-la ainda — disse Horsham.

— É preciso um tempinho, vocês sabem. Não se pode apressar as coisas.

— São todos iguais — disse o Coronel Munro quando Horsham deixou a sala. — Nunca dizem nada, estes desgraçados do setor de segurança. Se acham que estão na pista certa de alguma coisa, não o admitem de jeito nenhum.

— Bem, é natural — disse Chetwynd. — Eles podem estai' errados.

Parecia um comentário tipicamente político.

— Horsham é muito eficiente — disse Munro. — Ele é tido em muito alta conta lá na sede. Dificilmente se engana.

Capítulo 3

O homem da tinturaria

Sir Stafford Nye voltou a seu apartamento. Uma mulher alta saltou de dentro da cozinha com palavras de boas-vindas.

— Felizmente o senhor chegou bem. Estes aviões horrorosos! A gente nunca sabe, não é?

— E verdade, Sra. Worrit — disse Sir Stafford Nye.

— O avião atrasou duas horas.

— A mesma coisa que automóveis — disse a Sra. Worrit.

— Eu quero dizer, a gente nunca sabe, não é? o que vai acontecer de errado com *elas*. Mas é ainda pior, para falar a verdade, estando lá em cima, não é? Não se pode encostar no meio-fio, não é a mesma coisa. Ainda bem que o senhor está aqui. Eu mesma não teria coragem de entrar num, mesmo que fosse preciso... Encomendei umas coisas. Penso que é o necessário. Ovos, manteiga, café, chá... — despejava as palavras com a mesma loquacidade de um guia do Oriente Médio mostrando o palácio do faraó. — E... — parou a Sra. Worrit, fazendo uma pausa para tomar fôlego — eu acho que era tudo o que senhor queria. Ah, eu encomendei a mostarda!

— Não é a de Dijon, é? Eles sempre tentam

empurrar-lhe a de Dijon.

— Não sei quem são *eles*, mas a mostarda é Esther Dragon, a de que o senhor gosta, não é?

— Ótimo — disse Sir Stafford, — a senhora é uma maravilha.

A Sra. Worrit pareceu satisfeita. Voltou para a cozinha novamente. Quando Sir Stafford pôs a mão na maçaneta da porta que dava para o seu quarto de dormir, ela recomeçou a falar:

— Eu podia entregar as roupas para o rapaz que veio buscadas, não é? O senhor não disse nada, nem deixou nada escrito.

— Que roupas? — perguntou Sir Stafford Nye parando.

— Dois ternos, foi o que disse o rapaz que veio buscá-los. Da Twiss e Bonywork, ele era. Acho que foi a mesma que veio buscar da outra vez. Nós tivemos uma briguinha com a Lavanderia do Cisne Branco, se me lembro bem.

— Dois ternos? — perguntou Sir Stafford. — Quais ternos?

— Bem, aquele com que o senhor viajou. Calculei que devia ser um deles. Não tinha muita certeza de qual era o outro, mas havia o listradinho de azul que o senhor não tinha dito nada sobre o que fazer com ele quando saiu. Estava mesmo precisando de uma limpeza e também de um consertinho no punho

direito, mas eu não queria apanhá-lo enquanto o senhor estava fora. Eu não gosto nunca de fazer isto — disse a Sra. Worrit com um ar quase palpável de virtude.

— Então o tal camarada levou esses dois ternos?

— Eu espero que não tenha feito nada errado. A Sra. Worrit tornou-se preocupada.

— Não, não me importo com o listrado. Acho que foi bom mesmo. Mas o terno com que eu cheguei, bem...

— E muito leve, senhor, é muito leve para esta época do ano, o senhor sabe. Muito bom para esses lugares quentes por onde o senhor andou. E estava mesmo precisando ser lavado. Ele disse que o senhor tinha telefonado... Foi o que o rapaz disse quando veio buscá-los.

— Ele esteve no meu quarto e apanhou-os lá?

— Sim, senhor. Eu achei que era melhor.

— Muito interessante — disse Sir Stafford. — Sim, muito interessante.

Ele foi para o quarto e deu uma olhada em torno. Estava limpo e bem arrumado. Via-se ali a mão da Sra. Worrit. A cama feita, o barbeador elétrico sendo carregado, as coisas sobre a cômoda em perfeita ordem. Foi até o armário e olhou por dentro. Olhou nas gavetas da cômoda alta que ficava junto à janela. Tudo em perfeita ordem. Estava mesmo mais em

ordem do que deveria estar. Ele desarrumara as malas na noite anterior e o pouco que arrumara fora às pressas. Pusera a roupa de baixo e mais outras coisinhas dentro da gaveta apropriada, mas não arranjava nada com ordem. Iria fazer isto hoje ou amanhã. E não esperava que a Sra. Worrit tivesse arrumado tudo para ele. Sabia que ela apenas se limitava às coisas que encontrasse fora do lugar. E também, quando voltava do exterior, sempre levava um certo tempo a arrumar suas coisas devido ao clima e a outros problemas. Então alguém dera uma espiada por ali, alguém abrira as gavetas, olhara por dentro delas e, devido à pressa, repusera as coisas no lugar, mas talvez devido à própria pressa, arrumara tudo com muito mais ordem do que devia. Um trabalhinho rápido e bem feito saindo depois com os dois ternos e uma explicação razoável. Um terno usado por Sir Stafford quando estava viajando e um terno de tecido leve que poderia ter sido levado em viagem. Por quê?

— Porque — disse Sir Stafford, pensando consigo mesmo, — porque alguém estava procurando alguma coisa. Mas o quê? E quem? E quem sabe talvez por quê? Sim, era muito interessante...

Sentou-se numa cadeira e ficou pensando no assunto. Neste momento seus olhos se desviaram para a mesa de cabeceira perto da cama onde estava sentado, muito petulante, o pequeno panda de pelúcia.

Isto fez-lhe surgir outro pensamento. Foi até o telefone e discou um número.

— É a senhora, tia Matilda? — disse ele — É Stafford.

— Ah, meu querido, já está de volta.-Estou muito contente. Li nos jornais que ontem descobriram casos de cólera na Malaia, isto é, eu penso que tenha sido na Malaia. Sempre faço confusão com esses lugares. Espero que você me venha ver logo. Não vá inventar que está muito ocupado. Você não pode estar sempre ocupado. A gente só aceita esta desculpa de alguns figurões, deste pessoal de indústria, você sabe como são, no meio de fusões comerciais e de encampações. Eu nem sei na verdade o que isto quer dizer. Antigamente, significava fazer o seu trabalho corretamente, mas agora quer dizer coisas misturadas com bombas atômicas e usinas de cimento — disse tia Matilda, mudando de assunto. — E estes terríveis computadores que erram todos os números da gente, quando não mudam completamente a forma de tudo. Realmente, eles dificultam tanto a vida em nossos dias. Você não pode calcular o que eles têm feito com a minha conta no banco! E com meu endereço postal também. Bem, acho que vivi tempo demais.

— Nem diga isso! Eu posso ir aí na semana que vem?

— Venha amanhã, se quiser. Eu tenho o vigário que

vem jantar, mas posso desmarcar muito bem.

— Não, não precisa fazer isto.

— É claro que é preciso. Ele é um homem muito irritante e está querendo um órgão novo. O que está lá funciona muito bem. Isto é, o problema é com o organista, realmente, não com o órgão. É um músico abominável. O vigário está com pena dele porque perdeu a mãe de quem gostava muito. Mas realmente, gostar muito da mãe não faz ninguém tocar órgão melhor, não é? Quero dizer, a gente tem de encarar as coisas como elas são.

— Tem razão. Mas eu só posso ir a semana que vem... preciso fazer umas coisas aqui. Como está Sybil?

— Uma criança encantadora! Muito levada mas muito engraçada.

— Trouxe um ursinho de pelúcia para ela — disse Sir Stafford.

— Ora, que gentileza de sua parte, querido.

— Espero que ela goste — disse Sir Stafford, percebendo o olhar do panda e sentindo-se um pouco nervoso.

— Bem, de qualquer forma ela é muito educada — disse tia Matilda, o que pareceu uma resposta um tanto ou quanto duvidosa, cujo sentido Sir Stafford não conseguiu avaliar.

Tia Matilda sugeriu os horários convenientes dos

trens para a próxima semana com o aviso de que muitas vezes eles falhavam ou mudavam de itinerário e também pediu que ele lhe trouxesse um queijo Camembert e a metade de um Stilton.

— Impossível arranjar certas coisas por aqui. Nosso próprio fornecedor... um homem tão simpático, tão cheio de atenções e de tanto bom gosto para tudo... virou de repente um supermercado, seis vezes maior, todo reconstruído, cestas e carrinhos de empurrar para encher de coisas que você não quer e mães sempre perdendo os filhos, berrando e tendo crises histéricas. Muito cansativo. Bem, eu estou à sua espera, meu caro.

Ela desligou.

O telefone tocou outra vez.

— Alô? Stafford? É o Eric Pugh. Soube que você chegou da Malaia... que tal jantar comigo hoje à noite?

— Gostaria muito.

— Ótimo!... no Limpits Club. Às oito e quinze?

A Sra. Worrit entrou ofegante no quarto no momento em que Sir Stafford recolocava o fone no gancho.

— Um cavalheiro lá embaixo quer ver o senhor — disse ela. — Isto é, eu creio que seja um cavalheiro. De qualquer jeito, ele disse que tinha certeza de que o senhor não se incomodaria em vê-lo.

— Qual o nome dele?

— Horsham, senhor, como aquele lugar que fica no caminho de Brighton.

— Horsham — Sir Stafford Nye ficou um pouco surpreso. Saiu do quarto, desceu o meio lance de escadas que dava para a grande sala de estar do andar de baixo. A Sra. Worrit não se enganara. Horsham estava lá, com a mesma cara de meia hora atrás — vigoroso, digno de confiança, uma covinha no queixo, bochechas muito vermelhas, um bigode muito farto e um ar geral de impassibilidade.

— Espero que você não se importe — disse ele amavelmente, pondo-se de pé.

— Não me importe de quê? — perguntou Sir Stafford.

— De me ver outra vez assim tão depressa. Nós nos encontramos do lado de fora da porta do Sr. Gordon Chetwynd, lembra-se?

— Não faço a menor objeção — disse Sir Stafford. Empurrou uma caixa com cigarros- sobre a mesa.

— Sente-se. Esqueceram de algo, algo ficou sem ser dito?

— Um homem muito simpático, o Sr. Chetwynd — disse Horsham. — Nós já conseguimos controlá-lo, eu penso. Ele e o Coronel Munro. Eles estão um pouquinho aborrecidos com tudo isto, é verdade. Sobre o senhor, quero dizer.

— Realmente?

Sir Stafford Nye também sentou-se. Sorriu, pôs-se a fumar, olhando pensativo para Henry Horsham.

— E para onde nós vamos então? — perguntou.

— Eu estava mesmo imaginando se eu lhe poderia perguntar, se não for impróprio, para onde o senhor vai agora?

— Encantado de lhe dizer — disse Sir Stafford. — Vou passar uns dias com uma tia, Lady Matilda Cleckheaton. Se quiser posso dar-lhe o endereço.

— Eu já sei — disse Henry Horsham. — Bem, acho que é uma ótima idéia. Ela ficará contente em vê-lo são e salvo em casa. Deve ter sido por um fio, não foi?

— É assim que pensam o Coronel Munro e o Sr. Chetwynd?

— Bem, o senhor sabe como é — disse Horsham. — Sabe até demais. Eles estão sempre nervosos, os cavalheiros daquele departamento. Nunca têm certeza se devem ou não confiar no senhor.

— Confiar em mim? — disse Sir Stafford com uma voz ofendida. — Que quer dizer com isto, Sr. Horsham?

Horsham não levou em conta o ar de ofensa. Apenas fez uma careta.

— O senhor sabe como é — disse ele, — a sua reputação é a de que não leva as coisas muito a sério.

— Oh, pensei que estivesse querendo dizer que eu era um simpatizante do comunismo ou um convertido

para o outro lado. Qualquer coisa assim.

— Oh, não senhor, eles acham apenas que o senhor nunca fala sério. Acham que gosta de uma brincadeira uma vez ou outra.

— Ninguém pode passar pela vida levando-se e levando os outros a sério o tempo todo — disse Sir Stafford Nye, em tom de censura.

— Não. Mas o senhor correu um risco muito grande, como eu já disse antes, não foi?

— Eu lhe asseguro que não tenho a menor idéia do que o senhor está falando.

— Vou-lhe dizer. As coisas muitas vezes não dão certo e nem sempre dão certo porque as pessoas erram. Intervenções de Deus Todo-Poderoso, ou do outro cavalheiro... aquele que tem um rabinho, eu quero dizer...

Sir Stafford pareceu ligeiramente divertido.

— Está-se referindo ao nevoeiro de Genebra? — perguntou ele.

— Exatamente. Havia um nevoeiro em Genebra e aquilo atrapalhou os planos de uma pessoa. Alguém ficou numa situação muito delicada.

— Conte-me mais — disse Sir Stafford. — Eu gostaria realmente de saber.

— Bem, havia um passageiro faltando quando o seu avião deixou Frankfurt ontem. O senhor tinha tomado a sua cerveja e estava sentado num canto ressonando

calma e confortavelmente sozinho. Uma passageira não apareceu e eles a chamaram e tornaram a chamar. Finalmente, eu presumo, o avião decolou sem ela.

— Ah! E o que foi que aconteceu com ela?

— Seria interessante saber. De qualquer modo, o seu passaporte chegou a Heathrow, mesmo sem o senhor.

— E onde está agora? Eleja deveria estar comigo?

— Não, não creio. Teria sido um trabalho muito rápido. Um negócio seguro, aquela droga. A dose certa, eu diria. Deixou-o fora de ação e não produziu nenhum efeito desagradável em particular.

— Deu-me uma ressaca desgraçada — disse Sir Stafford.

— Ahn... bem, isto não se pode evitar. Pelo menos nestas circunstâncias.

— O que teria acontecido — perguntou Sir Stafford, — uma vez que o senhor parece saber de tudo, se eu me tivesse recusado a aceitar a proposta que talvez... eu estou apenas dizendo talvez... me tivesse sido feita?

— É bem possível que isso significasse o fim da linha para Mary Ann.

— Mary Ann? Quem é Mary Ann?

— A Srta. Daphne Theodofanus.

— É o nome que eu tive a impressão de ouvir... foi chamada por que não compareceu ao embarque?

— Sim, era com este nome que ela estava viajando.

Nós a chamamos Mary Ann.

— Quem é ela... apenas por curiosidade?

— Em seu posto ela é mais ou menos o máximo.

— E qual é o seu posto? Ela é dos nossos ou ela é deles, se é que o senhor sabe quem são "eles"? Eu devo dizer-lhe que sempre encontrei uma certa dificuldade em chegar a alguma conclusão a este respeito.

— Sim, não é fácil, não é? Com os chineses e os russos e mais esta quantidade de gente esquisita que está por detrás dos problemas dos estudantes e a Nova Máfia e mais aquele grupo estranho na América do Sul. E mais o grupinho simpático de financistas que sempre parece ter um ás debaixo da manga. Não, não é fácil dizer...

— Mary Ann — disse Sir Stafford Nye pensativo. — É um nome curioso se o nome dela verdadeiro é Daphne Theodofanus.

— Bem, a mãe dela é grega, o pai é inglês e o avô é um cidadão austríaco.

— O que teria acontecido se eu não tivesse... emprestado a ela uma certa peça de vestuário?

— Ela poderia ter sido assassinada.

— Vamos, vamos... No duro mesmo?

— Estávamos preocupados com o Aeroporto de Heathrow. Tem acontecido muita coisa aqui ultimamente, coisas que precisam de uma certa explicação. Se o avião tivesse seguido via Genebra,

como estava planejado, tudo teria corrido bem. Ela teria recebido completa proteção. Mas por este outro caminho... não haveria tempo para se fazer nada e você nunca sabe quem é quem, hoje em dia... Cada um está jogando um jogo duplo ou triplo, ou mesmo quádruplo.

— O senhor me assusta — disse Sir Stafford Nye. — Mas ela está bem, não está? É isto que o senhor está querendo dizer?

— Espero que ela esteja bem. Ainda não ouvimos nada em contrário.

— Se isto lhe for de alguma ajuda — disse Sir Stafford, — alguém esteve aqui hoje de manhã enquanto eu estava tendo a minha conversa com os rapazes de Whitehall. Apresentou-se como se eu tivesse telefonado para uma lavanderia e levou o terno que eu estava usando ontem e mais um outro. Talvez ele tenha simplesmente gostado do outro terno, ou então seja um colecionador de roupas de homens que voltaram recentemente do exterior. Ou... bem, talvez tenhamos um outro "ou" a acrescentar?

— Ele podia estar à procura de alguma coisa.

— Sim. creio que estava. Alguém estava à procura de alguma coisa. Tudo estava bem arranjadinho demais. Não foi da maneira que eu deixei. Muito bem, então ele estava procurando alguma coisa. O que é que ele estava procurando?

— Eu mesmo não tenho certeza — disse Horsham lentamente. — Gostaria de saber. Está acontecendo alguma coisa... em algum lugar. As peças não se ajustam, o senhor está vendo, como num embrulho mal feito... pode-se dar uma espiada aqui ou ali. Por um momento, a gente pensa que é no Festival de Beirute e no minuto seguinte pensa que é numa estância sul-americana e quando vê, a coisa é nos Estados Unidos. Há uma porção de sujeitos sujos, em lugares diferentes, todos tramando algo. Talvez políticos, talvez algo muito diferente de política. Provavelmente dinheiro. O senhor conhece o Sr. Robinson, não? Ou talvez o Sr. Robinson o conheça, eu acho que ele me disse.

— Robinson? — Sir Stafford considerou. — Robinson. Um nome muito britânico. — Olhou para Horsham. — Grandão? Rosto amarelo? — perguntou. — Gordo? Tem mania por assuntos financeiros geralmente? — Tornou a perguntar: — Ele também está do lado dos anjos, é o que o senhor está querendo dizer?

— Nada sei sobre anjos — disse Henry Horsham. — Eleja nos tirou de encrencas neste país mais de uma vez. Pessoas como Chetwind não gostam muito dele. Acham que é muito caro, eu creio. Tem tendência a ser *pão-duro*, o nosso Chetwynd. O forte dele é fazer economias nos momentos errados.

— Costuma-se dizer "pobre mas honesto" — disse Sir Stafford Nye pensativamente. — Eu acho que pode ser diferente. O senhor descreveria o nosso Sr. Robinson como rico porém honesto. Ou poderíamos dizer... honesto porém rico. — Deu um suspiro. — Eu gostaria que o senhor pudesse contar-me tudo o que se está passando — disse em tom de mágoa. — Ao que parece estou envolvido em algo de que não tenho a menor idéia.

Olhou para Henry Horsham, esperançoso, mas Horsham balançou negativamente a cabeça.

— Nenhum de nós sabe. Isto é, não sabe exatamente — disse.

— Que é que eu deveria ter escondido aqui e que alguém veio remexer e procurar?

— Francamente, não tenho a menor idéia, Sir Stafford.

— Bem, é uma pena porque eu também não tenho.

— Até onde o *senhor* sabe, não tem nada. Ninguém lhe deu nada para guardar, para levar para algum lugar ou para tomar conta?

— Absolutamente nada. Se o senhor está falando de Mary Ann, ela me disse apenas que queria salvar a vida, foi tudo.

— E a menos que haja um pequeno parágrafo nos jornais de hoje à tarde, o senhor *salvou-lhe* a vida.

— Parece muito com o fim de uma novela ou de um

capítulo, não acha? Uma pena. Minha curiosidade está aumentando. Acho que estou louco de vontade de saber o que é que vai acontecer agora. Vocês todos parecem muito pessimistas.

— Francamente, nós estamos. As coisas estão indo mal neste país. Não está percebendo?

— Eu sei o que o senhor quer dizer. Às vezes, eu mesmo fico imaginando...

Capítulo 4

Um jantar com Eric

— Você se importa se eu lhe disser uma coisa, meu velho? — perguntou Eric Pugh.

Sir Stafford Nye olhou para ele. Conhecia Eric Pugh há muitos anos. Não eram amigos íntimos. O velho Eric, como pensava Sir Stafford, não passava de um chato. Por outro lado, ele era fiel. O tipo de homem que, apesar de não ser divertido, tinha uma queda para saber das coisas. As pessoas lhe faziam confidencias de que ele se lembrava depois, arquivando-as. Algumas vezes, soltava uma boa informação.

— Você voltou agora daquela conferência na Malaia, não foi?

— Sim — disse Sir Stafford.

— Surgiu alguma novidade por lá?

— Só o mesmo de sempre — disse Sir Stafford.

— Oh... Eu imaginei se algo... bem, você sabe o que eu quero dizer. Se aconteceu algo que... deixasse alguém com a pulga atrás da orelha.

— O quê? Na conferência? Não, infelizmente apenas o previsto. Cada qual disse exatamente o que você pensava que iria dizer, só que com muito mais palavras do que alguém pudesse imaginar possível.

Nem sei por que é que vou a esses lugares.

Eric Pugh fez uma ou duas observações tediosas sobre o que os chineses pretendiam realmente.

— Não creio que eles pretendam realmente alguma coisa — disse Sir Stafford. — Só os boatos de sempre, sobre as doenças que o pobre velho Mao arranjou e sobre quem está fazendo intrigas contra ele e por quê.

— E sobre os problemas dos árabes e de Israel?

— Estão se desenvolvendo de acordo com os planos também. Os planos deles, eu diria... E de qualquer jeito, que é que isto tem a ver com a Malaia?

— Bem, eu não estava mesmo querendo falar sobre a Malaia.

— Você está parecendo a Tartaruga Falsa* — disse Sir Stafford. — E por que então esta melancolia toda?

* N. do T. — Um dos personagens de *Alice no País das Maravilhas*.

— Bem, só imaginei se você... você me perdoa, não é?... Se você não fez nada para sujar a sua folha corrida, não?

— Eu? — perguntou Sir Stafford parecendo muito surpreso.

— Bem, todo mundo sabe como você é, Staff. Gosta de *passar a perna* na gente, não gosta?

— Tenho-me comportado impecavelmente nos últimos tempos — disse Sir Stafford. — O que é que

você andou ouvindo falar de mim?

— Ouvi dizer que houve um certo problema com o avião que o trouxe de volta.

— Oh? De quem foi que você ouviu isso?

— Bem, você sabe, eu estive com o velho Cartison.

— Um velho chatíssimo. Sempre imaginando coisas que não aconteceram.

— Sim. eu sei. Eu sei que 6 assim. Mas ele estava apenas dizendo o que uma outra pessoa... Winterton, eu acho... parecia estar pensando que você estava metido nalguma coisa.

— Metido nalguma coisa? Eu gostaria de estar — disse Sir Stafford Nye.

— Há um negócio de espionagem aí e ele ficou meio preocupado com certas pessoas.

— Que pensam eles que eu sou... um outro Philby ou algo no gênero?

— Você sabe que às vezes é muito imprudente nas coisas que diz e nas brincadeiras que inventa.

— É difícil resistir às vezes — disse-lhe o amigo. — Todos esses políticos e diplomatas e todo o resto deles... São horivelmente solenes. A gente gosta de sacudi-los um pouco de vez em quando.

— Seu senso de diversão anda meio deformado, meu velho. Anda mesmo. Às vezes eu fico preocupado com você. Estão querendo fazer-lhe umas perguntas sobre o que aconteceu no vôo de volta e acham que

você não... bem, que talvez não tenha dito exatamente a verdade.

— Ah, é isso que eles estão pensando, não é? Interessante, eu preciso pensar melhor neste assunto.

— Vamos, não vá fazer nada precipitado.

— Preciso ter minhas diversões de vez em quando.

— Olhe aqui, meu velho, você não está querendo arruinar a sua carreira apenas para satisfazer seu senso de humor!

— Estou chegando rapidamente à conclusão de que não há nada mais chato no mundo do que fazer carreira.

— Eu sei, eu sei. Você está sempre inclinado a seguir este ponto de vista e sabe que não chegou mesmo aonde deveria ter chegado. Certa vez estive a ponto de ser indicado para Viena. Não gosto de ver você estragar tudo.

— Tenho-me comportado com a maior sobriedade e a maior virtude, garanto-lhe — disse Sir Stafford. E acrescentou: — Alegre-se, Eric. Você é um grande amigo mas, realmente, eu não sou culpado por me divertir e brincar.

Eric balançou a cabeça meio em dúvida.

Era uma noite linda. Sir Stafford voltou para casa a pé atravessando o Parque Grenn. Ao cruzar a Avenida Birdcage, um carro arremeteu pela rua e por poucos centímetros não o alcançou. Sir Stafford era um

homem atlético. O seu salto deixou-o em segurança na calçada oposta. O carro desapareceu rua abaixo. Será quê?... Por um instante seria capaz de jurar que o automóvel tentara atropelá-lo deliberadamente. Um pensamento interessante. Primeiro, tinham dado uma busca em seu apartamento, e agora, ele próprio parecia estar marcado. Provavelmente, mera coincidência. E, no entanto, no decorrer de sua vida — parte da qual fora vivida em vizinhanças e lugares pouco tranquilos. Sir Stafford Nye estivera em contato com o perigo. Sabia reconhecer a presença, o cheiro e a sensação de perigo. Sentia-o agora. Alguém, em algum lugar, estava apontando para ele. Mas por quê? Por que razão? Até onde ele sabia, não havia enfiado o nariz onde não devia. Pôs-se a pensar.

Entrou no apartamento e apanhou a correspondência que estava no andar térreo. Não havia grande coisa. Umas duas contas e um exemplar da revista *Lifeboat*. Jogou as contas na escrivaninha e enfiou o dedo para rasgar o invólucro da revista. Era uma causa para a qual ele ocasionalmente contribuía. Virou as páginas sem prestar muita atenção porque ainda estava absorvido pelos próprios pensamentos. De repente seus dedos pararam. Havia algo preso entre as duas páginas. Preso com fita durex. Procurou ver o que era. O seu passaporte, devolvido de maneira imprevista. Arrancou-o da revista e examinou-o. O

último carimbo era o do aeroporto de Heathrow, datado do dia anterior. Ela usara o seu passaporte, voltara para a Inglaterra em segurança e escolhera este meio para devolvê-lo. Onde estaria ela agora? Gostaria de saber.

Ficou imaginando se chegaria a vê-la outra vez. Quem era ela? Para onde fora e por quê? Era como se ele estivesse esperando pelo segundo ato de uma peça. E, no entanto, ele sentia que o primeiro ato mal acabara de ser representado. O que foi que ele vira? Um prólogo antiquado, talvez. Uma moça que queria ridiculamente travestir-se e passar por alguém do sexo oposto e que passara pelo controle do aeroporto de Heathrow sem despertar a atenção de ninguém sobre ela, e que agora desaparecera dentro de Londres ao cruzar os seus portões.

Não, provavelmente ele nunca mais a veria. Isto aborreceu-o. Mas por que, pensou ele, por que queria tornar a vê-la? Não era particularmente bonita ou atraente, não era nada. Não, isto também não era verdade. Ela era algo, ou era alguém, senão não o teria convencido — e sem ter feito muita força — sem nenhum estímulo sexual evidente, nada a não ser um simples pedido de ajuda, a fazer o que ela queria. Um pedido de um ser humano para um outro ser humano, porque — pelo menos é o que ela dera a entender — não precisamente em palavras, mas pelo que ela

sugerira, que conhecia as pessoas e que reconhecera nele um homem que estava pronto a correr riscos para ajudar outro ser humano. E ele correria mesmo um risco, pensou Sir Stafford Nye. Ela poderia ter posto o que quisesse naquele copo de cerveja. Ele poderia ter sido achado morto, se ela assim o quisesse, morto numa poltrona em um canto de uma sala de trânsito de um aeroporto. E se ela tivesse, e era claro que tinha, um amplo conhecimento sobre drogas, a sua morte teria muito bem passado por um ataque cardíaco devido à altitude ou a dificuldades de pressurização – qualquer coisa assim. Ora, para que pensar nisto? Ao que tudo indicava ele não a veria mesmo nunca mais e estava aborrecido com isto.

Sim, estava aborrecido e não gostava de se aborrecer. Considerou o assunto por alguns minutos. Depois, escreveu um anúncio que deveria ser repetido por três dias. "*Passageiro para Frankfurt. Novembro, 3. Por favor comunique-se com o companheiro de viagem para Londres.*" Só isto. Ou ela responderia ou não responderia. Se chegasse a vê-lo, ela saberia quem colocara o anúncio no jornal. Ela tivera o seu passaporte, sabia o seu nome. Ela poderia procurá-lo. Talvez assim ele pudesse ter notícias dela. Talvez não. Provavelmente não. Se não, o prólogo permaneceria um prólogo, uma pequena peça tola que serviria para distrair os espectadores madrugadores no teatro

enquanto a verdadeira peça não começava. Muito útil nos tempos de antes da guerra. As maiores probabilidades, entretanto, eram de que nunca mais ouvisse falar dela e uma das razões seria que ela já houvesse terminado o que tinha vindo fazer em Londres e que a uma hora dessas já tivesse deixado o país unia vez mais, voando para Genebra ou para o Oriente Médio ou para a Rússia ou para a China ou para a América do Sul ou para os Estados Unidos. E por que, pensou ele, eu devo incluir a América do Sul? Ela não mencionara a América do Sul. Ninguém mencionara a América do Sul. A não ser Horsham, é verdade. Mas mesmo Horsham apenas mencionara a América do Sul entre uma porção de outros lugares.

Na manhã seguinte, quando caminhava lentamente em direção de casa depois de entregar o anúncio, pela alameda que atravessa o Parque St. James, seus olhos viram, quase sem querer, as flores de outono. Os crisântemos pareciam agora hirtos e esguios com suas corolas de ouro e bronze. Seu perfume chegava muito vago, um cheiro de cabras, que sempre lhe lembrava as colinas da Grécia. Não podia esquecer de olhar a coluna dos Anúncios Pessoais. Ainda não. Uns dois ou três dias pelo menos até o seu anúncio ser publicado e alguém ter tempo para colocar outro em resposta. Não poderia deixar de ver se houvesse uma resposta, porque, apesar de tudo, era irritante não saber — não

ter idéia do que se estava passando.

Tentou lembrar-se não da moça do aeroporto mas do rosto de sua irmã Pamela. Há tanto tempo ela morrera. Ele se lembrava dela. É claro que se lembrava dela mas, não sabia por que. não conseguia visualizar seu rosto. Irritava-o não ser capaz disto. Parou no momento em que ia atravessar o sinal de uma das ruas. Não havia tráfego, a não ser um carro que sacolejava devagar com um andar solene de matrona aborrecida. Um carro velho, pensou ele. Uma limusine Daimler já fora de moda. Deu de ombros. Por que ficar ali parado como um idiota, perdido em seus pensamentos? Deu uma passada firme para atravessar a rua e, de repente, com um vigor surpreendente, a velha limusine matrona, como ele a vira em seus pensamentos, acelerou. Acelerou com uma velocidade inesperada e repentina. Jogou-se contra ele com tanta rapidez que apenas teve tempo para dar um salto na calçada do outro lado. Ela desapareceu como um relâmpago, virando a curva da outra rua.

— Eu estou imaginando... — disse Sir Stafford para si mesmo — estou imaginando... Será que há alguém que não gosta de mim? Alguém que me está seguindo talvez, me espionando ao voltar para casa, esperando uma oportunidade?

O Coronel Pikeaway, com o corpo esparramado numa cadeira de sua pequena sala em Bloomsbury,

onde ficava sentado das dez às cinco — apenas com um breve intervalo para o almoço

— estava cercado como sempre por uma atmosfera espessa de fumaça de charuto. Os olhos fechados, apenas uma piscadela ocasional mostrava que estava acordado e não adormecido. Raramente erguia a cabeça. Alguém já dissera que ele parecia o resultado de um cruzamento entre um antigo Buda e um enorme sapo-boi, talvez com um ligeiro toque bastardo de hipopótamo em seus ancestrais.

O suave zumbido do interfone de sua mesa despertou-o. Piscou três vezes e abriu os olhos. Estendeu para a frente a mão fatigada e apanhou o receptor.

— Sim? — disse.

Era a voz de seu secretário.

— O Ministro está aqui esperando para vê-lo.

— Está aí agora? — perguntou o Coronel Pikeaway.

— E que Ministro é esse? O ministro batista da igreja da esquina?

— Oh, não, Coronel Pikeaway, é Sir George Packham.

— Que pena — disse o Coronel Pikeaway, respirando asmaticamente. — Que pena mesmo... O Reverendo McGill é muito mais engraçado. Há um toque delicioso de fogo do inferno nele.

— Devo fazê-lo entrar. Coronel Pikeaway?

— Acho que ele espera entrar imediatamente. Os subsecretários são muito mais cheios de história que os Secretários de Estado — disse o Coronel Pikeaway de mau humor. — Todos esses ministros têm a mania de vir aqui e parir abóboras por todos os lados.

Sir George Packham entrou. Tossiu e resfolegou. Quase todo mundo fazia assim ao entrar. As janelas da pequena sala estavam completamente fechadas. O Coronel Pikeaway reclinou-se em sua cadeira, completamente envolto por cinzas de charuto. O ar estava quase insuportável e a sala era conhecida-nos círculos oficiais como a "toca do gambá".

— Ah, meu caro companheiro — disse Sir George, falando alegre e vivamente, de uma maneira que não combinava com a sua aparência ascética e sombria. — Há tanto tempo não nos encontramos, não é?

— Sente-se, sente-se — disse Pikeaway. — Aceita um charuto?

Sir George estremeceu ligeiramente.

— Não, obrigado — disse ele, — não, muito obrigado. Olhou persistente para as janelas. O Coronel Pikeaway ignorou a deixa. Sir George limpou a garganta e tossiu outra vez antes de falar:

— Ahn... eu creio que Horsham esteve aqui para vê-lo.

— Sim, Horsham esteve aqui e já fez o seu discurso — disse o Coronel Pikeaway, lentamente, deixando

seus olhos se fecharem outra vez.

— Achei que era melhor assim. Isto é, que ele devia vir aqui. É muito importante que essas coisas não se espalhem por aí.

— Ah! — fez o Coronel Pikeaway — mas elas vão se espalhar mesmo, não é?

— Como?

— Elas vão se espalhar — disse o Coronel Pikeaway.

— Eu não sei até aonde você está a par... ahn... bem, sobre esse último assunto.

— Nós sabemos de tudo aqui — disse o Coronel Pikeaway. — É para isto que estamos aqui.

— Oh... oh, certamente. É sobre Sir S.N... você sabe o que quero dizer?

— Recentemente, passageiro para Frankfurt — disse o Coronel Pikeaway.

— Um assunto dos mais estranhos. Estranhíssimo. Fica-se imaginando... nunca se sabe ao certo, apenas podemos calcular...

O Coronel Pikeaway escutava atenciosamente.

— O que podemos pensar? — continuou Sir George. — Você o conhece pessoalmente?

— Eu já o vi uma ou duas vezes — disse o Coronel Pikeaway.

— Não se pode deixar de pensar...

O Coronel Pikeaway disfarçou um bocejo com

alguma dificuldade. Já estava cansado dos pensamentos, dos cálculos e das imaginações de Sir George. Aliás, sua opinião sobre os processos intelectuais de Sir George era a pior possível. Um homem cauteloso, um homem a que se podia confiar a direção de um departamento de maneira cautelosa. Não era um homem de intelecto brilhante. Talvez, pensou o Coronel Pikeaway, fosse melhor assim. De qualquer jeito, aqueles que pensam e que se perguntam as coisas e que nunca têm certeza de nada estão razoavelmente a salvo no lugar em que Deus e os eleitores os colocaram.

— Não podemos esquecer — continuou Sir George — as desilusões que sofremos no passado.

O Coronel Pikeaway sorriu gentilmente.

— Charleston, Conway e Courtauld — disse ele. — Confiança total, aprovação total. Todos começando com C, todos vigaristas totais.

— Às vezes fico imaginando se podemos confiar em alguém — disse Sir George com ar infeliz.

— É muito fácil — disse o Coronel Pikeaway: — não podemos.

— Veja por exemplo Stafford Nye — prosseguiu Sir George: — boa família, excelente família, eu conheci seu pai, conheci seu avô.

— Às vezes há um deslize na terceira geração — disse o Coronel Pikeaway.

O comentário não ajudou Sir George.

— Não posso deixar de ficar em dúvida... quero dizer, às vezes, ele não me parece realmente muito sério.

— Uma vez, levei minhas duas sobrinhas para verem um castelo no Loire, quando eu era moço — disse o Coronel Pikeaway de repente. — Havia um pescador na margem do rio. Eu também estava com uma vara de pescar. Ele virou-se para mim e disse: "*Vous n'êtes pas un pecheur sérieux. Vaus avez defemmes avec vous*"*.

*N. do T. — "O senhor não é um pescador sério. O senhor está com mulheres."

— Você está querendo dizer que Sir Stafford talvez?...

— Não, não. Ele nunca teve muitos casos com mulheres. O problema dele é a ironia. Gosta de surpreender as pessoas. Não pode deixar de gozar todo mundo.

— Bem, isto não é muito satisfatório, não é?

— Por que não? — disse o Coronel Pikeaway. — Gostar de uma brincadeira é melhor do que negociar com traidores.

— Se pudéssemos ter certeza de que ele está mesmo sendo sério agora. O que você diria... qual a sua opinião pessoal?

— Serio como um frade — disse o Coronel Pikeaway.

— Se é que um frade pode ser sério. — Sorriu com gentileza.

— Eu não me preocuparia, se fosse o senhor — acrescentou.

Sir Stafford Nye empurrou para o lado a xícara de café. Apanhou o jornal, deu uma olhada nas manchetes e abriu-o cuidadosamente na página que publicava os Avisos Pessoais. Vinha olhando esta coluna particular já há sete dias. Estava desapontado mas não surpreso. Por que diabos esperava encontrar uma resposta? Seus olhos percorreram lentamente aquela miscelânea de peculiaridades que sempre tornava aquela página tão fascinante. Não havia nada que fosse estritamente pessoal. A metade deles, ou mesmo um pouco mais, eram apenas anúncios disfarçados ou ofertas de coisas para vender ou para comprar. Deveriam ser postos sob um título diferente mas tinham mantido seu lugar aqui considerando que assim chamariam mais a atenção. Desta vez havia um ou dois que ainda acreditavam em Papai Noel:

"Rapaz jovem que se opõe ao trabalho pesado e que gosta de vida mansa ficaria muito contente em arranjar um emprego que lhe convenha."

"Moça que quer viajar para o Cambodja. Recusa-se a tomar conta de crianças."

"Arma de fogo usada na batalha de Waterloo. Aceita-se oferta."

"Maravilhoso casaco de pele. Precisa ser vendido imediatamente. Dono viaja para o exterior."

"Você conhece Jenny Capstan? Seus bolos são deliciosos."

"Venha à Rua Lizzard, 14 - SW-3."

Por um instante o dedo de Stafford Nye fez uma pausa. Jenny Capstan. Ele gostou do nome. Haveria alguma Rua Lizzard? Calculou que sim. Mas nunca ouvira falar. Com um suspiro, seu dedo continuou a descer pela coluna mas quase imediatamente parou outra vez.

"Passageiro de Frankfurt. Quinta-feira, novembro, 11. Ponte Hungerford, 7h20m."

Quinta-feira, 11 de novembro. Era... mas, sim, era hoje! Sir Stafford Nye reclinou-se na cadeira e bebeu mais café. Estava alvoroçado, nervoso. Hungerford. Ponte Hungerford. Levantou-se e Foi até a cozinha. A Sra. Worrit cortava batatas em tirinhas, jogando-as dentro de uma tigela grande cheia d'água. Olhou-o com surpresa.

— O senhor quer alguma coisa?

— Sim — disse Sir Stafford. — Se alguém lhe dissesse para ir à Ponte Hungerford, aonde a senhora iria?

— Aonde eu iria? — A Sra. Worrit considerou a

pergunta. — O senhor quer dizer, se eu quisesse ir lá, não é?

— Claro, se a senhora quisesse ir lá.

— Bem, então eu creio que iria para a Ponte Hungerford. o senhor não acha?

— A senhora quer dizer que iria para Hungerford em Berkshire?

— Onde fica isso? — perguntou a Sra. Worrit.

— Treze quilômetros além de Newbury.

— Eu já ouvi falar em Newbury. Meu velho jogou num cavalo lá no ano passado. Pagou muito bem.

— Então a senhora iria para Hungerford perto de Newbury?

— Não, é claro que não — disse a Sra. Worrit. — Ir tão longe para que? Eu iria para a Ponte Hungerford, é lógico.

— E isto quer dizer...

— Bem, fica perto de Charing Cross. O senhor deve saber onde é. Sobre o Tâmis.

— Sim... — disse Sir Stafford Nye. — Eu sei onde é agora. Muito obrigado, Sra. Worrit.

Era como se estivesse jogando uma moeda num cara ou coroa. Um anúncio num matutino de Londres devia significar a ponte ferroviária de Hungerford em Londres. Provavelmente era isto que o anúncio queria dizer, se bem que Sir Stafford não pudesse absolutamente ter certeza sobre esse determinado

anúncio. As idéias dela, pela curta experiência que tivera, eram idéias muito originais. Não eram as respostas normais que se poderiam esperar. Além disto devia haver outras Hungerfords, e possivelmente outras pontes, em várias outras partes da Inglaterra. Mas hoje... bem, hoje ele iria saber.

Era uma tarde fria e ventosa com pancadas ocasionais de uma chuvinha fina. Sir Stafford Nye levantou a gola de sua capa de chuva e caminhou lentamente. Não era a primeira vez que atravessava a Ponte Hungerford mas nunca lhe parecera antes um passeio a se dar por prazer. Por baixo corria o rio e, atravessando a ponte, havia uma grande quantidade de pessoas apressadas como ele. Com suas capas de chuva fechadas, os chapéus abaixados e, em todos eles, o desejo ansioso de chegar logo a casa e sair desta chuva e deste vento o mais rápido possível. Ia ser difícil reconhecer alguém, pensou Sir Stafford, no meio desta multidão apressada. Sete e vinte. Não era uma boa hora para se marcar um encontro com alguém. Talvez fosse a Ponte Hungerford em Berkshire. Tudo parecia muito estranho.

Continuou a andar devagar. Manteve um passo lento, sem ultrapassar os que estavam à sua frente, passando através dos que vinham em sentido oposto. Só andava depressa o bastante para não ser passado pelos que vinham por detrás, apesar de que poderiam

fazê-lo se quisessem. Uma brincadeira talvez, pensou Sir Stafford Nye. Não era o seu tipo de brincadeira, mas podia ser a brincadeira de outra pessoa.

Entretanto, não parecia ser o tipo de humor dela — pensou ele. Figuras apressadas passavam por ele, empurrando-o ligeiramente para os lados. Uma mulher de capa de chuva vinha pela frente, andando pesadamente. Ela lhe deu um encontrão, escorregou e caiu de joelhos. Ele a ajudou a levantar-se.

— Está bem?

— Sim, obrigada.

Ela se apressou mas, ao passar por ele, sua mão molhada que ele ajudara a levantar do chão, escorregou algo na palma da mão dele, fechando-lhe os dedos. Ela foi embora, desaparecendo por detrás dele, misturando-se à multidão. Stafford Nye continuou a caminhar. Não poderia alcançá-la. Ela também não queria ser alcançada. Ele caminhou mais depressa, fechando a mão com firmeza. Assim, depois de muito tempo — foi o que lhe pareceu — chegou ao fim da ponte no lado de Surrey.

Alguns minutos depois entrou em um pequeno bar e sentou-se a uma mesa, pedindo um café. Olhou então para o que estava em sua mão. Era um fino envelope impermeável. Dentro dele havia um outro envelope de papel branco ordinário. Abriu este também. O que estava lá dentro surpreendeu-o. Era

uma entrada.

Uma entrada para o Festival Hall, para a noite seguinte.

Capítulo 5

Um tema wagneriano

Sir Stafford Nye ajeitou-se mais confortavelmente na sua poltrona e pôs-se a ouvir o persistente martelar dos Nibelungos, que iniciavam o programa.

Apesar de gostar das óperas wagnerianas, o *Siegfried* não era absolutamente o seu favorito entre as óperas que compunham o Anel. *Rheingold* e o *Götterdämmerung* eram as suas duas preferidas. A música do jovem Siegfried, ouvindo as canções dos pássaros, sem saber por que irritava-o em vez de enlevá-lo em melódica satisfação. Talvez fosse porque assistira a uma representação em Munique, quando era muito moço, em que um magnífico tenor tinha infelizmente proporções magníficas demais. Sendo ele muito moço, não conseguira divorciar a beleza da música do espetáculo visual de um jovem Siegfried nem um pouco jovem. O fato de um tenor redondo de gordo rolar pelos gramados na alegria da juventude revoltara-o. Além disso, não gostava muito de passarinhos e de murmúrios de florestas. Não, dessem-lhe as Virgens do Reno todos os dias, apesar de as Virgens do Reno lá em Munique também serem de avantajadas proporções... Mas isso já contava menos. Empolgado pela melodiosa corrente de água e

pela linda e impessoal canção, ele não se permitira uma apreciação visual do assunto.

De tempos em tempos, dava uma espiada casual em torno de si. Chegara e sentara-se muito cedo. A casa estava cheia como sempre. Veio o intervalo. Sir Stafford levantou-se e olhou em volta. A poltrona a seu lado continuava vazia. Ou alguém que devia ter vindo ainda não chegara... Seria esta a resposta? Ou talvez alguém que chegara tarde e fora barrado, o que praticamente ocorria sempre que se tocava música wagneriana.

Saiu, deu uma volta, tomou uma xícara de cale, fumou um cigarro e voltou à sala quando tocou a campainha. Desta vez, ao se aproximar, viu que a cadeira ao lado da sua estava ocupada. Imediatamente, voltou-lhe o nervosismo. Voltou à sua poltrona e sentou-se. Sim, era ela, a mulher do Aeroporto de Frankfurt. Não olhou para ele, olhava fixamente para a frente. Seu rosto de perfil era tão bem talhado e puro como ele se lembrava. A cabeça dela voltou-se ligeiramente, e seus olhos se cruzaram sem que ela demonstrasse reconhecê-lo. Tão intencional foi aquele não-reconhecimento que foi como se houvesse dito alguma coisa. Este encontro não devia ser admitido. Agora, neste instante, pelo menos. As luzes diminuíram. A mulher a seu lado voltou-se.

— Desculpe, mas eu poderia ver o seu programa?

Deixei cair o meu, eu creio, quando me sentei.

— É claro — disse ele.

Passou-lhe o programa e ela pegou-o. Abriu-o e estudou os números. As luzes diminuíram ainda mais. A segunda parte do programa começou. Iniciava-se com a abertura de *Lohengrin*. No final ela devolveu-lhe o programa com algumas palavras de agradecimento.

— Muito obrigada. Foi muito gentil de sua parte.

A parte seguinte era a música dos murmúrios da floresta de Siegfried. Ele consultou o programa que ela lhe devolvera. Percebeu que havia algo levemente escrito a lápis ao pé da página. Não tentou ler na hora. Na verdade, a luz não teria sido suficiente. Simplesmente fechou o programa e guardou-o. Tinha certeza de que não escrevera nada *no* programa. Nada. isto é, nada em *seu* programa. Ela devia estar, calculou ele, com o seu próprio programa dobrado na bolsa e onde já havia escrito anteriormente alguma mensagem para lhe entregar. Isto tudo pareceu-lhe guardar ainda aquela mesma atmosfera de segredo, de perigo. O encontro na Ponte Hungerford e o envelope com a entrada colocado em sua mão. E agora, aquela mulher silenciosa que estava sentada a seu lado. Ele a olhou rapidamente uma ou duas vezes, olhares casuais que se dão a um estranho sentado a seu lado. Ela se recostou em sua poltrona; seu vestido de decote alto era de crepe preto, um antigo colar de ouro torcido no

pescoço. Os cabelos escuros, cortados muito curtos, seguiam a forma de sua cabeça. Ela não o olhou, nem devolveu-lhe o olhar. Ele pôs-se a imaginar coisas. Será que havia alguém numa das poltronas do Festival Hall que a estivesse observando — ou talvez observando-o? Anotando se eles se olhavam ou se falavam? Provavelmente havia, ou pelo menos poderia haver a possibilidade de tal coisa. Ela respondera ao seu apelo no anúncio do jornal. Que isto fosse o suficiente para ele. Sua curiosidade não diminuía, mas pelo menos agora sabia que Daphne Theodofanus — aliás Mary Ann — estava aqui em Londres. Existiam possibilidades futuras de que viesse a saber do que se estava passando. Mas os planos de campanha deviam ser deixados para ela. Ele precisava seguir suas orientações. Assim como lhe obedecera no aeroporto, agora também obedeceria e — era preciso que se admitisse — a vida de repente se tornara muito mais interessante. Isso era melhor, muito melhor que as maçantes conferências de sua vida político-diplomática. Será que o automóvel tentara mesmo atropelá-lo na noite anterior? Ele pensava que sim. Dois atentados — e não apenas um! É fácil demais pensar que somos o alvo de um assalto, de um atentado. As pessoas dirigem tão imprudentemente hoje em dia que facilmente você pode imaginar alguma coisa fantasiosa quando na verdade não é

assim. Dobrou o programa e não olhou mais para ele. A música terminou. A mulher a seu lado falou. Ela não virou a cabeça, ou tentou falar para ele, apenas falou em voz alta, com um leve suspiro entre as palavras, como se estivesse se dirigindo para si própria ou provavelmente para o vizinho do outro lado.

— O jovem Siegfried — disse ela e suspirou outra vez.

O programa terminou com a marcha do *Die Meistersinger*. Depois dos entusiásticos aplausos, as pessoas começaram a deixar os seus lugares. Ele esperou para ver se ela lhe dava alguma indicação mas ela não fez nada. Apanhou a estola, atravessou a fila de cadeiras e com um andar ligeiramente acelerado misturou-se com as outras pessoas e desapareceu na multidão.

Stafford Nye entrou no seu carro e voltou para casa. Assim que chegou, abriu o programa do teatro sobre a escritaninha e examinou-o cuidadosamente, depois de por um café para coar.

O mínimo que se podia dizer do programa era que ele o desapontou. Não parecia haver nenhuma mensagem escrita dentro. Apenas na página do índice, estavam as marcas de lápis que ele vagamente observara. Mas não eram palavras, letras ou mesmo números. Parecia apenas uma anotação musical. Era como se alguém tivesse escrito uma frase musical com

um lápis mais ou menos inadequado. Por um momento ocorreu a Stafford Nye que talvez houvesse uma mensagem secreta que ele podia fazer aparecer usando o calor. Um pouco sem jeito, e de uma certa maneira envergonhado por esta fantasia melodramática, segurou o programa sobre a boca do fogareiro elétrico, mas de nada adiantou. Com um suspiro, atirou o programa sobre a mesa. Sentia-se justificadamente aborrecido. Toda esta trapalhada, um encontro numa ponte sobre um rio, debaixo de chuva e de vento! Sentar-se! para assistir a um concerto ao lado de uma mulher a quem estava louco para lazer pelo menos uma dúzia de perguntas — e no final de tudo? Nada! Nenhum progresso! Entretanto, ela fora encontrá-lo. Mas por quê? Se não queria falar com ele, se não fez nada para marcar um futuro encontro, por que viera então?

Seus olhos passearam preguiçosos pela sala até a estante que reservava para seus livros de mistério, histórias policiais e um ou outro volume de ficção científica. Abanou a cabeça. A ficção, pensou ele, era infinitamente superior à vida real. Corpos, misteriosas chamadas telefônicas, lindas espiãs estrangeiras em profusão! Entretanto, esta singular e esquiva senhora talvez não tivesse ainda terminado com ele. Da próxima vez, pensou, faria uns arranjos por conta própria. Dois podiam jogar o jogo que ela estava

jogando.

Tornou a apanhar o programa, tomou outra xícara de café e foi até a janela. Ainda estava com o programa nas mãos. Ao olhar para a rua em frente, seus olhos baixaram outra vez sobre o programa aberto e ele cantarolou para si mesmo, quase inconscientemente. Tinha um bom ouvido para música e podia cantarolar as notas rabiscadas com facilidade. Elas lhe soaram vagamente familiares. Aumentou um pouquinho a voz. O que era mesmo? Tum, tum, tum, tum, ti-tum. Tum. Tum. Sim, definitivamente familiares...

Pôs-se a abrir a correspondência.

Não havia nada de interessante. Dois convites, um da Embaixada Americana, outro de Lady Athelhampton, um espetáculo de caridade a que a Rainha compareceria e onde se sugeria que o preço de cinco guinéus não devia ser considerado exorbitante por uma cadeira. Empurrou-os para um lado. Duvidava muito que fosse aceitar qualquer um dos dois. Resolveu que em vez de ficar em Londres, não adiaría mais a visita que prometera a Tia Matilda. Gostava muito da Tia Matilda, apesar de não visitá-la com freqüência. Ela vivia em uma vivenda reconstruída, herdada de seu avô, que consistia de uma série de peças em uma das alas de um imenso solar georgiano no campo. Compunha-se de uma linda sala de estar, uma sala de jantar oval, uma

cozinha nova feita onde era a casa dos empregados, dois quartos de hóspedes, um enorme quarto de dormir para ela, com um banheiro ao lado, e mais aposentos adequados para uma dama de companhia que compartilhava da sua vida diária. Os remanescentes de fiéis empregados domésticos estavam bem alojados e bem providos. O resto da casa permanecia envolta num lençol de poeira passando por limpezas periódicas. Stafford Nye gostava do lugar, tendo passado ali as suas férias quando menino. Naquela época era uma casa muito alegre. Seu tio mais velho morava lá com a esposa e os dois filhos. Sim, era muito agradável naquela época. Havia bastante dinheiro e uma equipe de empregados para cuidar de tudo. Não reparava especialmente naqueles dias nos quadros e nos retratos. Eram ¹ enormes exemplos de arte vitoriana ocupando os lugares de honra — superlotando as paredes, junto com mestres de épocas antigas. Sim, havia quadros excelentes lá. Um Raeburn, dois Lawrences, um Gainsborough, um Lely, dois Vandykes meio duvidosos. Um par de Turners, também. Alguns deles tiveram de ser vendidos para assegurar a manutenção financeira da família. Ainda hoje, gostava de ir lá para passear e estudar os antigos retratos da família.

Sua "Fia Matilda era uma grande tagarela mas sempre apreciava as suas visitas. Ele gostava dela de

uma forma variável, mas agora neste instante não sabia dizer por que tivera vontade de visitá-la. Que lhe trouxera à cabeça os retratos da família? Teria sido porque existia lá um retrato de sua irmã Pamela, feito por um dos artistas mais em voga uns vinte anos atrás? Gostaria de ver aquele retrato de Pamela e olhá-lo mais atentamente. Ver até aonde ia a semelhança entre a estranha que lhe complicava a vida de maneira ultrajante e sua irmã.

Apanhou novamente o programa do Festival Hall com certa irritação e recomeçou a cantarolar as notas rabiscadas. Tum, tum, ti-tum... Então compreendeu e descobriu o que era! O tema de Siegfried! A trompa de caça de Siegfried. O tema musical do jovem Siegfried. Fora isto que a mulher dissera a noite passada. Aparentemente não fora dirigido a ele, nem a ninguém. Mas tinha sido uma mensagem, uma mensagem que não significava nada para quem estivesse lá, pois parecia referir-se à música que acabara de ser executada. E o tema fora escrito no programa em notas musicais. O Jovem Siegfried. Devia significar qualquer coisa. Bem, talvez aparecessem novos esclarecimentos. O Jovem Siegfried. Que diabos isto *queria dizer*? Por que e como e quando e o quê? Ridículo! Todas essas perguntas!

Ligou o telefone e chamou Tia Matilda.

— Mas, é claro, Staffy querido, vai ser ótimo ter

você aqui. Pegue o trem das quatro e meia. Este ainda anda, sabe, mas só chega aqui com uma hora e meia de atraso. E saí de Paddington mais tarde — às cinco e quinze. E isto que eles arranjam melhorando as ferrovias, creio eu. Pára num monte de estaçõezinhas absurdas pelo caminho. Muito bem. Horace irá buscá-lo em King's Marston.

— Ele ainda está aí?

— É claro que está.

— Imagine! — disse Sir Stafford Nye. Horace já fora palafrenero, depois cocheiro, sobrevivera como motorista e, aparentemente, continuava a sobreviver.

— Ele deve ter no mínimo uns oitenta anos — disse Sir Stafford. E sorriu consigo mesmo.

Capítulo 6

O retrato de uma senhora

— Você está muito bem, assim bronzeado, querido
— disse Tia Matilda, examinando-o cuidadosamente.
— Deve ser a Malaia, imagino. *Foi* na Malaia que você esteve, não foi? Ou foi no Sião ou na Tailândia? Eles trocam o nome destes lugares todos e realmente fica muito difícil saber. De qualquer jeito, não foi no Vietnam, foi?' Você sabe, *eu não gosto nada* desta palavra: Vietnam. Faz muita confusão. Vietnam do Norte e Vietnam do Sul e Viet-Cong e Viet- qualquer coisa e todos querendo brigar com os outros sem que ninguém queira parar. Eles não são capazes de ir a Paris ou a qualquer outro lugar para se sentarem em volta de uma mesa e conversarem sensatamente. Você não acha que na verdade mesmo, meu caro... eu venho pensando nisto e acho que seria uma solução formidável... devia-se fazer uma porção de campos de futebol e eles iriam todos lá para disputarem entre si, sem armas mortíferas? Nada desse *napalm* horroroso que pega fogo. Você sabe como é. Só se acertarem e se socarem. Eles iam divertir-se e ainda se podia cobrar entradas para as pessoas que quisessem ver, Penso que na realidade nós não damos às pessoas o que elas querem realmente...

— Acho sua idéia ótima, Tia Matilda — disse Sir Stafford Nye, ao dar um beijo num rosto rosado muito enrugadinho e agradavelmente perfumado. — Como é que a senhora tem passado?

— Bem... eu estou velha — disse Lady Matilda Cleckheaton.

— Sim, estou velha. É claro que você ainda não sabe o que é ser velho. Se não é uma coisa, é outra. Reumatismo ou artrite ou um bocadinho de asma ou uma dor de garganta ou um tornozelo torcido. Sempre *alguma* coisa, sabe? Nada de muito importante. Mas sempre ali... Por que foi que você me veio ver, meu querido? Sir Stafford foi colhido de surpresa pela franqueza da pergunta.

— Geralmente venho vê-la sempre que volto de uma viagem ao exterior.

— Você precisa sentar-se numa cadeira mais próxima — disse Tia Matilda. — Estou um pouquinho mais surda desde que você me viu pela última vez. Você me parece diferente... Por que é que você está diferente?

— Porque estou mais queimado. A senhora mesmo já disse.

— Tolice, não foi isto que eu quis dizer. Não vá dizer-me que é uma moça finalmente?

— Uma moça?

— Bem, sempre senti que isto deveria acontecer um

dia. O seu problema é que você tem senso de humor de mais.

— Vamos, por que é que a senhora pensa assim?

— Bem, porque é o que todos pensam sobre você. Oh, sim, pensam mesmo! O seu senso de humor está atrapalhando a sua carreira também. Você sabe que faz parte desta gente. Diplomatas e políticos. O que eles chamam de políticos jovens e de políticos velhos e de políticos de meia-idade. E todos esses partidos diferentes. No duro mesmo, acho que eles criaram partidos demais. Primeiro esse Partido horrível, estes trabalhistas horrorosos — ela levantou o nariz conservador para o ar. — Imagine que, quando eu era menina, não existia esta coisa chamada *Partido Trabalhista*. Ninguém saberia o que eles queriam dizer com isto. Teriam dito "tolice"... Pena que não seja uma tolice mesmo. E depois os Liberais, é claro, mas esses estão completamente por fora. E há os Tories ou os Conservadores, como eles se chamam agora novamente.

— E o que há de errado com eles? — perguntou Stafford Nye, sorrindo ligeiramente.

— Mulheres demais fazendo carreira. Termina estragando a festa, não é?

— Bem, hoje em dia os partidos políticos não andam muito atrás de festa.

— Mesmo assim — disse Tia Matilda. — E então, é

lógico, é aí que você está errado. Você quer alegrar as coisas. Quer ter um pouquinho de diversão e então faz alguma brincadeira e as pessoas não gostam. Eles dizem: "*Ce n'est pas un garçon serieux...*" como aquele homem da pescaria.

** N. do T.: Não é um rapaz sério...*

Sir Stafford Nye riu. Seus olhos deram uma volta pela sala.

— O que é que você está olhando? — perguntou Tia Matilda.

— Os seus quadros.

— Você não quer que eu os venda, não é? Parece que todos andam vendendo seus quadros hoje em dia. Você se lembra do velho Lord Grampion? Vendeu os Turners e vendeu também alguns dos retratos dos antepassados. E Geoffrey Gouldman? Todos aqueles cavalos maravilhosos. Eram de Stubbs, não eram? Parecidos pelo menos. Realmente, os preços que se conseguem! Mas eu não quero vender meus quadros. Eu gosto deles. A maior parte dos que estão nesta sala têm um interesse real para mim porque são nossos antepassados. Sei que hoje em dia ninguém mais quer saber de antepassados, mas sou fora de moda. Gosto deles. Dos meus antepassados, quero dizer. Para qual você está olhando? Pamela?

— Sim. Eu estive pensando nela outro dia.

— Impressionante como vocês são parecidos. Isto é, não é como se vocês fossem irmãos gêmeos, apesar de dizerem que gêmeos de sexos diferentes mesmo sendo gêmeos não podem ser idênticos, não é? Você sabe o que quero dizer.

— Então Shakespeare deve ter-se enganado sobre Viola e Sebastião.

— Bem, irmãos e irmãs comuns podem ser parecidos, não podem? Você e Pamela sempre foram iguais — para se olhar, eu digo.

— Mas não de outra maneira? A senhora não acha que nós fôssemos iguais em caráter?

— Não, nem um pingo. E esta é a parte engraçada. Mas é lógico que você e Pamela tenham o rosto da família. Não dos Nye. Eu quis dizer o rosto dos Baldwen-White.

Sir Stafford Nye nunca conseguira competir com sua tia-avó quando a conversa partia para questões genealógicas.

— Sempre achei que você e Pamela tinham puxado a Alexa — continuou ela.

— Quem era Alexa?

— Sua ta-ta-ta- e muitos outros tas... tataravó. Uma condessa húngara ou uma baronesa, eu nem sei bem. Seu ta-ta-ta-taravô se apaixonou por ela quando estava na embaixada em Viena. Sim, uma húngara. Era o que ela era. Muito esportiva. Eles são muito esportivos, os

húngaros. Ela saía em caçadas, montava magnificamente.

— Há o retrato dela na galeria?

— Está no primeiro andar. Logo depois da escadaria, um pouco à direita.

— Irei dar uma olhada nela quando for dormir.

— Por que você não vai vê-la agora para depois falarmos sobre ela?

— Se a senhora quiser irei vê-la agora — sorriu para ela. Saiu da sala e subiu a escadaria. Sim, ela era muito viva. A velha Matilda. Era este o rosto. Era este o rosto que ele vira e se lembrava. Não se lembrava pela semelhança consigo mesmo, nem pela semelhança com Pamela, mas por uma semelhança ainda mais forte com este retrato. Uma moça bonita trazida para casa pelo embaixador seu ta-ta-ta-tataravô, se é que já havia bastantes tás... Tia Matilda nunca se satisfazia apenas com alguns tás.

— Ela devia ter uns vinte anos. Viera para cá e era muito alegre, montava magnificamente, dançava divinamente e os homens se apaixonavam por ela. Mas ela fora fiel, pelo menos é o que todos diziam, ao seu ta-ta-ta-tataravô, um mui digno e sério membro do Serviço Diplomático. Acompanhara-o em embaixadas estrangeiras e voltara sempre de iá. Tiveram filhos — três ou quatro, parecia. Através de uma destas crianças, a herança de seu rosto, de seu nariz, da curva

de seu pescoço, passara para ele e para sua irmã Pamela. Pôs-se a imaginar se aquela jovem que dopara sua cerveja e forçara-o a emprestar a capa, apresentando-se como em perigo de morte, a menos que ele fizesse o que ela estava pedindo, não seria possivelmente uma prima distante em quinto ou sexto grau, uma descendente daquela mulher cujo retrato na parede ele estava ali olhando. Bem que podia ser. Talvez elas fossem da mesma nacionalidade. Como se sentara empertigada na ópera. como era puro o seu perfil, o nariz fino, levemente arqueado e aquilino. Seus rostos se pareciam extraordinariamente. E como a mesma atmosfera girava em torno delas.

— Achou-a'? — perguntou Lady Matilda, quando seu sobrinho voltou para a sala de visitas branca onde ela geralmente ficava. — Um rosto interessante, não é?

— Sim, e muito bonito também.

— É muito melhor ser interessante do que ser bonito. Mas você não esteve na Hungria, nem na Áustria, esteve? Não iria encontrar alguém parecido com ela na Malaia. Ela não estaria sentada a uma mesa tomando notas ou corrigindo discursos ou coisas desse gênero. Era uma criatura selvagem, por convicção. Tinha maneiras adoráveis e era educada. Mas era selvagem. Selvagem como um pássaro em liberdade. Desconhecia o perigo.

— Como a senhora sabe tanta coisa sobre ela?

— Oh, concordo que eu não fui contemporânea dela, só nasci muitos anos depois de sua morte. Mesmo assim, sempre me interessei muito por ela. Era ousada, sabe? Muito ousada. Muitas histórias estranhas se contavam sobre ela, coisas em que se envolvia.

— E como é que meu ta-ta-ta-tataravô reagia a isto?

— Creio que ele se preocupava demais — disse Lady Matilda. — Contudo, dizem que ele a adorava. Por falar nisto, Staffy, você alguma vez leu *O Prisioneiro de Zenda*?

— *O Prisioneiro de Zenda*?... Parece-me conhecido.

— Claro que é conhecido; é um livro.

— Sim, sim, eu sei que é um livro.

— Você não deve conhecer, eu acho. Não é de seu tempo. Mas quando eu era menina... era o primeiro toque de romance que nós conhecíamos. Não existiam cantores *pop* nem os Beatles. Só novelas românticas. Não podíamos ler novelas na parte da manhã quando éramos meninas. Só podíamos ler na parte da tarde.

— Que regras extraordinárias — disse Sir Stafford.

— Por que era errado ler novelas pela manhã e não à tarde?

— Bem, pelas manhãs, você sabe, as moças deviam estar fazendo alguma coisa útil. Sabe como é, arrumando as flores ou limpando as molduras de prata dos retratos. Todas essas coisas que as moças

deviam fazer. Estudando um pouquinho com a governanta... essas coisas todas. De tarde podíamos sentar-nos e ler livros de histórias e *O Prisioneiro de Zenda* era geralmente o primeiro que nos caía nas mãos.

— Uma história muito bonita, muito respeitável, não? Parece que me lembro de algo assim. Talvez eu o tenha lido. Muito inocente, imagino. Não era muito *sexy*?

— É claro que não. Não tínhamos livros *sexy*. Tínhamos romances. *O Prisioneiro de Zenda* era muito romântico. Todas se apaixonavam geralmente pelo herói, Rudolf Rassendyll.

— Parece que me lembro deste nome também. Um pouquinho floreado, não era?

— Bem, até hoje acho o nome muito romântico. Eu devia ter uns doze anos, acho. Fez-me lembrar você, sabe? Quando subiu a escada para olhar o retrato. Princesa Flávia — acrescentou ela.

Stafford Nye estava sorrindo para ela.

— A senhora está-me parecendo muito jovem e rosada e muito sentimental — disse ele.

— Bem, é assim que eu me sinto. As moças não têm mais este sentimento hoje em dia. Elas desmaiam por amor ou perdem os sentidos quando alguém toca um violão elétrico ou canta numa voz estridente, mas não são mais sentimentais. Mas eu não estava apaixonada

por Rudolf Rassendyll. Estava apaixonada pelo outro... o seu sósia.

— Ele tinha um sósia?

— Oh, sim, um rei. O Rei da Ruritânia.

— Ah, é claro, agora me lembro. E por isto que a palavra Ruritânia me lembra alguma coisa: está sempre sendo usada. Sim, creio que li esse livro. Rudolf Rassendyll, sósia do rei, apaixonou-se pela Princesa Flávia, com a qual o Rei estava oficialmente noivo.

Lady Matilda deu mais alguns suspiros profundos.

— Sim, Rudolf Rassendyll herdara os cabelos ruivos de seus antepassados e numa parte do livro ele faz uma reverência para um retrato e diz alguma coisa sobre... não me lembro bem do nome agora... a Condessa Amélia ou qualquer coisa assim, de quem ele herdara a semelhança e tudo o mais. Então, olhei para você e me lembrei de Rudolf Rassendyll na hora em que você foi olhar para o retrato de alguém que tinha sido sua antepassada para ver se ela lhe lembrava alguém que você conhece. Quer dizer que você está de romance com alguém, não está?

— Por que razão a senhora pensa assim?

— Bem, há diferentes padrões na vida. Reconhecemos os padrões na medida em que eles se apresentam. É como um livro de tricô. Deve haver uns sessenta e cinco tipos diferentes de pontos de fantasia.

Bem, você reconhece um ponto particular quando o vê. O seu ponto no momento, eu diria, é a aventura romântica — ela suspirou. — Mas você não me vai contar nada, imagino.

— Não há nada a contar — disse Sir Stafford.

— Você sempre foi um mentiroso de marca maior. Bem, não tem importância. Traga-a aqui para me ver qualquer dia desses. É só do que eu gostaria, antes que os médicos consigam matar-me com algum tipo novo de antibiótico que tenham acabado de descobrir. As cores das pílulas que tomei desta vez! Você nem acreditaria!

— Nem sei por que a senhora diz "ela" e "dela"...

— Não sabe? Oh, bem, reconheço uma "ela" quando chego perto de uma. Tem alguma "ela" trapaceando com a sua vida. O que me intriga é onde você a encontrou. Na Malaia, na mesa de conferências? Filha de embaixador ou filha de ministro? Secretária bonita na piscina da embaixada? Não, nenhuma se enquadra... No navio durante a volta? Não, não se usam mais navios hoje em dia. Avião, talvez.

— A senhora está ficando quente — disse Stafford sem conseguir evitar o comentário.

— Ah! — ela se empolgou. — Aeromoça? Ele abanou a cabeça.

— Muito bem. Guarde o seu segredo. Eu descubro, não se incomode. Sempre tive bom faro para as coisas

que acontecem em torno de você. E também para outras coisas. É claro que ando por fora de tudo hoje em dia, mas eu me encontro de tempos em tempos com meus velhos camaradas e é muito fácil, você sabe, conseguir uma ou outra indicação. As pessoas andam preocupadas... elas andam preocupadas.

— A senhora quer dizer que há um descontentamento geral... uma preocupação?

— Não, eu não quis dizer isto. Eu quero dizer que os figurões estão preocupados. Nossos horríveis governos estão inquietos. O queridíssimo e sonolento Ministério do Exterior está inquieto. Estão acontecendo coisas, coisas que não deviam acontecer. Tumultos.

— Tumultos estudantis?

— Oh, tumultos estudantis são- apenas uma das flores desta árvore. E ela está florescendo por todos os lados e em todos os países, pelo menos é o que parece. Tenho uma moça muito simpática que vem aqui e lê os jornais para mim todas as manhãs. Não posso mais ler bem. Ela tem uma voz muito agradável. Escreve as cartas que eu dito e é uma moça muito gentil. Lê as coisas que me interessam e não as coisas que ela pensa que me interessam. Sim, todos estão inquietos, e até onde eu entendo, acredite, esta informação vem mais ou menos de um amigo meu.

— Um de seus velhos camaradas militares?

— Ele é major-general, se é isto que você quis dizer, está na reserva há muitos anos mas continua por dentro das notícias. A juventude é o que você pode chamar de o estopim de tudo. Mas não é isto que está inquietando a todos. Eles — sejam *eles* quem forem — trabalham através da juventude. Da juventude de todos os países. A juventude impetuosa. A juventude que canta seus lemas, lemas que parecem emocionantes mas que geralmente ela não sabe o que querem dizer. E tão fácil começar uma revolução. E isso é natural para a juventude. Todos os jovens sempre se rebelam. Você se rebela, você quer depor o governo, você quer que o mundo seja diferente do que é hoje. Mas você está cego também. Há uma venda sobre os olhos dos jovens. Eles não podem ver aonde estão sendo levados. Que vai acontecer depois? Que está em frente deles? E quem está por detrás, instigando-os? É isto que é realmente assustador. Você sabe que alguém está na frente levando o capim fresco para fazer o burrinho avançar e ao mesmo tempo está por detrás fustigando-o com um chicote.

— A senhora tem idéias tão estranhas!

— Não são apenas idéias fantasiosas, meu caro rapaz. Era isto o que as pessoas diziam sobre Hitler. Hitler e a juventude de Hitler. Mas foi uma preparação longa e cuidadosa. Foi uma guerra planejada em todos os detalhes. Era a quinta coluna sendo implantada em

países diferentes, preparando-os para os super-homens. Os super-homens eram a nata da nação germânica. Era isso que eles pensavam e nisso acreditavam apaixonadamente. Talvez haja alguém acreditando em algo parecido, agora. É como uma doutrina que eles procuram aceitar... se lhes for oferecida de maneira inteligente.

— De quem a senhora está falando? Dos chineses ou dos russos? Que quer dizer com isso'?

— Não sei. Não tenho a menor idéia... mas há alguém em algum lugar, que se está valendo da mesma cartilha. São os exemplos outra vez. Exemplos! Os russos? Atolados no comunismo, creio que atualmente eles já estejam fora de moda. Os chineses'? Acho que esses perderam o caminho. Talvez por pensarem demais no Camarada Mao. Não sei quem são as pessoas que estão planejando essas coisas. Como já disse antes, o problema é o porque e onde e quando e *quem*.

— Muito interessante.

— E tão assustador. Esta mesma idéia sempre reaparece. A história se repetindo. O jovem herói, o super-homem louro que todos devem seguir — ela fez uma pausa e depois disse: — A mesma idéia, sabe? O jovem Siegfried.

Capítulo 7

Um aviso da Tia-Avó Matilda

Tia Matilda olhou para ele. Ela possuía um olhar agudo e avaliador. Stafford Nye já percebera isto antes. Percebeu novamente naquele momento.

— Então você já ouviu isto antes — disse ela. — Estou vendo.

— Que quer dizer?

— Você não sabe? — ela ergueu as sobrancelhas.

— Juro por Deus que não sei de nada — disse Stafford como se fosse uma criança.

— Sim, você geralmente falava assim, não era? — disse Lady Matilda. — Você está falando mesmo com toda franqueza?

— Não sei mesmo de nada.

— Mas já ouviu isso antes?

— Sim. Alguém me falou nisso.

— Alguém importante?

— Pode ser que seja. Eu suponho que seja importante. O que a senhora quer dizer com "alguém importante"?

— Bem, você anda metido ultimamente em várias missões oficiais, não anda? Tem representado este pobre e infeliz país da melhor maneira possível, o que imagino que não seja pior do que a maioria dos outros

poderia fazer, sentado em torno de uma mesa e discutindo. Não sei se isto dá algum resultado.

— Provavelmente nenhum — disse Stafford Nye. — Depois, a gente não tem muito otimismo quando vai para essas reuniões.

— Cada um dá o melhor que tem — corrigiu Lady Matilda.

— Um princípio muito cristão. Hoje em dia, se alguém dá o pior de si, às vezes consegue coisas bem melhores. Que quer dizer com tudo isso Tia Matilda?

— Não creio que *eu* mesma saiba — disse a tia.

— Bem, muitas vezes a senhora sabe de muitas coisas.

— Não exatamente. Eu apenas apanho informações aqui e ali.

— Sim?

— Ainda tenho alguns velhos amigos, você sabe. Amigos que sabem de coisas, que estão por dentro. E claro que a maior parte deles está praticamente surda como uma porta ou meio cega ou um pouquinho ruins da bola ou não são mais capazes de andar sozinhos. Mas ainda há alguma coisa que funciona. Alguma coisa, eu diria, aqui em cima — deu um tapinha no alto da cabeça branca e bem penteada. — Há um bocado de alarme e de desânimo por aí. Mais do que o comum. Esta é uma das informações que apanhei no ar.

— Não há sempre esse desânimo?

— Sim, sim, mas há um pouco mais do que o normal. Um desânimo ativo em vez de passivo, eu diria. Há muito tempo, e eu venho percebendo do lado de fora, e você, do lado de dentro, sentimos que está tudo meio confuso. Uma confusão muito grande. Mas agora chegamos a um ponto onde sentimos que algo precisa ser feito para sanar a confusão. Há nela um elemento de perigo. Há algo no ar... algo que está sendo fomentado. E não apenas neste país. Numa porção de países. Recrutaram um exército a seu serviço e o perigo é que esse exército só é servido por jovens. E é o tipo de gente que irá a qualquer lugar, fará qualquer coisa, infelizmente acreditará em tudo, desde que lhes prometam uma certa dose de deposições de governos, de estragos e de areia nas engrenagens, que eles pensem que a causa deve ser boa e que o mundo será diferente. Não têm imaginação, é este o problema... são apenas destrutivos. A juventude criativa escreve poemas, escreve livros, provavelmente compõe música, pinta quadros como sempre fez. Esses estão bem... Mas uma vez que as pessoas aprendem a amar a destruição por si mesma, então a liderança maligna tem a sua oportunidade.

— A senhora diz "eles" e "deles". Que quer dizer com isto?

— Gostaria de saber — disse Lady Matilda. — Sim, gostaria de saber. Muito mesmo. Se eu ouvir algo de útil, eu lhe contarei. Talvez então você possa fazer algo.

— Infelizmente, *eu* não tenho ninguém para contar, ninguém para passar adiante.

— Sim, não se pode confiar em ninguém. Não se pode contar para qualquer pessoa. Não passe adiante para esses idiotas do Governo ou que têm conexões com o Governo ou que esperam participar do Governo quando esses que estão lá por cima se forem. Os políticos não têm tempo de olhar para o mundo em que vivem. Olham apenas para a região em que vivem e a vêem como uma vasta plataforma eleitoral. Eles se contentam com isso por enquanto. Fazem coisas que honestamente acreditam que tornarão a vida melhor mas se surpreendem quando essas coisas não agradam, porque não eram as coisas que o povo queria que fizessem. E não se pode deixar de chegar à conclusão de que os políticos pensam que têm o divino poder de contar mentiras, desde que seja por uma boa causa. Não faz tanto tempo assim que o Sr. Baldwin fez o seu famoso comentário: — "Se eu tivesse dito a verdade, teria perdido a eleição". Os Primeiros-Ministros também sentem isso. De vez em quando nós temos um grande homem, graças a Deus. Mas é raro.

— Bem, que sugere a senhora que eu faça?

— Você está pedindo a minha opinião? A minha? Você sabe quantos anos eu tenho?

— Está chegando perto dos noventa — sugeriu seu sobrinho.

— Não sou tão velha assim — disse Lady Matilda, ligeiramente ofendida. — Pareço tanto assim, meu rapaz?

— Não, minha querida. A senhora parece ter sessenta e seis, no máximo.

— Assim está melhor — disse Lady Matilda. — Não é a verdade. Mas é muito melhor. Se eu conseguir uma informação qualquer de meus queridos almirantes, ou de um velho general, ou mesmo de um marechal do ar... eles ouvem muita coisa, você sabe... eles também têm companheiros lá dentro e quando esses velhos rapazes se juntam falam muito. E assim as coisas se espalham. Sempre foram fofoqueiros e continuarão sendo, não importa a idade que tenham. O jovem Siegfried. Só precisamos de uma pista para saber o que isto quer dizer... Não sei se é uma pessoa ou uma palavra de senha ou o nome de um clube ou de um novo Messias ou de um cantor pop. Mas esta expressão encobre algo. E há também o tema musical. Eu quase já me esqueci de meus dias wagnerianos — e, com sua voz envelhecida, ela grasnou uma melodia parcialmente reconhecível. — A trompa de caça de Siegfried não é? Arranje uma flauta, você pode? Uma

flauta mesmo. Não um daqueles discos redondos que você põe num gramofone... quero dizer, aquelas flautas com que as crianças brincam na escola. Elas aprendem na aula. Fui a uma palestra outro dia. Nosso vigário explicou tudo. Muito interessante. Você sabe, a reconstituição da história da flauta e dos tipos de flautas que havia desde os tempos da Rainha Elizabeth I. Umas grandes, outras pequenas, todos os sons e notas diferentes. Muito interessante. Formidável ouvi-las nas duas direções. Algumas produzem ruídos adoráveis. E a história. Sim. Bem, que é que eu estava dizendo mesmo?

— A senhora me disse para arranjar um desses instrumentos, se não me engano.

— Sim, arranje uma flauta e aprenda a tocar o chamado da trompa de caça de Siegfried. Você é musical, sempre foi. Espero que possa fazer isso, não é?

— Bom, parece um papel muito pequeno a desempenhar na salvação do mundo, mas acho que poderei fazê-lo.

— E esteja com a coisa preparada. Porque, sabe — ela bateu na mesa com sua caixa de óculos — você poderia precisar para impressionar certas pessoas em determinada ocasião. Seria útil. Elas o receberiam de braços abertos e você pode então aprender alguma coisa.

— A senhora certamente tem muitas idéias — disse Sir Stafford com admiração.

— Que mais eu posso ter na minha idade? — disse sua tia-avó. — Você não pode mais sair por aí. Não pode encontrar-se com as pessoas, não pode mais cuidar do jardim. A única coisa que você *pode* fazer é sentar numa cadeira e ter idéias. Lembre-se disto quando tiver mais quarenta anos de idade.

— Uma das observações que fez me interessou.

— Só uma? — disse Lady Matilda. — É muito pouca coisa considerando-se que eu falei durante tanto tempo. O que foi?

— A senhora sugeriu que eu poderia ser capaz de impressionar as pessoas erradas com a minha flauta... foi isto mesmo que quis dizer?

— Bem, é uma. solução, não é? As pessoas certas não nos incomodam. Mas as pessoas erradas... bem, precisamos descobrir certas coisas, não é? Você precisa repassar os fatos. Assim como faz um cupim — disse ela pensativa.

— Então é necessário que eu faça rumores significativos à noite?

— Bem, de uma certa forma, sim. Tivemos cupins aqui uma vez na ala esquerda da casa. Custou muito caro exterminá-los. Eu diria que deve ser igualmente caro endireitar o mundo.

— De fato, deve ser ainda mais caro — disse

Stafford Nye.

— Não tem importância — disse Lady Matilda. — As pessoas nunca ligam em gastar uma grande quantidade de dinheiro. Impressiona-os. É quando se quer que as coisas sejam feitas com economia, você sabe. Nesta terra, eu digo. Somos as mesmas pessoas que éramos.

— Que quer dizer com isso?

— Somos capazes de grandes realizações. Fomos formidáveis para formar um império mas não fomos capazes de conservar este império. Mas agora, é verdade que não precisamos mais dele. E reconhecemos isto. Tornou-se difícil demais conservá-lo. Robbie me fez compreender isto — acrescentou ela.

— Robbie? — pareceu-lhe ligeiramente familiar.

— Robbie Shoreham. Robert Shoreham. É um velho amigo meu. Está parálítico do lado esquerdo. Mas ainda pode falar e tem um aparelho auditivo razoavelmente eficaz.

— Além de ser um dos maiores físicos do mundo — disse Sir Stafford. — Então ele é um de seus velhos camaradas?

— Conheço-o desde menino — disse Lady Matilda.

— Suponho que lhe causou surpresa o fato de nós sermos amigos, de termos muito em comum e de batermos longos papos juntos?

— Bem, eu não imaginaria nunca...

— Que tivéssemos assunto para conversas? É verdade quê não entendo nada de matemática. Felizmente, quando eu era menina, uma moça nem tentava estas coisas. A matemática chegou naturalmente para Robbie quando ele tinha uns quatro anos de idade, eu creio. Hoje em dia dizem que isto é muito natural. Ele tem muito de que falar. Sempre gostou de mim porque eu era frívola e o fazia rir. E sou uma boa ouvinte também. E realmente, ele diz coisas muito interessantes às vezes.

— Acredito — disse Stafford Nye, secamente.

— Vamos, não seja superior. Molière casou-se com sua governante, não foi?... — e fez disto um sucesso... se é que foi Molière, eu quero dizer. Se um homem é freneticamente inteligente, ele não vai querer uma mulher que seja também freneticamente inteligente para conversar. Seria muito exaustivo. Vai preferir uma encantadora tolinha que possa fazê-lo rir. Eu não era feia quando moça — disse Lady Matilda, vaidosamente. — Sei que não tenho nenhuma distinção acadêmica, nem sou nada intelectual. Mas Robert sempre disse que eu tinha um bocado de senso comum e de inteligência.

— A senhora é uma criatura adorável — disse Sir Stafford Nye. — Gosto muito de vir aqui e sempre vou levando na lembrança todas as coisas que me conta. Mas há muitas coisas que poderia dizer-me mas que

obviamente não quer contar.

— Só quando a hora certa chegar — disse Lady Matilda; — mas eu sempre me interessei muito por você. De tempos em tempos, diga-me o que anda fazendo. Na semana que vem você vai jantar na Embaixada Americana, não vai?

— Como é que a senhora sabe? Eu fui convidado.

— E deve ter aceito o convite, eu creio.

— Bem, é uma questão de obrigação — ele olhou para ela com curiosidade. — Como é que a senhora consegue ser tão bem informada?

— Oh, Milly me falou.

— Milly?

— Milly Jean Cortman. A mulher do Embaixador americano. Uma criatura muito atraente. Miudinha mas muito bonita.

— Oh, a senhora quer dizer Mildred Cortman.

— Ela foi batizada como Mildred mas prefere ser chamada de Milly Jean. Estive conversando com ela pelo telefone sobre uma festa de caridade... Ela é o que eu chamaria de uma Vênus de Bolso.

— Um termo muito expressivo — disse Stafford Nye.

Capítulo 8

Um jantar na Embaixada

Quando a Sra. Cortman veio recebê-lo com a mão estendida, Stafford Nye lembrou-se do termo usado por sua tia-avó. Milly Jean Cortman era uma mulher entre os trinta e cinco e os quarenta anos. Tinha feições delicadas, grandes olhos azuis acinzentados, uma cabeça perfeita com os cabelos tingidos de azul-cinzentos, num tom particularmente atraente e que lhe ficava muito bem, graças ao penteado perfeito. Era muito popular em Londres. Seu marido, Sam Cortman, um homem forte e pesado, ligeiramente enfadonho, sentia-se muito orgulhoso de sua esposa. Ele próprio era desses falantes lentos e enfáticos. Muitas pessoas com quem conversava achavam difícil prestar atenção a certos pontos que explicava e que não tinham o menor interesse.

— De volta da Malaia, Sir Stafford? Deve ter sido muito interessante ir lá, se bem que eu não teria escolhido esta época do ano. Mas garanto-lhe que estamos todos muito satisfeitos com sua volta. Deixe-me ver... o senhor conhece Lady Aldborough e Sir John, e Herr von Roken, Frau von Roken. O Sr. e a Sra. Staggenham.

Eram todos mais ou menos conhecidos de Stafford Nye. Havia um holandês e sua esposa, que ele não conhecia ainda, pois acabavam de apresentar suas credenciais. Os Staggenhams eram o Ministro da Segurança Social e esposa. Um casal particularmente sem sal, ele sempre pensara.

— E a Condessa Renata Zerkowski. Creio que ela me disse que já o conhecia.

— Deve ter sido há um ano atrás. Creio que foi a última vez que estive em Londres — disse a Condessa.

Ei-la outra vez! A passageira de Frankfurt novamente. Controlada, tranqüila, lindamente vestida num tom cinza azulado, com um toque de chinchila. Os cabelos presos para cima (uma peruca?) e uma cruz de rubi de desenho antigo em torno do pescoço.

— Signor Gasparo, Conde Reitner, o Sr. e a Sra. Arbuthnot. Cerca de vinte e seis pessoas ao todo. Durante o jantar,

Stafford Nye sentou-se entre a horrível Sra. Staggenham e a Sra. Gasparo. Renata Zerkowski exatamente à sua frente.

Um jantar na Embaixada. Um jantar como tantos outros a que ele comparecera, trazendo sempre o mesmo tipo de convidados. Vários membros do Corpo Diplomático, novos ministros, um ou dois industriais, um punhado de gente da sociedade, geralmente incluído por ter uma conversa agradável e que,

naturalmente, eram pessoas interessantes de se conhecer. Desta vez, pensou Stafford Nye, um ou dois talvez fossem diferentes. Mesmo enquanto estava ocupado em manter uma conversa com a Signora Gasparo, uma pessoa encantadora para se conversar, uma tagarela, ligeiramente namoradeira, seus pensamentos giravam da mesma forma que seus olhos em torno da mesa, mas estes últimos quase não se percebiam. Ao girar em torno da mesa de jantar, ninguém diria que ele estava chegando a conclusões próprias. Fora convidado ali. Por quê? Por uma razão qualquer ou por nenhuma razão em particular. Talvez porque seu nome tenha vindo automaticamente à tona na lista que os secretários apresentam de tempos em tempos conferindo aqueles que precisam ser convidados por seu turno. Ou como um homem extra ou uma mulher extra requisitados para o bom equilíbrio da mesa. Ele sempre era chamado quando um extra era necessário.

— Oh, sim — diria uma anfitriã do Corpo Diplomático, — Stafford Nye estará ótimo. Você o colocará perto de Madame Fulana ou de Lady Sicrana.

Talvez ele tivesse sido convidado apenas por uma razão assim. E, no entanto, ficou cismado. Sabia por experiência que devia haver outro motivo. E assim seus olhos, com sua rápida amabilidade social, o seu ar de não estar olhando para nada em particular,

estavam ocupados.

Entre esses convidados havia alguém que, por qualquer razão, era importante. Alguém que fora convidado — não para completar a lista — pelo contrário, alguém que tivera a lista de convidados especialmente preparada para encaixar-se em torno dele — ou dela... Alguém muito importante. Ficou imaginando... imaginando quem poderia ser.

Cortman devia saber, é claro. Milly Jean, talvez. Nunca se sabe... essas esposas. Algumas eram melhores diplomatas do que seus maridos. Algumas podiam ser julgadas por seu charme, sua adaptabilidade, sua presteza em agradar, sua falta de curiosidade. Outras ainda, pensou ele pesaroso, no que dizia respeito à profissão do marido eram desastrosas. Anfitriões que apesar de terem trazido dinheiro ou prestígio a um casamento diplomático eram, entretanto, capazes de a qualquer momento dizerem ou fazerem alguma coisa errada, criando uma situação infeliz. Para se evitar isso seria necessário um convidado, ou mesmo dois ou três, desse tipo de convidados chamados de paliativos profissionais.

Será que o jantar desta noite era meramente um acontecimento social? Seu olhar rápido e aguçado dera neste ponto a volta da mesa separando um ou dois convidados que ele ainda não analisara completamente. Um homem de negócios americano.

Agradável, mas não socialmente brilhante. Um professor de uma universidade no centro-oeste. Um casal, o marido alemão, a mulher predominantemente, quase agressivamente americana. Uma mulher muito bonita, também. Sexualmente muito atraente, pensou Sir Stafford. Será que um deles era importante? Iniciais flutuaram na sua cabeça. FBI. CIA. O homem de negócios talvez fosse um homem do CIA que estivesse ali com uma finalidade. As coisas eram assim hoje em dia. Não eram mais como antigamente. Como é que se dizia mesmo? Seu *Irmão Grande* está-lhe vigiando. Bem, ia até mais longe agora. Seu *Primo do Outro Lado do Atlântico* está-lhe vigiando. As *Altas Finanças* para a Europa Central estão-lhe vigiando. Uma dificuldade diplomática fora proposta aqui para que *você* observe-o! Oh, sim. Há uma porção de coisas muitas vezes por trás de tudo que se faz hoje em dia. Mas seria isto apenas uma nova fórmula, apenas uma nova moda? Poderia na verdade significar algo mais do que isso, algo mais vital, algo mais real? Como sealaria dos assuntos europeus no momento? O Mercado Comum. Isso era razoável, tratava do comércio, da economia, das intercomunicações entre países.

Este o cenário preparado. Mas por detrás do cenário... Esperando a deixa... Nos bastidores. Pronto para entrar em ação se isto fosse exigido. Que estava acontecendo? Que estava acontecendo neste mundo

inteiro e por detrás deste mundo? Ele ficou imaginando.

Algumas coisas ele sabia, algumas coisas ele adivinhava, de outras coisas — pensou consigo mesmo — eu não sei nada e ninguém quer que eu saiba de nada.

Seus olhos pararam um instante em sua vizinha da frente, o queixo erguido, a boca levemente curvada num sorriso educado, e se encontraram com os dela. Aqueles olhos não lhe disseram nada, aquele sorriso não lhe disse nada. Que estaria fazendo ali? Ela estava em seu elemento, ajustava-se ali, conhecia aquele mundo. Sim, ela estava como se fosse em casa. Será que ele poderia descobrir, pensou, sem muita dificuldade aonde ela figurava no mundo diplomático? Mas isso lhe diria onde ela realmente tinha o seu lugar?

A moça de calças compridas que falara com ele no Aeroporto de Frankfurt tinha um rosto mais inteligente. Seria aquela a mulher verdadeira ou seria este conhecimento social casual a verdadeira mulher? Uma dessas personagens seria um papel desempenhado? E, se assim fosse, qual deles? Poderia também haver mais de duas personagens. Será que...? Ele queria descobrir.

Ou o fato de ele ter sido convidado fora mera coincidência? Milly Jean estava se levantando. As

outras senhoras levantaram-se com ela. Então, de repente surgiu um barulho inesperado. Um clamor do lado de fora da casa. Gritos. Berros. O ruído de vidros quebrados de uma janela. Gritos. Rumores. Depois, tiros de revólver. A Sra. Gasparo falou, agarrando o braço de Stafford Nye:

— Novamente! — exclamou ela. — *Dio!* Novamente estes estudantes terríveis. É a mesma coisa em nossa terra. Por que eles atacam embaixadas? Lutam, resistem à polícia, marcham, berram coisas estúpidas, deitam-se nas ruas. 67, *si*. Nós temos a mesma coisa em Roma. em Milão... Nós temos a mesma peste em todos os lugares da Europa. Por que eles nunca estão satisfeitos, os jovens? Que é que eles querem?

Stafford Nye tomou o seu conhaque escutando o forte sotaque do Sr. Charles Staggenham que estava pontificando sem se apressar. A agitação diminuía. Ao que parecia, a polícia afastara alguns dos cabeças. Era uma dessas ocorrências que poderia ter sido considerada extraordinária e mesmo alarmante há algum tempo, mas que agora era tomada como um fato comum.

— Uma força policial maior. É disto que precisamos. Uma força policial maior. Mais do que estes sujeitos possam agüentar. E a mesma coisa em todos os lados, dizem. Estava conversando com Herr Lurwitz outro dia. Eles tem os problemas deles e os

franceses também. Não tanto quanto os países escandinavos. Que querem eles — só confusão? Eu lhes garanto que se eu tivesse o poder...

Stafford Nye começou a pensar em outro assunto enquanto fingia prestar atenção ao que lhe dizia Charles Staggenham, que lhe explicava o que faria, em conclusões óbvias a que todos já haviam chegado.

— Gritando sobre o Vietnam e tudo o mais. Que sabem eles sobre o Vietnam? Nenhum deles já esteve lá, não é?

— Não creio que tenham estado — disse Stafford Nye.

— Um homem estava me contando outro dia que eles têm tido um bocado de problemas lá na Califórnia. Nas universidades... Se tivéssemos uma força policial razoável...

Neste momento, os homens juntaram-se às senhoras na sala de visitas. Stafford Nye, andando com desenvoltura e com aquele ar de total falta de interesse nas coisas que achava muito útil, sentou-se ao lado de uma loura muito falante. Ele a conhecia mais ou menos e poderia garantir que raramente dizia alguma coisa interessante, mas possuía fartos conhecimentos sobre todas as criaturas que fossem de seu círculo de amizades. Stafford Nye não fazia perguntas diretas, mas de vez em quando, sem que a senhora percebesse como ele guiara o assunto para um

determinado ponto, ele começou a ouvir algumas observações sobre a Condessa Renata Zerkowski.

— Ainda é muito bonita, não acha? Não vem muito aqui ultimamente. A maior parte do tempo está em Nova York, sabe, ou naquela ilha maravilhosa. O senhor deve conhecer, eu creio. Não é Minorca. Uma daquelas outras do Mediterrâneo. A irmã dela é casada com o rei do sabão, isto é, acho que ele é o rei do sabão. Não é o grego, não. Ele é sueco, eu acho. Rola em dinheiro. E, é claro, ela passa muito tempo em um castelo nas Dolomitas, ou perto de Munique. Ela sempre foi muito musical. Ela disse que já o conhecia antes, não foi?

— Sim, creio que há uns dois anos.

— Oh, sim, creio que ela já esteve antes na Inglaterra. Dizem que anda metida em negócios na Tchecoslováquia. Ou em problemas na Polônia? Oh, meu caro, é tão difícil saber! Todos esses nomes... Eles têm tantos zês e tantos kas. Muito esquisitos e difíceis de pronunciar. Ela é muito versada em letras. O senhor sabe, traz listas para as pessoas assinarem. Para conseguir asilo para escritores aqui, ou qualquer coisa no gênero. Não que as pessoas levem isto muito em conta. Quero dizer, que mais se pode pensar hoje em dia a não ser em como pagar os seus próprios impostos? As verbas para viagem ainda tornam as coisas um pouquinho melhor, mas não muito. Isto é, o

senhor tem de arranjar o dinheiro antes, não tem?... antes de poder levá-lo para o exterior. Não sei como tem gente que consegue ter dinheiro nesta época, mas há um bocado de dinheiro por aí. Oh, sim, há um bocado de dinheiro por aí!

Ela olhou para a mão esquerda de uma maneira vaidosa, onde estavam dois anéis solitários, um diamante e uma esmeralda, o que vinha provar conclusivamente que um bocado de dinheiro tinha sido gasto com ela ultimamente.

A noitada foi chegando ao fim. Ele ficou sabendo muito pouco sobre a sua passageira de Frankfurt, além do que já sabia antes. Ficou sabendo que ela estava usando uma máscara, uma máscara que parecia ter mil caras, se for permitido usar estas duas palavras aliterativas de uma só vez. Ela se interessava por música. Muito bem, ele a encontrara no Festival Hall. Gostava de esportes ao ar livre. Tinha parentes ricos que possuíam ilhas no Mediterrâneo. Dada a patrocinar causas literárias. Alguém de fato com boas relações, dentro do campo social — aparentemente não era politizada e, no entanto, devia na surdina ser filiada a algum grupo. Alguém que vivia passeando de lugar em lugar e de país em país. Passeando entre os ricos, entre os talentosos e entre o mundo literário.

Pensou em espionagem por um ou dois minutos. Parecia a resposta mais adequada. E apesar de tudo a

resposta não o satisfazia de todo.

A reunião continuou. Chegou o seu momento de ser requisitado pela dona da casa. Milly Jean era muito eficaz nesses assuntos.

— Estava querendo conversar com você há séculos. Gostaria que me falasse da Malaia. Sou uma boba a respeito desses lugares da Ásia, sabe? Eu os misturo todos. Diga-me, o que foi que aconteceu por lá? Houve algo interessante ou tudo foi chatíssimo?

— Eu acho que você já adivinhou a resposta.

— Bem, devia imaginar que fosse mesmo aborrecido. Mas talvez não lhe permitam contar essas coisas.

— Oh, sim, penso e digo o que quero. O assunto não era meu realmente, você sabe.

— Por que foi então?

— Oh, bem, sempre gostei de viajar, gosto de ver países novos.

— Você é uma pessoa tão estranha às vezes. Na realidade a vida diplomática é mesmo muito enfadonha, não é? Eu não devia dizer isto. Só estou dizendo porque é para você.

Olhos tão azuis. Azuis como as campânulas azuis dos bosques. Eles se abriram um pouquinho mais e as sobranceiras escuras se arquearam gentilmente, levantando-se ligeiramente nos cantos. Fazia com que seu rosto parecesse o de um lindo gato persa. Pôs-se a

imaginar como Milly Jean era na realidade. Sua voz suave tinha o sotaque sulista. A linda cabecinha, o perfil que tinha a perfeição de uma moeda — como ela seria na realidade? Nenhuma tola, pensou ele. Alguém que podia usar o seu charme quando queria, que sabia usar suas armas sociais quando necessário, que podia retrair-se tornando-se enigmática. Se queria conseguir alguma coisa de alguém tinha habilidade para fazê-lo. Ele percebeu a intensidade de seu olhar naquele instante. Será que queria alguma coisa dele? Ele não sabia. Não podia também calcular o que fosse. Ela falou:

— Você foi apresentado ao Sr. Staggenham?

— Sim. Estive conversando com ele durante o jantar. Não o conhecia antes.

— Dizem que é muito importante — disse Milly Jean. — Ele é o presidente do PBF, como você sabe.

— A gente precisa saber de tudo isto — disse Sir Stafford Nye. — PBF e DCV. LYH. Todo esse mundo de iniciais.

— Odioso — disse Milly Jean. — Odioso. Todas essas iniciais, não há mais personalidade, não há mais *gente*. Só iniciais. Que mundo odioso! É nisso que eu penso às vezes. Que mundo odioso. Eu queria ser diferente, muito diferente...

Será que ela queria mesmo dizer isto? Por um momento ele pensou que talvez ela quisesse mesmo

ser diferente. Interessante...

Grosvenor Square era a própria quietude. Havia estilhaços de vidro quebrado pelas calçadas. Havia também ovos e pedaços de metal brilhante e tomates amassados. Lá no alto, as estrelas pareciam pacíficas. Um carro atrás do outro dirigia-se à porta da embaixada e apanhava os convidados que voltavam para casa. A polícia estava nos quatro cantos da praça, porém sem ostentação. Tudo já sob controle. Um dos políticos convidados, ao sair, falou com um dos oficiais de polícia. Depois voltou e murmurou:

— Não houve muitas prisões. Oito. Estarão na Bow Street de manhã... mais ou menos o bando de sempre. Petronella estava aqui, é claro, e Stephen e seu grupo. Bem... A gente termina pensando que um dia desses eles vão se cansar.

— O senhor não mora muito longe daqui, não é? — disse uma voz no ouvido de Sir Stafford. Uma voz profunda de contralto. — Eu o deixarei em casa.

— Não, não. Eu posso muito bem andar até lá. São só uns dez minutos.

— Não me vai dar nenhum trabalho, eu lhe garanto — disse a Condessa Zerkowski. Ela acrescentou: — Eu estou no Hotel Torre de St. James.

— É muita gentileza.

Um carro alugado muito grande e muito caro a esperava. O motorista abriu a porta, a Condessa Zerkowski entrou e Sir Stafford seguiu-a. Foi ela que deu o endereço de Sir Stafford ao motorista. O carro saiu.

— Então você sabe onde eu moro? — perguntou ele.

— Por que não saberia?

Ele pôs-se a imaginar o que significava aquela resposta: Por que não saberia?

— É, por que não saberia... — disse ele. — Você sabe de tantas coisas, não sabe? — Acrescentou: — Foi muito gentil em devolver meu passaporte.

— Pensei que podia livrá-lo de certas inconveniências. Teria sido mais simples queimá-lo. Já devem ter-lhe providenciado um novo, eu calculo.

— Calculou corretamente.

— A sua capa de bandoleiro está guardada na gaveta de baixo de sua cômoda alta. Foi posta lá hoje à noite. Pensei que, se comprasse outra, o senhor não ficaria satisfeito e, na verdade, não seria possível encontrar uma outra igual.

— Para mim ela agora tem ainda mais valor, depois de ter passado por certas... aventuras. — Ele acrescentou: — Ela cumpriu sua finalidade.

O carro seguia noite adentro. A Condessa Zerkowski falou:

— Sim, ela cumpriu sua finalidade, uma vez que eu estou aqui... viva.

Sir Stafford Nye não disse nada. Presumiu, sem saber se estava certo ou não, que ela queria que lhe fizesse perguntas, que a pressionasse, para saber mais sobre o que ela andava fazendo ou de que escapara. Ela queria que ele demonstrasse curiosidade mas Sir Stafford Nye não ia demonstrar curiosidade. Estava mesmo se divertindo em não dar esta demonstração. Ouviu-a rir sem se perturbar. E, no entanto, para sua surpresa, foi um riso satisfeito, um riso de alegria e não um riso de deboche.

— Gostou da reunião? — perguntou ela.

— Uma boa festa, eu creio, como são todas as festas de Milly Jean.

— Conhece-a bem?

— Eu a conheci quando era uma menina em Nova York, antes de se casar. E uma Vênus de Bolso.

Ela olhou para ele com ar de surpresa.

— É esta a sua definição dela?

— Para dizer a verdade, não. Foi uma velha parenta minha que a definiu assim.

— Sim, não é uma descrição que se faça de uma mulher hoje em dia. Mas ajusta-se bem a ela, eu creio, ajusta-se muito bem. Só que...

— Só quê?

— Vênus é uma sedutora, não é? Também é

ambiciosa?

— Você acha que Milly Jean é ambiciosa?

— Oh, sim. Acima de tudo.

— E você acha que ser a esposa do Embaixador à Corte de St.James é suficiente para satisfazer a sua ambição?

— Oh, não — disse a Condessa. — Isto é apenas o princípio.

Ele não respondeu. Estava olhando pela janela do carro. Começou a dizer alguma coisa mas parou. Reparou no olhar rápido que ela lhe dirigiu mas ela também não disse nada. Foi somente quando eles estavam passando por uma ponte sobre o Tâmis que ele falou:

— Então você não me está dando uma carona para casa e nem está indo para o Hotel Torre de St.James. Estamos passando por cima do Tâmis. Já nos encontramos aqui uma vez, atravessando a ponte. Para onde está me levando?

— Quer mesmo saber?

— Creio que sim.

— Sim, estou vendo que quer saber.

— Bem, é lógico que você está mesmo na moda. Os raptos estão na última moda, não estão? Você me raptou. Por quê?

— Porque, como da outra vez, preciso de você. — Ela acrescentou: — E outras pessoas precisam de você.

— De verdade?
— E vejo que isto não lhe agrada.
— Teria me agradado mais se você me tivesse perguntado.

- Se eu lhe perguntasse, você viria?
- Talvez sim, talvez não.
- Sinto muito.
- Eu calculo.

Viajaram em silêncio pela noite a dentro. Não era uma viagem por uma região isolada, estavam na estrada principal. Aqui e ali os faróis mostravam um nome ou uma sinalização para que Stafford Nye pudesse claramente ver por onde passavam. Através do Surrey e pelos primeiros bairros residenciais de Sussex. Ocasionalmente o carro seguia por um desvio ou por uma estrada secundária que não lhe parecia ser o caminho mais direto, mas mesmo disto não podia ter certeza. Quase perguntou a sua companheira por que faziam isto, se era por medo de serem seguidos desde Londres. Mas ele firmemente se decidira a manter uma política silenciosa. Era a vez dela falar, era a vez dela lhe dar as informações. Mesmo com as informações adicionais que conseguira, achava-a uma criatura enigmática.

Andavam pelo campo depois de um jantar de cerimônia em Londres. Estavam, pensava ele, em um dos tipos mais caros de carros de aluguel. Isto tinha

sido planejado antes. De maneira razoável, sem nenhuma dúvida e sem nada de inesperado. Breve, imaginou ele, descobriria para onde estavam indo. A menos que estivessem indo para a costa. Isto também era possível, pensou. Haslemere, ele viu numa placa. Agora estavam contornando Godalming. Tudo muito claro e fora de suspeitas. Uma região rica e de subúrbios abastados. Bosques agradáveis, residências muito bonitas. Deram mais algumas voltas e finalmente o carro diminuiu a velocidade, parecendo estar chegando ao seu destino. Portões. Uma pequena casa de porteiro, toda branca, perto dos portões. Subiram uma alameda, ladeada por bem cuidados rododendros. Viraram em uma curva e se aproximaram de uma casa. — Estilo Tudor de novo-rico... — murmurou Sir Stafford Nye, por entre os dentes. Sua companheira voltou-lhe a cabeça, com ar de interrogação.

— Somente um comentário — disse Stafford Nye.

— Não ligue. Calculo que estejamos chegando ao destino que você escolheu, não?

— E você não está gostando muito da aparência.

— Os jardins parecem bem cuidados — disse Sir Stafford,, seguindo os faróis do carro enquanto este fazia uma curva. — Precisa-se de muito dinheiro para conservar assim um lugar destes. Diria que é uma casa confortável para se viver.

— Confortável, mas não bonita. O homem que vive aí prefere o conforto à beleza.

— Talvez sabiamente — disse Sir Stafford. — E, no entanto, em certa maneira, ele é um apreciador da beleza, de uma certa forma de beleza.

Aproximaram-se de uma entrada muito bem iluminada. Sir Stafford desceu do carro e estendeu a mão para ajudar sua companheira. O motorista subiu os degraus e apertou a campainha. Ele olhou inquisitivamente para a mulher e também subiu os degraus.

— Não vai precisar mais de mim esta noite, minha senhora?

— Não. Por hoje é só. Eu lhe telefonarei amanhã de manhã.

— Boa noite. Boa noite, senhor.

Ouviram-se passadas pelo lado de dentro e a porta foi aberta. Sir Stafford estava esperando uma espécie de mordomo, mas ao invés disso, apareceu uma arrumadeira alta como um granadeiro. Cabelos grisalhos, lábios apertados, um ar de muita competência e de muita confiança, pensou Sir Stafford. Uma qualidade preciosa e difícil de conservar e de encontrar hoje em dia. Digna de confiança, capaz de ser impetuosa.

— Tenho medo que estejamos um pouco atrasados

— disse Renata.

— O patrão está na biblioteca. Pediu que quando a senhora e o cavalheiro chegassem fossem ter com ele lá.

Capítulo 9

A casa perto de Godalming

Ela subiu a larga escadaria e os dois a seguiram. Sim, pensou Stafford Nye, uma casa muito confortável. Papel de parede Jacobino, uma horrível escadaria de carvalho, mas com degraus baixos e agradáveis. Quadros sabiamente escolhidos, porém sem nenhum interesse artístico em particular. A casa de um homem rico, pensou ele. Um homem não de todo de mau gosto, um homem de gostos convencionais. Tapetes espessos e de boa qualidade num bonito tom cor de ameixa.

No primeiro andar, a arrumadeira com cara de granadeiro dirigiu-se à primeira porta. Abriu-a e recuou para deixá-los entrar, porém sem lhes anunciar os nomes. A Condessa entrou primeiro e Sir Stafford Nye seguiu-a. Escutou o ruído suave da porta se fechando por detrás deles.

Havia quatro pessoas na sala. Sentado atrás de uma grande mesa toda recoberta de papéis, documentos, um ou dois mapas abertos e provavelmente outros papéis que deviam estar em discussão, estava um homenzarrão gordo com o rosto muito amarelo. Era um rosto que Sir Stafford Nye já vira antes, se bem que no momento não pudesse lembrar-se onde. Um

homem que conhecera casualmente, apesar de lembrar que fora numa reunião importante. Ele devia lembrar-se, sim, devia lembrar-se. Mas por que... por que não se lembrava do nome?

Com alguma dificuldade a figura sentada atrás da escrivaninha pôs-se de pé. Apertou a mão estendida da Condessa.

— Você está de volta — disse ele, — esplêndido.

— Sim. Deixe-me apresentá-los, apesar de que eu creio já se conhecem. Sir Stafford Nye, Sr. Robinson

É claro. Na cabeça de Sir Stafford Nye algo estalou como uma máquina fotográfica. Isto também se enquadrava com um outro nome. Pikeaway. Dizer que ele sabia tudo sobre o Sr. Robinson não era verdade. Sabia sobre o Sr. Robinson apenas o que o Sr. Robinson permitia que soubessem. O seu nome, até onde todos sabiam, *era* Robinson, mas, no entanto, podia ser qualquer outro nome de origem estrangeira. Nunca ninguém sugerira nada no gênero. O reconhecimento também veio através de sua aparência pessoal. A testa alta, os melancólicos olhos escuros, a boca grande e generosa e os marcantes dentes muito brancos — dentes postiços, provavelmente — mas de qualquer jeito dentes sobre os quais poderíamos dizer como em *Chapeuzinho Vermelho*: "são para te comer melhor, minha netinha!"

Ele sabia também o que representava o Sr.

Robinson. Apenas uma palavra o descrevia. O Sr. Robinson representava o Dinheiro, com um D maiúsculo. O dinheiro em cada um de seus aspectos. O dinheiro internacional, o dinheiro do mundo inteiro, as finanças internas, os bancos, os governos estrangeiros. Projetos industriais. Representava o dinheiro não da maneira com que o homem comum olharia para ele. Nunca ninguém pensaria que fosse um homem muito rico. Sem dúvida, um homem muito rico, mas isto não era o mais importante. Era um daqueles que conseguem o dinheiro, do grande clã dos banqueiros. Seus gostos pessoais poderiam até ser muito simples, mas Sir Stafford duvidava que fossem. Um razoável padrão de conforto, talvez mesmo luxo, seria o padrão de vida do Sr. Robinson. Mas nada mais do que isto. E, no entanto, por detrás de todos estes negócios misteriosos, o poder do dinheiro.

— Ouvi falar do senhor há um ou dois dias — disse o Sr. Robinson, enquanto apertavam as mãos; — foi o nosso amigo Pikeaway, sabe?

Tudo se ajustava, pensou Stafford Nye, porque agora ele se lembrava de que na ocasião em que conhecera o Sr. Robinson, o Coronel Pikeaway estava presente. Horsham, ele se lembrava, também lhe falara do Sr. Robinson. Então agora havia Mary Ann (ou a Condessa Zerkowski?) e o Coronel Pikeaway sentado em sua própria sala cheia de fumaça com os olhos

semicerrados, sem que se soubesse se estava pegando no sono ou se estava apenas acordando. E havia o Sr. Robinson com seu rosto grande e amarelado e havia o dinheiro em jogo. Deu uma olhadela de lado para as três outras pessoas que estavam na sala. pois gostaria de saber quem eram e o que representavam... ou pelo menos tentar adivinhar quem eram.

No caso de dois deles nem precisou adivinhar. O homem que estava sentado na cadeira alta perto da lareira, uma figura idosa emoldurada pelo espaldar da cadeira como se estivesse num quadro, era um .rosto que fora muito conhecido em toda a Inglaterra. Na verdade, *ainda era* conhecido, apesar de raramente ser visto nos dias de hoje. Um homem doente, um inválido, um homem que fazia aparições muito rápidas que, dizia-se, causavam-lhe muito sofrimento físico e muitas dificuldades. Lord Altamount. Um rosto fino e emaciado, um nariz reto, cabelos grisalhos que brotavam logo acima da testa e esvoaçavam para trás como uma grande juba cinzenta; as orelhas eram um tanto proeminentes e os cartunistas da época se aproveitavam disso. O olhar agudo que não só observava como procurava saber... Neste momento ele estava olhando para Sir Stafford Nye. Estendeu a mão quando Stafford Nye encaminhou-se para ele.

— Não me posso levantar — disse Lord Altamount. Sua voz era fraca, a voz de um velho, uma voz que

vinha de longe. — Minhas costas não me permitem. Chegou há pouco da Malaia, não foi, Stafford Nye?

— Sim.

— Valeu a pena a viagem? Creio que você acha que não. E, provavelmente, está certo também. No entanto, existem essas excrescências na vida, essas filigranas ornamentais que adornam as melhores mentiras diplomáticas. Eu estou contente por você ter vindo aqui ou de ter sido trazido esta noite. Foi coisa de Mary Ann, imagino?

Então é assim que ele a chama e é isso o que pensa dela, pensou Stafford Nye consigo mesmo. Fora assim que Horsham a chamara. Sem dúvida, ela estava do lado deles. Quanto a Lord Altamount ele tinha certeza — do lado de quem ele estaria hoje? Stafford Nye pensou outra vez consigo mesmo: — está do lado da Inglaterra. Sempre estará do lado da Inglaterra até ser enterrado na Abadia de Westminster ou nalgum mausoléu no campo ou onde ele escolher. Ele *tinha sido* a Inglaterra, ele conhecia a Inglaterra, e eu diria que sabe o valor de cada político e de cada oficial do Governo inglês, mesmo que nunca tenha falado com eles.

Lord Altamount disse:

— Este é nosso colega, Sir James Kleek.

Stafford Nye não conhecia Kleek. Calculou que nunca ouvira falar dele. Um homem intranquilo,

irrequieto. Um olhar arguto, desconfiado, que nunca ficava muito tempo no mesmo lugar. Parecia ter a ansiedade contida de um cão de caça esperando a ordem de comando. Pronto para a largada a um olhar de seu mestre.

Mas quem seria o mestre? Altamount ou Robinson?

Os olhos de Stafford Nye dirigiram-se para o quarto homem. Ele se levantara da cadeira onde estivera sentado, perto da porta. Um bigode muito farto, sobrancelhas levantadas, atento, reservado, mantendo-se de uma certa maneira familiar e, entretanto, quase irreconhecível.

— Então você está aqui — disse Stafford Nye. — Como tem passado, Horsham?

— Muito contente em vê-lo aqui, Sir Stafford.

Uma turma muito representativa, pensou Stafford Nye. num rápido olhar em torno.

Tinham trazido uma cadeira para Renata, perto da lareira e de Lord Altamount. Ela estendera uma das mãos — a mão esquerda, ele reparou — que Lord Altamount segurara entre as suas por um minuto e depois a deixara. Falou:

— Você tem corrido riscos, criança, você tem corrido muitos riscos.

Olhando para ele, ela disse:

— Foi o senhor quem me ensinou isto e acho que esta é a única maneira de viver.

Lord Altamount voltou a cabeça em direção a Sir Stafford Nye.

— Não fui eu quem lhe ensinou a escolher o homem certo. Você teve um lampejo de gênio para isso.

Olhando para Stafford Nye, ele disse:

— Conheço sua tia-avó, ou ela é sua tia-bisavó?

— Tia-avó Matilda — disse Stafford Nye imediatamente.

— Sim, é esta mesma. Uma dessas forças vitorianas dos anos 90. Ela própria deve estar perto dos noventa agora.

Continuou:

— Eu não a vejo freqüentemente. Uma ou duas vezes por ano talvez. Mas cada vez me espanta aquela vitalidade pura que sobrevive às forças do seu corpo. Eles tem este segredo, esses indomáveis vitorianos e edwardianos.

Sir James Kleek disse:

— Posso trazer-lhe uma bebida, Nye? O que deseja?

— Gim e tônica, se tiver.

A Condessa recusou com um leve movimento de cabeça.

James Kleek trouxe a bebida para Stafford Nye e colocou-a na mesa perto do Sr. Robinson. Stafford Nye não iria falar primeiro. Os olhos escuros detrás da escrivaninha perderam a melancolia por um

momento. Havia um certo brilho neles agora.

— Alguma pergunta? — disse ele.

— Perguntas demais — disse Sir Stafford Nye. — Não seria melhor uma explicação antes e as perguntas depois?

— É assim que prefere?

— Talvez possa simplificar as coisas.

— Bem, começaremos com uma simples explanação dos fatos. Você pode ter sido ou não convidado para vir até aqui. Se não foi, os fatos serão ligeiramente diferentes.

— Ele prefere sempre ser convidado — disse a Condessa. — Pelo menos foi o que me disse.

— Naturalmente — disse o Sr. Robinson.

— Eu fui seqüestrado — disse Stafford Nye. — O senhor sabe, está muito na moda. Um de nossos métodos mais modernos.

Ele manteve um tom levemente divertido.

— E isso lhe sugere seguramente uma pergunta — disse o Sr. Robinson.

— Apenas duas palavras de três letras: *por quê?*

— Exatamente. Por quê? Admiro a sua economia de palavras. Este é um grupo fechado — uma comissão de inquérito. Um inquérito de significação mundial.

— Parece interessante.

— É mais do que interessante. É urgente e imediato. Quatro maneiras diferentes de viver estão

representadas aqui hoje à noite nesta sala — disse Lord Altamount. — Nós representamos ramos diferentes. Eu me retirei da participação ativa nos negócios deste país, mas ainda sou uma autoridade de consulta. Fui consultado e convidado para presidir este inquérito particular para sabermos o que se passa neste ano da Graça de Nosso Senhor, porque algo está acontecendo. James também tem a sua tarefa especial. Ele é o meu braço direito. É também o nosso orador. Explique o geral da situação, Jamie, para Sir Stafford.

Pareceu a Stafford Nye que o cão de caça estremeceu. Finalmente! Finalmente, eu posso falar e acabar logo com isto! Ele se inclinou um pouco em sua cadeira.

— Se acontecem certas coisas no mundo, você precisa procurar uma causa para elas. Os sinais exteriores são sempre facilmente visíveis, mas eles não são... ou pelo menos assim pensa o nosso presidente — ele inclinou-se para Lord Altamount — e também o Sr. Robinson e o Sr. Horsham, importantes. Sempre tem sido da mesma forma. Tome por exemplo uma força natural, uma grande queda d'água lhe dará a potência de uma turbina. Veja a descoberta do urânio a partir da pechblenda, e isto lhe trará, no devido tempo, a força nuclear com que nunca sonhamos ou soubemos existir. Quando se encontra carvão ou minerais, eles lhe dão transportes, força, energia. Existem sempre

forças trabalhando que lhe fornecem certas coisas. Mas atrás de cada coisa há *alguém que a controla*. É preciso encontrar quem está controlando os poderes que lentamente ganham ascendência em praticamente todos os países da Europa, e mais longe ainda em diversas partes da Ásia. Menos possivelmente na África, mas novamente nos continentes americanos tanto do Norte como do Sul. É preciso estarmos por dentro das coisas que estão acontecendo para descobrirmos qual a força motriz que as estão fazendo acontecer. Uma delas é o *dinheiro*.

Ele acenou com a cabeça na direção do Sr. Robinson.

O Sr. Robinson aqui presente sabe mais acerca de dinheiro do que qualquer outra pessoa no mundo, eu creio.

— É muito simples — disse o Sr. Robinson. — Há grandes movimentos por aí. Deve haver dinheiro por trás deles. Nós precisamos descobrir de onde está vindo esse dinheiro. Quem está operando com ele? De onde o conseguem? Para onde o enviam? Por quê? É bem verdade o que James disse: eu sei um bocado sobre dinheiro! Tanto ou mais do que qualquer outro homem vivo hoje em dia. E há ainda o que podemos chamar de tramas. São palavras que usamos muito ultimamente! Tramas ou tendências... há inúmeras palavras que usamos. Elas não querem dizer sempre a

mesma coisa, mas estão relacionadas umas com as outras. Uma tendência, poderíamos dizer, para a rebelião está aparecendo. Olhe para trás, para a história. Você encontrará isto aqui e ali, repetindo-se periodicamente, repetindo-se nos mesmos moldes. Um desejo de rebelião. Um sentimento de rebelião, os meios de rebelião, as formas que a rebelião toma. Não é nada em particular com nenhum país em particular. Se surge em um país, surgirá em outros mais ou menos da mesma forma. É isso que o senhor queria dizer, não é, senhor? — Ele virou-se para Lord Altamont: — Foi mais ou menos da forma que me apresentou o problema.

— Sim, você está abordando o problema muito bem, James.

— É um padrão, um padrão de vida que surge e que parece inevitável. Podemos reconhecê-lo onde o encontramos. Houve um período em que o ímpeto para as cruzadas varreu os países. Por toda a Europa as pessoas embarcavam para libertar a Terra Santa. Muito claramente, um padrão perfeitamente definido de um determinado comportamento. Mas *por que* eles iam? É este o interesse da história, o senhor sabe. Vendo aonde esses desejos e esses padrões de vida aparecem. Não é sempre uma resposta materialista assim. Todos os tipos de coisas podem causar rebeliões, um desejo de liberdade, liberdade de

expressão, liberdade de cultos religiosos, novamente uma outra série de padrões muito relacionados. Pode levar as pessoas a escolher a emigração para outros países, à formação de novas religiões, freqüentemente tão repletas de tiranias como as formas de religião que deixaram para trás. Mas em tudo isto, se se olhar duramente, se se fizerem as investigações necessárias, você pode ver o que foi que deu origem à investida desses e de muitos outros — e eu usarei a mesma palavra — padrões. De certa forma é como uma doença provocada por vírus. O vírus pode ser levado, pelo mundo afora, através dos mares, por cima das montanhas. Pode se propagar e contaminar. E aparentemente se propagar mesmo que não tenha sido posto em movimento. Mas ninguém pode ter certeza, mesmo agora, de que isso seja sempre verdade. Pode haver causas. Causas que fazem as coisas acontecerem. A gente pode ir adiante. Há *pessoas*. Uma pessoa, dez pessoas, algumas centenas de pessoas que têm capacidade para movimentar uma causa. Desta forma não é para o *processo final* que temos de olhar, mas para as primeiras pessoas que lançaram a causa em movimento. Você teve os seus cruzados, teve os seus entusiastas de religião, teve os seus desejos de liberdade, você teve todos os padrões mas você deve olhar mais para trás ainda. Deve penetrar no âmago da questão. Por detrás dos resultados materialistas,

existem idéias, visões, sonhos. O profeta Joel já o sabia quando escreveu: — "Os homens velhos sonharão sonhos, os jovens terão visões". E destes dois, qual o mais poderoso? Os sonhos não são destrutivos. Mas as visões podem abrir novos mundos para você e as visões podem também destruir os mundos que já existem...

James Kleek voltou-se bruscamente para Lord Altamount.

— Não sei se há alguma ligação, senhor — disse ele, — mas o senhor me contou uma vez uma história sobre alguém da Embaixada em Berlim. Uma mulher.

— Oh, aquilo? Sim, achei interessante naquela época. Sim, existe uma conexão com o que você disse agora. Uma das esposas da Embaixada, esperta, inteligente, bem educada. Ela estava ansiosa para ir pessoalmente ouvir o Führer falar. Estou falando, é claro, de um tempo que precedeu imediatamente à guerra de 1939. Estava curiosa em saber o que faria a sua oratória. Por que todos ficavam tão impressionados? E ela foi. Quando voltou, me disse: — "É extraordinário. Eu não acreditaria se não tivesse visto. É lógico que eu não entendo alemão muito bem mas fiquei entusiasmada também. E agora eu compreendo por que todos ficam. Eu quero dizer, as idéias dele são maravilhosas... Elas nos inflamam. As coisas que ele diz! Isto é, você termina sentindo que

não pode haver outra maneira de pensar, que todo um novo mundo surgirá se todos o seguirem. Oh, eu não sei explicar-me direito. Vou escrever tudo de que me lembrar e amanhã eu lhe trago para ver. O senhor compreenderá melhor do que se eu tentar explicar-lhe o efeito que causou."

— Eu lhe disse que era uma idéia muito boa. Ela apareceu no dia seguinte e disse: — "Não sei se o senhor vai-me acreditar. Comecei a escrever as coisas que ouvi, as coisas que Hitler disse. O que elas *significavam...* mas...foi assustador... *não havia nada para se escrever, eu não fui capaz de me lembrar de uma única frase ou de uma única sentença empolgante.* Escrevi algumas das palavras, mas elas não parecem ter o mesmo significado depois que as escrevi. Elas são apenas... oh, elas são apenas palavras que *não querem dizer nada.* Eu não entendo."

Isto nos mostra um dos grandes perigos de que não nos recordamos sempre, *mas que existem.* Existem pessoas capazes de comunicarem a outras um entusiasmo impetuoso, uma forma visionária de vida e de acontecimentos. Elas podem fazer isso apesar de não ser realmente com o que eles *dizem*, não são as *palavras* que você *ouve*, não é nem mesmo a idéia descrita. É algo mais. E o poder magnético que raros homens possuem de começar alguma coisa, de produzir e de criar urna visão. Talvez pelo seu

magnetismo pessoal, um tom de voz, talvez por alguma emanção que sai direto de sua própria *carne*. Eu não sei, *mas isto existe*.

— Estas pessoas têm poder. Os grandes mestres da religião tinham esse poder, e tinham igualmente um poder maligno. A fé pode ser criada por um certo movimento, para que certas coisas sejam feitas, coisas que resultarão em um novo paraíso e em um novo mundo, e o povo acreditará nisto e trabalhará para isto e lutará por isto e até mesmo morrerá por isto.

Ele abaixou a voz ao dizer:

— Jan Smuts pôs isto numa frase. Ele disse que a liderança, além de uma grande força criativa, pode ser *diabólica*.

Stafford Nye mexeu-se em sua cadeira.

— Compreendo o que o senhor quer dizer. É muito interessante tudo o que disse. É possível até que possa ser verdade.

— Mas você acha que é exagerado, é claro.

— Não creio que eu pense assim — disse Stafford Nye. — Coisas que nos parecem ser exageradas não são em geral, exageradas. São apenas coisas que nunca ouvimos antes ou em que nunca pensamos. E por isso elas nos parecem tão pouco familiares que dificilmente podemos fazer outra coisa com elas além de aceitá-las como são. Por falar nisto, posso fazer uma pergunta simples? Que *pudemos* fazer a respeito?

— Se você chegar à conclusão de que isto está acontecendo, é preciso investigar — disse Lord Altamont. — Você deve agir como a mangusta de Kipling: — Vá e descubra. Descubra de onde vem o dinheiro, e de onde vêm as idéias, e também, se é que eu posso falar assim, de onde vem a *força motriz*. Quem dirige a máquina? Há os chefes regionais, você sabe, assim como há um comandante-em-chefe. É isto que eles estão tentando organizar. Gostaríamos de que você se juntasse a nós e nos ajudasse.

Foi uma das raras ocasiões em sua vida em que Sir Stafford Nye foi realmente pegado de surpresa. Fosse o que fosse o que sentira em outras ocasiões, sempre conseguira ocultar as suas reações. Mas desta vez fora diferente. Olhou para cada um dos homens ali na sala. Para o Sr. Robinson, o rosto amarelo e impassível mostrando a boca cheia de dentes; para Sir James Kleek, um falador um tanto estouvado — considerou Sir Stafford — mas obviamente ele tinha a sua utilidade; o cachorrinho do patrão, pensou consigo mesmo. Olhou para Lord Altamont, o espaldar da cadeira alta emoldurava sua cabeça. A luz era fraca na sala. Dava-lhe o ar de um santo em um nicho de alguma catedral. Místico. Século catorze. Um grande homem. Sim, Altamont fora um dos grandes homens do passado. Stafford Nye não tinha dúvidas a respeito, mas agora ele era um homem muito velho. Daí, supôs,

a necessidade de Sir James Kleek e a confiança nele depositada por Lord Altamount. Olhou para a criatura calma e enigmática que o trouxera aqui, a Condessa Renata Zerkowski, aliás Mary Ann, aliás Daphne Theodofanus. O rosto dela não lhe desvendou nada. Ela nem mesmo olhava para ele. Seus olhos pararam por fim em Henry Horsham, do Serviço de Segurança.

Com uma ligeira surpresa reparou que Henry Horsham estava sorrindo para ele.

— Escute aqui — disse Stafford Nye, deixando de lado a linguagem formal, e falando como se fosse um garoto de colégio, de uns dezoito anos: — Por que diabos vocês me chamaram? O que é que *eu* sei? Com franqueza, nunca me distingui nem em minha própria profissão, vocês sabem! Ninguém me tem em alta conta lá no Ministério. Nem nunca tiveram.

— Nós sabemos disto — disse Lord Altamount. Foi a vez de Sir James Kleek rir e foi o que ele fez.

— Talvez tenha sido até melhor — disse ele, e acrescentou com ar encabulado ao perceber o franzir de sobrancelhas de Lord Altamount — desculpe, senhor.

— Esta é uma Comissão de Investigações — disse o Sr. Robinson. — Não está em pauta o que você fez ou deixou de fazer no passado, ou qual a opinião que os outros têm de você. O que estamos fazendo é recrutar gente para formar uma comissão para investigar. Não

somos muitos a formar esta Comissão. Nós lhe estamos pedindo para participar porque pensamos que você possua certas qualidades que podem ajudar na investigação.

Stafford Nye voltou a cabeça na direção do homem do Serviço de Segurança.

— Que acha você Horsham? — disse ele. — Não acredito que esteja de acordo com eles.

— Por que não? — disse Henry Horsham.

— No duro? Quais são as minhas "qualidades", como vocês chamam? Nem eu próprio, francamente, acredito nelas.

— Você não é um adorador de heróis — disse Horsham. — É isso. E você percebe as coisas através das farsas. Não toma uma pessoa a sério baseado no que os outros pensam dela. Você julga as pessoas do próprio ponto de vista.

Ce n'est pas un garçon sérieux. As palavras passaram pela cabeça de Sir Stafford Nye. Uma razão curiosa pela qual ele era escolhido para um trabalho difícil e rigoroso.

— Eu preciso avisar-lhes — disse ele —, que o meu defeito principal, e aquele de que freqüentemente me acusam e que já me custou diversos bons empregos, e que todos devem conhecer... eu não sou, eu diria, um camarada suficientemente sério para levar a cabo um trabalho desta importância.

— Acredite ou não — disse Horsham, — esta é uma das razões por que eles o querem. Eu estou certo, não estou, meu senhor? — olhou para Lord Altamont.

— Serviço Público! — disse Lord Altamont. — Deixe que lhe diga que uma das maiores desvantagens da vida pública é quando alguém que ocupa uma posição de destaque se leva a sério demais. Sentimos que você não é assim. Pelo menos — acrescentou ele, — a Mary Ann pensa assim.

Sir Stafford Nye voltou a cabeça. Então cá estamos de novo, ela deixou de ser uma condessa. Tornou a ser Mary Ann, novamente.

— Você não vai se importar com uma pergunta — disse ele — mas quem é você realmente? Eu quero dizer, você é mesmo uma condessa?

— Absolutamente. *Geboren*, como dizem os alemães. Meu pai era um homem de muita classe, um excelente esportista, um esplêndido atirador, e tinha um castelo muito romântico, mas caindo em ruínas lá na Bavária. Ele ainda existe, o castelo. Por esse lado, eu tenho conexões com uma boa parte do mundo europeu que ainda é terrivelmente sofisticado quando se trata de berço. Uma condessa pobre e falida senta-se antes na mesa, enquanto uma americana rica e dona de uma fortuna fabulosa em dólares fica esperando a vez.

— E a respeito de Daphne Theodofanus? Aonde ela entra?

— Um nome útil para um passaporte. Minha mãe era grega.

— E Mary Ann?

Devia ser quase a primeira vez que Stafford Nye viu um sorriso no rosto dela. Ela olhou para Lord Altamount e depois para o Sr. Robinson.

— Talvez — disse ela — porque eu sou uma espécie de pau-para-toda-obra, vou a muitos lugares, procuro um monte de coisas, levo outras de um país para outro, escondo coisas debaixo do tapete, faço qualquer serviço, vou a qualquer lugar, quebro qualquer galho — olhou novamente para Lord Altamount. — Não é assim, Tio Ned?

— Assim mesmo, minha querida. Mary Ann é quem você é e sempre será para nós.

— Você estava levando alguma coisa naquele avião? Isto é, levando alguma coisa importante de um país para outro?

— Sim. Sabiam que eu estava levando algo. Se você não me tivesse ajudado, se não tivesse bebido uma suposta cerveja envenenada e não me tivesse emprestado a sua capa de bandoleiro tão vistosa como disfarce, bem, acidentes acontecem... Eu não estaria aqui agora.

— Que é que você estava levando... ou será que eu não devia perguntar? Existem coisas que eu não devo saber?

— Há uma quantidade de coisas que você não saberá nunca. Há um bocado de coisas que não terá permissão de perguntar. Acho que esta pergunta eu posso responder. Se me permitirem. Novamente ela olhou para Lord Altamount.

— Confio em seu tirocínio — disse Lord Altamount.

— Continue.

— Dê logo o serviço — disse o irreverente James Kleek. O Sr. Horsham falou:

— Suponho que o senhor precisa saber. *Eu* não lhe poderia dizer, porque sou da Segurança. Pode falar, Mary Ann.

— Uma só frase. *Eu estava trazendo uma certidão de nascimento. Somente.* Não lhe vou dizer mais nada e não lhe vai adiantar nada fazer outras perguntas.

Stafford Nye olhou para a assembléia em torno.

— Muito bem. Estou de acordo. Fico muito orgulhoso de me terem convidado. Para onde vamos agora?

— Você e eu — disse Renata — sairemos daqui amanhã. Vamos para o continente. Talvez você tenha lido, ou ouvido falar, que um festival de música está sendo realizado na Bavária. É um negócio novo que vem sendo feito de uns dois anos para cá. Tem um nome muito complicado em alemão que quer dizer: "Companhia dos Cantores da Juventude", e é financiado pelos governos de diversos países.

Concorre com os festivais tradicionais e as produções de Beirute. A maior parte das músicas é moderna... novos jovens compositores que têm a chance de ouvir suas composições. Apesar de ser tido em alta conta por alguns, é terrivelmente combatido por outros.

— Sim, eu já li algo a respeito — disse Stafford Nye.

— Nós vamos a esse festival?

— Já temos cadeiras compradas para dois espetáculos.

— Esse festival tem algum significado especial em nossa investigação?

— Não — disse Renata. — Iremos apenas para dar uma olhada por uma questão de conveniência. Iremos em primeiro por uma razão ostensiva e verdadeira e sairemos de lá para o nosso próximo compromisso.

Ele olhou em torno.

— Instruções? Receberei ordens de trabalho? Serei mantido informado?

— Não nos termos em que está pensando. Vocês estarão indo em uma viagem de exploração. Aprenderão muitas coisas durante essa viagem. Stafford irá com seu próprio nome, sem saber mais do que sabe no momento. Irá como um amante da música, como um diplomata ligeiramente desapontado por ter talvez tido a decepção de não ocupar em sua terra um cargo que pretendia. Por outro lado, é melhor não saber de nada. É mais seguro.

— É este o resumo das atividades no momento? Alemanha, Bavária, Áustria, o Tirol... só esta parte do mundo?

— É um dos centros de interesses.

— Mas não é o único?

— Não, nem é mesmo o principal. Há outros locais no globo, todos variando em interesse e importância. Até onde vai a importância de cada um deles é o que nós precisamos descobrir.

— E eu não devo saber, nem devo ser informado, sobre nada a respeito desses outros centros?

— Apenas de maneira superficial. Um deles, que nós julgamos ser o mais importante de todos, tem seu quartel-general na América do Sul, há outros dois com sedes nos Estados Unidos, um na Califórnia e o outro em Baltimore. Existe um na Suécia, um na Itália. Estão se tornando muito ativos nos últimos seis meses. Portugal e Espanha também têm pequenos centros. Paris, é claro. E há outros locais interessantes apenas "em início de produção", poderíamos dizer. Sem estarem completamente desenvolvidos.

— Quer dizer a Malaia ou o Vietnam?

— Não. Não, esses já fazem parte do passado. Serviram como uma boa onda para as violências e os protestos estudantis e para muitas outras coisas. O que se está promovendo agora, você precisa compreender, é uma crescente organização da juventude por todos

os lugares, contra todas as formas de governo, contra os costumes de seus país, muitas vezes contra as religiões cm que foram criados. Há um culto insidioso à licenciosidade, há um culto crescente à violência. Não à violência como um meio de se ganhar dinheiro, mas à violência por amor da violência. Este detalhe é muito destacado e as razões para tal são que a violência é a mais importante de todas as coisas e da maior significação para essas pessoas.

— A licenciosidade, ela é importante?

— É apenas uma maneira de viver, nada mais. Ela conduz a certos abusos, não indevidamente.

— E sobre as drogas?

— O culto às drogas tem sido deliberadamente cultivado e fomentado. Vastas somas de dinheiro têm sido feitas desta forma, mas isto não é — pelo menos é o que nós pensamos — inteiramente ligado a motivos financeiros.

Todos olharam para o Sr. Robinson, que lentamente abanou a cabeça.

— Não — disse ele, — não é o que parece. Muitas pessoas têm sido presas e levadas à justiça. Traficantes de drogas serão seguidos. Mas há mais do que o tráfico de drogas por trás de tudo. O tráfico de drogas é apenas um meio, um meio maligno de se conseguir dinheiro. Mas há outras coisas além dele.

— Mas quem... — Stafford Nye interrompeu-se.

— Quem e o que e por que e onde? As quatro perguntas. É esta a sua missão, Sir Stafford — disse o Sr. Robinson. — É isso que precisa descobrir. O senhor e Mary Ann. Não vai ser fácil, e uma das coisas mais difíceis no mundo, lembre-se, é guardar seus segredos.

Stafford Nye olhou com interesse para a gorda cara amarela do Sr. Robinson. Talvez o segredo da dominação do Sr. Robinson no mundo financeiro fosse apenas aquele. Seu segredo era que ele guardava o seu segredo. Sua boca abriu-se novamente num sorriso. Os dentes brilharam.

— Se você sabe de alguma coisa — disse ele — terá sempre uma grande tentação em mostrar o que sabe, falar sobre aquilo em outras palavras. Não é que você queira fornecer informações, não que lhe tenham oferecido dinheiro por estas informações. É apenas porque você quer demonstrar o quanto é importante, Sim, é muito simples. Para falar a verdade — disse o Sr. Robinson, semicerrando os olhos, — tudo no mundo, é tão, tão *simples*. É por isso que as pessoas não compreendem.

A Condessa levantou-se e Stafford Nye seguiu seu exemplo.

— Espero que vocês durmam com conforto — disse o Sr. Robinson. — Esta casa, creio, é razoavelmente confortável.

Stafford Nye murmurou que ele estava certo de que

era e, neste ponto, logo obtive a confirmação. Deitou a cabeça no travesseiro e pegou no sono imediatamente.

LIVRO II: EM BUSCA DE SIEGFRIED

Capítulo 10 A mulher do Schloss

Saíram do festival do Teatro da Juventude para o ar fresco da noite. Abaixo deles, num declive do terreno, havia um restaurante iluminado. Ao lado da colina havia um outro, um pouco menor. Os restaurantes pouco variavam nos seus preços, apesar de nenhum dos dois ser barato. Renata usava um vestido de noite de veludo preto e Sir Stafford Nye estava de gravata branca e traje a rigor completo.

— Uma platéia muito distinta — murmurou Stafford Nye para sua companheira. — Deve haver um dinheirão por aqui. E é uma platéia principalmente de jovens. Não imagino como eles podem pagar tudo isso.

— Oh! isto pode ser arranjado... isto/o/ arranjado.

— Uma ajuda de custo para a elite da juventude? Algo assim?

— Sim.

Caminharam até o restaurante que ficava no alto da colina.

— Eles demoram uma hora para servir uma refeição. Você não se importa?

— Tecnicamente é uma hora. Na realidade é uma hora e quinze.

— Esta platéia — disse Stafford Nye, — a maior parte deles, quase todos, eu diria, gostam mesmo de música.

— A maior parte deles, sim. É importante que seja assim.

— Que você quer dizer... é importante?

— O entusiasmo precisa ser genuíno. Dos dois lados da balança — acrescentou ela.

— Que quer você dizer exatamente com isto?

— Aqueles que praticam e organizam a violência precisam amar a violência, precisam querê-la, ansiar por ela. O toque de êxtase em cada movimento, esfaqueando, ferindo, destruindo. E é a mesma coisa com a música. Os ouvidos precisam apreciar cada momento de harmonia e de beleza. Não pode haver fingimento neste jogo.

— Pode-se desempenhar os dois papéis, isto é, você pode combinar a violência *e* um amor pela música e pelas artes?

— Nem sempre é fácil, eu creio, mas é possível. Há muitos que podem. É mais seguro, no entanto, se não houver dois papéis a desempenhar.

— É melhor sermos simples, como diria nosso gordo amigo Sr. Robinson? Deixe os amantes da música amarem a música, deixe os praticantes da

violência amarem a violência. É isto que você quer dizer?

— Acho que sim.

— Estou me divertindo muito. Os dois dias que passamos aqui, as duas noites de música a que assistimos. Não gostei de todas as músicas porque acho que meus gostos musicais não são muito modernos. Achei as roupas muito interessantes.

— Você está falando do ponto de vista da produção?

— Não, não, estou falando da platéia, na realidade. Você e eu, as praças, estas coisas de outros tempos. Você, Condessa, em seu vestido de noite, eu com minha gravata branca e a cauda da casaca. Não é uma roupa muito cômoda, nunca foi. E os outros, as sedas e os veludos, as camisas engomadas dos homens, as rendas verdadeiras, eu reparei muitas vezes... os veludos espessos, os penteados e todo o luxo de *avant-gards*, o luxo do século dezoito ou das eras elizabetanas, ou dos quadros de Van Dyck.

— Sim, você tem razão.

— Mas não estou mais perto, entretanto, da razão de tudo isto. Não *aprendi* nada. Não descobri nada.

— Você não pode ser impaciente. Este é um espetáculo milionário, prestigiado, pedido, talvez mesmo exigido pela juventude e patrocinado por...

— Por quem?

— Ainda não sabemos. Mas saberemos.

— Fico satisfeito de ver que você tem tanta certeza.

Entraram no restaurante e se sentaram. A comida era boa, apesar de muito simples. Uma ou duas vezes falaram com um conhecido ou um amigo. Duas pessoas que reconheceram Sir Stafford Nye demonstraram prazer e surpresa ao vê-lo. Renata tinha um círculo maior de amizades, pois ela conhecia mais estrangeiros — mulheres muito bem vestidas, um ou dois homens, provavelmente um alemão e um austríaco, pensou Stafford Nye, um ou dois americanos. Trocaram apenas palavras vazias. De onde vinham ou para onde iam, alguma crítica e apreciação das músicas. Ninguém perdeu muito tempo pois o intervalo para a refeição não era muito grande.

Voltaram às cadeiras para as duas músicas finais. Um poema sinfônico. *Desintegração em Alegria*, de um jovem compositor, Solukonov, e depois a solene grandeza da *Marcha dos Meistersingers*.

Saíram outra vez para o frescor da noite. O carro, que ficava à disposição deles durante todo o dia, esperava-os para levá-los de volta ao pequeno, mas muito exclusivo hotel numa rua da aldeia. Stafford Nye deu boa noite a Renata. Ela lhe falou bem baixinho:

— Quatro da manhã — disse ela. — Esteja pronto.

Ela foi direto ao seu quarto e fechou a porta.

Ele ouviu um leve bater de dedos na porta precisamente ao faltarem três minutos para as quatro horas da manhã. Abriu a porta, já pronto.

— O carro está a nossa espera — disse ela. — Vamos.

Almoçaram numa pequena taverna nas montanhas. O tempo estava bom, as montanhas maravilhosas. De vez em quando Stafford Nye perguntava a si mesmo o que é que ele estava fazendo ali. Compreendia cada vez menos a sua companheira de viagens. Ela falava pouco. Quando viu, estava observando o perfil dela. Para onde o estava levando? Qual seria a verdadeira razão? Finalmente, quando o sol estava quase se pondo, ele disse:

— Para onde vamos? Posso perguntar?

— Pode perguntar, sim.

— Mas você não vai responder?

— Posso responder. Posso dizer-lhe muitas coisas, mas será que elas significarão algo? Parece-me que se você chegar aonde eu o estou levando sem que eu lhe prepare o espírito com explicações (que nestas circunstâncias não significarão nada), as suas primeiras impressões terão mais vigor e mais significação.

Ele a olhou pensativo. Ela usava um casaco de *tweed*, orlado de pele, roupas elegantes para viagem,

bem talhadas e provavelmente estrangeiras.

— Mary Ann — disse pensativamente. Havia um leve tom de pergunta nas palavras.

— Não — disse ela, — agora não.

— Ah, você ainda é a Condessa Zerkowski.

— No momento, eu ainda sou a Condessa Zerkowski.

— Você está na sua terra natal?

— Mais ou menos. Passei a infância nesta parte do mundo. Uma boa parte do ano costumávamos vir aqui passar o outono no Schloss, a poucos quilômetros daqui.

Ele sorriu e falou lentamente:

— Que palavra bonita. Schloss, o castelo. Parece tão sólido.

— Schloss não anda muito sólido hoje em dia. Esses castelos estão se desintegrando.

— Esta é a região de Hitler, não é? Não estamos muito longe de Berchtesgaden, não é?

— Fica perto daqui, a nordeste.

— Seus amigos, seus conhecidos... eles aceitavam Hitler, acreditavam nele? Talvez não devesse fazer-lhe estas perguntas.

— Eles não gostavam dele nem do que pregava. Mas diziam: "Heil Hitler". Aceitavam o que acontecia em seu país. Que mais poderiam fazer? Que se poderia fazer naquela época?

— Estamos indo para as Dolomitas, não estamos?

— Você se importa onde estamos ou para onde vamos?

— Bem, esta é uma viagem de exploração, não é?

— Sim, mas não é uma exploração geográfica. Estamos indo ver uma pessoa.

— Você me faz sentir... — Stafford Nye olhou para a paisagem das montanhas altaneiras quase alcançando o céu — ... como se estivéssemos indo visitar o Velho Eremita da Montanha.

— O Mestre dos Assassinos, você quer dizer, que mantém seus seguidores sob a ação de drogas para que eles morram por ele de todo o coração, para que matem por ele, mesmo sabendo que também morrerão, mas acreditando também que irão imediatamente para o paraíso perdido... com lindas mulheres, ópio e sonhos eróticos... para uma felicidade perfeita e inacabável.

Ela fez uma pausa por um minuto e continuou:

— Feiticeiros! Acho que eles sempre existiram através das eras. Pessoas que fazem os outros acreditarem neles até o ponto de morrer por eles. Não apenas assassinos. Os cristãos também morriam.

— Os mártires sagrados? Lord Altamount?

— Por que você fala em Lord Altamount?

— Eu o vi desta forma... de repente... naquela noite. Esculpido em pedra... numa catedral do século treze,

talvez.

— Um de nós terá de morrer. Talvez mais de um. Ela interrompeu o que ia dizer.

— Há uma outra coisa em que penso às vezes. Um verso do Novo Testamento. Lucas eu acho. Cristo na última ceia dizendo a seus seguidores: "*Vocês são meus companheiros e meus amigos, e, no entanto, um de vocês é um demônio.*" Então é bem provável que um dos *nossos* seja um demônio.

— Você acha possível?

— Tenho quase certeza. Alguém em que acreditamos e confiamos mas que, ao ir dormir de noite, não está sonhando com a bem-aventurança e sim com as trinta moedas de prata, e que acorda sentindo o seu peso na palma da mão.

— O amor ao dinheiro?

— Ambição seria mais correto. Como reconhecer um demônio? Como se pode *saber*? Um demônio misturado à multidão seria excitante... e poderia promover-se a si próprio... exerceria a liderança.

Ela ficou em silêncio por um instante e depois falou numa voz pensativa:

— Tinha um amigo no Corpo Diplomático que me contou uma vez uma conversa que tivera com uma senhora alemã, depois de elogiá-la pelo seu trabalho na peça da *Paixão* em Oberammergau. Mas a alemã respondeu com despeito: "Vocês não podem

compreender. Nós, alemães, não precisamos de Jesus Cristo! Nós temos nosso Adolf Hitler conosco. Ele é muito maior que qualquer Jesus que já viveu." Era uma mulher comum e simpática. Mas dizia o que estava sentindo. As massas sentem assim. Hitler era um feiticeiro. Ele falava e todos o ouviam... e aceitavam o sadismo, as câmaras de gás, as torturas da Gestapo.

Ela deu de ombros e disse em sua voz normal:

— De qualquer forma é estranho que você tenha dito aquilo justamente agora.

— Que foi que eu disse?

— Sobre o Velho Eremita da Montanha. O Mestre dos Assassinos.

— Você não está querendo dizer que *existe* mesmo um Velho Eremita da Montanha?

— Não. Não um Velho Eremita, mas talvez exista uma Velha Eremita da Montanha.

— A Velha Eremita da Montanha. Como é ela?

— Você a verá esta noite.

— O que vamos fazer à noite?

— Frequentar a sociedade — disse Renata.

— Faz muito tempo que você não é Mary Ann.

— Você vai ter de esperar até fazermos outra viagem de avião.

— Imagino que deve ser muito ruim para o moral da gente — disse Stafford Nye pensativamente —

viver assim tão alto no mundo.

— Você está falando socialmente?

— Não. Geograficamente. Se você vive num castelo no alto de uma montanha, olhando para o mundo lá em baixo, bem, deve terminar fazendo a gente sentir que as pessoas comuns lá embaixo são desprezíveis. Você está no alto, você é o máximo. Devia ser o que Hitler sentia em Berchtesgaden, deve ser o que muitas pessoas sentem quando escalam montanhas e olham para baixo e vêem seus companheiros nos vales.

— Você precisa ser cuidadoso hoje à noite — Renata avisou-o. — Vão lhe fazer cócegas.

— Alguma instrução?

— Você é um homem revoltado. Revoltado contra as instituições, contra o mundo convencional. Você é um rebelde, mas um rebelde secreto. Pode fazer isso?

— Tentarei.

A paisagem crescia em grandeza. O enorme carro fazia curvas e mais curvas subindo a estrada, passando através de cidadezinhas nas montanhas, às vezes mostrando lá embaixo luzes brilhando num rio, às vezes mostrando telhados de igrejas a distância.

— Para onde estamos indo, Mary Ann?

— Para o Ninho da Águia.

A estrada deu uma última curva. Entrou por uma floresta. Stafford viu de relance cervos e outros pequenos animais. Ocasionalmente, também, havia

homens com casacos de couro e armas na mão. Deviam ser guardas, pensou. E então, finalmente, chegaram em frente de um enorme castelo ereto sobre um penhasco. Uma parte dele, reparou, estava parcialmente em ruínas, apesar de um bom pedaço ter sido restaurado e reconstruído. Era ao mesmo tempo maciço e magnífico, mas não havia nada de novo na mensagem que ele transmitia. Representava o poder, o poder do passado, o poder de eras muito antigas.

— Originalmente, era do Grão-Duque de Liechtenstolz. O castelo foi construído pelo Grão-Duque Ludwig em 1790 — disse Renata.

— Quem vive nele agora? O atual Grão-Duque?

— Não. Eles já se foram há muito tempo. Já se acabaram.

— E quem vive nele então?

— Alguém que possui o poder da atualidade — disse Renata.

— Dinheiro?

— Sim. Muito dinheiro.

— Será que encontraremos o Sr. Robinson, vindo antes de avião para nos receber?

— A última pessoa que você encontrará aqui será o Sr. Robinson, eu lhe garanto.

— Uma pena — disse Stafford Nye. — Gostei do Sr. Robinson. Ele me pareceu formidável, não acha? Quem é ele realmente? Qual a sua nacionalidade?

— Não acredito que alguém saiba até hoje. Cada um diz uma coisa. Uns dizem que ele é turco, outros que é armênio, outros que é holandês, outros ainda que é simplesmente inglês. Alguns dizem que sua mãe era uma escrava circassiana, uma grã-duquesa russa, uma Begum indiana e por aí. Ninguém sabe. Uma pessoa me disse que a mãe dele era uma Srta. McLellan, da Escócia. Também pode ser verdade, eu acho.

Passaram por baixo de um enorme pórtico. Dois empregados de libré desceram a escadaria. Suas reverências eram ostensivas ao cumprimentar os hóspedes. Tiraram a bagagem do carro: eles tinham um bocado de bagagem. Stafford Nye ficara imaginando por que lhe recomendaram trazer tanta roupa, mas começava a compreender que de tempos em tempos iria precisar dela. Hoje à noite, pensou ele, precisaria de roupas formais. Mais algumas perguntas e sua companheira disse que era só.

Encontraram-se antes do jantar, chamados pelo som de um imenso e sonoro gongo. Chegando ao vestíbulo, ele esperou um pouco que ela descesse as escadas. Renata vestia-se de veludo, de um vermelho elegantíssimo, com rubis em torno do pescoço e uma tiara de rubis na cabeça. Um criado deu um passo à frente e guiou-os. Abrindo uma porta, ele anunciou:

— A Condessa Zerkowski, Sir Stafford Nye.

Cá estamos, vamos ver no que vai dar — pensou Stafford Nye consigo mesmo.

Olhou com aprovação para os botões de safira e diamantes no peito de sua camisa. Um instante depois perdeu o fôlego com a cena que viu. Esperava tudo, menos isto. Era uma sala enorme, em estilo rococó, cadeiras, sofás e cortinas dos mais finos brocados e veludos. Nas paredes havia quadros e, apesar de não reconhecer todos na hora, notou imediatamente — pois gostava muito de pintura — um Cézanne, um Matisse, possivelmente um Renoir. Quadros de um valor inestimável.

Sentada em uma imensa cadeira, sugerindo um trono, estava uma mulher enorme. Uma baleia, pensou Stafford Nye, não havia realmente outra palavra para descrevê-la. Grande, gorda, gordurenta, rolando em banha. O queixo não era duplo, nem triplo, era quase quádruplo. Vestia um vestido de cetim laranja brilhante. Na cabeça uma tiara de brilhantes trabalhada como uma coroa. As mãos, pousadas nos braços de brocado da poltrona, eram também enormes. Mãos grandes, gordas, imensas, com dedos igualmente gordos, grandes, disformes. Em cada dedo um anel solitário. E em cada anel, pensou, uma pedra preciosa. Um rubi, uma esmeralda, uma safira, um diamante, uma pedra verde-claro que ele não conhecia, um crisópraso talvez, uma pedra amarela

que, se não fosse um topázio, seria um diamante amarelo. Ela era horrível, pensou. Ela rolava em sua própria gordura. O rosto era uma massa esbranquiçada, gordurosa, imensa, pegajosa. E neste rosto, como se fossem duas frutinhas pretas dentro de um bolo, estavam dois olhinhos muito pretos. Olhos muito astutos, olhando para o mundo, medindo-o, analisando-o, olhando para ele e não para Renata neste instante, pois ela conhecia Renata. Renata estava ali por obrigação, com hora marcada. Sabe-se lá por quê. Mas Renata fora obrigada a *trazê-lo* aqui. Pôs-se a imaginar por quê. Não podia saber realmente por quê, mas tinha quase certeza de que fora assim. Ela estava *analisando-o, medindo-o*. Será que era assim que ela o queria? Será que — sim podia ser assim mesmo — será que era assim mesmo que ela esperava que ele fosse?

Preciso ter certeza do que ela quer de mim, pensou ele. Preciso representar o melhor possível, senão... Senão ele podia quase imaginar que ela levantasse aquela mão gorda e cheia de anéis e dissesse para um dos musculosos criados a seus pés: — "Levem-no e joguem-no das ameias." — Ridículo, pensou Stafford Nye. Essas coisas não acontecem mais hoje em dia. Onde estou? Em que tipo de espetáculo, de baile de máscaras ou de peça teatral eu estou tomando parte?

— Você chegou com muita pontualidade, criança.

Era uma voz rouca, asmática, que outrora tivera

talvez um outro tom de força, possivelmente mesmo de beleza. Isto já terminara, no entanto. Renata deu um passo à frente, fez uma ligeira reverência. Pegou na mão gorda e nela depositou um beijo cerimonioso.

— Permita-me apresentá-la a Sir Stafford Nye. A Condessa Charlotte von Waldsausen.

A gorda mão estendeu-se em sua direção. Ele se inclinou e cumprimentou-a no estilo estrangeiro. Então ela disse algo que o surpreendeu

— Conheço a sua tia-avó.

Ele teve um ar de surpresa, mas reparou logo que ela se divertira com isto. Percebeu também que ela esperava que ele se surpreendesse mesmo. Ela riu, um riso estranho, áspero, nada atraente.

— Digamos que eu a conheço. Há muitos anos. Estivemos juntas na Suíça, em Lausanne, quando éramos meninas. Matilda. Lady Matilda Baldwen-White.

— Que maravilha de novidades eu levarei para ela — disse Stafford Nye.

— Ela é mais velha do que eu. Goza de boa saúde?

— Para a idade dela, está em boa saúde. Vive no campo, muito tranqüilamente. Tem uma artrite, um reumatismo.

— Ah, sim, todas as doenças da idade avançada. Deve tomar injeções de procaína. É isto que os médicos receitam aqui nesta altitude. Fazem muito

bem. Ela sabe que você me veio visitar?

— Imagino que ela não tenha a mínima idéia — disse Sir Stafford Nye. — Ela sabia apenas que eu viria assistir ao festival de música moderna.

— Que deve ter apreciado, calculo?

— Oh, imensamente. O Teatro é maravilhoso, não acha?

— Um dos melhores. Bah! Faz o velho teatro de festival de Beirute parecer um reformatório! Sabe quanto custou para construir aquele teatro?

Ela mencionou uma soma de muitos milhões de marcos. A soma quase tirou o fôlego de Sir Stafford Nye mas ele não fez questão de esconder o fato. Ela ficou satisfeita com o efeito que lhe causara.

— Com dinheiro — disse ela, — se uma pessoa sabe, se tem bastante habilidade, se sabe discriminar, que é que o dinheiro não pode fazer? Sempre traz o que há de melhor.

Disse as últimas palavras com muito prazer, com um trejeito de lábios estalados que ele achou ao mesmo tempo desagradável e um tanto ou quanto sinistro.

— Vejo pelo que está aqui — disse ele olhando em torno da sala.

— Gosta de arte? Sim, vejo que gosta. Ali, naquela parede, está o melhor Cézanne que existe no mundo. Alguns dizem que... ah, eu esqueci o nome agora,

aquele que está no Metropolitan em Nova York... é melhor. Não é verdade. O melhor Matisse, o melhor Cézanne, os melhores desta magnífica escola de arte estão aqui. Aqui em meu refúgio nas montanhas.

— É maravilhoso — disse Stafford Nye. — É realmente maravilhoso.

Serviram bebidas. A Velha Eremita da Montanha não bebeu nada, reparou Sir Stafford. Era possível, pensou ele, que ela não quisesse correr riscos com a sua pressão arterial devido ao seu vasto peso.

— Onde você conheceu essa moça? — perguntou o Dragão da Montanha.

Seria uma armadilha? Ele não sabia mas tomou uma decisão.

— Na Embaixada Americana, em Londres.

— Ah, sim, ouvi falar. E como está... ah, esqueci seu nome agora... ah, sim, Milly Jean, nossa herdeira sulista? Muito atraente, não acha?

— Encantadora. Ela faz muito sucesso em Londres.

— E como está aquele pobre chato do Sam Cortman, o Embaixador dos Estados Unidos?

— Um homem muito sério, eu tenho certeza — disse Stafford Nye, polidamente.

Ela riu com um trejeito.

— Ah... você tem muito tato, não tem? Ah, bem, de qualquer forma ele se comporta como deve. Faz o que deve fazer um bom político. E é divertido ser

embaixador em Londres. Foi ela quem conseguiu isto para ele, Milly Jean. Ah, ela podia conseguir para ele uma embaixada em qualquer lugar no mundo, com aquela bolsa recheada que tem. O pai dela é dono de metade do petróleo do Texas, tem terras, minas de ouro, tudo. Um homem grosseiro, singularmente feio... E ela, como é? Uma gentil e delicada aristocrata. Sem ostentação, sem bancar a rica. É muita esperteza da parte dela, não acha?

— Às vezes isto não apresenta dificuldades — disse Sir Stafford Nye.

— E você? Você é rico?

— Quem dera que eu fosse.

— O Ministério das Relações Exteriores hoje em dia não é muito compensador, não é?

— Oh, bem, não colocaria assim a questão... Apesar de tudo, a gente vai a muitos lugares, encontra pessoas interessantes, conhece o mundo, vê um pouco do que se passa por aí.

— Vê um pouco, mas não vê tudo.

— Seria muito difícil.

— Algum dia você desejou ver... digamos... ver o que se faz por detrás dos bastidores?

— Às vezes a gente faz uma idéia — a voz dele era indiferente.

— Ouvi dizer que isso é verdade, que você muitas vezes tem idéias diferentes sobre as coisas. Talvez não

sejam as idéias convencionais?

— Houve uma época em que eu era considerado a ovelha negra da família — disse Stafford Nye e riu.

A velha Charlotte deu uma gargalhada.

— Você não se importa de confessar essas coisas de vez em quando, hein?

— Pra que fingir? Todo mundo percebe quando se quer esconder alguma coisa.

Ela olhou para ele.

— Que pretende você da vida, meu rapaz?

Ele deu de ombros. Novamente, ele precisava desempenhar seu papel sem ensaio.

— Nada — disse.

— Vamos, vamos, você quer que eu acredite nisto?

— Sim, a senhora pode acreditar. Não sou ambicioso. Será que pareço ambicioso?

— Não, admito que não.

— Só peço um pouco de diversão, viver confortavelmente, comer, beber com moderação, ter amigos que me distraiam.

A velha inclinou-se para a frente. Seus olhos se abriram e fecharam umas três ou quatro vezes. E desta vez ela falou com uma voz diferente. Era um tom quase sibilado.

— Você pode odiar? Você será capaz de odiar?

— O ódio é uma perda de tempo.

— Compreendo, compreendo. Não há mostras de

descontentamento em seu rosto. E verdade o que diz. De qualquer forma, penso que você está pronto a seguir um caminho que o levará a um certo lugar, e que você o seguirá sorrindo, como se não se importasse com o que faz. Mas, de qualquer jeito, no final, se tiver os conselheiros certos, a ajuda certa, você atingirá o que almeja, se for capaz de querer.

— Quanto a isto — disse Stafford Nye, — quem não é capaz de querer? — balançou a cabeça lentamente para ela: — A senhora vê longe — disse ele. — A senhora vê muito longe.

Os criados abriram a porta.

— O jantar está servido.

O procedimento era totalmente formal. Havia quase um toque de realeza. As grandes portas do fim da sala se abriram de par em par, revelando uma sala de jantar brilhantemente iluminada, com o teto decorado e três enormes candelabros. Duas mulheres de meia-idade se aproximaram da Condessa von Waldsausen, uma de cada lado. Elas usavam vestidos de noite, tinham o cabelo grisalho cuidadosamente penteado e cada uma trazia um broche de diamantes. Para Sir Stafford Nye elas lembravam vagamente dois soldados. Não eram apenas guardas de segurança, pensou ele, mas igualmente enfermeiras especializadas para cuidar da saúde, da toalete e de outros detalhes íntimos da existência da Condessa

Charlotte. Depois de respeitosas reverências, elas passaram um braço de cada lado do ombro e do cotovelo da mulher que estava sentada. Com a facilidade de uma longa experiência, ajudadas pelo máximo de esforço que ela podia fazer, elas a ergueram de uma maneira muito digna.

— Vamos jantar agora.

Seguidas de suas duas criadas, ela guiou-os para a sala. De pé parecia mais ainda um monte de geléia tremelicante, mas ainda assim era formidável. Não se podia pensar nela apenas como numa mulher gorda e velha. Era alguém e sabia que era alguém, fazia questão de ser alguém. Ele e Renata seguiram atrás do grupo.

Ao entrarem pelos portais da sala de jantar, ele sentiu como se estivessem entrando em um salão de banquetes. Havia lá a sua guarda pessoal. Jovens rapazes louros, altos e bonitos. Usavam uma espécie de uniforme. Quando Charlotte entrou no salão, ouviu-se um estalo. Todos ergueram suas espadas ao mesmo tempo. Cruzaram-nas sobre as cabeças formando uma passagem e, deixando de lado as criadas, Charlotte avançou sozinha por esse corredor, muito espigada, até uma vasta cadeira esculpida com ornamentos de ouro e forrada de brocados dourados que ficava à cabeceira da mesa. Parecia uma procissão de casamento, pensou Stafford Nye. Um casamento

naval ou militar. Neste caso, entretanto, estritamente militar — mas estava faltando um noivo.

Eram todos rapazes de físico avantajado. Nenhum deles, reparou Sir Stafford, teria mais de trinta anos. Eram bonitões, a boa saúde deles era evidente. Não sorriam, estavam completamente sérios, eram — ele procurou uma palavra para descrevê-los — sim, eram dedicados. Talvez não tanto por um motivo militar e sim por um motivo religioso. Os criados de mesa apareceram, velhos criados de outros tempos, pensou ele, do tempo dos Schloss, de um tempo antes da guerra de 1939. Parecia uma gigantesca representação histórica. Uma superprodução. E reinando sobre tudo isto, sentada numa poltrona ou num trono ou no que você quisesse chamar aquela cadeira, não estava uma rainha nem uma imperatriz mas uma mulher velha, notável sobretudo por seu excesso de peso e por sua feiúra intensa e extraordinária. Quem era ela? Que estava fazendo ali? Por que estava fazendo?

Por que toda essa farsa, essa guarda de honra, essa guarda de segurança, talvez? Outros convidados chegaram à mesa. Eles reverenciavam a monstrosidade que presidia o trono e sentavam-se em seus lugares. Usavam vestidos e roupas formais para noite. Ninguém foi apresentado a ninguém.

Stafford Nye, depois de tantos anos de prática em julgar as pessoas, classificou-os. Tipos diferentes. Uma

boa quantidade de tipos diferentes. Advogados, tinha certeza. Vários advogados. Possivelmente contadores e financistas; um ou dois oficiais do Exército à paisana. Faziam parte da gente da casa, pensou ele, mas faziam parte também daquele senso antigo de feudalismo que formava a corte.

A comida chegou. Uma imensa cabeça de javali em *aspic*, pratos de caça, um refrescante sorvete de limão, um monumental edifício de confeitaria — um super mil-folhas que parecia a mais rica e inacreditável de todas as tortas.

A mulher enorme comeu, comeu vorazmente, como se estivesse faminta, apreciando a comida. De lá de fora chegou um novo som. O barulho de um poderoso motor de carro esporte. Passou pelas janelas como um raio branco. Surgiu um grito lá de dentro da sala onde estava a guarda. O grito forte de "Heil! Heil! Heil Franz!"

A guarda de rapazes deslocou-se com a facilidade de uma manobra militar treinada de cor. Todos se tinham posto de pé. Apenas a velha dama permaneceu imóvel e sentada, a cabeça alta, em seu trono. Mas agora, calculou Stafford, um novo ânimo percorreu a sala. Os outros convidados, ou os membros da casa — fossem lá o que fossem — desapareceram como ratos pelos buracos das paredes. Os rapazes louros tornaram a formar uma fileira, as espadas para cima,

saudaram sua patroa que abaixou a cabeça em assentimento. Colocaram as espadas em suas bainhas e deram meia volta depois de recebida a permissão, saindo marchando do salão. Os olhos dela os seguiram, e depois, dirigiram-se a Renata e a Stafford Nye.

— Que pensa deles? — perguntou ela. — Meus meninos, meu regimento da juventude, minhas crianças. Sim, são as minhas crianças. Você tem alguma palavra para descrevê-los?

— Creio que sim — disse Stafford Nye. — Magníficos. — Ele dirigiu-se a ela como a uma rainha: — Magníficos, senhora.

— Ah! — ela abaixou a cabeça. Sorriu, as rugas multiplicando-se em todo o seu rosto, fazendo-a parecer um crocodilo.

Uma mulher terrível, pensou ele, uma mulher terrível, impossível, dramática. Será que isto tudo estava mesmo acontecendo? Não conseguia acreditar. Que poderia ser isto a não ser outro dos espetáculos do Festival?

As portas abriram-se novamente. O grupo de jovens super-homens louros entrou outra vez. Desta vez não levantaram as espadas, desta vez cantavam. Cantavam com um tom de voz belíssimo e incomum.

Depois de ouvir durante tantos anos a música *pop*, Stafford Nye sentiu um incrível prazer em ouvi-los.

Eram vozes treinadas, essas. Não eram gritos rouquinhos. Treinadas por mestres da arte da canção. Não tinham permissão para forçar a voz, não desafinavam nunca. Podiam ser os Heróis do Novo Mundo, mas o que cantavam não era novo. Era uma música que ele já ouvira antes. Um arranjo do Preislied. Devia haver alguma orquestra escondida nalguma galeria por cima do salão. Um arranjo ou adaptação de diversos temas wagnerianos. Passou do Preislied para os ecos distantes da música do Reno.

O Corpo de Elite formou novamente em fila onde se esperava a chegada de alguém. Desta vez não era a velha imperatriz. Ela estava sentada em seu trono esperando também esta chegada.

Finalmente ele chegou. A música mudou quando entrou na sala. Cantavam agora a melodia que Stafford Nye conhecia de cor. A música do Jovem Siegfried. A trompa de caça de Siegfried, saudando sua juventude e seu triunfo, seu poder sobre o novo mundo que ele vinha conquistar.

Pela porta grande, marchando entre as fileiras daqueles que eram claramente seus seguidores, entrou um dos rapazes mais bonitos que Stafford Nye vira em sua vida. Cabelos dourados, olhos azuis, perfeitamente bem proporcionado, como se fosse criado pela mão de um mágico, ele parecia saído de um mundo de mito. Mito, herói, ressurreição,

renascimento, tudo estava ali. Sua beleza, sua força, sua incrível segurança e arrogância.

Passou pelas fileiras duplas da guarda, até chegar ao pé da medonha figura da matrona sentada em seu trono. Dobrou um joelho, levou a mão dela aos lábios e, então, pondo-se de pé, estendeu o braço em saudação e deu o grito que Stafford já ouvira dos outros. "Heil!" Apesar de seu alemão não ser muito bom, Stafford Nye pensou distinguir as outras sílabas: "Heil à poderosa mãe!"

Depois o jovem e belo herói olhou para os dois lados. Houve um leve ar de reconhecimento ao encarar Renata, apesar de não haver demonstrado interesse. Mas quando seu olhar fixou-se em Stafford Nye mostrou um interesse bem definido. Cautela, pensou Sir Stafford. Cautela! Ele precisava representar bem o seu papel agora. Representar o papel que esperavam que representasse. Apenas... que diabo de papel era este? Que estava fazendo ali? Que é que ele e aquela moça deveriam estar fazendo ali? Por que tinham vindo?

O herói falou.

— Muito bem — disse ele, — temos hóspedes! — E acrescentou sorrindo com a arrogância de um homem que se sabe superior a qualquer outra pessoa no mundo: — Bem-vindos, convidados, bem-vindos ambos!

De algum lugar dos confins do castelo um grande sino começou a repicar. Não havia nada fúnebre em seu som, mas emanava um ar de disciplina. Parecia o sino de um mosteiro chamando para a Santa Missa.

— Precisamos ir dormir agora — disse a velha Charlotte. — Dormir. Amanhã nos veremos às onze horas da manhã.

Ela olhou para Renata e para Sir Stafford Nye.

— Serão levados a seus quartos. Espero que durmam bem. Era a despedida real.

Stafford Nye viu Renata erguer o braço na saudação fascista, mas não foi dirigida a Charlotte e sim ao rapaz de cabelos dourados. Imaginou ouvi-la dizer: "Heil Franz Joseph!" Copiou seu gesto e ele também disse "Heil!"

Charlotte falou-lhes outra vez.

— Gostariam de começar o dia de amanhã com uma cavalgada na floresta?

— Nada me daria mais prazer — disse Stafford Nye.

— E você, minha criança?

— Eu também gostaria.

— Muito bem. Cuidarei disso. Muito boa noite a vocês. Fiquei muito satisfeita com a sua vinda. Franz Joseph, dê-me o seu braço. Vamos para a sala chinesa. Temos muita coisa a discutir, e você amanhã precisa sair muito cedo.

Os criados escoltaram Renata e Stafford Nye até os seus aposentos. Nye hesitou um instante na entrada da porta. Seria possível trocar uma ou duas palavras com ela agora? Resolveu que não. Enquanto estivessem dentro das paredes do castelo precisavam agir com cautela. Nunca se sabe... em cada quarto podiam ter instalado microfones.

Mais cedo ou mais tarde, no entanto, ele *tinha* de fazer perguntas. Certas coisas lhe haviam despertado a curiosidade para uma nova e sinistra apreensão. Estava sendo persuadido, coagido a alguma coisa. Mas o quê? E quem estava fazendo isto?

Os quartos eram bonitos mas um tanto opressivos. Os ricos cortinados de cetins e veludos, alguns muito antigos, exalavam um leve perfume de decrepitude, um tempero de especiarias. Ficou imaginando se Renata vinha muito ali.

Capítulo 11

A juventude e a beleza

Depois de tomar o café da manhã em uma pequena sala no andar de baixo, encontrou-a esperando-o. Os cavalos estavam na porta.

Ambos tinham roupas de montaria. Tudo que eles possivelmente precisassem fora inteligentemente antecipado.

Montaram e saíram pela estrada que conduzia ao castelo. Renata falou qualquer coisa com o palafrenero, a pouca distância.

— Ele perguntou se gostaríamos que nos acompanhasse mas disse que não valia a pena. Conheço todas as trilhas aqui por perto muito bem.

— Eu vejo. Você já esteve aqui antes?

— Não muito nos últimos anos. Quando eu era menina conhecia estes lugares muito bem.

Ele lhe deu uma olhada rápida. Ela não o encarou. Ao cavalgar ao lado dele, observava-lhe o perfil — o nariz fino e aquilino, a cabeça orgulhosamente pousada sobre um pescoço delicado. Ela montava muito bem, reparou.

Não sabia por que, mas havia um certo desconforto em sua cabeça hoje. Ele não tinha certeza se...

Seu pensamento voou até o Aeroporto de Frankfurt.

A mulher que chegara perto dele. O copo de cerveja sobre a mesa... Nada demais naquilo que acontecera — nem naquela hora, nem depois. Um risco que ele aceitara correr. Por que, então, agora que tudo terminara, estava sentindo aquela estranha sensação de desconforto?

Deram um pequeno galope seguindo uma trilha na floresta. Uma linda propriedade, bosques maravilhosos. A distância ele viu alguns veados. Um paraíso para um esportista, um paraíso dos tempos antigos, um paraíso que talvez tivesse... quem sabe? Uma serpente? Tal e qual o paraíso primitivo com a sua serpente. Puxou as rédeas e os cavalos recomeçaram a caminhar. Ele e Renata estavam sozinhos — não havia microfones, nem paredes que escutassem... Chegara a hora das perguntas.

— Quem é ela? — perguntou com urgência na voz.

— O que ela é?

— É fácil responder. Tão fácil que é quase inacreditável.

— Então? — disse ele.

— Ela é petróleo. Minas de ouro na África do Sul. Armamentos na Suécia. Depósitos de urânio no norte. Desenvolvimento nuclear, vastas extensões de cobalto. Ela é todas estas coisas.

— E eu, no entanto, nunca ouvi falar dela, não sabia seu nome, não sabia...

— Ela não quer que as pessoas saibam.
— Mas pode-se guardar isto em segredo?
— Facilmente, se você tem bastante petróleo e cobre e depósitos nucleares e armamentos e todo o resto. O dinheiro pode anunciar mas o dinheiro também pode guardar segredos, pode esconder as coisas.

— Mas quem é ela *na realidade*?

— Seu avô era americano. Era dono de estradas de ferro, acho. Um dos donos de Chicago naqueles tempos. É como se voltássemos à história para ver. Ele se casou com uma alemã. Você já deve ter ouvido falar dela, imagino. Costumavam chamá-la a Grande Belinda. Armas, navios, todo o poderio industrial da Europa. Ela era a herdeira do pai.

— Entre os dois, uma fortuna incalculável — disse Stafford Nye. — E assim... o poder. É isto que você está me contando?

— Sim. Mas ela não herdou apenas a fortuna, sabe? Também ganhou dinheiro. Herdou o cérebro do pai, e se tornou também uma grande financista. Tudo em que punha a mão se multiplicava. Multiplicava-se em somas incríveis de dinheiro e ela as investia. Seguindo conselhos, usando o julgamento de outras pessoas, mas quase sempre preferindo o seu próprio julgamento. E sempre prosperando. Sempre aumentando a sua fortuna até que foi ficando tão fabulosa que era difícil de se acreditar. Dinheiro gera

dinheiro.

— Sim, entendo. A riqueza *sempre* aumenta se existe uma quantidade supérflua. Mas... que é que ela *quer*? Que foi que ela já *conseguiu*!

— Você acabou de dizer. Poder.

— E ela vive aqui'? Ou vive em...!'

— Ela visita a América e a Suécia. Oh, sim. ela viaja, mas não muito. É aqui que prefere ficar, no centro de uma enorme teia como uma imensa aranha controlando todos os seus fios. Os fios de suas finanças. E muitos outros fios também.

— Quando você diz outros fios...?

— Artes. Música, pintura, literatura. Seres humanos... jovens seres humanos.

— Sim. Eu percebi isto. Aqueles quadros, uma coleção maravilhosa.

— Há galerias na parte de cima do Schloss. Há Rembrandts e Giotto e Raphael e há caixas de jóias... algumas das mais maravilhosas jóias do mundo.

— E tudo pertencendo a uma velha gorda e feia. Será que está satisfeita?

— Ainda não, mas está caminhando para isto.

— Para onde ela vai, o que é que ela quer?

— Ela adora a juventude. É esta a sua forma de poder. O controle da juventude. O mundo está cheio de uma juventude rebelada hoje em dia. Isto tem sido patrocinado. Psicologia moderna, pensamento

moderno, escritores e outros que ela financia e controla.

— Mas como ela pode...? — ele a interrompeu.

— Não lhe posso dizer, porque eu mesma não sei. É uma ramificação enorme. Ela está por detrás em um certo sentido, sustenta diversas obras de caridade curiosas, ardentes filantropos e idealistas, cria inúmeras bolsas de estudo para estudantes, artistas e escritores.

— E ainda assim você diz que ela ainda não está...

— Não, ainda não está completo. É uma sublevação que está sendo planejada. Eles acreditam nisto, no novo céu e na nova terra. É o que vem sendo prometido pelos líderes da humanidade há mais de mil anos. E prometido pelas religiões, prometido por aqueles que apresentam os Messias, prometido por aqueles que ensinam as leis, como Buda. É o prometido pelos políticos. O paraíso fácil em que acreditam os assassinos, e que o Mestre dos Assassinos prometeu a seus seguidores, e que de seu ponto de vista, deu a eles.

— Ela também está por trás das drogas?

— Claro. Mas sem convicção, é lógico. Apenas como um meio para ter as pessoas curvadas ante seu poder. E uma forma também de destruir gente. Os mais fracos. Aqueles que ela julga que não servem, apesar de terem prometido no início. Ela nunca toma

drogas... ela é forte. Mas as drogas destroem as pessoas fracas com mais facilidade e mais naturalmente do que qualquer outra coisa.

— E a força? E o poder? Você não pode conseguir tudo só pela propaganda.

— Não, é claro que não. A propaganda é o primeiro estágio e por detrás dela estão se preparando pilhas de armamentos. Armas que vão para países subdesenvolvidos e de lá para outros lugares. Tanques, fuzis e armas nucleares que vão para a África, para os Mares do Sul e para a América do Sul. Na América do Sul há uma grande concentração. Forças de rapazes e moças preparando-se e treinando. Fantásticos depósitos de armamentos... meios de guerra química...

— Mas é um pesadelo! Como você sabe de tudo isto, Renata?

— Em parte porque me contaram, por informações que recebi, e em parte porque fui um dos instrumentos destas provisões

— Mas *você!* Você e *ela?*

— Há sempre algo idiota por detrás de todos os grandes projetos — ela riu de repente. — Uma vez, sabe, ela se apaixonou por meu avô. Foi uma história tola. Ele morava nesta parte do mundo. Tinha um castelo há alguns quilômetros daqui.

— Era um homem de gênio?

— Absolutamente. Apenas um bom esportista. Bonito, dissoluto e muito atraente para as mulheres. E assim, por causa disso, num certo sentido ela é minha protetora. E sou um de seus convertidos em escravos! Trabalho para ela. Procuro pessoas para ela. Obedeço a suas ordens em diferentes partes do mundo.

— De verdade?

— Que quer dizer com isto?

— Nem eu sei — disse Stafford Nye.

Mas ele sabia. Olhou para Renata e pensou outra vez no aeroporto. Ele estava trabalhando *para* Renata, estava trabalhando *com* Renata. Fora ela que o trouxera a este castelo. Quem lhe dera as ordens para trazê-lo aqui? A grande e gorda Charlotte no meio de sua teia de aranha? Ele tinha uma reputação, uma reputação de ser meio maluco em certos meios diplomáticos. Poderia ser útil para esta gente, mas útil de uma maneira pequena e mesquinha. E ele pensou de repente, numa espécie de perturbação... e Renata??? Correria um risco por ela no Aeroporto de Frankfurt. Mas estava certo. Deu certo. Nada lhe acontecera. Mas de qualquer forma, quem é *ela*? O *quê* é ela? Não sabia. Não podia ter *certeza*. Ninguém podia ter. No mundo de hoje ninguém pode ter certeza de *ninguém*. Absolutamente de ninguém. Talvez tivessem dado a ela a ordem de apanhá-lo. De trazê-lo na palma da mão, e talvez todo aquele negócio de Frankfurt tenha

sido cuidadosamente planejado. Ajustava-se ao seu caráter de correr riscos, e lhe daria confiança nela. Faria com que confiasse nela.

— Vamos dar outro galope — disse ela. — Os cavalos estão andando a passo há muito tempo.

— Eu ainda não lhe perguntei aonde *você* se encaixa em tudo isto.

— Eu recebo ordens.

— De quem?

— Há uma oposição. Sempre há uma oposição. Há pessoas que suspeitam do que anda acontecendo, de como o mundo está mudando, por causa do dinheiro, da riqueza, dos armamentos, do idealismo, muitas palavras inflamadas de poder e do que vai acontecer. Há pessoas que dizem que isso *não* pode acontecer.

— E você está com eles?

— Eu digo que estou.

— Que quer dizer com isto, Renata? Ela repetiu:

— *Eu digo que estou.*

— Aquele rapaz da noite passada...

— Franz Joseph?

— É este o nome dele?

— É o nome pelo qual é conhecido.

— Mas ele tem outro nome, não tem?

— Você acha?

— Ele é o Jovem Siegfried, não é?

— Você o viu assim? Percebeu o que ele é, O que ele

representa?

— Creio que sim. Juventude heróica. Juventude ariana, sempre a idéia de uma juventude ariana nesta parte do mundo. Há ainda este ponto de vista. Uma super-raça, os super-homens. Eles devem ser de ascendência ariana.

— Oh, sim, isto vem desde os tempos de Hitler. Nem sempre aparece muito à vista e em outras partes do mundo não é tão valorizado. Na América do Sul, como lhe disse, existe um dos maiores centros. No Peru e na África do Sul, também.

— E que faz o jovem Siegfried? Que faz ele além de bancar o bonitão e beijar a mão de sua protetora?

— Oh, é um ótimo orador. Fala e seus seguidores o acompanharão até a morte.

— É verdade?

— Ele acredita que sim.

— E você?

— Acho que acredito também. — Ela acrescentou:

— A oratória é muito perigosa, você sabe. O que uma voz pode fazer, o que as palavras podem fazer, e não obrigatoriamente as palavras convincentes. Apenas a *maneira* de dizê-las. A voz dele soa como um sino, as mulheres choram, gritam e desmaiam quando ele se dirige a elas. Você verá por você mesmo.

— Reparou na guarda pessoal de Charlotte ontem à noite? Todos muito bem vestidos... as pessoas adoram

vestir-se bem hoje em dia. Vê-se isso em todas as partes do mundo, variando de acordo com o lugar, alguns com cabelos compridos e enormes barbas, as moças com seus compridos vestidos brancos, falando de paz e de beleza, e do mundo maravilhoso que é o mundo da juventude e que será deles quando tiverem destruído bastante o velho mundo. O original País dos Jovens era a oeste do Mar da Irlanda, não era? Um lugar muito simples, um país diferente e só de jovens, diferente do que estão planejando agora... Areias prateadas, ensolaradas e canções sobre as ondas...

— Mas agora queremos a Anarquia, quebrar e destruir tudo. Somente a anarquia pode beneficiar aqueles que marcham por trás dela. É assustador mas também é maravilhoso... por causa de sua violência, porque será conseguido através da dor e do sofrimento...

— Então é assim que você vê o mundo de hoje?

— Às vezes.

— E que devo *eu* fazer a seguir?

— Seguir o seu guia. Eu sou o seu guia. Como Virgílio e Dante, eu o levarei ao inferno, eu lhe mostrarei os filmes sádicos da velha SS, a crueldade, a dor e a violência tão adoradas. E lhe mostrarei os grandes sonhos de um paraíso de paz e de beleza. Você não saberá quem é quem e o que é o quê. Mas você precisa decidir o que quer.

— Confio em você, Renata?

— Depende de você. Se quiser pode fugir de mim, ou pode ficar comigo e ver o novo mundo. O novo mundo que está sendo feito.

— Figuras de papelão —disse Stafford Nye, violentamente. Ela olhou para ele com ar de interrogação.

— Como Alice no País das Maravilhas. As cartas, as cartas do baralho subindo para o ar. Voando. Reis e damas e valetes. E todas essas coisas — continuou ele.

— Você quer dizer... que quer dizer exatamente?

— Quero dizer que isto não é real. Que toda esta encenação é uma farsa.

— Em um certo sentido, sim.

— Todos fantasiados, representando, trabalhando numa peça. Eu estou chegando perto do significado, não estou?

— De uma certa forma, sim, de uma certa forma, não...

— Há uma coisa que gostaria de lhe perguntar porque me intrigou. A grande Charlotte mandou que você me trouxesse aqui... por quê? Que sabe ela de mim? Que uso ela pretende fazer de mim?

— Não sei exatamente... possivelmente uma espécie de *Eminence Grise*... trabalhando por detrás dos bastidores. Isto seria útil para ela.

— Mas ela não sabe de nada a meu respeito!

— Oh, *isto!* — de repente teve um acesso de riso. — É tão ridículo, realmente... as mesmas tolices repetindo-se outra vez.

— Eu não entendo você, Renata.

— Não... você não entende porque é simples demais. O Sr. Robinson entenderia.

— Poderia ter a gentileza de me explicar de que você está falando?

— É a mesma velha história outra vez... "*Não é você que conta. São as pessoas que você conhece.*" Sua Tia-avó Matilda e a Grande Charlotte estiveram na escola juntas...

— Você quer dizer...

— Cresceram juntas.

Ele olhou para ela. E então jogou a cabeça para trás e explodiu num acesso de riso.

Capítulo 12

O Bobo da Corte

Deixaram o castelo ao meio-dia, depois de se despedirem de sua anfitriã. Seguiram pela estrada sinuosa, deixando para trás o Schloss no alto de seu penhasco e depois de muitas horas de direção chegaram aos contrafortes das Dolomitas — um anfiteatro nas montanhas onde reuniões, concertos e encontros de vários Grupos da Juventude se sucediam.

Renata trouxera-o ali, fora seu guia, e agora, de seu assento de pedra, ele observava e ouvia o que se passava. Entendera um pouco mais do que ela lhe falara pela manhã. Esta grande massa reunida, animada como todas as multidões se animam, tanto para ouvir um pastor evangelista no Madison Square Garden em Nova York, ou à sombra de uma igreja galesa, ou numa torcida de futebol ou numa demonstração em marcha para atacar embaixadas, policiais, universidades e todo o resto.

Ela trouxera-o ali para que ele aprendesse o significado daquela única expressão: "O Jovem Siegfried".

Franz Joseph, se era este mesmo o seu nome, dirigia-se à multidão. Sua voz, subindo, baixando, com aquela estranha e curiosa qualidade para excitá-la, seu

apelo emocional, dominara aquela massa murmurante, quase lamuriante de moças e rapazes. Cada palavra que ele dissera estava preñhe de significação, trazia aquele indescritível apelo. A massa respondera como uma orquestra. Sua voz tinha sido a batuta do maestro. E, no entanto, que dissera aquele menino? Qual a mensagem do jovem Siegfried? Não havia palavras de que eles pudessem lembrar, mas sabia que ele os movimentara, prometera coisas, despertara o seu entusiasmo. E agora estava terminado. A multidão postara-se em volta da plataforma de pedra, chamando, gritando. Algumas das moças berravam de entusiasmo. Algumas delas tinham desmaiado. Que mundo o de hoje, pensou ele. Cada qual usava tudo o que podia para despertar emoções. Disciplina? Contenção? Nada disso valia mais hoje em dia. Nada mais importava a não ser o *sentimento*.

Que tipo de mundo, pensou Stafford Nye, resultará disso?

Sua guia tocou-lhe o braço e eles se afastaram da multidão. Descobriram o carro que os servia e o motorista levou-os por estradas que obviamente conhecia muito bem, até uma pequena hospedaria numa vila perto da montanha, onde haviam sido reservados quartos para eles.

Caminharam para fora da hospedaria por uma

trilha batida, subindo a montanha até que encontraram um lugar para se sentarem.

Por uns cinco minutos ficaram calados olhando para o vale até que Renata falou:

— Então?

— Que quer perguntar-me?

— Que pensa você até agora do que lhe mostrei?

— Não estou convencido — disse Stafford Nye.

Ela deu um suspiro, um suspiro profundo e inesperado.

— Era isto que eu esperava que você dissesse.

— Nada disso é verdade, não é? É um espetáculo gigantesco. Um espetáculo preparado por um produtor... por um grupo completo de produtores, talvez.

— Aquela mulher monstruosa paga ao produtor, contrata o produtor. Nós não vimos o produtor. Hoje só vimos o principal astro do espetáculo.

— Que acha dele?

— Ele nem é verdadeiro — disse Stafford Nye. — É apenas um ator. Um ator de primeira classe, esplendidamente dirigido.

Um som surpreendeu-o. Era Renata rindo. Ela se levantou de onde estava. De repente parecia excitada, feliz e ao mesmo tempo ligeiramente irônica.

— Eu sabia — disse ela. — Eu sabia que você ia ver. Eu sabia que você tinha os pés no chão. Você sempre

soube, não foi, você sempre soube o que encontrava na vida. Você descobre as farsas, você mede as coisas e as pessoas pelo que elas são realmente. Não é preciso ir a Stratford e ver peças de Shakespeare para saber qual é o papel que lhe convém... os reis e os grandes homens sempre têm um truão... o Bobo da Corte que conta ao rei a verdade, que emprega o senso comum e se diverte com as coisas que as outras pessoas levam a sério.

— Então é isto que eu sou? Um Bobo da Corte?

— Você mesmo não percebe? É isto que nós queremos... É disso que precisamos. "Papelão", você disse. "Cartas de baralho". Um vasto, bem produzido, esplêndido *simulacro*! E você tem toda a razão. Mas o povo foi enganado. Eles pensam que é algo maravilhoso, ou algo diabólico, ou então pensam que é terrivelmente importante. Claro que não é... apenas... apenas alguém tem de descobrir e *mostrar* ao povo que tudo aquilo é uma *tolice*. Apenas uma estúpida *tolice*. É isto que eu e você temos de fazer.

— Sua idéia é que no final nós desmascararemos tudo isto?

— É tremendamente improvável, concordo. Mas você sabe que uma vez que se mostre ao povo que algo não é real, que é apenas uma imensa palhaçada, bem...

— Você está me propondo uma pregação

evangélica de senso comum?

— É claro que não — disse Renata. — Ninguém nos ouviria, não acha?

— Pelo menos no momento.

— Não. Nós precisamos dar-lhes evidências... fatos... a verdade...

— E conseguiremos tudo isso?

— Sim. O que eu trouxe comigo de Frankfurt... aquilo que você me ajudou a levar a salvo para a Inglaterra...

— Eu não compreendo...

— Ainda não. Mas você saberá depois. Por agora, temos um papel a desempenhar. Estamos prontos e preparados, ansiando para sermos doutrinados. Idolatramos a juventude. Somos seguidores e crentes do jovem Siegfried.

— *Você* pode fazer isto, sem dúvida. Eu já não tenho tanta certeza quanto a mim. Eu nunca fiz muito sucesso como adorador de coisa nenhuma. O Bobo da Corte não dá para isto. É um debochado. Ninguém vai gostar muito disso agora, não acha?

— É claro que não. Não. Você não vai mostrar agora esta parte de sua personalidade. Exceto, é lógico, quando falar sobre os seus chefes e superiores, os políticos e os diplomatas, o Ministério do Exterior, as instituições, todas estas coisas. Com eles você pode ser amargo, malicioso, chistoso, ligeiramente cruel.

— Continuo sem ver o meu papel nesta cruzada mundial.

— É um dos mais antigos de todos, aquele que todos compreendem e apreciam. Algo especial para você. Feito sob medida. Você nunca foi muito apreciado no passado, mas o jovem Siegfried e tudo o que ele significa o encherão da esperança de uma recompensa. Porque você lhe dará todas as informações que ele quer lá de dentro de seu país, ele lhe prometerá lugares e força neste país quando chegarem os bons tempos.

— Você está insinuando que esse movimento é mundial. É verdade?

— É claro que é. Como um daqueles furacões, aqueles que têm nomes. Flora e Aninha. Vêm lá do sul ou do norte ou do leste ou do oeste, vêm de qualquer lugar e destroem tudo. É isso que todos eles querem. Na Europa, Ásia e América. Talvez na África, se bem que não haja muito entusiasmo por lá. Eles ainda estão engatinhando em respeito ao poder e à má administração e a outras coisas. Oh, sim, é mesmo um movimento mundial. Movido pela juventude e com toda a intensa vitalidade da juventude. Eles não têm conhecimentos e não têm experiências, mas possuem visão e vitalidade e são muito bem financiados. Rios e rios de dinheiro. Existe materialismo demais, então pedimos outra coisa e a conseguimos. Mas como foi

baseada no ódio, ela não nos levará a lugar nenhum. Não pode sair do lugar. Você não se lembra que em 1919 todo mundo saía por aí com a cara mais limpa dizendo que o comunismo era a resposta para tudo? Que a doutrina marxista produziria um novo paraíso para esta nova terra? Tantas e tão nobres idéias vagando por aí. Mas então, veja você, quem vai trabalhar essas idéias para você? Apesar de tudo, os mesmos seres humanos que sempre existiram. Você pode criar um terceiro mundo agora, ou pelo menos todos pensam assim, mas esse terceiro mundo terá as mesmas pessoas deste primeiro mundo ou do segundo mundo ou de qualquer mundo que você inventar. E quando você dispõe dos mesmos seres humanos para organizar as coisas, eles as organizarão da mesma maneira que sempre organizaram. Basta olhar para a história.

— Será que alguém ainda se incomoda em olhar para a história?

— Não. Eles preferem, ao invés disso, olhar para um futuro imprevisto. A ciência foi algum tempo a resposta para todas as perguntas. As crenças freudianas e o sexo irreprimido serão a próxima resposta para a miséria humana. Não existirão mais pessoas com problemas mentais. Se alguém dissesse que os hospícios ficariam ainda mais cheios como resultado da total falta de repressão, ninguém

acreditaria.

Stafford Nye interrompeu-a:

— Quero saber uma coisa — disse ele.

— O que é?

— Para onde vamos agora?

— América do Sul. E possivelmente ao Paquistão e à Índia pelo caminho. E iremos certamente aos Estados Unidos. Há um bocado de coisas acontecendo por lá e são muito interessantes. Especialmente na Califórnia...

— Universidades? — Sir Stafford suspirou. — A gente fica cansado das universidades. Elas se repetem tanto.

Ficaram sentados em silêncio durante alguns minutos. A luz estava diminuindo mas um dos picos da montanha mostrava-se suavemente avermelhado.

Stafford Nye falou numa voz nostálgica:

— Se pudéssemos ter um pouco mais de música neste momento... sabe de que eu gostaria?

— Mais Wagner? Ou já se libertou de Wagner?

— Não... você tem razão... mais Wagner. Eu teria Hans Sachs sentado em baixo de sua velha árvore, dizendo para o mundo: "Loucos, loucos, todos loucos..."

— Sim... isto é bem expressivo. É uma música encantadora, entretanto. Mas *nós não somos* loucos. Somos lúcidos.

— Eminentemente lúcidos — disse Stafford Nye. —

É este que vai ser o problema. Há mais uma coisa que eu gostaria de saber.

— Qual?

— Talvez você não me conte. Mas *preciso* saber. Será que haverá algum divertimento quando sairmos de toda esta confusão?

— Claro que haverá. Por que não?

— Loucos, loucos, todos loucos... mas nós nos divertiremos muito. Será que nossas vidas serão longas, Mary Ann?

— Provavelmente não — disse Renata.

— Aí está a graça. Eu estou com você, minha camarada e guia. Será que conseguiremos um mundo melhor como resultado de nossos esforços?

— Não creio que sim, mas pelo menos será um mundo mais bondoso. No momento está cheio de crenças mas sem nenhuma bondade.

— A razão é o bastante! — disse Stafford Nye. — Vamos em frente!

LIVRO III: EM CASA E LA FORA

Capítulo 13 Conferência em Paris

Cinco homens estavam sentados numa sala em Paris. Era uma sala que já assistira a inúmeros momentos históricos. Um grande número deles. Esta reunião era de certa forma muito diferente das outras mas nem por isso deixava de ser menos histórica.

Monsieur Grosjean presidia a reunião. Era um homem preocupado, fazendo o melhor que podia para amenizar as situações com elegância e usando o seu charme que tantas vezes o auxiliara no passado. Não achou que isso o estivesse ajudando muito hoje. O Signor Vitelli chegara da Itália de avião uma hora atrás. Seus gestos eram febris, suas maneiras desorientadas.

— Vai além de tudo — ele estava dizendo — vai além de tudo que se possa imaginar.

— Esses estudantes — disse Monsieur Grosjean, — nós todos não estamos sofrendo?

— Isso é mais do que os estudantes. Vai além dos estudantes. A que se pode comparar? Um enxame de abelhas. Um cataclismo da natureza intensificado. Aumentado a um ponto que ninguém consegue

imaginar. Eles avançam. Têm metralhadoras. Em algum lugar conseguiram aviões. Pretendem ocupar todo o Norte da Itália. Mas é uma loucura! São apenas crianças, nada mais! E, no entanto, têm bombas, explosivos. Somente na Cidade de Milão são mais numerosos de que a polícia. Que podemos fazer, eu lhes pergunto? Os militares? O Exército também está sublevado. Eles dizem que estão com os *jovens*. Dizem que não há mais esperanças no mundo a não ser na anarquia. Falam de algo que chamam de O Terceiro Mundo, mas isso não pode acontecer.

Monsieur Grosjean suspirou.

— Ela é muito popular entre os jovens — disse ele, — a anarquia. A te na anarquia. Sabemos disso desde os dias da Argélia conhecemos todos os problemas que nosso país sofreu e também nosso império colonial. E que podemos fazer? Os militares? No fim, eles terminam apoiando os estudantes.

— Os estudantes, ah, os estudantes! — disse Monsieur Poissonier.

Ele era um dos membros do Governo francês e para quem a palavra estudante era o mesmo que excomungado. Se lhe houvessem perguntado, teria dado preferência a um surto de gripe asiática ou mesmo a uma epidemia de peste bubônica. Em seu modo de pensar, qualquer das duas era preferível às atividades estudantis. Ah, um mundo sem estudantes!

Era isto que Monsieur Poissonier sonhava de vez em quando. Eram sonhos lindos. Infelizmente não eram muito freqüentes.

— E quanto aos magistrados — disse Monsieur Grosjean, — que foi que aconteceu com as nossas autoridades judiciais? A Polícia... bem, a Polícia ainda se mantém fiel, mas o judiciário, este não impõe sentenças aos jovens que lhes são levados a julgamento, jovens que destruíram propriedades, não só do Governo como propriedades particulares... qualquer tipo de propriedade. E por que não fazem nada, vocês gostariam de saber? Tenho feito diversas investigações ultimamente. A Prefeitura sugeriu-me uma série de coisas. E preciso um aumento, dizem eles, para melhorar o nível de vida das autoridades judiciárias, especialmente nas áreas de província.

— Vamos, vamos — disse Monsieur Poissonier, — você precisa ter cuidado com o que diz.

— *Ma fui*, por que preciso ter cuidado? As coisas precisam ser trazidas à tona. Nós já tivemos fraudes antes, fraudes gigantescas e no momento há muito dinheiro em circulação. Dinheiro sim, e não sabemos de onde ele vem, mas a Prefeitura me disse — e eu acredito — que eles estão começando a ter idéia de *para onde vai* este dinheiro. Será que vamos ficar contemplando um estado corrupto financiado por uma fonte externa?

— Na Itália também — disse o Signor Vitelli, — na Itália, ah, posso contar-lhe muita coisa. Sim, posso contar-lhe do que suspeitamos. Mas quem, quem está corrompendo o nosso mundo? um grupo de industriais, um grupo de figurões? Como é possível?

Esse negócio tem de parar — disse Monsieur Grosjean. — Precisamos tomar uma atitude. Ação militar. Ação da Força Aérea. Estes anarquistas, estes vagabundos estão em todas as classes. É preciso liquidá-los.

— O controle com gás lacrimogêneo tem tido bastante sucesso — disse Monsieur Poissonier, meio em dúvida.

— Gás lacrimogêneo não é o suficiente — disse Monsieur Grosjean. — Dá o mesmo resultado que mandar esse bando de estudantes descascar um monte de cebolas. Eles vão chorar. De que serve isto?

Monsieur Poissonier falou com a voz estremecida:

— Você não está sugerindo o uso de armas nucleares, está?

— Armas nucleares? *Quel blague!* Que podemos fazer com armas nucleares? Que será do solo da França, que será do nosso ar se usarmos armas nucleares? Podemos destruir a Rússia, se quisermos. E sabemos também que a Rússia pode destruir-nos.

— Você não está sugerindo que grupos de estudantes, marchando em demonstrações, possam

destruir nossas forças e autoridades?

— É exatamente o que estou sugerindo. Tenho recebido avisos sobre essas coisas. Sobre estocagem de armas e de várias formas de guerra química e outros. Recebi relatórios de alguns de nossos eminentes cientistas. Sabem-se os segredos. Estoques — guardados secretamente — de armas de guerra foram roubados. O que vai acontecer depois, eu lhes pergunto. Que vai acontecer?

A pergunta foi respondida inesperadamente e ainda com mais rapidez que Monsieur Grosjean pudesse calcular. A porta abriu-se e a principal secretária aproximou-se de seu patrão, o rosto demonstrando a urgência do comunicado. Monsieur Grosjean olhou para ela com descontentamento.

— Não lhe disse que não queria ser interrompido?

— Sim, senhor presidente, mas é algo inusitado... — abaixou-se e murmurou no ouvido do patrão. — O Marechal está aqui.

Ele pediu para entrar.

— O Marechal? Você quer dizer...

A secretária balançou com a cabeça vigorosamente diversas vezes para confirmar o que dizia. Monsieur Poissonier olhou para seu colega perplexo.

— Ele pediu para entrar. Não aceitará uma recusa.

Os dois outros homens olharam primeiro para Grosjean e depois para o agitado italiano.

— Não seria melhor — disse Monsieur Coin, Ministro dos Negócios Interiores, se...

Ele se interrompeu no "se" quando a porta se abriu e um homem entrou. Um homem muito conhecido. Um homem cuja palavra não fora apenas lei, estivera mesmo acima da lei em toda a França durante muitos anos. Vê-lo neste momento foi uma surpresa indesejável para os homens que estavam ali sentados.

— Ah, eu os saúdo, caros colegas — disse o Marechal. — Vim ajudá-los. Nosso país está em perigo. Precisamos reagir, reagir imediatamente! Vim colocar-me à disposição! Tomarei toda a responsabilidade pela atuação durante a crise. Talvez haja perigo. Eu sei que há mas a honra está acima do perigo. A salvação da França está acima do perigo. Eles marcham sobre nós. Uma imensa horda de estudantes, de criminosos que saíram das cadeias, alguns deles por crimes de homicídio. Homens que atearam incêndios. Eles gritam nomes. Cantam. Clamam pelo nome de seus mestres, de seus filósofos, daqueles que os lideram nesta trilha da insurreição. Aqueles que trarão as trevas à França a não ser que alguma coisa seja feita. Vocês ficam aqui sentados, falando, deplorando o que acontece. É preciso fazer mais do que isto. Mandeï chamar dois regimentos. Alerteï a Força Aérea, envieï mensagens cifradas pelas linhas especiais para nossos vizinhos aliados, para

meus amigos na Alemanha, pois neste momento ela é também nossa aliada nesta crise!

As desordens precisam ter um fim! Rebelião! Insurreição! Perigo para homens, mulheres, crianças, propriedades! Avançarei para acalmar a insurreição, para falar a eles como um pai, pois são meus filhos. São a juventude da França. Irei falar com eles sobre isto. Eles me ouvirão, os governos serão revistos, seus estudos serão reiniciados sob seus próprios auspícios. As concessões que tinham eram insuficientes, suas vidas estavam privadas de beleza, faltava-lhes uma liderança. Prometerei tudo isso. Falarei em meu próprio nome. Falarei também em nome de vocês, em nome do Governo. Vocês fizeram o melhor que podiam, atuaram da maneira que sabiam. Mas é preciso uma liderança. É preciso a *minha* liderança. Eu irei agora. Tenho outras listas de mensagens cifradas para serem enviadas. Certos repressivos nucleares que podem ser usados em locais mais desertos poderão ser postos em ação de uma forma modificada e, apesar de causarem terror ao povo, saberemos que não haverá realmente nenhum perigo. Já pensei em tudo. Meu plano será posto em ação. Venham, meus fiéis amigos, acompanhem-me.

— Marechal, não podemos permitir... o senhor não pode expor-se ao perigo. Nós precisamos...

— Não ouvirei nada do que estão dizendo. Seguirei

minha missão, meu destino.

O Marechal dirigiu-se para a porta.

— Minha equipe está aí fora. Meus guardas de segurança selecionados. Irei agora falar com esses jovens rebeldes, com esta linda flor de beleza e terror, para dizer-lhes em que consistem os seus direitos.

Desapareceu porta afora com a grandeza de um astro de teatro desempenhando o seu papel favorito.

— *Bon Dieu*, ele está mesmo falando sério! — disse Monsi-eur Poissonier.

— Vai arriscar a vida — disse o Signor Vitelli. — Quem sabe? Ele é um bravo, um homem corajoso. É muito galante, sim, mas que lhe acontecerá? Com o espírito que os jovens têm agora, podem até matá-lo.

Um suspiro satisfeito escapou dos lábios de Monsieur Poissonier. Pode ser verdade, pensou ele. Sim, pode até ser verdade.

— É possível, sim — disse ele. — Sim, podem até matá-lo.

— Ninguém pode desejar isto, é claro — disse Monsieur Grosjean cautelosamente.

Monsieur Grosjean desejava isso. Ele almejava por isso, apesar de que um pessimismo natural levou-o a pensar que as coisas nunca acontecem da maneira que a gente deseja que aconteçam. Na verdade, ele se deparou com uma outra perspectiva bem pior. Era bem possível e de acordo com as tradições do passado

do Marechal que, de uma forma ou de outra, ele conseguisse induzir -uma boa parte daqueles sanguinários e excitadíssimos estudantes a escutarem o que dizia, confiarem em suas promessas e terminarem insistindo para que ele voltasse ao poder que já tantas vezes exercera. Eram coisas que já tinham acontecido uma ou duas vezes na carreira do Marechal. Seu magnetismo pessoal era tanto que muitos políticos tinham sido derrotados por ele quando menos esperavam.

— Precisamos detê-lo — gritou ele.

— Sim, sim — disse o Signor Vitelli, — o mundo não pode perdê-lo.

— O meu medo — disse Monsieur Poissonier — é que ele tem muitos amigos na Alemanha, muitos contatos, e vocês sabem que em matéria de manobras militares os alemães são rápidos. Não vão deixar escapar esta oportunidade.

— *Bon Dieu, Bon Dieu!* — exclamou Monsieur Grosjean, enxugando a testa. — Que podemos fazer? Que vamos fazer? Que barulho é este? Ouvi tiros, não ouvi?

— Não, não — disse Monsieur Poissonier tranqüilizador.

— É o barulho das bandejas de café na cantina que você está ouvindo.

— Há uma citação que gostaria de fazer — disse

Monsieur Grosjean, que era um amante dos dramas, — se ao menos pudesse lembrar-me... Uma citação de Shakespeare: "Ninguém me livrará deste..."

— "padre turbulento"... — completou Monsieur Poissonier.

— É de uma peça de Beckett.

— Um louco como o Marechal é pior do que um padre. Um padre pelo menos é inofensivo, apesar de até a Sua Santidade o Papa ter recebido ainda ontem uma delegação de estudantes. *Abençoou-os*. Chamou-os de seus filhos.

— Foi um gesto cristão, apenas — disse Monsieur Coin com ar de dúvida.

— Pode-se ir longe demais até mesmo com gestos cristãos

— disse Monsieur Grosjean.

Capítulo 14

Conferência em Londres

Na sala de reuniões do N° 10 na Downing Street, o Primeiro-Ministro, Sr. Cedric Lazenby, estava sentado à cabeceira da mesa e olhava para seus oficiais de Gabinete sem nenhum prazer. A expressão de seu rosto era definitivamente sombria, o que de certa forma proporcionava-lhe um certo alívio. Estava começando a pensar que apenas na intimidade de sua sala de reuniões podia descansar seu rosto com uma expressão infeliz, abandonando aquela que presentemente usava perante o mundo: um sábio e animado otimismo que tão bem lhe servira nas várias crises políticas de sua vida.

Olhou em torno para Gordon Chetwynd, a testa franzida; para Sir George Packham, que evidentemente estava preocupado, pensando e imaginando coisas como sempre; para a impassividade militar do Coronel Munro; para o Brigadeiro Kenwood, um homem de lábios apertados que não se importava de demonstrar a sua profunda desconfiança dos políticos. Havia também o Almirante Blunt, um homem enorme, que tamborilava os dedos na mesa esperando uma oportunidade desde que

chegara.

— Isto não está nada bom — estava dizendo o Brigadeiro. — A gente tem de admitir. Quatro de nossos aviões foram seqüestrados na última semana. Foram levados para Milão. Deixaram os passageiros lá e seguiram para outro local. Talvez para a África. Tinham pilotos à espera. Negros.

— O Poder Negro — disse o Coronel Munro pensativo.

— Ou o Poder Vermelho? — sugeriu Lazenby. — Sinto, sabem, que todas as nossas dificuldades devem vir das doutrinações russas. Se ao menos pudéssemos entrar em contato com os russos... Penso que realmente se fizéssemos uma visita às autoridades...

— Pare por aí, Primeiro-Ministro — disse o Almirante Blunt. — Não vá começar outra vez a implicar com os russos. Tudo que *eles* querem no momento é ficar de fora desta confusão. Eles não têm lá muitos problemas com os seus estudantes como nós. A única preocupação deles é ficar de olho nos chineses para ver qual vai ser a próxima arte que farão.

— Tenho a impressão de que uma influência pessoal...

— Fique por aqui e cuide de sua própria terra — disse o Almirante Blunt. Este fazia honra ao seu nome* e acrescentou bruscamente:

*N. T. : *Blunt* em inglês quer dizer brusco.

— Não será melhor nós ouvirmos um relatório acurado do que está realmente acontecendo? — Gordon Chetwynd olhou para o Coronel Munro.

— Vocês querem fatos? Muito bem. Mas eles são difíceis de engolir. Presumo que queiram não apenas detalhes mas um apanhado global do que está acontecendo aqui e no resto do mundo.

— Exatamente.

— Bem, na França o Marechal ainda está no hospital. Duas balas no braço. O inferno se desencadeou em todos os círculos políticos. Várias regiões do país estão sob o controle do que eles chamam de tropas do Poder Jovem.

— Você quer dizer que eles têm armas? — disse Gordon Chetwynd com a voz horrorizada.

— Eles têm um monte de armas — disse o Coronel.

— Não sei realmente de onde as conseguem. Há diversas teorias. Um grande carregamento de armas foi enviado da Suécia para a África Ocidental.

— E o que isto tem a ver com o caso? — disse o Sr. Lazenby. — Quem se importa? Deixe-os terem todas as armas que queiram lá na África Ocidental. Podem ficar dando tiros uns nos outros.

— Bem, há um ponto curioso sobre isso, pelo menos até onde vai o nosso Serviço de Inteligência. Eis aqui uma lista dos armamentos que foram enviados para a

África Ocidental. O interessante é que foram enviados para lá, e depois foram novamente enviados para outro lugar. Foram aceitos, a chegada foi comunicada, foram pagos ou talvez não, mas foram enviados para fora do país antes que se passassem cinco dias. Foram embora, reenviados para outro lugar.

— Mas qual é a idéia?

— A idéia me parece — disse Munro — que eles nunca se destinaram realmente à África Ocidental. Foram pagos e enviados para outro país. É possível que da África tenham ido para o Oriente Próximo. Para o Golfo Pérsico, para a Grécia e para a Turquia. Da mesma forma, uma encomenda de aviões foi expedida para o Egito. Do Egito foram enviados para a Índia e da Índia foram para a Rússia.

— Eu pensei que você tivesse dito que eles tinham vindo da Rússia.

— E da Rússia foram para Praga. É uma loucura.

— Não entendo — disse Sir George — a gente fica imaginando...

— Em algum ponto parece haver uma organização central dirigindo os suprimentos de diversas coisas. Aviões, armamentos, bombas, não só explosivas como as usadas em guerra bacteriológica. Todas essas encomendas estão sendo enviadas para as mais inesperadas direções. São entregues por meios cruzados para os locais onde há problemas e

empregadas pelos líderes e seus regimentos — se vocês quiserem chamá-los assim — do Poder Jovem. A maior parte vai para as mãos dos líderes de pequenos movimentos de guerrilhas, anarquistas confessos que pregam, a anarquia, que utilizam — se bem que eu duvide que sejam pagos algum dia — alguns dos mais modernos e atuais modelos.

— Você quer dizer que estamos em face de algo assim como uma guerra mundial? — Cedric Lazenby estava chocado.

O homem suave de rosto asiático, sentado na extremidade inferior da mesa e que ainda não falara, ergueu o rosto com um sorriso mongol e disse:

— E nisso que somos forçados a acreditar agora. Nossas observações nos dizem...

Lazenby interrompeu-o.

— Vocês têm de parar de fazer observações. As Nações Unidas precisam pegar em armas e acabar com isto.

O rosto tranquilo permaneceu imóvel.

— Isto seria contra os nossos princípios — disse ele.

O Coronel Munro levantou e continuou com seu relatório:

— Há lutas em várias partes de diversos países. O Sudeste da Ásia clama pela independência há muito tempo e deve haver quatro ou cinco pontos de conflito na América do Sul, Cuba, Peru, Guatemala e outros.

Quanto aos Estados Unidos vocês já sabem, Washington foi quase reduzida a cinzas — o Oeste está invadido pelas forças armadas do Poder Jovem — Chicago está sob lei marcial. Sabem o que houve com Sam Cortman? Foi abatido a noite passada nos degraus da Embaixada Americana aqui em Londres.

— Ele deveria vir aqui hoje — disse Lazenby. — Ia fornecer-nos suas opiniões sobre a situação.

— Não creio que fossem de muita ajuda — disse o Coronel Munro. — Era um camarada bastante simpático, mas não muito esperto.

— Mas quem está por *trás* disso tudo? — a voz de Lazenby alteou-se histericamente. — Podem ser os russos, é claro... — Olhou para os outros esperançoso. Ainda estava se vendo voando para Moscou.

O Coronel Munro balançou negativamente a cabeça.

— Duvido — disse ele.

— Um apelo pessoal... — disse Lazenby. Seu rosto iluminou-se de esperança. — Uma esfera totalmente nova de influência. Os chineses...?

— Nem os chineses — disse o Coronel Munro. — Mas vocês sabem que existe um grande ressurgimento do neo-fascismo na Alemanha.

— Você não está pensando que os alemães poderiam realmente...

— Não creio, na verdade, que estivessem por trás

de tudo isso, mas quando eu digo possivelmente... sim, possivelmente eles poderiam facilmente estar. Já fizeram isso uma vez, lembrem-se. Prepararam as coisas durante muitos anos, planejaram tudo, aprontaram tudo, esperando apenas pela ordem de ir. São bons planejadores, muito bons planejadores. Um trabalho de equipe excelente. Eu os admiro, vocês sabem. Não posso deixar de admirá-los.

— Mas a Alemanha parece estar em tão boa paz conosco e tão bem dirigida.

— Sim, é claro, isso lhes dá um ponto favorável. Mas vocês sabem "que a América do Sul está praticamente cheia de alemães, de jovens neo-fascistas e que eles têm lá uma imensa organização da Federação da Juventude. Chamam-se a si próprios de super-arianos ou algo assim. Vocês sabem, mais ou menos a velha conversa, suásticas e saudações. Quem os dirige é chamado de o Jovem Wotan ou o Jovem Siegfried ou qualquer coisa assim. Uma besteirada ariana.

Uma batida na porta e a secretária entrou.

— O Professor Eckstein está aqui, senhor.

— É melhor fazê-lo entrar— disse Cedric Lazenby.— Apesar de tudo. se alguém nos pode dizer alguma coisa sobre as últimas descobertas sobre armas, eis o homem. Talvez tenhamos algo debaixo da manga que possa em breve por fim a todas estas

tolices.

Além de ser um viajante profissional para países estrangeiros no papel de pacificador, o Sr. Lazenby tinha o mal incurável de ser otimista, apesar de pouco ver seus resultados justificados.

— Poderíamos usar alguma boa arma secreta — disse o Brigadeiro esperançoso.

O Professor Eckstein, considerado por muitos como o maior cientista britânico, quando era olhado pela primeira vez parecia totalmente sem importância. Era um homenzinho de suíças antiquadas e uma tosse asmática. Parecia alguém eternamente ansioso em pedir desculpas pela própria existência. Fazia ruídos assim como "ah", "rruumff", "mrrr", assoava o nariz, tossia asmaticamente outra vez, e apertava as mãos com timidez quando era apresentado a alguém. Eleja conhecia vários dos que estavam ali e cumprimentava-os com diversos movimentos nervosos de cabeça. Sentou-se na cadeira que lhe indicaram e olhou vagamente em torno. Levou a mão à boca e pôs-se a roer as unhas.

— Os chefes de todos os ministérios estão aqui — disse Sir George Packham. — Estamos todos ansiosos em saber sua opinião sobre o que deve ser feito.

— Oh! — disse o professor Eckstein — feito? Sim, sim, feito?

Houve um silêncio.

— O mundo está caminhando a passos largos para o caminho da anarquia — disse Sir George.

— Parece que sim, não é? Pelo menos, pelo que tenho lido nos jornais. Não que eu confie em jornais. Realmente, as coisas que esses jornalistas inventam. Nunca têm a menor exatidão em seus depoimentos.

— Ouvi dizer que o senhor fez descobertas muito importantes ultimamente, professor — disse Cedric Lazenby para encorajá-lo.

— Ah, sim, nós fizemos mesmo. Fizemos mesmo — o Professor Eckstein animou-se um pouquinho. — Conseguimos um bocado de materiais para guerra química. Se quisermos um dia usá-los. Micróbios, vocês sabem, guerra biológica, gases que podem ser distribuídos junto com o gás comum, poluição de ar e envenenamento dos reservatórios de água. Se vocês quiserem, eu creio, poderíamos matar metade da população da Inglaterra em três dias. — Esfregou as mãos. — E isto que vocês querem?

— Não, não! Oh, Deus, é claro que não! — O Sr. Lazenby pareceu horrorizado.

— Bem, foi só o que quis dizer, vocês sabem. A questão não é termos ou não armas letais suficientes. Temos até demais. Tudo que temos é mortal *demais*. A dificuldade vai ser conseguirmos conservar alguém vivo, mesmo nós. Eh? Todo o mundo lá de cima, vocês sabem. Bem... *nós*, por exemplo — deu um sorriso

sibilado, quase feliz.

— Mas não é isto que nós *queremos* — insistiu Lazenby.

— Não é a questão do que vocês *querem*, é a questão do que nós *temos*. Cada coisa que temos é tremendamente mortal. Se quiserem que todas as pessoas de menos de trinta anos sejam riscadas do mapa, calculo que possa fazer isto. É claro que um bocado dos mais velhos também vai-se embora. E difícil separar uns dos outros, não é? Pessoalmente eu seria contra. Temos alguns pesquisadores jovens muito bons. Violentos mas muito espertos.

— Que está acontecendo de errado com o mundo?

— perguntou Kenwood de repente.

— É este o problema — disse o Professor Eckstein.

— Não sabemos. Não sabemos de nada aqui, apesar de *sabermos* de tanta coisa. Hoje em dia sabemos de muita coisa sobre a Lua, sabemos muito sobre biologia, podemos transplantar corações e fígados; cérebros, muito em breve, espero, se bem que não tenha certeza *se vai funcionar*. Mas não sabemos quem está fazendo isto. Alguém, não tenham dúvidas. É o tipo de coisa que tem alguém por detrás. Oh, sim, está crescendo de todas as maneiras. Vocês sabem, ondas de crimes, tráfico de drogas, tudo isso. Um grupo poderoso, dirigido por um punhado de cérebros astutos, por trás dos cenários. Já aconteceu neste país ou naquele, mais

geralmente numa escala européia. Mas agora está avançando um pouco mais, para o outro lado do globo — para o hemisfério sul. Chegará até o Círculo Antártico antes que a reunião termine, eu creio. — Ele pareceu satisfeito com seu diagnóstico.

— Pessoas de má fé...

— Bem, você pode por nestes termos se quiser. Má fé apenas pela má fé, ou má fé por dinheiro e poder. É difícil, sabem, chegarmos ao *motivo* de tudo. Nem esses pobres coitados o sabem. Eles querem a violência e gostam da violência. Não gostam do mundo, não gostam de nossas atitudes materialistas. Detestam a nossa maneira nojenta de ganhar dinheiro, detestam as filigranas que fazemos. Não gostam de ver a pobreza. Querem um mundo melhor. Bem, vocês *podem* fazer um mundo melhor, talvez, se Pensarmos o bastante. Mas o problema é, se você insiste em destruir tudo primeiro, vai precisar botar outra coisa no lugar. A Natureza não cria o vácuo — é um ditado muito velho mas verdadeiro. Vejam só, é como um transplante de coração. Você tira o coração de alguém mas tem de botar outro no lugar. Um que funcione. E é preciso arranjar o outro coração *antes* de tirar o que está defeituoso de alguém. Para falar com franqueza, eu acho que um bocado dessas coisas seria melhor se fossem deixadas de lado, mas ninguém quer me ouvir, imagino. E de qualquer jeito, não é meu problema.

— Um gás? — sugeriu o Coronel Munro. O Professor Eckstein alegrou-se.

— Oh, temos todas as espécies de *gases* estocados. É bom que saibam que alguns deles são razoavelmente inofensivos. Leves desestimulantes, eu diria. Temos todos *esses* — sorriu como um balconista satisfeito.

— Armas nucleares? — sugeriu o Sr. Lazenby.

— Nem queira brincar com *isto!* O senhor não está querendo uma Inglaterra radioativa, quer, ou um continente radioativo por causa disto?

— Então o senhor não nos pode ajudar — disse o Coronel Munro.

— Pelo menos até que alguém descubra um pouco mais sobre as causas do que se passa — disse o Professor Eckstein. — Bem, sinto muito. Mas preciso avisá-los de que os projetos em que estamos trabalhando atualmente, em sua maior parte, são *perigosos*. — Ele frisou bem a palavra. — *Realmente* perigosos.

Olhou ansioso para todos, como um tio nervoso olharia para um grupo de crianças que ficasse com uma caixa de fósforos para brincar, e que facilmente pudesse tocar fogo na casa.

— Bem, muito obrigado. Professor Eckstein — disse o Sr. Lazenby, mas não parecia muito agradecido.

O Professor, calculando corretamente que estava liberado, sorriu para todos e saiu da sala.

Lazenby mal esperou que a porta se fechasse para explodir seus sentimentos.

— São todos iguais, esses cientistas — disse amargamente. — Nunca trazem uma solução prática. Nunca apresentam uma idéia sensata. Tudo que são capazes de fazer é dividir o átomo... para depois dizerem que *nós* não podemos usá-lo!

— Como se já não tivessem feito isto antes — disse o Almirante Blunt, outra vez bruscamente. — Tudo que queremos é algo doméstico e caseiro, assim como um herbicida seletivo que pudesse... —ele se interrompeu de repente. —Que diabos...?

— Sim, Almirante? —disse polidamente o Primeiro-Ministro.

— Nada... apenas me lembrei de uma coisa. Não consigo lembrar-me do que...

O Primeiro-Ministro suspirou.

— Tem mais algum cientista esperando na ante-sala? — perguntou Gordon Chetwynd, olhando esperançoso para o seu relógio de pulso.

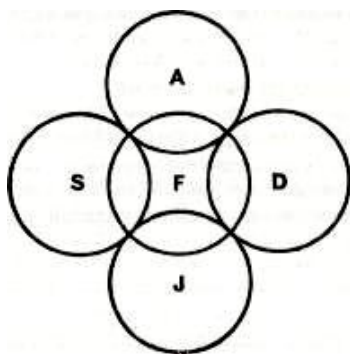
— Acredito que o velho Pikeaway esteja aí fora — disse Lazenby. — Está com um mapa — ou um desenho — ou um quadro qualquer que nos quer mostrar...

— Que é?

— Eu não sei. Para mim parecem ser umas bolhas —disse o Sr. Lazenby vagamente.

- Bolhas? Porque bolhas?
- Não tenho idéia. Bem — suspirou ele, — é melhor dar uma espiada.
- Horsham também está aí...
- Talvez ele tenha algo de novo para contar — disse Chetwynd.

O Coronel Pikeaway entrou. Trazia um pacote enrolado que desenrolou com a ajuda de Horsham e que com alguma dificuldade foi arrumado para que todos que estavam à mesa o vissem.



- Não está desenhado na escala exata ainda, mas já lhes dá uma idéia aproximada — disse o Coronel Pikeaway.
- E o que quer dizer, se quer dizer algo?
- Bolhas? — murmurou Sir George. Ocorreu-lhe uma idéia. — É um gás? Um novo gás?
- É melhor você ler a explicação, Horsham — disse Pikeaway. — Você tem uma idéia geral.
- Sei apenas o que me disseram. É um diagrama

grosseiro de uma associação de controle mundial.

- Controlada por quem?

- Por grupos que possuem ou que controlam as fontes de poder... a matéria-prima do poder.

- E as letras do alfabeto?

- Significam o nome de uma pessoa ou o nome de código para um grupo especial. São círculos que se entrecruzam e que a esta altura já cobrem todo o globo.

O círculo marcado com um "A" corresponde aos armamentos. Alguém, ou algum grupo, controla os armamentos. Explosivos, armas, rifles. Por todo o mundo as armas têm sido produzidas de acordo com um plano, despachadas ostensivamente para países subdesenvolvidos, países atrasados, países em guerra. Mas elas não ficam onde são enviadas. São quase que imediatamente reenviadas para outros lugares. Para guerrilhas no continente sul-americano — para desordens e lutas nos Estados Unidos — para os depósitos do Poder Negro — para vários países da Europa.

O "D" representa as drogas. Uma rede de traficantes mantém vários depósitos e entrepostos. Todos os tipos de drogas, desde as variedades mais inofensivas até aquelas que realmente matam. O Quartel-General parece estar localizado no Oriente e passa pela Turquia, o Paquistão, a Índia e a Ásia Central.

— Eles ganham dinheiro com isto?

— Fabulosas somas de dinheiro. Mas é muito mais do que uma associação de traficantes. Tem um lado muito mais sinistro. Está sendo usado para terminar com a juventude mais fraca, digamos, para transformar os jovens em completos escravos. Escravos que só possam viver e existir e trabalhar para seus patrões com um suprimento de drogas.

Kenwood assobiou.

— O negócio é ruim, então? Vocês sabem quem são esses traficantes?

— Alguns deles, sim. Mas apenas a arraia-miúda. Não os verdadeiros controladores. Os quartéis-generais das drogas estão a nosso ver na Ásia Central e no Oriente. De lá saem dentro dos pneus dos automóveis, em sacos de cimento, dentro de concreto, em todos os tipos de máquinas e aparelhos. São enviados para todas as partes do mundo e são distribuídos como mercadoria comum para as áreas a que são destinados.

O "F" significa as Finanças. Dinheiro! Uma teia de aranha de dinheiro no centro de tudo. Vocês precisariam ir até o Sr. Robinson para que ele lhes explicasse sobre o dinheiro. De acordo com um pequeno relatório que tenho aqui, o dinheiro está vindo em grande quantidade da América e existe também um centro na Bavária. Há uma vasta reserva

na África do Sul, baseada em ouro e diamantes. A maior parte do dinheiro está sendo enviada para a América do Sul. Um dos principais controladores, se é que podemos chamá-la assim, é uma mulher muito poderosa e cheia de talento. É muito velha atualmente: deve estar perto da morte. Mas ainda é muito forte e muito ativa. O nome dela é Charlotte Krapp. O pai dela era o dono das imensas indústrias Krapp na Alemanha. Ela própria tem um grande gênio financeiro e operava em Wall Street. Acumulou riquezas sobre riquezas investindo em todas as partes do mundo. Ela é dona de transportes, dona de maquinaria, dona de indústrias. Todas essas coisas. Vive em um enorme castelo na Bavária, de onde dirige o seu fluxo monetário para as diferentes partes do mundo.

O "C" representa as Ciências: os novos conhecimentos das guerras químicas e biológicas. Vários jovens cientistas desertaram... Há um núcleo deles nos Estados Unidos, eu imagino, devotos e dedicados às causas da anarquia.

— Lutando pela anarquia? É uma contradição. Pode existir tal coisa?

— Você acredita na anarquia se for jovem. Você quer um mundo novo, e para começar é necessário destruir o velho, assim como quem derruba uma casa velha para construir uma nova para substituí-la. Mas

se você não sabe para onde vai, se você não sabe para onde está sendo compelido a ir, ou mesmo empurrado para ir, como será esse mundo novo e onde ficarão os crentes quando lá chegarem? Alguns deles serão escravos, outros estarão cegos pelo ódio, outros pela violência e o sadismo, que são pregados e praticados. Alguns deles —e Deus proteja esses! —ainda idealistas, ainda acreditando, como o povo acreditava na França durante a Revolução Francesa, que aquela revolução trará prosperidade, paz, felicidade e contentamento para o povo.

— E que estamos fazendo contra tudo isso? Que se propõe fazer contra isso? — foi o Almirante Blunt quem falou.

— O que estamos fazendo contra isso? Tudo o que podemos. Eu lhe asseguro, a todos que estão aqui, que nós estamos fazendo tudo o que podemos. Temos pessoas trabalhando em todos os países. Temos agentes, investigadores, pessoas que colhem informações e que as trazem para cá...

— O que é o mais necessário — disse o Coronel Pikeaway. — Primeiro precisamos *saber* ... saber quem é quem, quem está conosco e quem está contra nós. E depois disso tudo, precisamos ver se podemos fazer algo. se é que algo pode ser feito.

O nome que demos a este diagrama é O Anel. Eis aqui unia lista com o que sabemos sobre os líderes do

Anel. Os que estão com uma interrogação são aqueles de que sabemos apenas o nome ou o nome pelo qual são conhecidos. Apenas suspeitamos de que sejam as pessoas que queremos.

O ANEL

F — A Grande Charlotte — Bavária.

A — Eric Olafsson — Suécia,
Industrial, Armas.

D — Dizem que é conhecido pelo
nome de Demetrius — Smyrna, drogas.

C — Dr. Sarolensky — Colorado, físico-
químico, apenas suspeito.

J — Uma mulher. Usa o nome de código de Juanita.
Dizem que é perigosa. Não sabemos seu nome verdadeiro.

Capítulo 15

Tia Matilda vai se tratar

1

— Uma cura de qualquer espécie, o senhor não acha? — aventurou Lady Matilda.

— Uma cura? — disse o Dr. Donaldson.

Por um momento ele parecia um tanto espantado, perdendo aquele ar de onisciência médica que, é claro, refletiu Lady Matilda, era uma das ligeiras desvantagens de haver escolhido um médico assistente jovem, ao invés de um daqueles velhos espécimes com quem estamos acostumados durante vários anos.

— Era assim que costumávamos chamar antigamente — explicou Lady Matilda. — Quando eu era moça, o senhor sabe, ia-se para uma Cura. Marienbad, Carlsbad, Baden-Baden, e o resto todo. Outro dia li a respeito desse novo lugar no jornal. Muito moderno e muito na moda. Dizem que está cheio de novas idéias e de outras coisas assim. Não que eu acredite muito em novidades mas também não tenho medo delas. Quero dizer, provavelmente elas são iguais às velhas coisas. Águas com gosto de ovos

podres e a última novidade em dieta e em exercícios para o tratamento, ou então as águas, ou o nome que eles dão a isto hoje em dia, sempre em horas matinais e inconvenientes. E calculo que façam massagens. Antigamente era com algas marinhas. Mas esse lugar fica lá pelas montanhas. Não sei bem se é na Bavária ou na Áustria. Então, imagino que não podem ser algas. Musgo aveludado, talvez — parece pelo de cachorro. E quem sabe se há alguma água mineral gostosa junto com a sulfurosa com gosto de ovo, não é? Ouvi dizer que os edifícios são magníficos. A única coisa que me deixa nervosa nesses edifícios modernos é que não têm corrimãos. Escadarias de mármore por todo lado, mas nada para a gente firmar a mão.

— Acho que sei de que lugar a senhora está falando — disse o Dr. Donaldson. — Têm feito muita publicidade pelos jornais.

— Bem, o senhor sabe que quando se chega à minha idade

— disse Lady Matilda, — a gente gosta de experimentar coisas novas. Realmente, acho que servem apenas para nos divertir, Na verdade não ajuda a saúde da gente, mas o senhor não acha que seja má idéia, não é, Dr. Donaldson?

O Dr. Donaldson olhou para ela. Ele não era assim tão jovem como Lady Matilda o rotulava. Estava chegando perto dos quarenta e era um médico de

muito tato e sutileza, sempre tentando mimar os seus velhos pacientes até onde fosse possível, desde que não houvesse perigo em fazerem algo prejudicial à saúde.

— Tenho certeza de que não lhe fará mal algum — disse ele.

— Pode ser uma idéia muito boa. É claro que as viagens são um pouquinho cansativas, mas hoje em dia a gente vai de avião rápida e facilmente.

— Rápida, sim, facilmente, não — disse Lady Matilda. — Rampas e escadas rolantes. Descer e subir de ônibus do aeroporto para o avião, e do avião para outro aeroporto e do aeroporto para outro ônibus. Isso tudo, o senhor sabe. Mas ouvi dizer que eles têm cadeiras de rodas nos aeroportos.

— É claro que a senhora pode ir. Excelente idéia. Sobretudo se me prometer que não vai abusar e ficar andando para todo lado...

— Eu sei, eu sei — disse a sua paciente, interrompendo-o.

— O senhor me entendeu. O senhor é mesmo um homem muito compreensivo. A gente sempre tem um certo orgulho e enquanto pode arrastar-se com a ajuda de uma bengala ou um ligeiro arrimo, não vai querer ficar parecendo uma aleijada ou uma inválida. Seria mais fácil se eu fosse um homem — brincou ela. — Isto é, a gente pode enrolar uma perna numa daquelas

ataduras enormes e arranjar as coisas como se a gente tivesse a gota. Quero dizer, ter gota vai muito bem com o sexo masculino. Ninguém vai pensar mal deles. Os velhos amigos vão pensar que eles andaram abusando um pouquinho demais do vinho do Porto, porque eles estão habituados com a idéia, mas acho que isto não é verdade. O vinho do Porto *não* dá gota a ninguém. Sim, usarei a cadeira de rodas e poderei voar até Munique ou outro lugar qualquer. Lá é possível arranjar um automóvel ou qualquer outra coisa.

— A senhora levará a Srta. Leatheran junto, é lógico?

— Amy? Oh, é claro! Não posso passar sem ela. De qualquer jeito, o senhor acha que mal não me pode fazer, não é?

— Eu acho que lhe vai fazer é muito bem.

— O senhor *é mesmo* muito gentil.

Lady Matilda deu-lhe uma piscadela com a qual eleja estava ficando familiarizado.

— O senhor está pensando que isto vai me divertir e me alegrar, poder ir a algum lugar e ver caras novas, e é lógico que tem razão. Mas eu gostaria de acreditar que estou fazendo uma Cura, se bem que não tenha nada de que me curar. Na realidade, não é? Eu quero dizer, a não ser a idade. Infelizmente, não há cura para a velhice, ela só faz aumentar, não é?

— O principal é o seguinte: a senhora acha que

pode se divertir? Bem, acho que pode. Quando se cansar, por falar nisso, ao fazer alguma coisa, pare imediatamente.

— Eu ainda beberei a água, mesmo que ela tenha gosto de ovo podre. Não porque goste mas, com franqueza, porque penso que me possa fazer bem. A gente tem um certo sentido de mortificação. Era como as velhas de nossas aldeias costumavam fazer. Elas sempre queriam os xaropes fortes, cor de púrpura ou vermelho vivo, aromatizados fortemente com hortelã. Achavam que eram muito mais eficazes do que uma simples pilulazinha ou um vidrinho de remédio que parecia estar apenas cheio d'água sem nenhum corante exótico.

— A senhora sabe de muita coisa a respeito da natureza humana — disse o Dr. Donaldson.

— O senhor é muito gentil comigo — disse Lady Matilda. — Eu lhe sou muito agradecida. Amy!

— Sim, Lady Matilda?

— Traga-me um Atlas, sim? Eu quero achar onde fica a Bavária e aquelas regiões em torno. Deixe ver agora... um Atlas. Deve haver um na biblioteca, suponho. Deve haver alguns Atlas velhos por aí, alguns de 1920 ou coisa parecida. Eu estou pensando se não temos nenhum mais moderno.

— Atlas — disse Amy, pensando.

— Se não tiver, você pode comprar um e trazê-lo

amanhã de manhã. Vai ser difícil porque todos os nomes são diferentes, os países são diferentes e eu não vou saber onde estou. Mas você vai me ajudar a descobrir. Procure uma lente de aumento também, viu? Eu me lembro de que estava lendo na cama outro dia e ela provavelmente escorregou entre a cama e a parede.

Seus pedidos levaram um tempinho para serem atendidos, mas o Atlas novo, a lente de aumento e o velho Atlas para as comparações foram finalmente trazidos por Amy, que era simpática, pensou Lady Matilda, e extremamente serviçal.

— Vejamos, cá está. Parece-me que se chama Monbrügge ou qualquer coisa parecida. Deve ser no Tirol ou na Bavária. Parece que tudo mudou de lugar e de nome...

2

Lady Matilda deu uma olhada em torno de seu quarto em Gasthaus. Era bem arrumado. E muito caro. Combinava o conforto com uma aparência tal de austeridade que poderia levar as pessoas a se sentirem com uma espartana pista de exercícios, dietas e provavelmente dolorosas sessões de massagens. A mobília, pensou ela, era interessante. Ela servia a todos

os gostos. Na parede havia um enorme cartaz emoldurado, escrito em gótico. O alemão de Lady Matilda não era mais também como nos tempos de sua meninice, mas o cartaz falava, calculou ela, de um dourado e encantador retorno à juventude. Não apenas a juventude levava nas mãos o futuro, como os velhos estavam sendo suavemente doutrinados a sentir que eles próprios poderiam conhecer as delícias de uma segunda primavera.

Aqui havia ligeiros conselhos para aqueles que quisessem seguir a doutrina por qualquer um dos vários caminhos que atraíam diferentes classes de pessoas. (Sempre presumindo que elas tivessem bastante dinheiro para pagar). Ao lado da cama havia uma Bíblia igual as que Lady Matilda tantas vezes encontrara ao lado da cama quando em viagens pelos Estados Unidos. Pegou-a com ar de aprovação, abriu-a ao acaso e apontou o dedo para um verso qualquer. Leu-o, abanando a cabeça satisfeita e fez uma anotação rápida num caderninho de notas que estava sobre a mesa de cabeceira. Ela fizera muitas vezes isto em sua vida — era a sua maneira de obter os conselhos divinos a curto prazo:

*Eu já fui jovem e agora sou velho, e, no entanto,
Nunca vi os justos no desamparo.*

Continuou pesquisando o quarto. Bem à mão, mas

não muito à vista, estava um *Almanaque de Gotha*, modestamente colocado na prateleira inferior da mesa de cabeceira. O mais valioso dos livros para aqueles que quisessem familiarizar-se com a nata da sociedade, recuando várias centenas de anos mas que era ainda observado e anotado e conferido por todos os de linhagem aristocrática ou que se interessassem pelas mesmas. Chegou bem na hora, pensou ela, eu vou ler um bocado.

Perto da mesa, ao lado da lareira de porcelana da época, havia algumas edições de brochuras de certas pregações e doutrinas dos profetas do mundo moderno. Aqueles que há bem pouco tempo gritavam no vazio estavam aqui para serem estudados e aprovados pelos seus jovens seguidores com halos na cabeça, estranhas roupagens e honestos corações: Marcuse, Guevara, Lévi-Strauss, Fanon.

Se por acaso ela fosse bater um papo com a juventude dourada seria melhor dar uma lida naquilo também.

Neste instante ouviu-se uma leve batida na porta que se entreabriu e o rosto de Amy apareceu do outro lado. Amy, pensou Lady Matilda de repente, pareceria exatamente um carneiro quando tivesse mais uns dez anos. Um carneiro simpático, fiel e gentil. No momento, Lady Matilda pensou com um certo prazer, ela ainda se parecia com um gordo e gentil cordeirinho

cheio de cachinhos de lã, olhos mansos e pensativos e capaz de soltar agradáveis baás em vez de outros balidos.

— Espero que a senhora tenha dormido bem.

— Sim, minha querida, dormi maravilhosamente.

Você trouxe?

Amy sempre sabia o que ela queria. Deu-lhe um papel.

— Ah, a minha dieta. Vamos ver — Lady Matilda bisbilhotou um pouquinho e depois disse: — Como é incrivelmente repulsiva! Como é esta água que devo beber?

— Não tem um gosto muito bom.

— Não, eu não esperava mesmo que tivesse. Volte daqui a meia hora. Queria que você me pusesse uma carta no correio.

Empurrando a bandeja do café da manhã, ela foi até a escrivaninha. Pensou durante uns minutos e depois escreveu a carta.

— Acho que o golpe vai dar certo — murmurou ela.

— Desculpe, Lady Matilda, não entendi.

— Eu estava escrevendo para aquela velha amiga de que lhe falei.

— Aquela que a senhora disse que faz uns cinquenta ou sessenta anos que não vê?

Lady Matilda confirmou com a cabeça.

— Eu espero... — Amy falou timidamente. — Isto é,

eu quero dizer... eu... faz tanto tempo. As pessoas têm a memória curta hoje em dia. Espero que ela se lembre da senhora.

— É claro que se lembra — disse Lady Matilda. — As pessoas não esquecem aquelas que conheceram quando tinham de dez para vinte anos. Fixam-se para sempre na memória. Você se lembra dos chapéus que elas usavam, da maneira como riam, se lembra de seus erros e de suas boas qualidades e de tudo sobre elas. Agora veja, alguém que eu conheci vinte anos atrás, simplesmente não consigo lembrar-me quem seja. Nem quando são citados, nem quando eu os vejo. Oh, sim, ela vai lembrar-se de *mim*. E de tudo que aconteceu em Lausanne. Ponha a carta no correio. Vou fazer umas coisinhas aqui no quarto.

Ela apanhou o *Almanaque de Gotha* e voltou para a cama, onde fez um estudo muito sério sobre os vários itens que julgou serem úteis. Algumas relações familiares e vários outros parentescos proveitosos. Quem casara com quem, quem vivera onde, quais os infortúnios que aconteceram. Não que a pessoa que ela tinha em mente pudesse estar no *Almanaque de Gotha*. Mas ela vivera naquela parte do mundo, viera para cá deliberadamente morar em um Schloss que pertencera a nobres ancestrais e absorvera o respeito local e a adulação destinada àqueles que tinham berço. Para quem tinha berço, mesmo fracassado pela pobreza

como ela própria, Lady Matilda tão bem sabia, não haveria nunca um protesto. Ela teve de se arranjar com dinheiro. Oceanos de dinheiro. Incríveis quantidades de dinheiro.

Lady Matilda Cleckheaton não tinha dúvidas de que ela, a filha de um oitavo Duque, seria recebida com algum tipo de festividade. Café, talvez, e deliciosos bolinhos de creme.

3

Lady Matilda Cleckheaton deu entrada num- dos grandes salões de recepção do Schloss. Fora uma viagem de vinte e cinco quilômetros. Ela se vestira com um certo apuro, apesar da censura de Amy. Amy raramente dava sua opinião, mas estava ansiosa para que sua patroa tivesse sucesso com o que estava empreendendo e aventurou-se desta vez com moderada insistência.

— A senhora não acha que seu vestido vermelho está na verdade um pouquinho *gasto*, se entende o que eu digo? Isto é, por baixo das mangas há umas duas ou três manchinhas...

— Eu sei, minha querida, eu sei. É um vestido usado, mas mesmo assim é um modelo de Patou. Está velho mas custou caríssimo. Não estou querendo

parecer rica ou extravagante. Sou membro empobrecido de uma família aristocrática. Qualquer pessoa com menos de cinquenta anos sem dúvida me desprezaria. Mas quem eu vou visitar viveu muitos anos numa parte do mundo onde os ricos ficam esperando para jantar, enquanto a anfitriã estará à espera de uma empobrecida mulher idosa mas de impecável descendência. Tradições de família são coisas que não se perdem facilmente. Elas são absorvidas, mesmo quando a gente se muda para uma nova vizinhança. Por falar nisso, na minha maleta você vai achar um boá de pluma.

— A senhora vai usar um boá de pluma?

— Vou sim. É de plumas de avestruz.

— Oh, Deus, ele deve ter anos de idade!

— Tem, mas eu guardei com muito cuidado. Você vai ver, Charlotte logo o reconhecerá. Ela vai pensar que uma das famílias mais tradicionais da Inglaterra foi obrigada a usar suas roupas velhas que estavam cuidadosamente guardadas há anos. E eu vou usar meu velho casaco de pele de foca, também. Ele está um pouquinho gasto mas foi um casaco magnífico em seus tempos.

Assim enfeitada, ela seguiu em frente. Amy acompanhou-a como uma dama de companhia, não muito na moda mas bem vestida.

Matilda Cleckheaton estava preparada para o que

viu. Uma baleia, Stafford lhe dissera. Uma baleia rebolante, uma velha medonha sentada em uma sala e rodeada por quadros que valiam uma fortuna. Erguendo-se com alguma dificuldade de uma poltrona em forma de trono que poderia figurar em um palco representando algum palácio de um príncipe fabuloso de qualquer época antes da Idade Média.

— Matilda!

— Charlotte!

— Ah! Depois de tantos anos. Como parece estranho! Elas trocaram palavras de cumprimentos e de prazer falando um pouco em alemão e um pouco em inglês. O alemão de Lady Matilda era ligeiramente errado. Charlotte falava alemão muito bem, e um excelente inglês, apesar de ter um sotaque gutural muito acentuado e, às vezes, um inglês com sotaque americano. Ela estava mesmo, pensou Lady Matilda, esplendidamente medonha! Por um momento, sentiu uma certa ternura dos tempos passados, mas refletiu no momento seguinte que Charlotte fora uma menina detestável. Ninguém gostava realmente dela e ela própria também não gostava de ninguém. Mas há sempre laços muito fortes, diríamos, na lembrança dos dias de escola. Se Charlotte gostara ou não dela, Matilda não sabia. Mas ela se lembrava que Charlotte certamente a adulara muito, como se dizia naquela época. Provavelmente ela tivera pretensões em se

hospedar num palácio de um duque inglês. O pai de Lady Matilda, apesar de ser da mais digna das linhagens, fora um dos mais pobres de todos os duques da Inglaterra. Seus bens apenas se mantiveram devido ao casamento rico que fizera com uma mulher a quem ele tratava com a máxima cortesia, e que se divertia aborrecendo-o sempre que surgia uma oportunidade. Lady Matilda tivera a sorte de ser filha de seu segundo casamento. Sua mãe era extremamente agradável e fora uma atriz de sucesso ao representar o seu papel de duquesa melhor do que qualquer duquesa de verdade.

Elas trocaram reminiscências dos dias passados, das torturas que tinham causado em alguns de seus professores, dos casamentos felizes e infelizes de algumas de suas colegas. Matilda fez algumas citações de certas alianças e de famílias selecionadas do *Almanaque de Gotha* — "mas é lógico que deve ter sido um casamento horrível para Elsa. Ela era uma Bourbon de Parme, não era? Sim, sim, a gente sempre sabe no que dão essas coisas. É uma pena."

Trouxeram o café, um café delicioso, bandejas de mil-folhas e deliciosos bolinhos de creme.

— Eu não devia tocar em nada disto! — exclamou Lady Matilda. — Não devia mesmo! Meu médico é muito severo. Ele disse que eu devia restringir-me exclusivamente à Cura enquanto estivesse aqui. Mas,

pensando bem, hoje é um dia de festa, não é? Uma renovação da juventude! É isso que me interessa agora. Meu sobrinho-neto visitou-a há pouco tempo — esqueço quem o trouxe aqui, a Condessa... ah, começa com Z, mas não consigo lembrar-me do nome...

— A Condessa Renata Zerkowski...

— Ah, é este o nome, sim. Uma jovem encantadora, eu acho. E ela o trouxe aqui para visitá-la. Foi muito gentil da parte dela. Ele ficou muito impressionado. Impressionado também com a maravilha de sua propriedade. Sua maneira de viver e, sobretudo, com as coisas maravilhosas que ouviu a seu respeito. Como você mantém um movimento inteiro de... oh, eu não sei dizer-lhe o termo apropriado... Uma Galáxia de Juventude. Uma juventude dourada, muito bela. Todos em torno de você. Eles a idolatram. Que vida fabulosa que você deve ter. Não que eu pudesse suportar uma vida igual. Preciso viver muito tranqüilamente. Uma artrite reumática. E também os problemas financeiros. As dificuldades para manter a casa da família. Ah, você sabe como é na Inglaterra... nossos problemas de impostos.

— Eu me lembro de seu sobrinho, sim. Ele é simpático, muito simpático. Faz parte do Corpo Diplomático, ouvi dizer.

— Sim. Mas você sabe como é... não creio que seus talentos sejam bem aproveitados. Ele não fala muito.

Não se queixa mas ele próprio sente que não... bem, sente que não o apreciam como merece. Os que estão no poder, os que dirigem a nação atualmente, que é que eles são?

— Uma canalha! — disse a Grande Charlotte.

— Intelectuais que não têm o *savoir faire* da vida. Há cinquenta anos tudo seria diferente — disse Lady Matilda, — mas hoje em dia seus progressos não são como deveriam ser. Eu lhe direi mesmo, em confiança, é claro, que até desconfiam dele. Suspeitam de que ele seja — como eu diria? — um rebelde, que tenha tendências revolucionárias. E, no entanto, é preciso ver o que o futuro reserva a um homem que tenha idéias mais avançadas.

— Você quer dizer que ele não tem, como vocês dizem na Inglaterra, simpatia pelas instituições vigentes, não é?

— Sshhh, não se pode falar dessas coisas. Pelo menos, eu não posso — disse Lady Matilda.

— Você me interessou — disse Charlotte. Matilda Cleckheaton suspirou.

— Dê uma margem de desconto, se quiser, por eu ser uma velha parenta. Staffy sempre foi o meu favorito. Tem charme e inteligência. Penso que também tem idéias. Sonha com um futuro, com um futuro que seja bastante diferente deste presente atual. Nosso país, enfim, está politicamente num triste

estado. Stafford me pareceu muito impressionado com as coisas que você lhe contou e mostrou. Ouvi dizer que você fez muito pela música. Não posso deixar de sentir que o que nós precisamos é do ideal de uma super-raça.

— É necessário e essencial que haja uma super-raça. Adolf Hitler teve a idéia certa — disse Charlotte. — Por si mesmo, era um homem sem importância mas possuía em seu caráter elementos artísticos. E sem dúvida alguma tinha o poder da liderança.

— Ah, sim. Liderança, é disto que precisamos.

— Vocês tiveram os aliados errados na última guerra, minha querida. Se a Inglaterra e a Alemanha se houvessem alinhado lado a lado, se houvessem tido os mesmos ideais de juventude, de força, duas nações arianas com os mesmos e perfeitos ideais... Imagine aonde o seu e o meu país teriam chegado hoje em dia? E talvez este seja um ponto de vista muito acanhado. De certa forma os comunistas e os outros nos deram uma lição. Uni-vos, trabalhadores do mundo? Mas isso é ter visão curta. Os trabalhadores são apenas a nossa matéria-prima. Deve ser: "Líderes do mundo, uni-vos!" Jovens com o dom da liderança, jovens de boa raça. E precisamos começar mas não com gente de meia-idade atravessada no caminho deles, repetindo-se como um disco que se prendeu na vitrola. Precisamos procurar entre a população estudantil

jovens bravos, com grandes ideais, prontos para a marcha, prontos a morrer, mas também prontos a matar. A matar sem piedade — porque é certo que sem agressividade, sem violência, sem ataque — não haverá vitória. Preciso mostrar-lhe uma coisa...

Estrebuchando, ela conseguiu pôr-se de pé. Lady Matilda seguiu-a, acentuando um pouquinho sua dificuldade de andar, porque afinal não lhe era assim tão penoso como fazia aparentar.

— Foi em maio de 1940 — disse Charlotte, — quando a juventude de Hitler entrou para o segundo estágio. Foi quando Himmler obteve de Hitler um decreto. O decreto da famosa SS. Ela foi formada para a destruição dos povos orientais, os escravos, os escravos proscritos do mundo. Para dar lugar à dominante raça germânica. Nasceram os pelotões de execução da SS.

Sua voz se abrandou um pouco. Por um momento, ela manteve uma espécie de reverência religiosa.

Lady Matilda quase se persignou por engano.

— A Ordem da Caveira — disse a Grande Charlotte.

Ela caminhou lenta e penosamente pela sala até onde estava pendurada, emoldurada de dourado e coroada por uma caveira, a Ordem da Caveira.

— Está vendo? É o meu mais precioso bem. Fica pendurada nesta parede. Quando minha Guarda de

Juventude dourada entra nesta sala vem até aqui e a saúde. E em nossos arquivos no castelo estão todas as páginas de suas crônicas. Algumas delas só podem ser lidas por pessoas de estômago forte mas a gente precisa aprender a aceitar essas coisas. As mortes nas câmaras de gás, as células de torturas; os julgamentos de Nuremberg falam maldosamente disso tudo. Mas era uma grande tradição. A força através da dor. Eles eram treinados, aqueles meninos, para que não titubeassem, nem voltassem as costas, nem sofressem de nenhuma espécie de fraqueza. Mesmo Lenine, pregando sua doutrina marxista, declarou: "Acabemos com a fraqueza!" Foi uma de suas primeiras regras para a criação de um Estado perfeito. Mas nós fomos muito mesquinhos. Quisemos confinar o nosso sonho apenas à raça germânica. Mas há outras raças. Elas também podem atingir a supremacia através dos sofrimentos e da violência e pela prática da anarquia. Precisamos derrubar tudo. derrubar as instituições fracas. Derrubar as mais humilhantes formas de religião. Porque há uma religião de força, a velha religião do povo Viking. E temos um líder, ainda muito jovem, mas que está ganhando poder a cada dia. Que disse um grande homem? Dê-me os instrumentos e eu farei o trabalho. Algo parecido. Nosso líder já tem as ferramentas. Ele terá mais ainda. Terá aviões, bombas, meios de guerra química. Terá

homens para lutar. Terá os transportes. Terá navios e petróleo. E terá ainda o que podemos chamar de gênio da lâmpada de Aladim. Você esfrega a lâmpada e o gênio aparece. Tudo em suas mãos. Os meios de produção, os meios de riqueza è o nosso jovem líder que é um líder de nascença e de caráter. Ele tem tudo isto.

Ela arquejou e tossiu.

Lady Matilda amparou-a de volta à cadeira. Charlotte ficou um pouco ofegante depois que se sentou.

— É triste ser velha, mas eu viverei o bastante. Viverei o bastante para ver o triunfo de um novo mundo, de uma nova criação. É isso que você quer para o seu sobrinho. Eu arranharei... Poder em seu próprio país, é isso que ele quer, não é? Você está pronta para encorajar as pontas-de-lança lá?

— Tive influência em certa época. Mas agora... — Lady Matilda balançou a cabeça tristemente. — Tudo isso já passou.

— Voltará outra vez, minha querida — disse sua amiga. — Você estava certa quando veio me ver. Tenho uma certa influência.

— É uma grande causa — disse Lady Matilda. Ela suspirou e murmurou: — O Jovem Siegfried!

— Eu espero que a senhora tenha-se distraído com o encontro com sua velha amiga — disse Amy,

enquanto se dirigiam de volta para Gasthaus.

— Se você tivesse ouvido todas as besteiras que falei, acho que nem acreditaria — disse Lady Matilda Cleckheaton.

Capítulo 16

Pikeaway fala

— As notícias que vêm da França são muito ruins — disse o Coronel Pikeaway, espanando uma nuvem de cinzas de charuto de seu casaco. — Ouvi Winston Churchill dizer isso durante a última guerra. Um homem que utilizava palavras simples e só empregava as necessárias. Era impressionante. Dizia-nos o que precisávamos saber. Bem, faz muito tempo, mas eu repito: — As notícias que vêm da França são muito ruins.

Tossiu, resfolegou e sacudiu mais algumas cinzas.

— As notícias que vêm da Itália são muito ruins — disse ele. — As notícias da Rússia, imagino, também seriam muito ruins se eles nos deixassem saber. Eles também têm problemas por lá. Grupos de estudantes marchando pelas ruas, vitrinas de lojas quebradas, embaixadas atacadas. As notícias que vêm do Egito são muito ruins. As notícias de Jerusalém são muito ruins. As notícias da Síria são muito ruins. Mas isso é mais ou menos normal, logo não temos muito com que nos preocupar. Mas as notícias que vêm da Argentina são o que eu chamaria de muito estranhas. Muito estranhas mesmo. Argentina, Brasil e Cuba estão juntos. Chamam-se a si próprios de Federação dos

Estados da Juventude Dourada, ou algo parecido. Têm um exército também. Devidamente adestrado, devidamente armado, devidamente comandado. Têm aviões, têm bombas, têm sabe Deus o quê. E a maior parte deles sabe como usar tudo isto, o que torna as coisas bem piores. Aparentemente, há um grupo que canta também. Canções modernas, velhas canções folclóricas locais e antigos hinos militares. Eles seguem como o Exército da Salvação costumava andar. Perdoem a blasfêmia, eu não quero fazer pouco do Exército da Salvação. Eles sempre fizeram um trabalho muito bom. E as moças... lindas como um Polichinelo de touca. Ele continuou:

— Ouvi dizer que um movimento do mesmo gênero está começando nos países civilizados, iniciando-se *aqui*. Alguns de nós ainda podem ser chamados de civilizados, eu creio? Um de nossos políticos outro dia, eu me recorde, disse que éramos uma nação esplêndida, principalmente porque éramos liberais, fazíamos demonstrações, quebrávamos coisas, batíamos em qualquer um se não houvesse coisa melhor para fazer, nos livrávamos de nosso bom humor demonstrando a violência, e mostrávamos a nossa pureza moral tirando a maior parte das roupas. Eu não sei se ele sabia do que estava falando — os políticos raramente sabem do que falam — mas parecia razoável. Aliás, é por isso que eles são

políticos.

Fez uma pausa e olhou para o homem com quem estava falando.

— É lamentável... tristemente lamentável — disse Sir George Packham. — A gente mal pode acreditar... fica-se imaginando... se ao menos a gente pudesse... São essas as notícias que você tem? — perguntou em tom de queixa.

— Não acha que bastam? Você é duro de se contentar. A anarquia mundial está chegando... é isso que nós sabemos. Ainda um pouco vacilante, ainda não completamente estabelecida, mas muito perto do objetivo... muito perto mesmo.

— Mas nós podemos tomar providências contra tudo isso?

— Não é tão fácil como você imagina. O gás lacrimogêneo termina momentaneamente com as desordens e dá uma folga à Polícia. E naturalmente, temos um bom suprimento de armas bacteriológicas, de bombas nucleares e de todas essas belezinhas... Mas que acha que acontecerá se começássemos a usar isso? Um massacre total de todos esses meninos e meninas, das donas de casa que vão aos mercados, de velhos aposentados em suas casas e de uma parte de nossos pomposos políticos, no momento em que eles nos dizem que nunca estivemos tão bem, e ainda por cima eu e você... Ah, ah!

E além de tudo — acrescentou o Coronel Pikeaway, — se você está apenas atrás de notícias, ouvi dizer que você trouxe notícias quentíssimas com sua chegada hoje. Ultra-secreto vindo da Alemanha, o próprio Herr Heinrich Spiess.

— Em que diabos você ouviu isto? Supõe-se que seja estritamente...

— Aqui sabemos de tudo — disse o Coronel Pikeaway, usando a sua frase predileta. — E para isso que estamos aqui.

E acrescentou: — E trouxeram também um doutor desenxabido, eu ouvi dizer...

— Sim, o Dr. Reichardt, um cientista muito importante, eu acho.

— Não. Ele é médico... de um hospício.

— Oh, Deus!... Um psicólogo?

— Provavelmente. Quase todos os responsáveis por doidinhos são psicólogos. Seria bom se ele tivesse vindo aqui para examinar as cabeças de alguns de nossos jovens agitadores. Devem estar recheadas de filosofia alemã, filosofia do Poder Negro, filosofia de escritores franceses falecidos e daí por diante. Deviam mandá-lo examinar as cabeças dos luminares que presidem as nossas cortes judiciais, dizendo que precisamos ter muito cuidado para não prejudicarmos o ego de um jovem, porque *é possível* que ele precise ganhar a vida. Ficaríamos muito mais seguros se os

mandassem direto para a Previdência Social para serem sustentados e que voltassem para seus quartos, sem trabalhar e se divertindo lendo mais filosofia. De qualquer jeito, estou fora de moda. Eu sei disso. Você não precisa me dizer.

— A gente tem de levar em consideração todas as novas formas de pensamento — disse Sir George Packham. — A gente sente, quero dizer... espera-se... bem, é difícil de explicar...

— Deve ser muito aborrecido para você — disse o Coronel Pikeaway. — Descobrir coisas assim tão difíceis de explicar.

O telefone tocou. Ele atendeu e depois passou-o a Sir George.

— Sim? — disse Sir George. — Sim? Oh, sim. Sim. De acordo. Eu creio... Não. Não. Não, na Secretaria não. Não. Em particular, eu quis dizer. Bem, imagino que seria melhor... er... — Ele olhou em torno da sala cautelosamente.

— Não temos microfones escondidos — disse amavelmente o Coronel Pikeaway.

— A palavra de código é Danúbio Azul — disse Sir George Packham, em voz cava, quase um sussurro rouco. — Sim, sim. Levarei Pikeaway comigo. Oh, sim, é claro. Sim, sim. Direi a ele. Sim, direi que você faz questão de que ele venha, mas que não se esqueça de que o encontro será estritamente confidencial.

— Então não podemos levar meu carro — disse Pikeaway.

— É conhecido demais.

— Henry Horsham está vindo nos apanhar num Volkswagen — Ótimo — disse o Coronel Pikeaway. — Muito interessante, isso tudo.

— Você não pensa que... — começou a dizer Sir George e hesitou.

— Não penso o quê?

— Eu quis dizer que... bem, eu... isto é, você não se aborreceria se eu sugerisse... uma escova de roupa?

— Oh, isto! — o Coronel Pikeaway deu um tapinha leve no ombro e uma nuvem de cinzas de charuto voou e fez Sir George se engasgar.

— Nanny! — berrou o Coronel Pikeaway e deu um tapa na campanha de sua mesa.

Uma mulher de meia-idade entrou com uma escova de roupas, aparecendo com a presteza de um gênio convocado pela lâmpada de Aladim.

— Prenda a respiração, por favor, Sir George — disse ela. — Isto talvez seja um pouquinho cáustico...

Ela abriu a porta e ele se retirou enquanto ela escovava o Coronel que tossia e reclamava.

— São uns chatos esses camaradas. Sempre querendo que a gente se arrume como um boneco de porta de barbearia.

— Eu não descreveria a sua elegância, Coronel. O

senhor precisa se habituar às minhas escovadelas de hoje em diante. E o senhor sabe que o Secretário do Interior sofre de asma.

— Bem feito, a culpa é dele. Não toma o cuidado necessário para afastar a poluição das ruas de Londres.

— Vamos, Sir George, vamos ouvir o que o nosso amigo alemão veio contar. Ao que parece é assunto urgente.

Capítulo 17

Herr Heinrich Spiess

Herr Heinrich Spiess era um homem preocupado. Ele não procurava ocultar esse fato. Confessou, sem constrangimento, que a situação que reunira ali aqueles cinco homens era muito séria. Ao mesmo tempo, trouxe consigo o seu senso de renovada confiança que fora o seu principal trunfo em suas recentes dificuldades na vida política da Alemanha. Era um homem seguro de si, um homem pensativo, um homem que trazia o senso comum a todas as assembleias em que participava. Não dava a impressão de ser brilhante mas nele até isso inspirava confiança. Políticos brilhantes sempre tinham sido os responsáveis por dois terços dos estados nacionais de crise em mais de um país. O outro terço fora causado por políticos incapazes de esconderem — apesar de eleitos legalmente num regime democrático — sua pobreza de julgamento, sua falta de senso comum e, na verdade, de qualquer qualidade mental positiva.

— Esta visita não é de forma alguma urna visita oficial, vocês compreendem — disse o Chanceler.

— Oh, claro, claro.

— Uma certa informação chegou às minhas mãos e julguei necessário dividi-la. Ela esclarece em parte

certos acontecimentos que nos têm intrigado e igualmente afligido. Este é o Dr. Reichardt.

Foram feitas as apresentações. O Dr. Reichardt era um homem alto e de aspecto agradável que tinha o hábito de dizer "Ach, é isto." de tempos em tempos.

— O Dr. Reichardt é o diretor de um grande estabelecimento nas vizinhanças de Karlsruhe. Cuida de pacientes mentais. Estarei enganado se disser que o senhor trata de uns quinhentos ou seiscentos pacientes?

— Ach, é isto.

— O senhor tem lá diversas formas diferentes de doenças mentais, não é?

— Ach, é isto. Tenho diferentes formas de doentes mentais mas, sem dúvida alguma, tenho um interesse particular e quase que só trato exclusivamente de um tipo particular de doença mental — desandou a falar em alemão e Herr Spiess apresentou depois uma breve tradução para o caso de que alguns de seus colegas ingleses não tivessem compreendido. Isso era necessário e diplomático. Dois deles compreendiam em parte, um não compreendia absolutamente nada, e os outros dois estavam verdadeiramente intrigados.

— O Dr. Reichardt conseguiu — explicou Herr Spiess — o maior sucesso em seu tratamento do que eu como leigo descreveria como megalomania. A convicção de que a pessoa é mais importante do que é

na realidade. Idéias que o doente tem de que é uma outra pessoa. Idéias que, se o doente tem mania de perseguição...

— Ach, não é isto! — disse o Dr. Reichardt — Mania de perseguição, *não*, disso eu não trato. Não há mania de perseguição em minha clínica. Pelo menos no grupo em que estou particularmente interessado. Pelo contrário, têm a ilusão do que querem porque desejam ser felizes. E eles são felizes, e posso mantê-los felizes. Mas se eu os curar, vejam bem, eles não serão mais felizes. Assim, preciso encontrar uma forma de cura que lhes devolva a sanidade mas que ao mesmo tempo lhes conserve a felicidade. Nós chamamos esse particular estado de espírito...

Ele pronunciou uma palavra imensa, de umas oito sílabas, num som ferozmente germânico.

— Para os propósitos de nossos amigos ingleses, eu continuarei empregando o meu termo "megalomania", se bem que eu saiba — continuou Herr Spiess apressadamente — que não é o termo que o senhor emprega hoje em dia, Dr. Reichardt. Então, como eu ia dizendo, o senhor tem seiscentos pacientes em sua clínica.

— E durante algum tempo, justamente o tempo a que me vou referir eu tinha oitocentos.

— Oitocentos!

— Era interessante... muito interessante!

— O senhor tinha essas pessoas... para começarmos do princípio...

— Nós tínhamos Deus Todo-Poderoso — explicou o Dr. Reichardt. — O senhor compreende?

O Sr. Lazenby pareceu ligeiramente desconcertado.

— Oh... eh...sim...eh... sim. Muito interessante, eu tenho certeza.

— Havia dois rapazes que pensavam que eram Jesus Cristo. Mas Cristo não é tão popular quanto o Todo-Poderoso. E havia muitos outros. Houve uma época em que eu tinha vinte e quatro Adolf Hitlers. O senhor compreende que isto era na época em que Hitler estava vivo. Sim, vinte e quatro ou vinte e cinco Adolf Hitlers... — ele consultou um pequeno livro de notas que tirou do bolso. Fiz algumas anotações aqui, sim. Quinze Napoleões. Napoleão sempre foi popular, dez Mussolinis, cinco reencarnações de Júlio "César e muitos outros casos, muito curiosos e muito interessantes. Mas não vou aborrecê-los com isso agora. Como os senhores não têm uma qualificação técnica no sentido clínico, não achariam nenhum interesse. Irei logo ao incidente que importa.

O Dr. Reichardt falou novamente em pequenos intervalos e Herr Spiess continuou a traduzir.

— Um dia veio a ele um oficial do Governo. Um oficial muito importante naquela época — isso foi durante a guerra, eu quero que se recordem — do

Governo em questão. Eu o chamarei no momento de Martin B. Os senhores sabem de quem eu estou falando. Com ele, vinha o seu chefe. Na verdade, trouxe com ele

— e não usarei de subterfúgios — o próprio Führer.

— Ach, é isto — disse o Dr. Reichardt.

— Era uma grande honra, o senhor compreende, que ele próprio viesse fazer uma inspeção — continuou o médico. — Ele era encantador, meu Führer. Disse-me que 'ouvira muito bons relatórios a respeito de meus sucessos. Contou-me que estava tendo muitos problemas ultimamente. Casos no Exército. Lá, mais de uma vez, tivera homens acreditando serem Napoleões, às vezes acreditando que eram marechais de Napoleão, e, ocasionalmente, o senhor compreende, procedendo como se fossem mesmo, dando ordens militares e causando daí sérias dificuldades. Teria ficado muito feliz de poder lhe dar qualquer conhecimento profissional que lhe fosse útil, mas Martin B. que o acompanhava disse que isso não seria necessário. O nosso grande Führer, entretanto — disse o Dr. Reichardt olhando para Herr Spiess ligeiramente encabulado,

— não queria ser perturbado por esses detalhes. Disse-me que sem dúvida alguma seria melhor se pessoas clinicamente qualificadas e com alguma experiência em neurologia viessem ter uma consulta.

O que ele queria mesmo — ach, bem... — era dar uma olhada na clínica e logo percebi o que é que o interessava realmente. Não me surpreendeu. Oh, não, porque o senhor deve saber, é um sintoma que a gente logo reconhece. A tensão sobre a sua vida já se estava fazendo sentir.

— Garanto que ele já estava começando a pensar que era também o Todo-Poderoso naquela época — disse o Coronel Pikeaway, de repente, dando uma risada.

O Dr. Reichardt pareceu chocado.

— Ele me pediu para ver certas coisas. Disse-me que Martin B. lhe contara que eu tinha atualmente um grande número de pacientes pensando — disse sem rodeios — que eram o próprio Adolf Hitler. Expliquei-lhe que isto não era incomum pois naturalmente com o respeito e a adoração que tinham por Hitler. era natural que, com o grande desejo de ser como ele, terminassem se identificando com ele. Estava um pouco sem jeito ao mencionar isso, mas fiquei encantado ao perceber que ele demonstrou grande satisfação. Ele recebeu isso, e eu fiquei muito reconhecido, como um cumprimento, aquele desejo apaixonado de uma identificação com ele. Depois perguntou se não podia conhecer um número representativo daqueles pacientes que tivessem essa angústia. Tivemos uma pequena consulta. Martin B.

pareceu incerto mas levou-me a um canto e assegurou que Herr Hitler queria muito realizar essa experiência. O que ele estava ansioso para se certificar era de que Herr Hitler não se exporia — bem, para encurtar, que Herr Hitler não corresse nenhum risco. Se alguns daqueles supostos Hitlers, acreditando de modo apaixonando em si próprios, tivessem inclinações violentas ou perigosas... Eu lhe garanti que não precisava ficar preocupado. Sugeri que escolheria um grupo dos mais amáveis de nossos Führers e os reuniria para o encontro. Herr B. insistiu que o Führer estava ansioso por essa entrevista e queria misturar-se com eles, sem que eu estivesse presente. Os pacientes, disse, se comportariam mais naturalmente se não vissem o diretor do estabelecimento ali, e já que não haveria nenhum perigo... Eu lhe garanti novamente que não haveria perigo. Disse, no entanto, que ficaria mais tranqüilo se Herr B. ficasse ao lado dele. Não houve problema quanto a isso. Tudo foi arranjado. Mandamos recados para os nossos Führer se reunirem em uma sala, pois um visitante muito distinto estava ansioso para comparar certas anotações com eles.

— Ach, é isto. Martin B. e o Führer foram apresentados ao grupo. Eu me retirei fechando a porta e fiquei conversando com os dois ajudantes-de-ordens que os acompanhavam. O Führer, como disse, parecia num estado particularmente inquieto. Sem dúvida

tivera ultimamente muitos problemas. Eu posso dizer-lhes que isso aconteceu muito perto do fim da guerra, e as coisas estavam indo de mal a pior. O próprio Führer, disseram eles, estava muito aflito nos últimos dias, mas agora convencera-se de que poderia conduzir a guerra a um final triunfante, se as idéias que continuamente apresentava ao seu estado-maior fossem executadas e prontamente aceitas.

— O Führer. eu calculo — disse Sir George Packham,

— estava naquela época... isto é, eu quero dizer... sem dúvida ele estava num estado de...

— Não é preciso enfatizar esses pontos — disse Herr Spiess.

— Ele estava completamente fora de si. Tinham-lhe tirado a autoridade de diversos setores. Mas tudo isso vocês já sabem muito bem pelas pesquisas que realizaram em meu país.

— Nós nos lembramos de que nos julgamentos de Nuremberg...

— Não há necessidade de referências aos julgamentos de Nuremberg — disse decisivo o Sr. Lazenby. — Isso tudo já ficou para trás. Precisamos olhar para a frente, para o grande futuro do Mercado Comum, com o auxílio de seu Governo e do Governo de Monsieur Grosjean e de todos os nossos colegas europeus. O passado é o passado.

— Exatamente — disse Herr Spiess — e é do passado que estamos falando agora. Martin B. e Herr Hitler permaneceram muito pouco tempo na sala de reunião. Saíram de lá depois de sete minutos. Herr B. revelou ao Dr. Reichardt que eles estavam muito satisfeitos com a experiência. O carro os estava esperando e ele e Herr Hitler deveriam ir imediatamente, pois tinham um outro compromisso. Saíram apressadamente.

Houve um silêncio.

— E então? — perguntou o Coronel Pikeaway. — Aconteceu algo? Ou já acontecera algo?

— O comportamento de um de nossos pacientes Hitlers era estranho — disse o Dr. Reichardt. — Era um homem particularmente parecido com Herr Hitler, o que sempre lhe trouxera uma confiança especial em sua personificação. Ele passou a insistir mais ferozmente do que nunca de que ele *era* o Führer. que precisava ir imediatamente para Berlim, que tinha de presidir o Conselho do Estado-Maior. De fato, ele se comportava sem demonstrar os sinais de ligeira melhora que já mostrara anteriormente. Parecia tão diferente de si mesmo que realmente nunca pude compreender essa mudança tão repentina. Fiquei aliviado, na verdade, quando dois dias depois, seus parentes o levaram para casa para um tratamento particular.

— E o senhor deixou-o ir? — perguntou Herr Spiess.

— Naturalmente que deixei. Tinham trazido um médico responsável com eles, era um paciente voluntário, não tinha atestado e portanto estava em seus direitos. E foi embora.

— Não vejo como... — começou Sir George Packham.

— Herr Spiess tem uma teoria...

— Não é uma teoria — disse Spiess. — Estou lhes relatando um fato. Os russos o esconderam, nós o escondemos. Tínhamos evidências e agora temos as provas. Hitler, nosso Führer, *permaneceu no asilo sob seu próprio consentimento* naquele dia e um homem que se assemelhava levemente com ele saiu com Martin B. Foi o corpo daquele paciente que foi encontrado posteriormente no abrigo. Não faço rodeios. Não precisamos entrar em detalhes desnecessários.

— Precisávamos saber da verdade — disse Lazenby.

— O verdadeiro Führer foi levado clandestinamente numa viagem às escondidas para a Argentina e lá viveu durante vários anos. Teve um filho com uma linda moça ariana de boa família. Alguns dizem que ela era inglesa. As condições mentais de Hitler pioraram e ele morreu louco, acreditando que continuava a comandar os seus

exércitos nos campos de batalha. Foi o único plano possível para que ele escapasse da Alemanha. Ele o aceitou.

— E o senhor quer dizer que durante todos esses anos nada disso transpirou, ninguém soube de nada?

— Correram boatos, sempre correm boatos. Deve se lembrar que contaram que uma das filhas do Czar da Rússia escapou do massacre geral da família.

— Mas isto era... — George Packham interrompeu-se. — Era falso... completamente falso.

— Uma corrente provou que era falso. Outra aceitou o falo. ambas a conheciam. Aquela Anastásia era mesmo Anastásia, ou aquela outra Anastásia, Grã-Duquesa da Rússia, era realmente apenas uma camponesa. Qual das histórias é verdadeira? Boatos! Quanto mais tempo eles duram, menos as pessoas acreditam, exceto talvez aqueles que são românticos e que continuam crendo. Diversas vezes suspeitou-se de que Hitler estivesse vivo e não morto.

Nunca ninguém afirmou com certeza que tivesse examinado o seu corpo. Os russos declararam isso. Mas não trouxeram provas.

— O senhor quer mesmo dizer... Dr. Reichardt, o *senhor* sustenta esta história extraordinária?

— Ach — disse o Dr. Reichardt. — O senhor me pergunta, eu contei a minha parte. Era mesmo Martin B. quem veio ao meu sanatório. Era Martin B. que

trouxe o Führer com ele. Era Martin B. que o tratava como sendo o Führer, que falava com ele com a deferência que se tinha ao falar com o Führer. Por mim, já vivi com algumas centenas de Führers, de Napoleões, de Júlios Césares. É preciso que compreenda que todos os Hitlers que viviam em meu sanatório eram parecidos, poderiam ser, quase todos eles *poderiam* ter sido Adolf Hitler. Eles próprios não poderiam nunca acreditar com a paixão e a veemência com que sabiam que eram Hitler. A não ser por uma semelhança básica, com pintura, roupas, ensaios contínuos. Eu nunca tivera um encontro pessoal com Herr Adolf Hitler antes. Já tinha visto fotografias dele nos jornais, todos sabíamos como era o nosso grande gênio, mas só eram conhecidas as fotos que ele queria que fossem publicadas. Então ele chegou, ele era o Führer, Martin B., o homem em que mais podíamos acreditar dissera que ele era o Führer. Não, eu não tive dúvidas. Obedeci às ordens. Herr Hitler queria ir sozinho a uma sala para se encontrar com uma seleção de seus... como eu diria?... de seus sócias de gesso. Ele foi. Ele saiu. Uma troca de roupas poderia ter sido feita, de qualquer forma as roupas não eram muito diferentes. Seria ele mesmo quem saiu da sala ou um dos que se diziam Hitler? Levado rapidamente por Martin B. e conduzido para longe enquanto o verdadeiro homem ficava para trás, gozando a sua

representação e sabendo que era dessa maneira e apenas dessa maneira que lograria escapar do país que estava às portas da rendição. Já estava com a mente perturbada, mentalmente afetado pela raiva e pelo ódio de ver que as ordens que dava, as fantásticas e absurdas mensagens que enviava a seu Estado-Maior, sobre o que deviam fazer, as coisas impossíveis que deviam tentar não eram, como antigamente, imediatamente obedecidas. Ele já sentia que não estava mais no supremo comando. Mas tinha dois ou três fiéis, que tinham um plano para ele, para tirá-lo do país e da Europa, para ir aonde pudesse agrupar em torno de si seus seguidores nazistas, aqueles jovens que acreditavam tão apaixonadamente nele. A suástica tornaria a se erguer. Desempenhou o seu papel. Sem dúvida, gostou do que fez. Sim, isso se coaduna com um homem cuja razão já titubeava. Mostraria aos outros que poderia desempenhar o papel de Adolf Hitler melhor do que qualquer outro. Ria sozinho de vez em quando. Meus médicos, minhas enfermeiras o olhavam e viam nele uma ligeira modificação. Um paciente que parecia excepcionalmente perturbado, talvez. Bah! O que havia de mais? Acontecia sempre. Com os Napoleões, com os Júlios Césares, com todos eles. Em certos dias, como um leigo diria, eles parecem mais doidos do que nunca. É a única explicação que posso dar. Assim, passo a palavra a Herr Spiess.

— Fantástico! — disse o Secretário do Interior.

— Sim, fantástico — disse Herr Spiess com paciência, — mas coisas fantásticas podem acontecer, todos sabem. Na história, na vida real, não importa o quanto sejam fantásticas.

— E ninguém suspeitou, ninguém soube?

— Foi tudo muito bem planejado. Foi bem planejado, foi bem pensado. O caminho de fuga estava pronto, os detalhes exatos não são muito claros mas pode-se fazer uma boa recapitulação deles. Algumas das pessoas que estavam envolvidas, que levavam uma certa pessoa de um local para outro sob diferentes disfarces, ao olharmos agora durante as investigações, nos pareceram não ter tido a vida tão longa quanto deveriam.

— O senhor quer dizer no caso de revelarem o segredo ou de falarem demais?

— A SS cuidou disto. Recompensas grandes, glórias, promessas de altas posições no futuro e então... a morte era a resposta mais simples. E a SS estava acostumada a matar. Eles conheciam todas as maneiras diferentes, conheciam os meios para se dispor de um corpo... Oh, sim, eu lhes direi tudo isso, fizemos inquéritos a respeito. O conhecimento chegou pouco a pouco, e fizemos investigações, descobrimos documentos e a verdade apareceu. Adolf Hitler certamente alcançou a América do Sul. Dizem que foi

realizada uma cerimônia de casamento... que uma criança nasceu. A criança foi marcada no pé com a marca da suástica. Marcada quando era um bebê. Estive com agentes de confiança em quem eu acredito. Eles viram aquele pé marcado na América do Sul. Foi lá que esta criança cresceu, cuidadosamente vigiada, protegida, preparada — preparada como o Dalai Lama deve ter sido preparado para o seu grande destino. Porque era esta a idéia dos jovens fanáticos, a idéia era ainda maior que aquela que eles haviam iniciado. Não era apenas o renascimento dos novos nazistas, a nova super-raça germânica. Em princípio era assim, mas havia muitas outras coisas a seu lado. Eram os jovens de todos os países, a super-raça de jovens de quase todas as nações da Europa, juntos, juntos nas fileiras da anarquia, para destruir o velho mundo, o mundo materialista, reunindo numa nova orquestração de mortes e assassinatos, estes irmãos violentos. Inclinação primeiro para a destruição e levantando-se depois para tomarem o poder. E agora, eles têm o seu líder. Um líder que tem nas veias o sangue certo, um líder que apesar de ter crescido sem se parecer fisicamente com seu falecido pai, um líder que era — não, que é — um rapaz louro e nórdico, de cabelos dourados, assemelhando-se certamente à sua mãe. Um rapaz que o mundo inteiro aceitaria. Os alemães e os austríacos em primeiro lugar, por ser ele um produto

de suas crenças, de sua música, o jovem Siegfried. Assim ele cresceu como o jovem Siegfried que podia comandar a todos, que os guiaria para a terra prometida. Não a terra prometida dos judeus, que eles desprezavam, c para onde Moisés levou seus seguidores. Os judeus estavam mortos debaixo da terra, mortos e assassinados nas câmaras de gás. Esta seria a sua própria terra, Lima terra ganha por suas próprias façanhas. Os países da Europa seriam vinculados aos países da América do Sul. Lá já estavam os seus pontas-de-lanças, seus anarquistas, seus profetas, seus Guevaras, os Castros, as guerrilhas e seus seguidores, num longo treinamento de crueldade, de tortura, de violência e de morte e, depois de tudo isso, a vida gloriosa. Liberdade! Como os soberanos do Novo Mundo. Os conquistadores prometidos!

— É uma tolice absurda — disse o Sr. Lazenby. — Uma vez que se dê fim a isto... tudo vai entrar em colapso. É absolutamente ridículo. Que é que eles *podem* fazer? — Cedric Lazenby resmungou rabugento.

Herr Spiess abanou sua cabeça inteligente.

— O senhor pode fazer a pergunta. Eu lhe darei a resposta que é: *eles não sabem*. Não sabem para onde estão indo. Não sabem o que irão fazer com eles.

— Quer dizer que não são os verdadeiros líderes?

— São os jovens heróis que avançam, trilhando seu caminho de glória, pelos degraus da violência, da dor, do ódio. Seus seguidores já não estão apenas na América do Sul e na Europa. O culto avançou para o norte. Nos Estados Unidos também, os jovens se rebelam, marcham, seguindo a bandeira do Jovem Siegfried. Aprendem seus caminhos, aprendem a matar, aprendem a sentir prazer na dor, aprendem as regras da Caveira, as regras de Himmler. São bem treinados, o senhor pode ver. E estão sendo secretamente doutrinados. Mas não sabem para que estão sendo treinados. Mas nós sabemos, pelo menos alguns de nós sabem. E os senhores? Quantos sabem neste país?

— Quatro ou cinco de nós, talvez — disse o Coronel Pikeaway.

— Na Rússia eles sabem, na América já começam a saber. Sabem que são os seguidores do Jovem Herói Siegfried, baseado nas lendas nórdicas, e que o jovem Siegfried é o seu líder. Sabem que isso agora é uma religião. A religião de um menino glorioso, o dourado triunfo da juventude. Nele, ressuscitaram os velhos deuses nórdicos.

"Mas, é claro — disse Herr Spiess, deixando a voz descer para um tom mais comum, — esta não é a verdade simples e prosaica. Há cérebros poderosos por detrás. Homens diabólicos com cérebros

privilegiados. Um financista de primeira classe, um grande industrial, alguém que controla minas, petróleo, estoques de urânio, que é dono de cientistas de primeira linha. Esse grupo de homens, que em si nada tem de interessante ou extraordinário, sem dúvida alguma possui os controles. Eles controlam as fontes de poder e as controlam através de certos meios. Controlam esses jovens que matam e os jovens que são escravos. Controlando as drogas, adquirem os escravos. Escravos em cada país que pouco a pouco vão conquistando, passando das drogas suaves para as drogas violentas, tornando-os completamente subservientes, completamente dependentes de homens que nem mesmo conhecem, mas que secretamente são os donos de seus corpos e de suas almas. O desejo insaciável por uma droga particular torna-os escravos e, se no tempo devido, esses escravos demonstram que não servem mais por causa de sua dependência das próprias drogas e que serão apenas capazes de ficarem sentados, apáticos, sonhando seus doces sonhos, são abandonados para morrer, e mesmo auxiliados a morrer. Não herdarão o reinado em que acreditam. Estranhas religiões vêm sendo deliberadamente insuladas. São os deuses dos velhos tempos, disfarçados.

— E a liberdade sexual também desempenha o seu papel, eu imagino?

— O sexo pode destruir-se a si próprio. Nos velhos tempos dos romanos, os homens se excediam nos vícios, eram super-sexuais, praticavam o sexo até morrer ou até se aborrecer e, então cansados de tanta sexualidade, fugiam para o deserto e se tornavam anacoretas como os estilistas de São Simeão. O sexo se esgotará por si mesmo. Funciona por enquanto, mas não pode escravizá-los como as drogas. As drogas, o sadismo e o amor ao poder e ao ódio. Um desejo do próprio sofrimento físico. Os prazeres de se infligir sofrimentos. Estão aprendendo os prazeres do mal. Uma vez que você sente prazer na maldade, não pode mais voltar atrás.

— Meu caro Chanceler... eu não posso acreditar... isto é, quero dizer... bem... quero dizer que essas tendências precisam ser derrubadas pela adoção de medidas extremas. Eu quero dizer, realmente, a gente... a gente não se pode mostrar complacente com este tipo de coisa. E preciso tomar uma decisão firme... uma decisão firme.

— Cale a boca, George — o Sr. Lazenby tirou o cachimbo do bolso, olhou para ele e tornou a enfiá-lo no bolso. — O melhor plano, creio eu — disse ele, reafirmando sua idéia fixa, — seria que eu fosse à Rússia de avião. Pelo que o senhor disse... bem, estes fatos são do conhecimento dos russos.

— Eles sabem o suficiente — disse Herr Spiess. —

Até onde eles admitem saber — deu de ombros — é difícil de dizer. Nunca é fácil conseguir que os russos falem às claras. Eles têm os seus próprios problemas na fronteira chinesa. Talvez acreditem menos nos avanços que esse movimento alcançou do que nós.

— Farei desta uma missão especial, eu garanto.

— Ficaria aqui se fosse você, Cedric.

A voz calma de Lord Altamount veio da cadeira de onde ele estava inclinado com ar cansado.

— Precisamos de você aqui, Cedric — disse ele. Havia uma autoridade mansa em sua voz. — Você está à frente de nosso Governo... precisa permanecer aqui. Temos nossos agentes treinados, nossos próprios emissários qualificados para missões no exterior.

— Agentes? — perguntou com voz dúbia Sir George Packham. — Que podem fazer os agentes neste estado adiantado? Precisamos ter um relatório de... Ah, Horsham, você está aqui... nem tinha reparado antes. Diga-me, que agentes nós temos? E que podem fazer?

— Temos diversos agentes muito bons — disse Henry Horsham calmamente. — Agentes trazem informações. Herr Spiess também trouxe uma informação. Informação que os agentes *dele* trouxeram para *ele*. O problema é... e sempre foi... (basta que os senhores leiam sobre a última guerra) *ninguém quer acreditar nas informações que os agentes trazem.*

— Mas certamente... A Inteligência...

— Ninguém quer aceitar o fato de que os agentes *são* inteligentes! Mas eles são, vocês sabem disto. São altamente treinados e seus relatórios, nove em cada dez vezes, são *verdadeiros*. Que acontece então? Os mandões se recusam a acreditar, não querem acreditar, vão mais adiante e se recusam a agir contra aquilo de todas as maneiras.

— Realmente, meu caro Horsham... eu não posso... Horsham virou-se para o alemão.

— Mesmo em seu país, meu senhor, isso não acontece? Muitos relatórios verdadeiros que são trazidos não são levados em conta como merecem. As *pessoas não querem saber, quando a verdade é amarga*.

— Tenho de concordar... que isto pode acontecer... não freqüentemente, eu lhes garanto... Mas, sim... algumas vezes...

O Sr. Lazenby estava novamente mexendo com o cachimbo.

— Não adianta agora argumentar sobre as informações. É uma questão de relacionamento, de ação sobre a informação que possuímos. Esta não é apenas uma crise nacional, é uma crise internacional. Precisam ser tomadas decisões de cúpula, precisamos agir. Munro, a Polícia será reforçada com o Exército, medidas militares serão iniciadas. Herr Spiess, sua nação sempre foi militarmente uma grande nação. As

rebeliões precisam ser sufocadas pelas forças armadas antes que saiam de nosso raio de ação. O senhor deve estar de acordo com este método, creio eu...

— Com o método, sim. Mas essas insurreições já estão, como o senhor disse, fora de nosso raio de ação. Eles têm meios, rifles, metralhadoras, explosivos, granadas, bombas, bombas bacteriológicas e gases...

— Mas com nossas armas nucleares, uma mera ameaça de guerra nuclear... e...

— Não são apenas meninos de escola descontentes. Com esse Exército da Juventude estão cientistas, jovens biólogos, químicos, físicos. Para começar... ou para nos engajarmos numa guerra nuclear na Europa...

— Herr Spiess balançou a cabeça. — Já tivemos um atentado para envenenar o suprimento de água de Colônia... febre tifóide.

— Mas toda esta situação é incrível... — Cedric Lazenby olhou em torno esperançoso: — Chetwynd? Munro? Blunt?

O Almirante Blunt, para surpresa de Lazenby, foi o único que respondeu.

— Não sei onde entra o Almirantado. O assunto não é bem nosso. Eu lhe aviso, Cedric. se você quer fazer a melhor coisa para você mesmo, é pegar seu cachimbo, um bom estoque de fumo e se afastar o mais que puder de qualquer guerra nuclear que esteja pensando em começar. Vá embora acampar na

Antártida, ou em qualquer outro lugar onde a radioatividade demore a chegar. O Professor Eckstein nos avisou, como você sabe, e ele sabe do que está falando.

Capítulo 18

O Post-Scriptum de Pikeaway

A reunião terminou neste ponto. Dividiram-se em dois grupos.

O Chanceler alemão junto com o Primeiro-Ministro, Sir George Packham, Gordon Chetwynd e o Dr. Reichardt saíram para almoçar em Downing Street.

O Almirante Blunt, o Coronel Munro, o Coronel Pikeaway e Henry Horsham permaneceram para fazer seus comentários com mais liberdade de expressão do que seria possível caso os figurões tivessem permanecido.

Os primeiros comentários foram um tanto ou quanto desajeitados.

— Graças a Deus levaram George Packham com eles — disse o Coronel Pikeaway. — Preocupa-se, remexe-se, fica imaginando, faz conjecturas. Deixa-me deprimido.

— O senhor devia ter ido com ele, Almirante — disse o Coronel Munro. — Não estou vendo Gordon Chetwynd ou George Packham sendo capazes de impedir nosso Cedric de ir fazer uma conferência de cúpula com os russos, os chineses, os etíopes, os argentinos, ou em qualquer outro lugar onde o leve a

sua fantasia.

— Eu tenho outros problemas para cuidar — disse o Almirante, carrancudo. — Vou ao campo visitar um velho amigo meu. — Olhou com curiosidade para Pikeaway.

— Essa história de Hitler foi realmente uma surpresa para você, Pikeaway?

O Coronel Pikeaway abanou negativamente a cabeça.

— Não de todo. Nós sabíamos de todos os boatos sobre nosso Adolf aparecendo na América do Sul e mantendo a sua suástica nos ares durante anos. As chances de ser verdade eram de cinquenta por cento. Fosse quem fosse o camarada, louco, um artista impostor, ou o próprio sujeito, ele *entrou pelo cano* muito depressa. Um negócio meio sórdido, também... e que não era muito vantajoso para seus capangas.

— *De quem era o corpo que eslava no abrigo?* ainda é um bom ponto de vista — disse Blunt. — Nunca houve uma identificação definida. Os russos cuidaram disso.

Ele se levantou, cumprimentou os outros com a cabeça e dirigiu-se para a porta.

Munro disse pensativo:

— Suponho que o Dr. Reichardt sabe da verdade... ele bancou o sabido.

— E o Chanceler? — perguntou Munro.

— É um homem sensato — grunhiu o Almirante, voltando a cabeça lá da entrada. — Ele estava levando seu país aonde queria quando esse negócio de juventude estourou fazendo troça do mundo civilizado. É pena! — Ele olhou agudamente para o Coronel Munro.

— E sobre esta Maravilha Loura? O filho de Hitler? Sabe alguma coisa sobre ele?

— Não precisa preocupar-se com ele — disse inesperadamente o Coronel Pikeaway.

O Almirante largou o trinco da porta e voltou a sentar-se.

— Pois sim! Eu duvido! —disse o Coronel Pikeaway. — Hitler nunca teve um filho.

— Você não pode ter certeza disto.

— Nós *temos* certeza... Franz Joseph, o Jovem Siegfried, o idolatrado Líder, é uma falsa isca. um impostor indecente. É filho de um carpinteiro argentino e de uma loura bonita, uma apagada cantora de ópera alemã. Herdou a beleza e a voz musical de sua mãe. Foi cuidadosamente escolhido para o papel que ia representar, muito bem preparado para o estrelato. Quando era mais moço foi um ator profissional — marcaram seu pé com a suástica — arranjaram para ele uma história cheia de detalhes românticos. Tratavam-no como um consagrado Dalai Lama.

— E você tem provas disto?

— Documentação completa — O Coronel Pikeaway careteou. — Um de meus melhores agentes conseguiu-as. Declarações escritas, fotostáticas, um documento assinado, inclusive um de sua mãe, evidência clínica da data da cicatriz, cópia da certidão original de nascimento de Karl Aguileros e as provas assinadas de sua identidade com o suposto Franz Joseph. Toda a bagagem de mentiras. Minha agente escapou bem a tempo. Estavam atrás dela. Teriam dado cabo dela se não tivesse tido um pouquinho de sorte em Frankfurt.

— E onde estão agora estes documentos?

— Num local seguro. Esperando o momento certo de uma desmoralização espetacular de um impostor de primeira classe...

— O Governo sabe disto? O Primeiro-Ministro?

— Nunca digo tudo o que sei aos políticos... a não ser quando não posso mais evitar, ou até que tenha a certeza de que farão a coisa certa.

— Você é um velho diabólico — disse o Coronel Munro.

— Alguém tem de ser — disse o Coronel Pikeaway, tristemente.

Capítulo 19

Sir Stafford Nye recebe visitas

Sir Stafford Nye estava com visitas. Eram visitas que ele não conhecia antes, a não ser uma delas que conhecia razoavelmente bem de vista. Eram rapazes bem apessoados, sérios e inteligentes, pelo menos ele achou que fossem. Os cabelos eram bem penteados, as roupas bem cortadas, mas não excessivamente fora de moda. Ao olhar para eles, Stafford Nye não podia negar que a visão agradava. Ao mesmo tempo ficou imaginando o que estavam querendo com ele. Um deles, ele sabia, era o filho de um dos reis do petróleo. Outro, desde que deixou a universidade, se interessara por política. Tinha um tio que era dono de uma cadeia de restaurantes. O terceiro era um rapaz de sobranceiras cerradas que se franziam e a quem a suspeita parecia ser uma segunda natureza. — Foi muito gentil de sua parte nos ter recebido, Sir Stafford — disse o louro que parecia ser o líder dos três.

Sua voz era agradável. O nome era Clifford Bent.

— Este é Roderick Ketelly e este é Jim Brewster. Estamos preocupados com o futuro. Permita que eu diga isto?

— Creio que a resposta é: quem não está? — disse Sir Stafford Nye.

— Não estamos gostando dos rumos que as coisas estão tomando —disse Clifford Bent. — Rebelião, anarquia, tudo isto. Bem, pode ser certo como filosofia. Falando com franqueza, acho que nós todos passamos por essa fase mas depois ela é ultrapassada. Queremos que as pessoas possam seguir suas carreiras acadêmicas sem serem interrompidas. Queremos uma demonstração de autonomia, mas não demonstrações de arruaceiros e de violência. Queremos manifestações inteligentes. E o que nós queremos mesmo, com franqueza, é a criação de um novo partido político. Jim Brewster aqui, vem prestando muita atenção às idéias inteiramente novas e estamos fazendo planos a respeito de uma união sindical. Tentaram fazê-lo calar-se, mas ele continuou a falar, não foi, Jim?

— Um bando de palermas, é o que eles são — disse Jim Brewster.

— Queremos uma política mais sensata e mais séria para a juventude, um governo de métodos mais econômicos. Queremos idéias diferentes para se obter educação, mas nada de fantástico ou pretensioso. E queremos, se conseguirmos, cadeiras no Parlamento, se formos aptos finalmente a formar um governo —e não vejo por que não o façamos para por estas idéias em ação. Há muita gente em nosso movimento. Estamos do lado da juventude, o senhor sabe, da mesma forma que os que praticam violências também

estão. Apoiamos a moderação e queremos um governo sensato, com uma redução dos Membros do Parlamento, e já estamos fazendo anotações, procurando por homens já enfronhados na política sem nos importarmos com suas tendências, contanto que sejam homens sensatos. Viemos aqui para ver se podemos interessá-lo em nossa causa. No momento ela está ainda em um estado latente mas nós já sabemos quais os homens que queremos. Eu posso dizer que não queremos os que estão aí no momento e também não queremos os seus prováveis substitutos. Quanto ao terceiro partido, apagou-se completamente, apesar de ter ainda um ou dois bons políticos sofrendo por causa de sua minoria, mas que eu creio que abraçarão nossa maneira de pensar. Nós queremos interessá-lo. Queremos, qualquer dia destes, talvez antes do que o senhor pensa... queremos alguém que compreenda e execute uma bem sucedida política externa. O resto do mundo está numa situação bem pior do que a nossa. Washington está reduzida a escombros, a Europa, em contínuas operações militares, manifestações, destruição de aeroportos. Oh, bem, não preciso fazer-lhe uma reportagem das notícias dos últimos seis meses, mas nosso objetivo não é tanto de consertar o mundo como de consertar a Inglaterra, Ter os homens certos para isto. Queremos homens moços, um bom número de homens moços

mas que não sejam revolucionários, que não sejam anarquistas, e que queiram tentar constituir um país proveitoso. E queremos alguns homens mais velhos — não quero dizer homens de mais de sessenta anos, mas alguns de quarenta ou cinqüenta — e viemos procurá-lo porque... bem. porque ouvimos muita coisa a seu respeito. Sabemos de muita coisa sobre o senhor e sabemos que é do tipo de gente que precisamos.

— Vocês se julgam espertos? — perguntou Sir Stafford.

— Bem. *nós* achamos que somos. O segundo rapaz riu-se.

— Espero que pelo menos neste ponto o senhor concorde conosco.

— Eu não tenho certeza se concordo. Vocês estão falando muito despreocupadamente nesta sala.

— E sua sala de visitas.

— Sim, eu sei. é meu apartamento e minha sala de visitas. Mas o que vocês estão dizendo, e de fato o que vocês ainda podem dizer, pode ser imprudente. Isto pode prejudicar-nos, a mim e a vocês.

— Oh! Eu estou vendo aonde o senhor quer chegar.

— Vocês estão me oferecendo uma coisa. Uma maneira de vida, uma nova carreira e estão sugerindo a quebra de certos laços. Estão sugerindo uma certa forma de deslealdade.

— Não estamos querendo convencê-lo a ser um

traidor para nenhum outro país, se é isto que quis dizer.

— Não, não. Isto não é um convite à Rússia ou à China, ou um convite a qualquer outro dos países mencionados no passado, mas creio que seja um convite concernente a certos interesses estrangeiros. — Ele continuou: — Eu cheguei recentemente de fora. Passei as últimas três semanas na América do Sul. Há algo que eu gostaria de lhes dizer. Estou ciente de que desde que voltei à Inglaterra estou sendo seguido.

— Seguido? Não acha que pode ser imaginação?

— Não, não acho que seja imaginação. Esta é uma das coisas que aprendi ao longo de minha carreira. Já estive em lugares muito distantes e — como diríamos? — muito interessantes neste mundo. Vocês escolheram a mim para virem propor um plano. Teria sido mais seguro, penso eu, se tivéssemos nos encontrado em outro local.

Ele se levantou, abriu a porta do banheiro e abriu a torneira.

— Nos filmes que eu costumava ver há alguns anos — disse ele — se a gente quisesse disfarçar uma conversa quando a sala estava com um gravador, abria-se a torneira. Não tenho dúvidas de que estou um pouco fora de moda e que deve haver métodos melhores de lidar com essas coisas agora. Mas de qualquer jeito assim talvez nós possamos falar com

um pouco mais de liberdade, apesar de ainda achar que é preciso cautela. A América do Sul — continuou ele — é uma parte do mundo muito interessante. A Federação dos Países Sul-americanos (já foram chamados de Ouro Espanhol) é composta agora por Cuba, Argentina, Brasil, Peru e mais um ou dois países ainda em formação. Sim. Muito interessante.

— E quais são os seus pontos de vista sobre o assunto? — perguntou o desconfiado Jim Brewster. — O que tem a dizer?

— Continuarei a ser cauteloso — disse Sir Stafford. — Vocês são mais livres do que eu para falar impensadamente. Mas acho que poderei fazer algo, assim que fechar a torneira da banheira.

— Feche a torneira, Jim — disse Cliff Bent. Jim fez uma careta repentina e obedeceu.

Stafford Nye abriu uma gaveta na escrivaninha e tirou de dentro uma flauta.

— Não sou ainda um músico muito experiente — disse ele. Levou-a aos lábios e começou a tocar. Jim Brewster veio lá de dentro carrancudo.

— Que é isto? Vamos ter algum concerto desgraçado?

— Cale a boca — disse Cliff Bent. — Você é um ignorantão, não sabe nada sobre música.

Stafford Nye sorriu.

— Você divide comigo o interesse pela música

wagneriana, estou vendo —disse ele. — Estive no Festival da Juventude deste ano e gostei imensamente dos concertos.

Novamente ele repetiu a melodia.

— Não é nenhuma música que conheço — disse Jim Brewster. — Pode ser a Internacional ou a Bandeira Vermelha ou Deus Salve a Rainha ou o Deus Salve a América ou as Estrelas e Listras. Que diabo é?

— É o tema de uma ópera — disse Ketelly. — E cale esta boca. Já sabemos o que queríamos.

— O som da trompa de caça de um jovem herói — disse Stafford Nye.

Ele ergueu a mão num gesto rápido, gesto que no passado significava "Heil Hitler!". Murmurou baixinho:

— O novo Siegfried. Os três se levantaram.

— O senhor tem razão —disse Clifford Bent. — Precisamos todos, creio, ser muito cautelosos.

Apertaram-se as mãos.

— Estamos satisfeitos que o senhor esteja conosco. Uma das coisas que este país vai precisar no futuro... no seu grande futuro, eu espero... é de um Ministro do Exterior de primeira categoria.

Saíram da sala. Stafford Nye observou-os através da porta ligeiramente entreaberta até o elevador, até descerem.

Teve um sorriso curioso, fechou a porta, deu uma

olhada para o relógio na parede e sentou-se numa poltrona — à espera...

Seu pensamento voltou ao dia, há uma semana, quando ele e Mary Ann tinham seguido caminhos separados no Aeroporto Kennedy, Tinham ficado ali de pé, achando difícil falar. Fora Stafford quem quebrara o silêncio.

— Você acha que tornaremos a nos encontrar? Eu fico pensando...

— Há alguma razão para que não?

— Todas as razões, eu penso.

Ela olhou para ele, mas logo desviou rapidamente os olhos.

— Estas despedidas têm de acontecer. Faz... bem, é parte do trabalho.

— O trabalho! Com você é somente o trabalho, não é?

— Tem de ser.

— Você é uma profissional. Eu sou apenas um amador. Você é uma... — ele se interrompeu. — O que você é? Quem você é? Eu não sei mesmo, não é?

— Não.

Ele olhou para ela. Viu a tristeza, pensou ele, em seu rosto. Algo que era quase uma dor física.

— Então eu preciso... adivinhar... Você acha que devo confiar em você, suponho?

— Não, isso não. Esta é uma das coisas que eu

aprendi, que a vida me ensinou. Não se pode confiar em ninguém. Lembre-se disto, sempre.

— Então é este o seu mundo? Um mundo de desconfiança, de terror, de perigo.

— Eu quero viver. Estou viva.

— Eu sei.

— E eu quero que *you* viva.

— Eu confiei em você, em Frankfurt...

— Você correu um risco.

— Foi um risco que valeu a pena. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Você quer dizer por que...?

— Porque nós ficamos juntos. E agora... meu vôo está sendo chamado. Este companheirismo nosso, que começou num aeroporto vai terminar aqui num outro aeroporto? Você vai para onde? Fazer o quê?

— Fazer o que tenho de fazer. Vou a Baltimore, a Washington ao Texas. Fazer o que me mandaram fazer.

— E eu? Não me disseram nada. Eu vou voltar para Londres... e fazer o que lá?

— Esperar.

— Esperar o quê?

— Esperar pelas propostas que quase certamente vão ser feitas.

— E que devo fazer com elas?

Ela sorriu para ele, aquele repentino sorriso alegre

que ele conhecia tão bem.

— Você tem de tocar de ouvido. Sabe como fazer, ninguém melhor do que você sabe. Você vai gostar das pessoas que farão os contatos. Serão bem escolhidos. É importante, muito importante, que saibamos quem são eles.

— Eu preciso ir. Adeus, Mary Ann.

— *Auf Wiedersehen*.

No apartamento, em Londres, o telefone tocou. No momento singular, pensou Stafford Nye, em que as despedidas de suas memórias passadas chegavam ao instante do adeus. "*Auf Wiedersehen*" — murmurou ele e pôs-se de pé para atender ao telefone.

A voz tinha o tom arquejante inconfundível.

— Stafford Nye?

Ele deu a resposta indispensável:

— Não há fumaça sem fogo.

— Meu médico diz que preciso deixar de fumar. Pobre sujeito — disse o Coronel Pikeaway. — Ele pode perder a esperança. Alguma novidade?

— Oh, sim. Trinta moedas de prata. Prometidas, eu diria.

— Porcos imundos!

— Sim, sim, mantenha a calma.

— E que foi que você disse?

— Eu toquei uma música. O tema da trompa de caça de Siegfried. Seguindo os conselhos de uma velha

tia. Funcionou muito bem.

— Para mim parece loucura!

— Você conhece uma canção chamada *Juanita*? Eu preciso aprender esta também, em caso de necessidade.

— Você sabe quem é Juanita?

— Acho que sim.

— Hum, quem sabe... foi vista pela última vez em Baltimore.

— E a sua grega, Daphne Theodofanus? Onde anda ela. você sabe?

— Deve estar sentada nalgum aeroporto da Europa esperando por você, provavelmente — disse o Coronel Pikeaway.

— A maior parte dos aeroportos europeus está fechada ao tráfego pois foram mais ou menos danificados. Altos explosivos, seqüestros, bagunças.

Meninos e meninas na correria

A lua brilha clara como o dia...

Deixe a comida e não vá dormir

E mate seu amiguinho no meio da rua.

— A Cruzada das Crianças "*à la mode*".

— Não sei de muita coisa sobre eles. Sei apenas que Ricardo Coração de Leão também foi. Mas de certa forma esse negócio todo parece um pouco com as Cruzadas. Começou com o idealismo, com a idéia de

levar o cristianismo aos povos pagãos. terminando com mortes, mortes e mais mortes, e novamente mortes. Quase todas essas crianças morreram. Ou foram vendidas como escravas. Isso terminará da mesma forma, a não ser que possamos achar um meio de tirá-los desse meio...

Capítulo 20

O Almirante visita uma velha amiga

— Pensei que vocês todos já tivessem morrido — disse o Almirante Blunt com desdém.

Esta observação não foi dirigida a um velho mordomo, como ele esperava que fosse quem abrisse a porta da frente, mas a uma moça cujo sobrenome ele nunca conseguira lembrar-se mas cujo primeiro nome era Amy.

— Telefonei para vocês pelo menos umas quatro vezes a semana passada. Tinham viajado para o exterior, foi o que me disseram.

— Estivemos fora. Estamos acabando de chegar.

— Matilda não devia andar se alvoroçando por aí fora. Não está mais com idade para isso. Vai acabar morrendo de pressão alta, de um ataque cardíaco ou de qualquer outra coisa num desses aviões modernos, pinoteando por aí, cheio de explosivos postos pelos árabes ou pelos israelenses ou por qualquer um outro. Não é mais seguro hoje em dia.

— Foi o médico dela quem recomendou.

— Ora, nós sabemos como são esses médicos.

— Mas ela voltou muito bem disposta na verdade.

— Onde ela esteve?

— Oh, fazendo uma Cura. Na Alemanha ou... eu

nunca me lembro se foi na Alemanha ou na Áustria. Aquele lugar novo, o senhor sabe, em Gasthaus Dourado.

— Ah, sim, sei onde é. Custa os olhos da cara, não custa?

— Bem, dizem que os resultados são fabulosos.

— Provavelmente uma maneira de matarem a gente mais depressa — disse o Almirante Blunt. — Que *você* achou de lá?

— Bem, não achei grande coisa. A paisagem é muito bonita, mas...

Uma voz imperiosa soou do andar de cima.

— Amy. Amy! O que é que você está fazendo aí embaixo, conversando aí na entrada? Traga o Almirante Blunt cá em cima. Estou à espera dele.

— Sassaricando por aí — disse o Almirante Blunt, depois de cumprimentar sua velha amiga. — É desse jeito que você vai terminar se matando um dia destes. Tome nota do que eu digo.

— De jeito nenhum. Não há mais dificuldades para se viajar nos dias de hoje.

— Correndo aí por aeroportos, rampas, escadarias, ônibus.

— Coisa nenhuma. Eu tinha uma cadeira de rodas.

— Há um ou dois anos, você me disse que nem queria ouvir talar duma coisa dessas. Disse que era orgulhosa demais para admitir que precisava de uma.

— Bem, tive de me esquecer de meu orgulho hoje em dia, Philip. Venha, sente-se aqui e diga-me por que foi que você ficou com vontade de me ver assim de repente. Você me abandonou muito no ano passado.

— Bem, eu também não andei muito bem. Além disso, estive ocupado com uma porção de coisas. Você sabe do que se trata. Quando pedem a sua opinião, mas não estão com a mínima vontade de segui-la. Não podem deixar a Marinha em paz. Vivem atrapalhando a gente, danem-se!

— Você me parece muito bem — disse Lady Matilda.

— Você também não está com mau aspecto, minha querida. Está com um brilho maroto nos olhos.

— Estou mais surda do que quando você me viu da última vez. Agora tem de falar mais alto.

— Muito bem. Eu vou falar mais alto.

— Que quer tomar, gim e tônica, uísque ou rum?

— Ao que parece você está bem preparada em sua despensa. Se não lhe faz diferença, eu prefiro gim e tônica.

Amy levantou-se e deixou a sala.

— E quando ela trouxer a bebida, livre-se dela — disse o Almirante. — Quero dizer que preciso falar com você em particular.

Uma vez trazida a bebida, Lady Matilda abanou a mão para dispensá-la e Amy saiu com um ar de quem

está fazendo o que quer, e não apenas cumprindo ordens de sua patroa.

— Moça simpática — disse o Almirante, — muito simpática.

— Foi para isso que você pediu que eu a mandasse embora e fechasse a porta? Para que ela não ouvisse você dizer uma coisa simpática a respeito dela?

— Não. Eu queria consultar-me com você.

— Sobre o quê? Sobre sua saúde ou onde arranjar novos empregados ou sobre o que plantar no jardim?

— Não, quero conversar com você seriamente. Pensei que talvez pudesse ajudar-me a lembrar de algo.

— Meu caro Philip, como é comovente de sua parte pensar que eu sempre me lembro *de tudo*. De ano em ano a minha memória piora. Eu cheguei à conclusão de que a gente só se recorda mesmo dos chamados "amigos da infância". Mesmo aquelas garotas horrendas da escola a gente se lembra, mesmo sem querer. Para falar a verdade, era isto que eu estava fazendo esses dias.

— Onde você esteve? Visitando escolas?

— Não, não, fui ver uma antiga amiga de escola que não tinha visto por trinta... quarenta... cinquenta anos... mais ou menos.

— Como estava ela?

— Imensamente gorda e ainda mais chata e mais

horrorosa do que eu me lembrava.

— Você tem gostos muito esquisitos, eu diria, Matilda.

— Bem, vamos logo, fale. Diga-me do que é que você quer que eu me lembre?

— Fiquei imaginando se você se lembrava de um velho amigo nosso. Robert Shoreham.

— Robbie Shoreham? É claro que me lembro.

— O cientista. Cientista dos bons.

— É claro. Ele não era *do* tipo de homem que a gente se esqueça. Estou imaginando o que foi que o botou na sua cabeça.

— Necessidade pública.

— Engraçado que você diga isto — disse Lady Matilda. — Eu pensei a mesma coisa ainda outro dia.

— Você pensou o quê?

— Que ele estava sendo necessário. Ou alguém como ele... se é que exista alguém como ele.

— Não há. Ouça-me agora, Matilda. As pessoas falam muito com você. Elas lhe contam muita coisa. Eu mesmo já lhe contei muitas coisas.

— Sempre fiquei imaginando por quê. Deve ser porque você não acredita que eu possa compreender e que não seja capaz de descrevê-las para os outros. E era mais ainda o caso de Robbie do que o seu.

— Não lhe conto os segredos navais.

— Bem, ele não me contava os segredos científicos.

Isto é, apenas de uma maneira muito superficial.

— Sim, costumava falar sobre eles com você, não era?

— Bem, ele gostava de contar coisas que me surpreendiam algumas vezes.

— Muito bem, é aí que eu entro. Queria saber se alguma vez ele lhe falou, no tempo em que o coitado ainda podia falar, sobre algo chamado Projeto B.

— Projeto B — Matilda Cleckheaton considerou pensativa-mente. — Parece-me ligeiramente familiar — disse ela. — Ele costumava falar sobre este ou aquele projeto, ou esta ou aquela operação. Mas você deve calcular que nenhum deles nunca fez *sentido* para mim, e ele sabia disto. Mas ele gostava... como eu podia descrever?... de me espantar um pouquinho você sabe. Da maneira como um mágico lhe conta que tira três coelhos de dentro de um chapéu sem que você tenha a mínima idéia de como seja. Projeto B.? Sim, mas foi há muito tempo... Estava tremendamente excitado sobre ele... Costumava perguntar-lhe: — Como está indo o Projeto B.?

— Eu sei, eu sei. Você sempre foi uma mulher muito diplomática. Sempre se lembrava do que interessava às pessoas. E mesmo que você não soubesse de nada do que se tratava você demonstrava interesse. Eu lhe descrevi uma vez uma nova espécie de canhão naval e você deve ter ficado tremendamente

chateada. Mas ouviu com toda a atenção que pôde, como se fosse a coisa que você mais desejava escutar em sua vida.

— Como você acabou de dizer, fui uma mulher muito diplomática e uma boa ouvinte, mesmo que eu não tenha sido um gênio.

— Bem. eu gostaria de que você me falasse um pouco mais do que Robbie disse sobre o Projeto B.

— Ele dizia... puxa, é muito difícil de me lembrar agora. Ele o mencionou depois de falar sobre uma certa operação que se fazia no cérebro de alguém. Você deve saber, pessoas que são tremendamente melancólicas e que vivem pensando em suicídio e são preocupadas e neurastênicas, e que estão cheias de complexos horrorosos. Coisas assim, esse tipo de gente de quem se fala quando se pensa em Freud. E ele disse que os efeitos colaterais eram impossíveis. Isto é, as pessoas ficavam muito felizes e brandas e dóceis e não se preocupavam mais, nem queriam matar-se, mas que elas... bem, eu acho que *não se preocupavam mais com coisa alguma* e portanto terminavam morrendo atropeladas e tudo o mais porque não pensavam em nenhum perigo e nem reparavam em nada. Estou fazendo uma descrição muito vaga, mas creio que você entendeu o que quis dizer. E era por isso, ele disse, que iria haver tantos problemas com o Projeto B., pelo menos era o que ele pensava.

— Ele o descreveu com mais alguns detalhes do que estes?

— Disse que eu lhe pusera algo na cabeça — disse Matilda Cleckheaton inesperadamente.

— O quê? Você quer dizer que um cientista... um cientista genial como Robbie disse mesmo que você pusera algo em seu cérebro científico? Você não sabe de nada sobre ciência.

— É claro que não. Mas sempre tentei botar um pouco de bom senso na cabeça das pessoas. Quanto mais espertos eles são, menos bom senso possuem. Isto é, na realidade, as pessoas que contam mesmo são aquelas que pensam em coisas simples como picotar a beira dos selos postais, ou alguém como aquele Adam... como era mesmo o nome dele?... não, MacAdam lá na América do Norte, que botou aquela coisa preta nas estradas para que os fazendeiros pudessem transportar suas colheitas das fazendas para a costa e conseguirem um lucro maior. Quero dizer, são esses que nos fazem muito mais bem do que os cientistas geniais. Cientistas só pensam em destruir. Foi uma coisa assim que eu disse a Robbie. Muito gentilmente, é claro, como se fosse uma piada. Ele acabara de me contar algumas das invenções maravilhosas que fizera no mundo científico sobre a guerra química e as experiências com biologia e o que se pode fazer aos bebês antes de nascerem se

conseguirmos chegar até eles. E também a respeito de alguns gases particularmente sórdidos e desagradáveis, dizendo como as pessoas são tolas ao protestarem contra as bombas nucleares pois elas eram realmente inofensivas se comparadas às outras coisas que já haviam inventado depois. E então eu disse que teria sido mais proveitoso se Robbie, ou alguém tão esperto quanto Robbie, pudesse pensar em algo realmente sensato. E ele olhou para mim com aquele, você sabe qual, com aquele brilho que tinha nos olhos e disse: — Muito bem, que é que você considera sensato? — E eu disse: — Bem, em vez de inventar todas essas armas biológicas e esses gases venenosos e tudo isso, porque você não inventa algo que simplesmente faça as pessoas felizes? Eu disse que não poderia ser mais difícil do que o que ele já inventara. Eu disse: — Você contou a respeito desta operação que, eu acho que foi isso que você falou, eles tiram um pedacinho da frente de seu cérebro, ou um pedacinho de trás. Mas de qualquer forma, isso faz uma grande diferença nas tendências das pessoas. Elas ficam muito diferentes. Não se preocupam mais com coisa alguma ou não querem mais se suicidar; eu disse ainda:

— Bem, se você pode mudar as pessoas apenas tirando um pedacinho de osso ou de músculo ou de nervo, ou remendando uma glândula, ou tirando ou botando outra glândula, bem, eu disse: — Se você

pode fazer essa diferença no caráter das pessoas, porque não inventa algo que faça a gente ficar feliz ou apenas sonolento? Suponhamos que seja algo que faça o povo se sentar numa cadeira e ter um sonho agradável, nem é preciso que seja uma pílula para dormir. Vinte e quatro horas mais ou menos e você desperta para se alimentar de vez em quando. Eu disse que seria uma idéia muito melhor.

— E era isto que era o Projeto B.?

— Bem, é lógico que ele nunca me contou exatamente como era. Mas ficou entusiasmado com a idéia e disse que eu pusera algo em sua cabeça, então deve ter sido algo muito agradável o que eu fizera, não acha? Isto é, eu não sugerira a ele nenhuma idéia mais horrorosa para matar gente e eu nem queria que as pessoas mesmo

— você sabe — chorassem com gás lacrimogêneo ou alguma coisa parecida. Talvez rindo — sim, eu acredito ter mencionado um gás hilariante. Disse que mesmo que você estivesse arrancando os dentes e eles lhe dessem umas três cheiradas e você comesse a rir, bem, com certeza ele podia inventar alguma coisa útil mas que durasse um pouquinho mais. Porque acredito que gás hilariante só dure uns cinquenta segundos, não é? Sei que meu irmão arrancou uns dentes assim uma vez. A cadeira do dentista estava muito perto da janela e meu irmão estava rindo tanto, enquanto

estava inconsciente, que esticou a perna direita e deu um pontapé na janela do dentista e todos os vidros caíram na rua, e o dentista ficou muito aborrecido.

— Suas histórias sempre têm umas escapulidas de lado — disse o Almirante. — Então, era isso que Robbie Shoreham escolhera para aperfeiçoar, de acordo com o seu conselho.

— Bom, não sei o que era exatamente. Quero dizer, não creio que você ficasse rindo ou dormindo. De qualquer forma, era *algo*. E não era realmente Projeto B.; tinha outro nome.

— Que tipo de nome?

— Ele o mencionou uma ou duas vezes, O nome que lhe dera. Algo parecido com Bengo — disse Tia Matilda, pensativa-mente.

— Algum suavizante da digestão?

— Não creio que tivesse nada a ver com digestão. Acho que era algo que a gente cheirava, talvez fosse uma glândula. Você sabe que nós falávamos de tantas coisas que nem sempre eu sabia do que ele estava falando no momento. Bengo. Ben... Ben... começava com Ben. E havia uma palavra agradável associada ao nome.

— É tudo que você pode lembrar?

— Creio que sim. Isto é, foi apenas uma conversa que nós tivemos uma vez e, muito tempo depois, ele me disse que eu pusera algo em sua cabeça para o

Projeto Ben-qualquer coisa. E depois disso, ocasionalmente, eu me recordo, eu lhe perguntava se ainda estava trabalhando no Projeto Ben e algumas vezes ele ficava muito aborrecido e dizia que não, que chegara a um obstáculo e que ia por tudo de lado porque estava num... num... eu não sei, mas as outras oito palavras que dizia eram uma completa algaravia para mim e eu não poderia lembrar-me delas e você também não entenderia se eu lhe dissesse. Mas no final, penso eu... oh, Deus, oh, Deus!... isso aconteceu há uns oito ou nove anos... no final ele veio aqui um dia e disse: — Você se lembra do Projeto Ben? — E eu disse: — Claro que me lembro. Você ainda está trabalhando nele? — E ele me falou que não, que resolvera deixá-lo de lado. Eu disse que sentia muito, Sentia que ele o houvesse abandonado, mas respondeu: — Não é porque eu não tenha conseguido levar adiante o que queria. Agora sei que *pode* ser conseguido. Já sei onde errei. Descobri onde estava o problema, sei como contorná-lo. Lisa está trabalhando nele comigo. Sim, ele pode funcionar. Precisaria de uma série de experiências mas pode funcionar muito bem. — Então, retruquei, que lhe está preocupando? — E ele respondeu: — Porque não sei realmente o que é que isso fará às pessoas. — Eu lhe disse algo sobre se estava com medo de matar alguém ou de estropiar alguém para o resto da vida ou qualquer coisa assim.

— Não — ele me disse — não é nada disso. — Ele falou então: — É um... Oh, é claro, agora eu me lembro! Ele o chamou de Projeto Benvo. Sim. E era porque tinha algo a ver com *benevolência*.

— Benevolência! — disse o Almirante Blunt, grandemente surpreso. — Benevolência? Você quer dizer caridade?

— Não, não, não. Eu acho que ele disse apenas que podia fazer as pessoas praticarem a benevolência. *Sentirem-se bondosas*.

— Paz e boa vontade aos homens?

— Bem, ele não explicou desta forma.

— Não, isso é reservado aos líderes religiosos. Eles pregam essas coisas e se você fizer o que eles pregam o mundo será muito feliz. Mas Robbie, eu penso, não estava fazendo uma pregação. Ele se propôs a fazer algo em seu laboratório que trouxesse este resultado por meios puramente físicos.

— Era isto mesmo. E disse que nunca se pode saber quando as coisas *são* benéficas às pessoas ou quando não o são. São de uma forma e não são de outra, e falou a respeito de outras coisas como... oh, penicilina e sulfamidas e transplantes de coração e coisas como pílulas para as mulheres, apesar de nós ainda não termos "A Pílula" nessa época. Mas você compreende, coisas que nos parecem boas e que são drogas-maravilhas e gases-maravilhas e qualquer outra

maravilha e então há algo a respeito delas que as faz funcionar errado. Aí você começa a desejar que elas nunca tivessem existido ou que você nunca tivesse pensado nelas. Bem, parece que era sobre isso que ele estava querendo falar e querendo que eu entendesse. Era muito difícil de explicar. Eu disse: — Você quer dizer que não quer correr o risco? — e ele respondeu: — Você está com a razão. Eu não quero correr o risco. E esse o principal problema, veja você, não tenho a menor idéia de qual será o risco. É isso que acontece conosco, pobres e infelizes cientistas. Nós corremos riscos e os riscos não estão nas coisas que descobrimos, serão os riscos que as pessoas vão descobrir sobre o que nós descobrimos. — Eu disse: — Você está novamente falando de armas nucleares e bombas atômicas outra vez. — E ele respondeu:

— Oh, que vão para o inferno as armas nucleares e as bombas atômicas. Nós já fomos muito além delas.

— Mas se você tornar as pessoas bem humoradas e bondosas

— eu disse — com o que terá de se preocupar? — E ele respondeu: — Você não *compreende*, Matilda. Você não vai compreender nunca. Provavelmente nem meus colegas cientistas compreenderão também. E nenhum político jamais compreenderia. É assim, como você está vendo, é um risco grande demais a correr. De qualquer forma, seria preciso pensar muito.

— Mas — disse eu — você poderia tirar as pessoas desse transe novamente assim como o gás hilariante, não poderia? Quero dizer, você tornaria as pessoas bondosas por algum tempo, e depois, tudo voltaria a ser como antes — certo ou errado — depende da maneira que você encarar, eu diria. — E ele me falou:

— Não. Isso será permanente. Sempre permanente porque afeta o... — e ele começou com aquela algaravia outra vez. Você imagina, palavras compridas e números. Fórmulas e mudanças moleculares... algo assim. Eu calculo que fosse mesmo algo nesse gênero que eles fazem aos cretinos. Você sabe, alguma coisa que os faz deixarem de ser cretinos, como se amputassem a tireóide ou botando outra. Esqueci como é. Qualquer coisa parecida. Bem, eu acho que tem alguma glandulazinha simpática nalgum lugar e que se você tirá-la ou deixá-la sem funcionar ou fazer algo mais drástico ainda... mas assim, as pessoas tornam-se permanentemente...

— Permanentemente *bondosas*? Você tem certeza de que é esta a palavra? Benevolência?

— Sim, por isso ele botou o apelido de *Benvo*.

— Mas, o que seus colegas pensaram dessa retirada?

— Não creio que muitos deles soubessem. Lisa... como era mesmo o seu nome?... a moça austríaca, ela trabalhava no projeto com ele. E havia um rapaz

chamado Leadenthal ou qualquer coisa assim, mas morreu tuberculoso. E da maneira como falava, as pessoas que trabalhavam com ele eram apenas assistentes que não sabiam exatamente o que estava tentando fazer. Estou vendo aonde você quer chegar — disse Matilda de repente. — Não acho que ele tenha jamais contado a ninguém realmente. Eu acho que destruiu as fórmulas e as anotações ou o que fossem e desistiu da idéia. E depois ele teve o derrame e ficou doente, e agora, pobre coitado, quase não pode mais falar. Está parálítico de um lado. Ele escuta muito bem. Ouve música. É esta a sua vida hoje em dia.

— Sua vida de trabalho terminou, você acha?

— Ele nem mesmo recebe mais os amigos. Creio que lhe é muito doloroso vê-los. Sempre arranja uma desculpa.

— Mas ele está vivo — disse o Almirante Blunt. — Ele ainda está vivo. Você tem seu endereço?

— Deve estar em algum lugar de meu livro de endereços. Ele continua no mesmo lugar. Lá pelo norte da Escócia. Mas... oh, por favor compreenda... foi um homem tão maravilhoso. Não é mais agora. Ele está... quase morto. Para todos os propósitos e desígnios.

— Sempre há esperança — disse o Almirante Blunt.

— E crença — acrescentou. — Fé.

— E bondade, eu imagino — disse Lady Matilda.

Capítulo 21

Projeto Benvo

O Professor John Gottlieb estava sentado em sua cadeira muito empertigado e encarando fixamente a mulher jovem e bonita que estava à sua frente sentada. Ele cocou a orelha num gesto simiesco que lhe era característico. De qualquer jeito, ele próprio se parecia um pouco com um macaco. Um queixo prognata, uma cabeça altamente matemática, que fazia um ligeiro contraste com o resto e uma figura mirrada e encarquilhada.

— Não é todos os dias — disse o Professor Gottlieb — que uma jovem me trás uma carta do Presidente dos Estados Unidos. Entretanto — disse ele alegremente — Presidentes nem sempre sabem o que estão fazendo. Que quer dizer isso tudo? Imagino que a senhora esteja investida de uma grande autoridade.

— Vim perguntar ao senhor o que sabe ou o que me pode dizer a respeito de algo chamado Projeto Benvo.

— É realmente a Condessa Renata Zerkowski?

— Tecnicamente, possivelmente, sim. Mas sou mais conhecida como Mary Ann.

— Sim, foi isso que escreveram aqui ao lado. E a senhora quer saber sobre o Projeto Benvo. Bem, houve

mesmo isso. Agora está morto e enterrado e também o homem que o criou, eu calculo.

— O senhor quer dizer o Professor Shoreham.

— Isso mesmo. Robert Shoreham. Um dos maiores gênios de nossa época. Einstein, Niels Bohr e alguns outros. Mas Robert Shoreham não viveu tanto quanto devia ter vivido. Uma grande perda para a ciência... o que é mesmo que Shakespeare diz de Lady Macbeth?... "*Ela devia ter morrido no futuro.*"

— Ele não está morto — disse Mary Ann.

— Oh! Tem certeza disto? Nunca mais se soube dele há muito tempo.

— É um inválido. Vive ao Norte da Escócia. Está parálítico, não fala muito bem, não caminha muito bem. Fica a maior parte do tempo sentado ouvindo música.

— Sim, eu posso imaginar isto. Bem, fico satisfeito em saber. Se ele pode fazer isto, não deve ser assim tão infeliz. De outra forma deve ser infernal para um homem brilhante como ele não poder fazer mais nada. Quem não ficaria infeliz, morto numa cadeira de rodas?

— Houve *mesmo* uma coisa chamada Projeto Benvo?

— Sim, ele se mostrava muito entusiasmado quanto a isso.

— Falou com o senhor sobre ele?

— Falou com alguns de nós há muito tempo. Calculo que a senhorita não seja uma cientista?

— Não, eu sou...

— É apenas uma agente, eu suponho. Espero que esteja do lado certo. Precisamos até hoje acreditar em milagres, mas não acredito que consiga nada sobre o Projeto Benvo.

— Por que não? O senhor disse que ele trabalhou nisso. Teria sido uma invenção magnífica, não? Ou descoberta ou outro nome que queiram dar...

— Sim, teria sido uma das maiores descobertas de nossa época. Não sei dizer-lhe o que foi que não deu certo. Já aconteceu outras vezes. Uma coisa funciona bem até que, nos últimos estágios, algo não se encaixa bem. Desmantela-se. Não funciona como você esperava e a pessoa desiste com desespero. Ou então você faz o que fez Shoreham.

— Que foi que ele fez?

— Destruiu-o. Peça por peça. Ele próprio me contou. Queimou todas as fórmulas, todos os papéis que continham os dados. Três semanas depois, teve o derrame. Sinto muito. Como vê, não posso ajudá-la. Nunca soube de nenhum detalhe, apenas da idéia geral. Nem me lembro bem qual era mesmo, exceto por uma coisa. Benvo queria dizer Benevolência.

Capítulo 22

Juanita

Lord Altamount estava ditando.

Sua voz, que antes fora vibrante e dominante, estava reduzida a uma brandura que ainda trazia uma atração inesperada e especial. Parecia vir mansamente das sombras do passado, mas emocionalmente levantava-se em um tom mais autoritário do que se podia imaginar.

James Kleek anotava as palavras, fazendo uma pausa aqui e ali, esperando quando vinha um momento de hesitação, tolerando-o e esperando calmamente.

— O idealismo— disse Lord Altamount— pode erguer-se e geralmente o faz quando movido por um antagonismo natural à injustiça. Há uma reação natural contra o materialismo grosseiro. O idealismo natural da juventude é alimentado 1 tais e mais por um desejo de destruir essas duas fases da vida moderna, a injustiça e o materialismo crasso. Esse desejo de destruir o que é maligno algumas vezes leva ao amor à destruição por si mesma. Pode conduzir a um prazer pela violência e à imposição da dor. Tudo isto pode ser fomentado e reforçado exteriormente por aqueles que são dotados de um poder natural de

liderança. Esse idealismo original levanta-se e inicia-se em um estágio não-adulto. Pode e deve levar a um desejo por um novo mundo. Pode levar também ao amor por todos os seres humanos e à boa vontade entre eles. Mas aqueles que uma vez aprenderam a amar a violência por seus próprios desígnios nunca se tornarão adultos. Permanecerão presos ao seu próprio desenvolvimento retardado e assim permanecerão por toda a vida.

A campainha soou. Lord Altamount fez um gesto e James Kleek pegou o aparelho e escutou.

— O Sr. Robinson está aqui.

— Ah, sim. Faça-o entrar. Nós podemos continuar isto mais tarde.

James Kleek levantou-se deixando de lado seu livro de notas e o lápis.

O Sr. Robinson entrou. James Kleek trouxe uma cadeira para ele, uma que fosse suficientemente larga para receber seu corpo com algum conforto. O Sr. Robinson sorriu-lhe em agradecimento e ajeitou-se perto de Lord Altamount.

— Bem — disse Lord Altamount. — Conseguiu alguma novidade para nós? Diagramas? Círculos? Bolhas?

Ele parecia de muito bom humor.

— Não exatamente — disse o Sr. Robinson imperturbável, — é quase como levantar o curso de

um rio...

— Rio? — disse Lord Altamount. — Que tipo de rio?

— Um rio de dinheiro — disse o Sr. Robinson, num tom de voz ligeiramente encabulado, quando se referia à sua própria especialidade. — É realmente como um rio, o dinheiro está... vindo de um lugar e indo definitivamente para outro. Realmente muito interessante... isto é, se o senhor se interessar por estas coisas... Como se contasse a sua própria história, sabe?

A cara de James Kleek era a de quem não sabia mas Lord Altamount disse:

— Eu compreendo. Continue.

— Está vindo da Escandinávia... da Bavária... dos Estados Unidos... do Sudeste da Ásia... alimentado por diversos tributários menores pelo caminho...

— E indo... para onde?

— Principalmente para a América do Sul... atendendo aos pedidos dos atualmente bem estabelecidos Quartéis-Generais da Juventude Militante...

— E representando quatro ou cinco dos Círculos entrelaçados que você nos mostrou: Armas, Drogas, Mísseis e Guerras Química e Científica assim como as Finanças?

— Sim... nós achamos que agora já sabemos muito precisamente quem controla esses vários grupos...

— E a respeito do Círculo J... Juanita? — perguntou James Kleek.

— Ainda não temos certeza.

— James tem algumas idéias a respeito — disse Lord Altamount. — Espero que esteja errado... sim, espero que esteja mesmo. A inicial J é interessante. O que ela simboliza? A Justiça? o Julgamento?

— Um matador dedicado — disse James Kleek. — As fêmeas de certas espécies são mais mortíferas do que os machos.

— Há precedentes históricos — admitiu Altamount. — Yael passando manteiga num prato nababesco em frente de Sisera... e depois enfiando-lhe um prego na cabeça. Judith executando Holofernes, aplaudida por todos os seus conterrâneos. Sim, você pode ter uma certa razão neste ponto.

— Então você pensa que sabe quem é a Juanita, não é? — disse o Sr. Robinson. — É interessante.

— Bem, talvez esteja errado, senhor, mas há coisas que me fizeram pensar...

— Sim — disse o Sr. Robinson — nós todos temos de pensar, não é? É melhor dizer o que você está pensando, James.

— A Condessa Renata Zerkowski.

— Que o faz desconfiar dela?

— Os lugares onde ela esteve, as pessoas que entraram em contato com ela. Têm havido muitas

coincidências sobre a maneira dela aparecer nos mais estranhos lugares, e tudo o mais. Ela esteve na Bavária. Lá visitou a Grande Charlotte. E ainda por cima levou Stafford Nye com ela. Penso que isso é muito significativo...

— Você acha que eles estejam juntos nesse caso? — perguntou Lord Altamount.

— Não diria isto. Não o conheço bastante, mas... — fez uma pausa.

— Sim — disse Lord Altamount, — já tivemos dúvidas sobre ele. Foi suspeito desde o início.

— Por Henry Horsham?

— Henry Horsham foi um deles, talvez. O Coronel Pikeaway também não tem certeza, eu calculo. Ele está sob observação. Provavelmente sabe disso também. Não é tolo.

— Outra coisa — disse James Kleek violentamente, — é extraordinário como nós criamos, como confiamos neles, contamos nossos segredos, deixamos que saibam o que estamos fazendo, e continuamos a dizer: "Se há uma pessoa em que eu confio absolutamente é... oh, é McLean, ou Burgess, ou Philby, ou qualquer um deles." E agora... Stafford Nye.

— Stafford Nye, doutrinado por Renata Zerkowski, aliás Juanita — disse o Sr. Robinson.

— Houve aquele incidente curioso no Aeroporto de Frankfurt — disse Kleek — e aquela visita a Charlotte.

Stafford Nye, eu soube, esteve igualmente na América do Sul, junto com ela. E ela mesma... nós sabemos onde ela está neste instante?

— Garanto que o Sr. Robinson sabe — disse Lord Altamount. — Não sabe, Sr. Robinson?

— Ela está nos Estados Unidos. Ouvi dizer que depois de ter estado com amigos em Washington ou perto de lá, ela esteve em Chicago, depois na Califórnia e depois foi para Austin visitar um importante cientista. Foi a última notícia que recebi.

— Que está fazendo por lá?

— Calcula-se — disse o Sr. Robinson, em sua voz calma — que esteja tentando obter informações.

— Que informações?

O Sr. Robinson suspirou.

— Isso é o que todos nós gostaríamos de saber. Presume-se que sejam as informações que todos *nós* estamos ansiosos em obter e que ela as está conseguindo em nosso favor. Mas a gente nunca sabe... pode ser para o outro lado.

Ele se voltou para Lord Altamount.

— Hoje à noite o senhor estará viajando para a Escócia. É verdade?

— É verdade.

— Não acho que ele deva ir — disse James Kleek. Virou um rosto ansioso para seu patrão. — O senhor não tem andado muito bem ultimamente, senhor. E

uma viagem muito cansativa seja de que maneira for. De avião ou de trem. Não pode deixá-la para Munro ou para Horsham?

— Na minha idade é uma perda de tempo a gente tomar cuidado — disse Lord Altamount. — Se eu puder ser útil gostaria de morrer debaixo do arreio, como diz o ditado.

Sorriu para o Sr. Robinson.

— É melhor você vir conosco, Robinson.

Capítulo 23

Viagem à Escócia

O piloto militar estranhou um pouco aqueles preparativos. Estava acostumado a pouco saber destas missões. Deviam ser coisas da Segurança, imaginou. Para não correr nenhum perigo. Já fizera dessas coisas antes, mais de uma vez. Pilotar um avião para um lugar estranhíssimo, com passageiros ainda mais estranhos, tendo o cuidado de não fazer perguntas, a não ser aquelas puramente essenciais. Conhecia alguns dos passageiros do vôo. Reconheceu Lord Altamount. Um homem doente, muito doente mesmo, calculou ele, que se mantinha vivo apenas por sua força de vontade. O homem com cara de ave de rapina, ansioso, provavelmente seu cão de guarda. Tomando conta não só de sua segurança, como de seu bem-estar. Um cão fiel que nunca saía de seu lado. Devia levar sempre estimulantes, tônicos, e toda uma caixa de remédios complicados. O piloto ficou imaginando por que não havia também um médico assistente com eles. Teria sido uma precaução extra. O velho lembrava quase uma caveira. Mas era uma caveira nobre. Como se fosse feita do mármore de um museu. Henry Horsham, o piloto conhecia muito bem. Conhecia uma porção daqueles homens da Segurança.

E o Coronel Munro, um pouco menos violento do que de hábito, porém bem mais preocupado. Não pareciam muito contentes. Havia também um homenzarrão gordo, o rosto amarelado. Podia ser estrangeiro. Asiático? Que estaria ele fazendo, voando de avião para o Norte da Escócia? O piloto falou atenciosamente ao Coronel Munro:

— Está tudo pronto, senhor? O carro está à espera.

— Qual é a distância exata?

— Vinte e sete quilômetros, senhor, numa estrada irregular mas não muito ruim. Há diversas mantas sobressalentes no carro.

— Você sabe de suas ordens? Repita-as, por favor, Comandante Andrews.

O piloto repetiu e o Coronel balançou a cabeça em aprovação. Quando o carro finalmente partiu, o piloto olhou-o afastar-se, imaginando consigo mesmo por que cargas d'água aquelas pessoas tão estranhas estavam ali viajando por uma região deserta para chegarem ao velho e venerável castelo onde um velho inválido vivia como um recluso sem amigos e sem visitas. Horsham devia saber, calculou ele. Horsham devia saber de uma porção de coisas estranhas. Oh, Horsham! — ele não era do tipo de lhe contar nada.

O carro estava sendo dirigido muito bem e muito cuidadosamente. Chegou finalmente a uma estradinha cascalhada e parou em frente aos portões. Era uma

construção cheia de torreões de pedra maciça. Havia luzes de ambos os lados. A porta abriu-se antes que eles chegassem a tocar o sino ou antes de pedirem para entrar.

Uma velha escocesa de uns sessenta anos, com o rosto severo e sombrio, estava de pé à entrada. O motorista ajudou os ocupantes do carro a descerem.

James Kleek e Horsham ajudaram Lord Altamount e ampararam-no nos degraus. A velha escocesa recuou para um lado e fez uma respeitosa cortesia para ele. Falou:

— Boa noite, excelência. O patrão está à sua espera. Ele já soube de sua chegada. Preparamos quartos para os senhores e as lareiras estão acesas em todos eles.

Outra pessoa entrou na sala. Uma mulher alta e esguia, entre os cinqüenta e os sessenta anos, mas que ainda era uma mulher bonita. Seus cabelos negros eram repartidos no meio, tinha a testa alta, um nariz delicado e a pele queimada.

— A Srta. Neumann tomará conta dos senhores — disse a escocesa.

— Obrigada, Janet — disse a Srta. Neumann. — Veja bem para que todas as lareiras estejam acesas nos quartos.

— Tomarei conta.

Lord Altamount apertou-lhe as mãos.

— Boa noite, Srta. Neumann.

— Boa noite, Lord Altamount. Espero que o senhor não esteja muito cansado da longa viagem.

— O vôo foi muito bom. Este é o Coronel Munro, Srta. Neumann. Este é o Sr. Robinson, Sir James Kleek e o Sr. Horsham, do Departamento de Segurança.

— Eu me recordo do Sr. Horsham há muitos anos.

— Eu também não esqueci— disse Henry Horsham.— Foi na Fundação Leveson. A senhorita já era na época, eu creio, secretária do Professor Shoreham?

— Primeiro eu fui sua assistente no laboratório, e depois sua secretária. Ainda sou, tanto quanto ele necessita, sua secretária. Ele tem também uma enfermeira profissional vivendo aqui mais ou menos permanentemente. De vez em quando elas são trocadas

— a Srta. Ellis que está conosco atualmente substituiu a Srta. Bude dois dias atrás. Eu sugeri que ela ficasse perto da sala onde estaremos. Pensei que, apesar da reserva que os senhores hão de querer, ela não deveria estar muito longe em caso de necessidade.

— Ele está com a saúde muito abalada? — perguntou o Coronel Munro.

— Ele não sofre atualmente — disse a Srta. Neumann

— mas os senhores devem se preparar, já que não o vêem há muito tempo. E apenas o que restou de um

homem.

— Apenas uma palavra antes que a senhorita nos leve até ele. Seu estado mental está muito esgotado? Pode compreender o que se diz?

— Oh, sim! compreende perfeitamente mas, como semiparalítico, não pode falar com muita clareza, apesar de variar um pouco. Não pode andar sem ajuda. Seu cérebro, em minha opinião, continua tão perfeito quanto era. A única diferença é que ele se cansa com facilidade. Mas os senhores gostariam de tomar alguma coisa antes?

— Não — disse Lord Altamont. — Não, eu não quero esperar. Esse assunto pelo qual viemos é muito urgente, assim eu gostaria de que nos levasse logo a ele. Está à nossa espera, se compreendi bem?

— Ele os espera, sim — disse Lisa Neumann.

Ela os conduziu pela escadaria, seguiu por um corredor e abriu a porta de uma sala de tamanho médio. Tinha tapeçarias nas paredes; cabeças empalhadas de veado os olhavam, a sala parecia ter sido antes uma sala de troféus de caça. Pouco se mexera em seu mobiliário e em seu arranjo. De um lado havia uma enorme vitrola.

Um homem alto estava sentado na cadeira perto da lareira. Sua cabeça tremia ligeiramente, e também sua mão esquerda. A pele de seu rosto era um pouco caída de um dos lados. Sem preâmbulos, só poderia ser

descrito de uma forma, era um destroço de homem. Um homem que um dia fora alto, vigoroso, forte. Tinha a testa bonita, olhos bem colocados, e o queixo firme e decidido. Os olhos, por baixo das sobrancelhas espessas, eram inteligentes. Ele disse algo. Sua voz não era fraca, produzia sons mais ou menos claros, mas nem sempre inteligíveis. A faculdade da fala se fora parcialmente, mas ele ainda se fazia compreender.

Lisa Neumann ficou de pé a seu lado, observando seus lábios, para interpretar o que ele dissesse se fosse necessário.

— O Professor Shoreham lhes dá as boas-vindas. Ele está muito satisfeito de vê-los aqui, Lord Altamont, Coronel Munro, Sir James Kleek, Sr. Robinson e Sr. Horsham. Pediu-me que lhes dissesse que sua audição é razoavelmente boa. Qualquer coisa que disserem ele pode ouvir. Se houver alguma dificuldade, estarei aqui para ajudar. O que ele quiser dizer-lhes, será feito por meu intermédio. Se ele ficar muito cansado para falar, eu posso fazer leitura labial e nós também conversamos por uma perfeita linguagem de sinais se houver alguma dificuldade.

— Eu tentarei — disse o Coronel Munro — não fazê-lo perder tempo e cansá-lo o menos possível, Professor Shoreham.

O homem na cadeira abaixou a cabeça em reconhecimento.

— Algumas das perguntas eu posso fazer à Srta. Neumann. A mão de Shoreham fez um leve gesto na direção da mulher que estava de pé a seu lado. Surgiram alguns sons em seus lábios, outra vez pouco inteligíveis para eles, mas ela traduziu-os rapidamente:

— Ele disse que podem contar comigo para transcrever qualquer coisa que queiram dizer a ele ou ele para os senhores.

— O senhor, creio eu, já recebeu uma carta minha — disse o Coronel Munro.

— E verdade — disse a Srta. Neumann. — O Professor Shoreham recebeu sua carta e tomou conhecimento de seu conteúdo.

Uma enfermeira de hospital entreabriu ligeiramente a porta mas não entrou. Falou numa voz sussurrada:

— Há alguma coisa de que precise, Srta. Neumann? Para algum dos convidados ou para o Professor Shoreham?

— Não precisamos de nada, obrigada. Srta. Ellis. Ficaria satisfeita, entretanto, se a senhorita permanecesse em sua sala ao lado do corredor, caso precisarmos de algo.

— Certamente... eu compreendo — saiu, fechando a porta suavemente.

— Não queremos perder tempo — disse o Coronel Munro. — Sem dúvida o Professor Shoreham está a

par dos acontecimentos.

— Inteiramente a par — disse a Srta. Neumann, — até onde está interessado.

— Ele se mantém em contato com os avanços da ciência e este tipo de coisas?

Robert Shoreham balançou a cabeça de um lado para outro. Ele próprio respondeu:

— Já abandonei isto tudo.

— Mas o senhor sabe razoavelmente em que pé está o mundo? O êxito da chamada Revolução da Juventude. A tomada do poder por forças bem equipadas da juventude?

A Srta. Neumann respondeu:

— Ele sabe de tudo que está acontecendo... politicamente, quero dizer.

— O mundo atual está envolto pela violência, o sofrimento, os dogmas revolucionários, uma filosofia incrível e estranha, governada por uma minoria anarquista.

Um leve ar de impaciência perpassou pelo rosto descarnado.

— Ele sabe de tudo isso — disse o Sr. Robinson falando repentinamente. — Não é necessário repetirmos todas estas coisas outra vez. Ele é um homem que sabe de tudo.

Continuou:

— O senhor se lembra do Almirante Blunt?

Novamente a cabeça balançou. Algo como um sorriso surgiu em seus lábios retorcidos.

— O Almirante Blunt lembra-se de um trabalho científico que o senhor fez para determinado projeto... penso que é projeto que se chamam estas coisas? Projeto Benvo.

Reparou no brilho de alerta que surgiu nos olhos do Professor.

— Projeto Benvo — disse a Srta. Neumann. — O senhor está voltando há muito tempo atrás, Sr. Robinson, para lembrar-se disto.

— Era um projeto *seu*, não era? — perguntou o Sr. Robinson.

— Sim, era um projeto dele — a Srta. Neumann falava agora mais facilmente por ele, de modo espontâneo.

— Não podemos usar armas nucleares, não podemos usar explosivos, gases ou químicos, mas o *seu* projeto, o Projeto Benvo, nós *poderíamos* usar.

Fez-se o silêncio e ninguém disse nada. E novamente aqueles sons estranhos e destorcidos vieram dos lábios do Professor Shoreham.

— Ele disse que é possível — disse a Srta. Neumann — que Benvo pudesse ser empregado com êxito nas circunstâncias em que nos encontramos...

O homem da cadeira voltara-se para ela e estava lhe dizendo algo.

— Deseja que eu lhes explique — disse a Srta. Neumann. — O Projeto B., posteriormente chamado Projeto Benvo, foi algo em que ele trabalhou durante muitos anos, mas que finalmente foi abandonado por sua própria vontade.

— Por ter falhado em sua realização?

— Não, não falhou — disse Lisa Neumann. — Nós não falhamos. Eu trabalhei com ele nesse projeto. Ele o deixou de lado por certas razões, mas não falhou. Foi um êxito. Estava no caminho certo, desenvolveu-o, testou-o em diversas experiências de laboratório, e ele funcionou. — Ela voltou-se para o Professor Shoreham outra vez, fez alguns gestos com a mão, tocando os lábios, a orelha, a boca com uma estranha espécie de código de sinais.

— Perguntei-lhe se quer que eu explique o que faz o Projeto Benvo.

— Gostaríamos que a senhorita explicasse.

— E ele quer saber como foi que os senhores souberam a respeito do projeto.

— Soubemos dele — disse o Coronel Munro — através de uma velha amiga sua, Professor Shoreham. O Almirante Blunt não se lembrava muito bem, mas esta outra pessoa a quem uma vez o senhor falara a respeito lembrava-se de tudo. Lady Matilda Cleckheaton.

Novamente a Srta. Neumann virou-se para ele e

observou os seus lábios. Ela sorriu ligeiramente.

— Ele disse que pensava que Matilda morrera anos atrás.

— Ela está viva e muito viva. Ela é que quer que o senhor nos fale sobre esta descoberta do Professor Shoreham.

— O Professor Shoreham lhes dará uma explicação geral sobre o que querem saber, se bem que ele avise que esse conhecimento lhes será completamente inútil. Os papéis, as fórmulas, os cálculos e as provas desta descoberta foram todos destruídos. Mas uma vez que apenas assim as suas perguntas serão satisfeitas, ele lhes explicará o objetivo principal do Projeto Benvo. Posso dizer-lhes de maneira razoavelmente clara, em que consistia. Os senhores devem saber os usos e finalidades do gás lacrimogêneo usado pela polícia para controlar multidões rebeladas; manifestações violentas e coisas assim. Produz um estado plangente, de lágrimas dolorosas e inflamação do *sinus*.

— E isto é algo parecido?

— Não, pelo menos não na maneira de usar, mas pode servir para a mesma finalidade. Veio à cabeça dos cientistas que se pode mudar não apenas as principais reações e sentimentos, mas também as características mentais dos homens. Pode-se trocar o caráter de um homem. As qualidades de um afrodisíaco são bem conhecidas. Elas conduzem a um

desejo sexual; há várias drogas, gases ou operações glandulares e qualquer uma dessas coisas pode conduzir a uma mudança do vigor mental, aumentando a energia por alterações na glândula tireóide. O Professor Shoreham gostaria de lhes dizer que há um certo processo... ele não dirá se é glandular ou produzido por um gás manufaturado, mas que existe algo que pode mudar a maneira de pensar de um homem... mudar suas reações ante a vida e ante as pessoas em geral. O homem pode estar em um estado de fúria homicida, pode ser patologicamente violento, e ainda assim, sob a influência do Projeto Benvo, torna-se diferente, torna-se *outra pessoa*, muito diferente. Ele se transforma... e só existe uma palavra para isso, creio eu, uma palavra que materializa o seu próprio nome... ele se torna *benevolente*. Quer beneficiar as outras pessoas. Transpira bondade. Fica com horror de causar dor ou violência a alguém. Benvo poderia ser usado numa grande área, afetar centenas e mesmo milhares de pessoas, se fosse produzido em grandes quantidades e distribuído com bom resultado.

— Quanto tempo faz efeito? — perguntou o Coronel Munro. — Vinte e quatro horas? Um pouco mais?

— O senhor não compreendeu — disse a Srta. Neumann. — Ele é *permanente*.

— Permanente? Quer dizer que muda a natureza de um homem, alterando um componente, um componente físico, é claro, de seu ser e que esta alteração produz um efeito permanente em seu caráter? E não se pode voltar atrás? Não se pode voltar a ser o que se era? O senhor não pode tornar a transformá-lo no que era antes? Tem de ser aceito como uma mudança permanente?

— Sim. Era talvez mais uma descoberta de interesse médico no início, mas o Professor Shoreham pensou nele como um inibitório para ser usado na guerra, em levantes populares, desordens, revoluções, anarquia. Não pensou nele como puramente médico. Não produz felicidade no indivíduo, apenas um grande desejo de que os outros sejam felizes. Este é um efeito — diz ele — que todas as pessoas sentem em uma determinada época de suas vidas. Têm um grande desejo de fazer alguém, uma pessoa ou muitas pessoas, felizes, com conforto, em boa saúde, todas essas coisas. E uma vez que as pessoas sentem ou são capazes de sentir isso, existe — e nós ambos acreditamos — um componente que controla esse desejo em seus corpos e uma vez que se coloca esse componente em ação ele pode continuar operando perpetuamente.

— Maravilhoso — disse o Sr. Robinson.

Ele falou preocupado, não com muito entusiasmo.

— Maravilhoso. Que coisa estranha o senhor descobriu. Que coisa a ser posta em ação se... mas por quê?

A cabeça recostada ao espaldar da cadeira voltou-se devagar na direção do Sr. Robinson. A Srta. Neumann disse:

— Ele disse que o senhor compreendeu melhor que os outros.

— Mas é a resposta! — disse James Kleek. — E a resposta *exata*! É maravilhoso! — Seu rosto estava excitadamente alterado.

A Srta. Neumann estava balançando a cabeça.

— O Projeto Benvo — disse ela — não está à venda e nem será dado de presente. Ele foi abandonado.

— Está nos dizendo que a resposta é não? — perguntou incrédulo o Coronel Munro.

— Sim. O Professor Shoreham diz que a resposta é não. Ele decidiu que isso era contra... — ela fez uma pausa e voltou-se para o homem da cadeira. Ele fez curiosos movimentos com a cabeça, com uma das mãos e alguns sons guturais saíram de sua boca.

Ela esperou e depois falou:

— Ele próprio lhes dirá, ele teve medo. Medo do que fizera a ciência em seus tempos de triunfo. As coisas que ele descobrira e soubera, as coisas que inventara e dera ao mundo. As drogas maravilhosas que nem sempre se tornaram drogas maravilhosas, a

penicilina que salvou tantas vidas, mas que também ceifou tantas vidas, os transplantes cardíacos que trouxeram tantas decepções e desapontamentos de uma morte que já não era aguardada. Ele viveu no período da desintegração nuclear; das novas armas que destruíam tudo. As tragédias da radioatividade, as poluições que as novas descobertas industriais trouxeram. Ele teve medo de que a ciência o usasse indiscriminadamente.

— Mas isso era benéfico. Era benéfico para todos — gritou Munro.

— Assim também o eram muitas coisas. Sempre anunciadas como benefícios para a humanidade, como grandes maravilhas. E então surgiram os efeitos colaterais, e pior do que isto, o fato de que, às vezes, elas traziam apenas desastres e não benefícios. E assim ele decidiu que deveria abandoná-lo. Ele disse — ele leu o que estava numa toalha de papel — e a seu lado ele fez um movimento de confirmação em sua cadeira — *"Fiquei satisfeito com o que fiz e com o que me propus fazer. Minha descoberta foi feita. Mas decidi não pô-la em circulação. Ela precisava ser destruída. E desta forma, ela foi destruída. Assim, a resposta é negativa. Não há bondade pronta para o consumo. Pode ser que tenha havido um dia. Mas agora todas as fórmulas, toda a técnica, minhas notas e meus cálculos para os processos essenciais se foram — queimados até às cinzas. Eu destruí meu maior projeto."*

Robert Shoreham debateu-se e começou um discurso rouco e difícil.

— Destruí a menina de meus olhos e ninguém neste mundo sabe a que ponto eu chegara. Um homem me ajudou mas ele está morto. Morreu tuberculoso um ano depois que atingíramos o sucesso. Vocês devem ir embora. Eu não lhes posso ajudar.

— Mas com seus conhecimentos o senhor pode salvar o mundo!

O homem da cadeira fez um barulho curioso. Era uma risada. A risada de um aleijado.

— Salvar o mundo. Salvar o mundo! Que frase! E isto que os moços estão pensando que farão! Pensam que prosseguindo com a violência e com o ódio podem salvar o mundo! Mas não sabem como! Precisam fazer isso por si mesmos, com seus próprios corações, com seus próprios pensamentos. Não podemos fornecer-lhes uma maneira artificial de fazê-lo. Não. Uma bondade artificial? Nada disto. Não seria *real*. Não *significaria* nada. Seria contra a Natureza. — Ele disse lentamente: — *Seria contra Deus*.

As duas últimas palavras foram pronunciadas inesperadamente, claramente enunciadas.

Ele olhou para todos os que o ouviam. Era como se lhes estivesse pedindo compreensão, e que ao mesmo tempo não tivesse nenhuma esperança.

— Eu tinha o direito de destruir o que criara...

— Duvido muito — disse o Sr. Robinson. — Conhecimento é conhecimento. Aquilo a que o senhor deu vida... aquilo a que o senhor deu a vida, não deveria destruir.

— O senhor tem o direito de opinar... mas também deve aceitar os fatos.

— Não! — o Sr. Robinson pronunciou a palavra com força. Lisa Neumann voltou-se para ele com raiva.

— Que quer dizer com este "Não"?

Os olhos dela brilhavam. Uma mulher bonita, pensou o Sr. Robinson. Uma mulher que provavelmente amara Robert Shoreham durante toda a vida. Ela o amara, trabalhara com ele, e agora vivia a seu lado, prestando-lhe serviços com seu intelecto, dando-lhe devoção em sua forma mais pura, sem piedade.

— Há coisas que se aprendem durante o correr de uma vida — disse o Sr. Robinson. — Não creio que a minha vida seja longa. Eu carrego um peso grande demais para começar. — Ele deu um suspiro ao olhar para o próprio corpo. — Mas sei de muitas coisas. Estou certo e o senhor sabe disto, Professor Shoreham. O senhor tem de admitir que estou com a razão, também. O senhor é um homem honesto. Não teria destruído o seu trabalho. Não teria conseguido forçar-se a fazer isto, Ainda deve tê-lo em algum lugar,

trancado, escondido, não nesta casa provavelmente. Imagino, e estou apenas tentando adivinhar, que deve estar nalgum lugar assim como o cofre de um banco. Ela sabe também onde está guardado. O senhor confia nela. É a única pessoa do mundo em quem o senhor confia.

Shoreham falou, e desta vez sua voz era quase perfeita:

— Quem é *você*? Que espécie de demônio é você?

— Sou apenas um homem que entende de dinheiro

— disse o Sr. Robinson — e das coisas que se ramificam a partir do dinheiro, o senhor sabe. Pessoas e suas idiossincrasias e suas maneiras de viver. Se o senhor quisesse, poderia por a mão novamente no trabalho que afastou de si. Não estou dizendo que o senhor pudesse outra vez reconstituí-lo, mas creio que ele está em algum lugar. O senhor nos deu os seus pontos de vista, e eu não diria que eles estejam errados — disse o Sr. Robinson.

— Provavelmente o senhor está certo. Benefícios à humanidade são proezas difíceis de se lidar. Pobre velho Beveridge, liberdade de querer, liberdade contra o medo, liberdade para tudo... ele pensou que estava fazendo da terra um paraíso ao dizer isto, aí) planejar e tentar executar o que pensava. Mas isto não fez da terra um paraíso e eu também não acredito que o seu Benvo ou seja lá como o chama (e para mim parece

mais uma patente de conserva) trará o paraíso para a terra. A bondade tem os seus perigos como todas as coisas que existem. O que ele fará será salvar a humanidade de muito sofrimento, dores, anarquia, violência, escravidão às drogas. Sim, pode salvaguardar o mundo de muitas desgraças que acontecerão, e talvez *possa* salvar algo mais importante. Talvez *possa*... eu digo apenas *talvez*... fazer uma diferença nas pessoas. Nos jovens. Esse seu Benvoleo — agora me parece a patente de um novo sabão — tornará as pessoas benevolentes e eu admito que talvez elas possam tornar-se também condescendentes, presunçosas e satisfeitas consigo mesmas. Mas há uma chance também de que, se mudar o caráter de alguém à força e que este alguém seja obrigado a adotar este tipo de caráter até a morte, é possível que um ou dois deles — não muitos — possam descobrir que possuíam uma vocação natural, na humildade e não no orgulho, ao saber a que foram eles forçados. Que eles mudem *realmente*. quero dizer, antes de morrerem. Não são capazes de sair de um hábito que adquiriram.

O Coronel Munro disse:

— Não entendi que diabos você está falando! A Srta. Neumann falou:

— Ele está dizendo tolices. O senhor tem de aceitar a resposta do Professor Shoreham. Fará o que quiser

com as suas descobertas. Não pode coagi-lo.

— Não — disse Lord Altamount. — Não vamos coagi-lo ou torturá-lo, Robert, ou mesmo forçá-lo a revelar os seus esconderijos. Você fará o que acha certo. Todos estão de acordo a este respeito.

— Edward? — perguntou Robert Shoreham. Sua voz falhou ligeiramente outra vez, suas mãos movimentaram-se num gesto rápido e a Srta. Neumann traduziu imediatamente.

— Edward? Ele perguntou se o senhor é Edward Altamount? Shoreham falou outra vez e ela transmitiu-lhes as palavras.

— Ele está lhe perguntando, Lord Altamount, se o senhor definitivamente, com todo o seu coração e inteligência, está lhe pedindo para entregar o Projeto Benvo sob sua responsabilidade. Ele diz que... — ela fez uma pausa, observando, escutando — ele diz que o senhor é o único homem de vida pública em que sempre confiou. Se é de *seu* desejo...

James Kleek pôs-se repentinamente de pé. Ansioso, rápido como um raio, ficou de pé ao lado da cadeira de Lord Altamount.

— Deixe-me ajudá-lo, senhor. O senhor está passando mal.

Não está passando bem. Por favor, afaste-se um pouco, Srta. Neumann. Eu... eu preciso ficar perto dele. Eu... eu tenho os seus remédios comigo. Eu sei o

que fazer...

Ele pôs a mão no bolso e tirou de lá uma seringa hipodérmica.

— A não ser que tome logo isto, será tarde demais... Ele segurara o braço de Lord Altamount, enrolando a sua manga, apertou a carne entre os dedos e empunhou a agulha.

Mas alguém mais se mexeu. Horsham já estava do outro lado da sala, empurrando o Coronel Munro para um canto; sua mão segurou James Kleek, enquanto que com um repelão atirava longe a seringa. Kleek estrebuchou mas Horsham era forte demais para ele. E Munro também já estava lá.

— Então tem sido *você*, James Kleek — disse ele. — Então é você que tem sido o traidor, o discípulo fiel que não era assim tão fiel.

A Srta. Neumann correria para a porta, abria-a e gritava pela enfermeira.

— Enfermeira! Venha depressa. Corra!

A enfermeira apareceu. Deu uma olhada rápida na direção do Professor Shoreham, mas este fez-lhe sinal que não com a mão e apontou para o outro lado da sala onde Horsham e Munro ainda seguravam um Kleek que se debatia. A mão dela desceu para o bolso de seu uniforme.

Shoreham balbuciou:

— É Altamount, um ataque cardíaco.

— Ataque cardíaco, uma ova! — resmungou Munro. — Tentativa de homicídio. — Ele parou.

— Segure este sujeito — disse para Horsham, e correu para o outro lado da sala.

— Sra. Cortman? Desde quando a senhora abraçou a profissão de enfermeira? Nós a perdemos de vista desde que escapuliu de nós lá em Baltimore.

Milly Jean ainda estava com a mão no bolso. E de lá saiu com uma pequena arma automática. Ela olhou de relance para Shoreham, mas Munro ficou em frente dela e Lisa em frente da cadeira de Shoreham.

James Kleek berrou:

— Pegue Altamount, Juanita — rápido — pegue Altamount!

O braço dela ergueu-se e o tiro espocou. James Kleek disse:

— Um tiro formidável!

Lord Altamount tivera uma educação clássica. Murmurou fracamente, olhando para James Kleek.

— Jamie? *Et tu Brute?* — e desfaleceu em sua cadeira.

O Dr. McCulloch olhou em torno de si, um tanto incerto do que ia dizer ou fazer agora. A noite fora um tanto estranha para ele.

Lisa Neumann aproximou-se dele e pôs um copo a seu lado.

— Um chocolate quente — disse ela.

— Sempre achei que você era uma mulher entre mil, Lisa. Bebeu o chocolate com gosto.

— Eu gostaria de saber o que foi que se passou aqui esta noite... mas calculo que tudo seja tão secreto que ninguém vai mesmo me contar nada.

— O Professor... ele está bem, não está?

— O Professor? — olhou para o rosto inquieto de Lisa, e disse gentilmente: — Ele está bem. Se me perguntasse, eu diria que isto lhe fez muito bem.

— Eu pensei que talvez o choque...

— Eu estou muito bem — disse Shoreham. — Era de um tratamento de choque que eu estava precisando. Eu me sinto... como eu diria?... eu me sinto *vivo* outra vez. — Ele próprio parecia surpreso.

McCulloch disse para Lisa:

— Reparou como a voz dele está mais forte? Nesses casos o pior inimigo é a apatia. O que *ele* quer agora é trabalhar novamente... serviu de estimulante para o seu cérebro. A música foi muito bom. Manteve-o calmo e ensinou-o a apreciar a vida de uma maneira suave. Mas ele é na realidade um homem de grande força intelectual e estava sentindo falta da atividade mental que para ele é a própria essência da vida. Faça-o começar tudo de novo.

Ele a olhou e animou-a com o olhar, mas ela parecia duvidosa.

— Penso, Dr. McCulloch — disse o Coronel Munro,

— que nós lhe devemos algumas explicações do que se passou aqui esta noite, apesar de que, como o senhor mesmo presumiu, as autoridades do Governo pediram uma política secreta. A morte de Lord Altamount... — Ele hesitou.

— A bala não o matou realmente — disse o médico.

— A morte foi devida ao choque. Aquela injeção teria surtido o efeito... estriquinina. O rapaz...

— Eu o agarrei bem a tempo — disse Horsham.

— Então ele foi o traidor o tempo todo? — perguntou o médico.

— Sim... olhado com confiança e afeição por mais de sete anos. O filho de um dos maiores amigos de Lord Altamount...

— Acontece. E a mulher... era cúmplice dele, não era?

— Sim. Ela conseguiu o lugar aqui sob falsas credenciais. Também estava sendo procurada pela Polícia por homicídio.

— Homicídio?

— Sim. Pelo assassinato de seu marido, Sam Cortman, o Embaixador americano. Ela atirou nele nos degraus da Embaixada e depois contou uma linda história de uns rapazes mascarados que o teriam atacado.

— Por que será que fez isto com ele? Razões políticas ou pessoais?

— Ele deve ter descoberto algumas das atividades dela, eu penso.

— Eu diria que ele suspeitou de infidelidade — disse Horsham. — Ao invés disto descobriu toda uma vasta rede de espionagem e conspiração, e a mulher dele comandando o espetáculo. Ficou um pouco sem saber o que fazer. Era um camarada simpático, mas pensava muito devagar... e ela teve o senso de agir depressa. Foi maravilhoso como ela demonstrou o seu pesar no serviço em memória de...

— Em memória... — disse o Professor Shoreham. Todos, um tanto surpresos, olharam para ele.

— É uma palavra difícil de dizer, em memória... mas é a que eu quis mesmo dizer. Lisa, nós dois vamos recomeçar a trabalhar.

— Mas, Robert...

— Estou vivo novamente. Pergunte ao doutor se eu preciso ficar em repouso outra vez.

Lisa olhou interrogativamente para o Dr. McCulloch.

— Se ficar, vai encurtar sua vida e tornar a cair na apatia...

— Está vendo? — disse Shoreham. — Está na moda... é a medicina moderna de hoje. Faz qualquer um... mesmo que ele esteja às portas da morte, levantar a cabeça e continuar trabalhando...

O Dr. McCulloch riu e levantou-se.

— Não está de todo errado. Vou lhe mandar umas pílulas para ajudar.

— Eu é que não tomo.

— Vai tomar sim.

Ao chegar à porta o médico parou.

— Só gostaria de saber... como foi que a Polícia chegou tão depressa?

— O Comandante Andrews — disse Munro. — Ele estava prevenido. Chegou na hora exata. Nós sabíamos que a mulher estava por perto mas não tínhamos idéia de que já estava dentro da casa.

— Bem... eu vou embora. Tudo o que me contaram é verdade? Parece que vou acordar a qualquer instante, depois de pegar no sono no meio de um filme de mistérios. Espiãs, assassinatos, traidores, espionagem, cientistas...

Saiu.

Todos ficaram em silêncio.

O Professor Shoreham falou lenta e cuidadosamente:

— De volta ao trabalho...

Lisa, como todas as mulheres sempre fizeram, disse:

— Você precisa tomar *cuidado*, Robert...

— Não... eu não posso ter cuidado. O tempo pode ser curto. Repetiu de novo:

— Em memória...

— O que é que você *quer dizer* com isto? Já falou

uma vez.

— Em memória? Sim. De Edward. O seu memorial! Eu sempre achei que ele tivesse um rosto de mártir.

Shoreham parecia perdido em seus pensamentos.

— Eu gostaria de encontrar Gottlieb. Talvez esteja morto. Era um homem bom de se trabalhar. Com ele e com você, Lisa... tire aquilo do banco...

— O Professor Gottlieb está vivo... trabalha na Fundação Baker, em Austin, no Texas — disse o Sr. Robinson.

— De que é que você está falando? — disse Lisa.

— Benvo, é lógico! Um memorial para Lord Altamount. Ele morreu por isto, não foi? Ninguém deve morrer em vão.

EPÍLOGO

Sir Stafford Nye escreveu uma mensagem telegráfica pela terceira vez.

ZP 354 XB 91 Dep. S. Y.

PROVIDENCIEI PARA CERIMÔNIA CASAMENTO SER REALIZADA QUINTA-FEIRA PRÓXIMA SEMANA IGREJA SÃO CRISTÓVÃO DO VALE EM STAUNTON 14h30m PONTO IGREJA NORMAL SERVIÇO ANGLICANO SE QUISE IGREJA CATÓLICA OU ORTODOXA GREGA FAVOR TELEGRAFAR INSTRUÇÕES PONTO ONDE ESTÁ VOCÊ E QUE NOME DESEJA USAR PARA CERIMÔNIA NUPCIAL PONTO SOBRINHA MUITO LEVADA CINCO ANOS DE IDADE E ALTAMENTE DESOBEDIENTE DESEJA SERVIR DE DAMA DE HONRA BASTANTE GENTIL REALMENTE NOME SYBIL PONTO LUA DE MEL LOCAL POIS CREIO JÁ VIAJAMOS BASTANTE ULTIMAMENTE PONTO ASSINADO PASSAGEIRO PARA FRANKFURT.

PARA STAFFORD NYE BXY 42698

ACEITO SYBIL COMO DAMA DE HONRA SUGIRO TIA-AVÓ MATILDA COMO MADRINHA

DE HONRA PONTO ACEITO PROPOSTA
CASAMENTO APESAR NÃO TER SIDO
OFICIALMENTE FEITA PONTO IGREJA
ANGLICANA INTEIRAMENTE SATISFATÓRIA
IGUALMENTE PROVIDÊNCIAS LUA DE MEL
PONTO INSISTO PANDA DEVE ESTAR PRESENTE
PONTO NÃO ADIANTA DIZER ONDE ESTOU POIS
JÁ NÃO ESTAREI MAIS QUANDO RECEBER ESTA
PONTO ASSINADO MARY ANN.

— Será que estou bem? — perguntou nervoso
Stafford Nye. revirando a cabeça em frente ao espelho.

Ele estava experimentando a roupa de casamento.

— Não está pior do que qualquer outro noivo —
disse Lady Matilda. — Eles sempre ficam nervosos.
Diferentes das noivas que ficam muito espalhafatasas
e exultantes.

— E suponhamos que ela não venha?

— Ela virá.

— Eu sinto... eu me sinto... muito esquisito por
dentro.

— Deve ser porque você repetiu aquele *paté*. Está
apenas nervoso como todos os noivos. Não fique tão
apavorado, Staffy. Você vai estar bem na noite... Isto é,
eu quis dizer, você vai estar bem quando chegar á
igreja...

— Isto me faz lembrar...

- Esqueceu-se de comprar a aliança?
- Não, não... foi que eu esqueci de lhe dizer que tenho um presente para a senhora, Tia Matilda.
- É muito gentil de sua parte, meu rapaz.
- A senhora falou que seu organista foi embora...
- Sim, graças a Deus.
- Eu lhe trouxe um novo organista.
- Realmente, Staffy, que idéia extraordinária! Onde foi que você o conseguiu?

- Na Bavária... ele canta como um anjo.
- Não é preciso que ele cante. Precisa apenas tocar órgão.

- Ele toca também. É um músico de muito talento.
- Por que ele quis deixar a Bavária e vir para a Inglaterra?

- A mãe dele morreu.
- Oh, Deus, foi isso que aconteceu com nosso outro organista. Ao que parece mães de organistas têm a saúde muito delicada. Será que ele vai precisar de carinhos maternos? Eu não sou muito boa para isso...
- Eu diria que de carinhos de avó e de bisavó também.

A porta abriu-se de repente e uma criança com ar de anjo e de pijama rosa-claro, salpicado de botões de rosa, fez uma entrada dramática — e falou num tom melodioso de quem estava á espera de uma acolhida entusiástica...

— Sou eu!

— Sybil, por que você ainda não está na cama?

— As coisas não estavam correndo muito bem lá no quarto...

— O que quer dizer que você foi uma menina levada e que Nannie não está contente com você. Que foi que fez?

Sybil olhou para o teto e começou a rir

— Era uma lagarta daquelas cheias de pelinhos. Eu botei em cima dela e a lagarta foi para cá.

O dedo de Sybil indicou um lugar bem no meio de seu peito a que os costureiros dão o nome de "decote".

— Eu calculo por que Nannie ficou zangada... ugh! — disse Lady Matilda.

Nannie entrou neste momento, disse que a Srta. Sybil estava superexcitada, não dissera suas orações e não queria ir para a cama.

Sybil arrastou-se para junto de Lady Matilda.

— Quero dizer minhas orações com você, Tilda...

— Muito bem... mas depois você vai direto para a cama.

— Oh, sim, Tilda.

Sybil ficou de joelhos, juntou as mãos, e proferiu uma série de sons muito peculiares que pareciam ser a preliminar de aproximação ao Todo-Poderoso em suas orações. Suspirou, gemeu, resmungou, deu um fungado final e começou a falar aos trambolhões:

— Ó meu Deus, ajude papai e mamãe em Singapura, e Tia Tilda e Tio Staffy, e Amy e Cook e Ellen, e Thomas, e todos os cachorros e meu potrinho *Grizzle*, e Margaret e Diana, minhas melhores amigas, e Joan, minha pior amiga, e faça de mim uma boa menina em nome de Jesus, amém. E por favor, meu Deus, faça Nannie ser boazinha.

Sybil levantou-se, olhou Nannie com a certeza de ter obtido uma vitória, disse boa-noite e desapareceu.

— Alguém deve ter falado com ela sobre o Projeto Benvo — disse Lady Matilda. — Por falar nisso, Staffy, quem vai ser seu padrinho?

— Esqueci completamente... Tenho que ter um mesmo?

— É o costume.

Sir Stafford Nye apanhou no chão um animalzinho de pelúcia.

— O ursinho panda vai ser o meu padrinho. Sybil vai gostar da idéia, Mary Ann também... E por que não? O panda está nesta história desde o começo... desde Frankfurt...